

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO
LINHA DE PESQUISA: ESTUDOS CULTURAIS EM EDUCAÇÃO

AS PEDAGOGIAS *ONLINE* DO COMPLEXO *KIDS*:
CRIANÇAS, MÃES E PAIS EM CONEXÃO

LUCIANA SAUER FONTANA

PORTO ALEGRE

2015

Luciana Sauer Fontana

AS PEDAGOGIAS *ONLINE* DO COMPLEXO *KIDS*:
CRIANÇAS, MÃES E PAIS EM CONEXÃO

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Educação, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Lúcia Castagna Wortmann

Porto Alegre,

2015

CIP - Catalogação na Publicação

Fontana, Luciana Sauer

AS PEDAGOGIAS ONLINE DO COMPLEXO KIDS: CRIANÇAS,
MÃES E PAIS EM CONEXÃO / Luciana Sauer Fontana. --
2015.

272 f.

Orientador: Dra. Maria Lúcia Castagna Wortmann.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-
Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2015.

1. Pedagogias Culturais. 2. Estudos Culturais. 3.
Infância. 4. Cultura da Convergência. I. Wortmann,
Dra. Maria Lúcia Castagna , orient. II. Título.

*Dedico esta tese aos meus
pequenos (notáveis) Eduardo e Francisco
e também, àquele com quem divido, já há alguns anos,
minhas angústias acadêmicas,
dois filhos e minha vida.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à minha querida orientadora, a professora Dra. Maria Lúcia Wortmann, pelos produtivos momentos de orientação, pelas críticas, pelas aprendizagens, pelas proposições, pelas incertezas que suscitava a cada encontro presencial ou nas redes da Internet, pelos tantos não e até pelo sim. Enfim, pela oportunidade de vivências ímpares que me propiciou ao longo destes quatro anos de muito trabalho. Muito obrigada!

Agradeço também às professoras Dra. Cristianne, Dra. Daniela, Dra. Fabiana, Dra. e Maria Luisa, que integram a banca examinadora, por terem aceitado prontamente meu convite e por serem generosas ao compartilharem seus conhecimentos, seus saberes, suas experiências, seu tempo e suas histórias. Sou-lhes muito grata!

Agradeço aos meus colegas de orientação: Taty, Gisele, Marcilene, Luciano e Cláudia, pelas trocas de ideias, pela amizade, pelo apoio, pelas risadas nos momentos de descontração e, acima de tudo, pelo incentivo. Valeu!

Ao término desta jornada, estendo meus agradecimentos a todos os meus colegas de trabalho, que, em muitos momentos, souberam ser solidários, flexibilizando horários para que eu pudesse cursar as disciplinas do doutorado. Agradeço pelas conversas, pelas trocas de experiências, pelos cafés e pela amizade.

Aos meus pequenos Eduardo e Francisco (carinhosamente chamados de Edu e Chicão), fontes inesgotáveis de inspiração e ternura. E, por fim, mas não menos importante, agradeço ao meu esposo por estes longos anos de companheirismo, afeto e amizade. Como diz a letra de uma canção popular, “ele tem cabeça de homem, mas um coração menino [...] pessoa mais certa nas horas incertas”.

À minha família (pai, mãe, irmã e irmão), e à minha sogra e, de modo, especial à minha mãe, com quem tenho compartilhado aflições e alegrias.

Padrões de consumo moldados pelo conjunto de propagandas das empresas capacitam as instituições comerciais como professoras do novo milênio. A pedagogia cultural corporativa 'fez o seu dever de casa' – produziu formas educacionais de um incontrolável sucesso quando julgadas com base em seu intento capitalista. Substituindo as tradicionais palestras e deveres nas salas de aula e deveres por bonecos com uma história, reinos mágicos, fantasias animadas, vídeos interativos, realidades virtuais, heróis de TV kickboxers, livros de terror que arrepiam a espinha e uma gama completa de formas de diversão produzidas ostensivamente para adultos, mas avidamente consumidas por crianças, a América corporativa revolucionou a infância.

(STEINBERG e KINCHELOE, 2001, p.15)

RESUMO

Nesta tese, são focalizados o *site* do canal televisivo infantil por assinatura Discovery Kids e, mais especificamente, os artigos postados na seção *My Kids - Conectados com seus filhos*. O estudo objetivou indicar “pedagogias” colocadas em operação nesses artigos voltadas ao gerenciamento das atitudes das crianças a cujas mães e pais está endereçada a seção *My Kids*. A tese foi desenvolvida sob inspiração dos Estudos Culturais em Educação em sua vertente pós-estruturalista. Os procedimentos metodológicos para a organização do estudo envolveram o mapeamento de temas e dos propósitos abordados nos mais de 200 artigos coletados na seção *My Kids*, durante os anos de 2012, 2013 e 2014. Constatou-se que esses artigos focalizam uma grande diversidade de temáticas, bem como de representações de crianças, algumas das quais foram abordadas neste estudo a partir de quatro categorias principais: *Formando crianças potentes, inteligentes e Geniais*; *Atentando para o desenvolvimento de crianças felizes e bem-sucedidas*; *Bebês turbinados: musicais, leitores e com pendores para a matemática*; e, por fim, *Ensinando crianças manhosas, sem limites e malcriadas*. Essas representações de crianças são (re)criadas nas pedagogias acionadas nos artigos da *My Kids* (e nas outras seções do *site*) em um *mix* de lições que descrevem, exemplificam, explicam, delimitam e projetam condutas desejáveis para as crianças que vivem nos dias atuais. As considerações feitas nos artigos examinados projetam a “felicidade” das crianças para o futuro. Geralmente, as informações/prescrições contidas nos artigos explicitavam a necessidade de enquadrarem-se as crianças em modelos que permitam o desenvolvimento de suas “múltiplas potencialidades” desde os primeiros meses de vida. Por isso, pais e mães devem exercer uma constante vigilância sobre seus filhos para que possam identificar potencialidades e capacitá-los a ter um futuro promissor. Além do *site* estudado, há uma gama de ações processadas sob a marca Discovery Kids: o canal televisivo, as redes sociais na Internet e uma quantidade de produtos licenciados pela mascote Doki, além das programações itinerantes realizadas em *shoppings*, no litoral e em outros locais públicos. Todos esses empreendimentos aglutinados integram o *Complexo Kids*, que envolve crianças e seus familiares em torno de um diversificado conjunto de eventos/propostas que “harmonizam” entretenimento, informação e incentivo ao consumo. Enfim, neste estudo, o *Complexo Kids* foi caracterizado como uma pedagogia cultural acionada por uma grande corporação midiática para mobilizar crianças, mães e pais, por meio da *My Kids*, em direção a determinadas práticas e compreensões em uma ampla gama de questões particulares, afeitas ao mundo contemporâneo (infantil), tão marcado pela disseminação de variados dispositivos digitais e pelo consumo. No caso do *site* estudado, tal pedagogia efetuou-se em um recorte temporal relativamente efêmero, mas, como o *site* se atrela a um complexo midiático, tal efeito permanece potente, propaga-se e retroalimenta-se, mesmo que de outros modos, em função da cultura da convergência (JENKINS, 2009).

Palavras-chave: pedagogias culturais; Estudos Culturais; cultura da convergência; infância.

ABSTRACT

This thesis focuses on the website of the cable television channel Discovery Kids and, more specifically, on the articles posted in the section called My Kids - Connected with your children. The study aims to point out “pedagogies” operating in those articles and intended to manage the behavior of children whose parents the section is addressed to. The thesis has relied on the Cultural Studies from their post-structuralist perspective. The methodological procedures guiding the study have involved the mapping of themes and purposes approached in more than 200 articles in the My Kids section along the years of 2012, 2013 and 2014. The articles addressed a wide range of topics and representations of children, some of which have been divided into four main categories in this study: a) *Powerful, intelligent, bright children*; b) *Happy, successful children*; c) *“Upgraded” babies: keen on music, reading and mathematics*; d) *Peevish, badly-behaved, naughty children*. Such representations of children were (re)created in pedagogies triggered in My Kids articles (and in other sections as well) in a combination of lessons that describe, exemplify, explain, delimit and project desirable conducts for today’s children. The examined articles *projected* children’s happiness for the future. In general, information/advice found in the articles highlighted the need of having children to fit into models that would enable them to develop their “multiple potentialities” since the first months of their lives. Hence, parents should constantly watch their children in order to identify potentialities and enable children to have a promising future. Besides the website, there was a range of actions carried out by the Discovery Kids brand: the TV channel, social networks on internet, a number of licensed products related to the brand mascot Doki, and itinerant performances in malls, at beaches and in other public places. All of those endeavors made up the Kids Complex, gathering children and their families around a diversified set of events/proposals that “harmonized” entertainment, information and stimulus to consumption. In this study, the Kids Complex has been characterized as a cultural pedagogy triggered by a huge media corporation to mobilize children and their parents by means of My Kids towards certain practices and understandings in a broad range of particular issues related to the contemporary (children) world, now marked with the spread of several digital devices and consumption. Regarding the studied website, such pedagogy emerged in a relatively ephemeral time span, but as the website is linked to a media complex, such effect remains potent, spreads, and feeds back, even in different ways, as a consequence of the convergence culture (JENKINS, 2009).

Keywords: cultural pedagogies; Cultural Studies; convergence culture; childhood.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Reprodução do objetos e eventos em que a imagem de Doki é reproduzida	74
Quadro 2 - Temáticas e séries do Discovery Kids	83
Quadro 3 - <i>Sites “bons, educativos e confiáveis”</i>	127

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Reprodução da seção <i>Kids no Comando</i>	53
Figura 2 – Reprodução do Artigo <i>Como estimular a curiosidade no seu filho</i>	56
Figura 3 – Reprodução da imagem de Beto e Bin Laden	61
Figura 4 - Reprodução dos Logotipos do Discovery Kids –antigo e atual	69
Figura 5 – Reprodução da mascote Doki.....	70
Figura 6 – Reprodução - Doki e sua Turma	71
Figura 7 - Reprodução do convite para o evento <i>Discovery em Ação</i>	76
Figura 8 – Reprodução da página inicial do <i>site</i> do Complexo <i>Kids</i> e suas diferentes seções.....	89
Figura 9 – Reprodução da página inicial do <i>site</i> do Complexo <i>Kids</i> - Cabeçalho	90
Figura 10 - Reprodução da página inicial do <i>site</i> do Complexo <i>Kids</i> - Seção Jogos	92
Figura 11 – Reprodução do conjunto de possibilidades oferecidas na seção de jogos	93
Figura 12 – Reprodução da página inicial do <i>site</i> do Complexo <i>Kids</i> - Seção Mais.....	95
Figura 13 - Reprodução da página inicial do <i>site</i> do Complexo <i>Kids</i> - Seção Vídeos	96
Figura 14 – Reprodução da página inicial do <i>site</i> do Complexo <i>Kids</i> - Chamada para a seção <i>My kids</i> dá destaque aos artigos sobre problemas de comportamento	99
Figura 15 – Reprodução da seção <i>My Kids</i> - agrupamento temático dos artigos.....	101
Figura 16 – Reprodução da seção <i>My Kids</i> - Comentários postados por mães relativamente ao artigo <i>Sugestões na hora de impor limites</i>	102
Figura 17 – Reprodução da seção <i>My Kids</i> - Comentários postados por mães relativamente ao artigo <i>Sugestões na hora de impor limites</i> e à <i>Super Nanny</i>	103
Figura 18 - Reprodução da seção <i>My Kids</i> - Apresentação dos personagens das séries que integram a programação do canal Discovery Kids	104
Figura 19 - Reprodução da imagem da Lavadora de ideias do Programa Velozmente	105
Figura 20 – Reprodução da seção <i>My Kids</i> - Informativo para “aquisição” do Relatório sobre as habilidades desenvolvidas pelas crianças usuárias do <i>site</i>	106
Figura 21 – Organizador de carro com Case para <i>tablet</i> :.....	116
Figura 22 - Personagens do <i>Super Why</i> e o super hipercomputador	123
Figura 23 – Reprodução do Anúncio de Escola canadense	128
Figura 24 – Reprodução do Anúncio do Nescau Cereal (surgiu ao acionar um jogo).....	129
Figura 25 – Reprodução do Anúncio do Site do <i>Discovery Escola</i> – Jogos/Transformes	129
Figura 26 – Reprodução do Convite para lançamento da animação <i>Shaum, O Carneiro</i>	129
Figura 27 – Os eixos temáticos nos quais foram incluídos os artigos examinados	136
Figura 28 - Os três eixos organizados na <i>My Kids</i>	137
Figura 29 - Reprodução do Artigo <i>Genius hour</i> estimula alunos a criar seus próprios projetos	145
Figura 30 - Reprodução do artigo <i>Criança X Estudante Universitário: quem é mais inteligente?</i>	153
Figura 31 - Reprodução do artigo <i>Inserção de conteúdos avançados no Jardim da Infância pode melhorar o desempenho escolar.</i>	158
Figura 32 - Reprodução do artigo <i>Tutores Socializadores: uma tendência polêmica</i>	166

Figura 33 - Reprodução do artigo intitulado <i>Quanto mais rápido, mais inteligente?</i>	169
Figura 34 - Reprodução do artigo intitulado <i>As crianças que sabem dizer "obrigado" podem ter um desenvolvimento pessoal superior</i>	176
Figura 35 - Reprodução do artigo <i>Dez dicas simples para que seu filho seja feliz</i>	181
Figura 36 - Reprodução do artigo <i>Educando crianças autoconfiantes</i>	186
Figura 37 - Reprodução do artigo <i>Meu filho vai ser Médico</i>	190
Figura 38 - Reprodução do artigo <i>Aprender com Prazer</i>	197
Figura 39 - Reprodução do artigo <i>Como se desenvolve a Linguagem?</i>	203
Figura 40 - Reprodução do artigo <i>Incorporação Precoce das Relações Espaciais</i>	206
Figura 41 - Reprodução do artigo <i>O Hábito da leitura</i>	210
Figura 42 - Reprodução do artigo <i>Benefícios da Música</i>	215
Figura 43 - Reprodução do artigo <i>Sugestões para impor limites</i>	221
Figura 44 - Reprodução do artigo <i>Castigo: um método polêmico</i>	226
Figura 45 - Os melhores modos de castigar.	231
Figura 46 - Reprodução do artigo <i>Como lidar com a Malcriação</i>	233

SUMÁRIO

CONEXÕES INICIAIS: A SINGULARIDADE DE UMA TRAJETÓRIA.....	11
1 SENHA DE ACESSO: CONFIGURAÇÃO DO PROBLEMA DE PESQUISA E DOS CAMINHOS INVESTIGATIVOS.....	23
1.1 O PROBLEMA DE PESQUISA.....	23
1.2 CONFIGURANDO CAMINHOS INVESTIGATIVOS: UM ITINERÁRIO DE PESQUISA.....	30
1.3 PESQUISAR NAS FRONTEIRAS: OS ESTUDOS CULTURAIS EM EDUCAÇÃO.....	38
1.4 CONSIDERAÇÕES SOBRE PEDAGOGIAS CULTURAIS (E OUTRAS MAIS).....	45
2 DESEJOS DE CONEXÃO: A CULTURA DA CONVERGÊNCIA DIVERSIFICANDO OS MODOS DE ACESSAR E DE PROPAGAR CONTEÚDOS TELEVISIVOS	50
3 ACESSO AO COMPLEXO KIDS.....	64
3.1 NAS TEIAS DA MARCA: LOGOTIPO E A MASCOTE DO <i>COMPLEXO KIDS</i>	66
3.2 NAS TEIAS TELEVISIVAS DO <i>COMPLEXO KIDS</i> : O CANAL <i>TELEVISIVO DISCOVERY KIDS</i>	77
3.3 SITE DO DISCOVERY KIDS: UMA DAS FORMAS “GRATUITAS” DE ACESSO AO COMPLEXO KIDS	86
3.3.1 <i>My Kids: link dos artigos</i>	98
3.3.2 <i>My Kids: link das Séries</i>	104
3.3.3 <i>My Kids: link dos Relatórios</i>	105
4 KIDS NAS REDES: CONEXÕES ENTRE INFÂNCIA, MÍDIA E CONSUMO.....	108
5 CONEXÕES: INVENÇÕES METODOLÓGICAS E AS PEDAGOGIAS ONLINE DA MY KIDS.....	132
5.1 ADENTRANDO NO UNIVERSO METODOLÓGICO.....	132
5.2 INCURSÕES INICIAIS DE UMA USUÁRIA (DES)INTERESSADA.....	133
5.3 PEDAGOGIAS DA <i>My Kids</i> : COMO ENSINAR AS CRIANÇAS A SEREM GENIAIS E PRECOCES E COMO EVITAR QUE ESSAS SE TORNEM MANHOSAS	138
5.3.1 <i>Formando Crianças Potentes, Inteligentes e Geniais</i>	142
5.3.2 <i>Atentando para o Desenvolvimento de Crianças Felizes e Bem-Sucedidas</i> 173	
5.3.3 <i>Bebês turbinados: musicais, leitores e com pendores para a matemática</i>	194
5.3.4 <i>Ensinando Crianças manhosas, sem limites e malcriadas</i>	219
6 ALGUMAS CONEXÕES FINAIS.....	238
REFERÊNCIAS	243
APÊNDICE.....	267
<i>Apêndice I: Títulos dos Artigos Coletados na Seção My Kids</i>	267

CONEXÕES INICIAIS: A SINGULARIDADE DE UMA TRAJETÓRIA

Por meio dessas palavras iniciais, buscarei apontar algumas das direções imprimidas nesta tese, detendo-me especialmente em alguns dos pontos que permitiram a emergência do estudo aqui empreendido. Indico algumas das contingências que me levaram a escolher o *site* do canal televisivo infantil por assinatura *Discovery Kids* e, mais especificamente, a examinar os artigos postados na seção *My Kids - Conectados com seus Filhos*, para discutir como neles se gestam (e são postas em operação) “pedagogias” endereçadas às mães, e aos pais, voltadas ao gerenciamento de atitudes das crianças usuárias desse *site*.

Neste estudo, atento para o fenômeno contemporâneo da convergência (Jenkins, 2009), que me permitiu focalizar as ações que integram e estão sob o domínio da marca *Discovery Kids* - o canal televisivo, o *site* oficial, as redes sociais (*Facebook*, *Twitter* e o *Instagram*) - e as programações e eventos itinerantes realizados em *shopping centers* e em outros locais públicos, que buscam envolver as crianças e seus familiares, como articuladas em um conglomerado que denominei e passarei a referir como *Complexo Kids*¹. Entendo não serem essas ações empreendidas de modo independentes ou isoladas, mas intimamente associadas e endereçadas a conectar crianças, mães, pais e demais familiares em uma rede midiático-mercadológica.

Saliento que pensarei/problematizarei o *Complexo Kids* a partir do *site* do *Discovery Kids*, detendo-me na seção *My Kids*, que, durante os anos de 2012, 2013 e 2014 - período em que se deu a maior parte da coleta de dados -, ocupou um importante espaço nesse *site*. Aliás, foi nessa seção que os “ensinamentos” aos pais e mães ganharam destaque, ainda que eu tenha constantemente buscado marcar o quanto o que estava lá dito e sugerido se localizava na intersecção do que está apresentado em outros espaços desse *Complexo* - e mesmo em outros

¹ Os *sites* de redes sociais na *Internet* vinculadas ao que indiquei ser o *Complexo Kids* não serão discutidos nos limites deste estudo, embora sejam referidos em alguns momentos para indicar a extensão e a abrangência deste *Complexo*, conforme discorrerei ao longo da tese, especialmente no capítulo Acesso ao Complexo Kids.

artefatos culturais – direcionados ao entretenimento e gerenciamento das condutas de pais/mães/crianças e outros familiares.

Destaco que, para a realização desta tese, estive atenta a considerações feitas por Grossberg (2008), que salienta ser indispensável unir na atividade investigativa o conceitual e o empírico, buscando, paralelamente, não se atribuir à teoria qualquer estatuto de “sagrado”. Desse modo, entende-se a teoria como uma ferramenta cuja utilidade tem sentido contextualmente, como também referiram Wortmann, Costa, Ripoll e Bonin (2015). Conforme apontou Grossberg (2012), é desse modo que poderemos intensificar nossos esforços colaborativos para entender o mundo e para contar sobre ele diferentes histórias que nos permitam contemplar múltiplas formas de ser e de viver contemporaneamente, entendimentos ressaltados também por Wortmann, Costa, Ripoll e Bonin (2015).

Cabe, então, comentar que esta tese, de certa forma, está “contaminada”, tal como indicaram Wortmann, Costa e Silveira (2015) ao citarem, Hall e Mellino (2011); ou seja, para desenvolvê-la, vali-me de diferentes áreas de conhecimento, mas também recorri a ensinamentos colhidos nas práticas cotidianas, procedimento considerado oportuno para o desenvolvimento de estudos inspirados nos Estudos Culturais. Aliás, ressalto o quanto estou marcada direta ou indiretamente por ensinamentos que colhi nas práticas cotidianas, que me constituem como sujeito, sendo também a partir delas que se tornou possível redigir as páginas que seguem, as quais se inserem em um particular contexto de inteligibilidade.

Meu interesse na temática que focalizo neste estudo teve início, de algum modo, quando precisei enfrentar a resistência de meus filhos pequenos frente à minha intenção de com eles negociar a redução tanto do tempo de permanência em frente ao videogame e aos programas televisivos infantis, quanto de conexão ao celular e aos convidativos *sites* e aplicativos interativos, que eles utilizam com bastante frequência. Tomando esta vontade de conexão como indicativa de um procedimento que se estende a outras crianças, não sendo, no entanto, um privilégio daquelas com quem convivo cotidianamente, destaco ser tal “vontade”

constantemente estimulada pelas possibilidades de acesso a diferentes *telas* (celular, computador, *smartphone*...) que podem ser acessadas e compartilhadas desde o lar até a escola, passando pelas casas dos amigos, hotéis, *shoppings*, bibliotecas, restaurantes e eventos em que estão localizadas “salas de recreação” para as crianças². Buckingham (2010) sublinha, no entanto, que as experiências de acesso das crianças à Internet tuteladas pela escola têm sido, de um modo geral, diferentes das empreendidas por elas em outros lugares, pois muitas escolas adotam sistemas de filtragem e controle de conteúdos. Já em seus próprios aparelhos, no recreio ou em outros espaços sem essas “limitações” de acesso, o uso pelas crianças revela-se mais autônomo e abrange um leque muito maior de opções, como jogar *games*, às vezes com pessoas de outros países, fazer compras ou apenas dar uma olhada nos produtos anunciados na Internet, baixar músicas e filmes, assistir a vídeos, postar suas próprias fotos com amigos e, sobretudo, visitar *sites* relacionados/vinculados a outras mídias.

Giroux (2011) e Narodowski (2013) e Jenkins (2009) também ressaltam as inúmeras possibilidades de conexão disponibilizadas às crianças (e adultos). Como já indiquei, tais conexões não implicam apenas estar diante de programas televisivos, *sites* ou aplicativos consumidos no universo infantil, mas também que muitas das crianças tenham, à sua total disposição, de diferentes modos e

² Vale ressaltar que, como indica Pesquisa Brasileira de Mídia 2015, as características econômicas, sociais e demográficas da população têm um grande impacto na disponibilização do acesso à Internet, ou seja, tal conexão não é um processo homogêneo, pois fatores como a renda familiar e o nível de escolaridade da população também promoveriam um hiato digital, tanto no que diz respeito ao acesso em si quanto no que se refere à intensidade (frequência) dessa conexão. Dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) apontam que o número de usuários de Internet no Brasil seria de 85,6 milhões pessoas com 10 anos ou mais em 2013. Já pesquisa TIC Kids *online* Brasil que teve como um dos seus objetivos compreender de que forma a população jovem, na faixa etária entre 9 e 17 anos, acessa a Internet, indica que o ambiente para acesso à rede mais mencionado é a sala de casa (68%), seguido pelo quarto da/o criança/adolescente (57%). A tendência à mobilidade é outro destaque apontado pela pesquisa, sendo o telefone celular utilizado por pouco mais da metade das crianças e adolescentes, isto é, 53% das crianças entrevistadas utilizam-no para acessar a rede, demonstrando crescimento significativo em relação a pesquisas anteriormente realizadas por essa mesma instituição. No que diz respeito a elementos associados a questões geracionais ou etários, mostra-se que os mais jovens seriam usuários mais intensos das novas mídias, possivelmente influenciados (motivados) pela participação nas redes sociais na *internet*.

ininterruptamente, uma quantidade de “entretenimentos” transmidiáticos³ idealizados sob medida – por grandes corporações – para serem propagáveis⁴ e acessados de diferentes modos. Estão entre estes também os entretenimentos que carregam a rótulo de “educativos”, nicho de mercado a que a marca Discovery Kids busca alinhar-se.

Observei que as produções do *Complexo Kids* ressaltam a harmoniosa combinação que fazem de educação e diversão, sendo importante salientar o quanto este *Complexo* se vale de campanhas e *slogans* promocionais direcionados a captar a confiança de mães, pais e familiares, tanto na programação televisiva, quanto em seu *site* na Internet. O uso dessas representações chamou minha atenção já nas primeiras incursões que fiz a esse *site*, seja pela ênfase atribuída à conjugação de entretenimento e educação, seja pelo título de um *hiperlink*⁵ nele disponibilizado: *My Kids - Conectado com seus Filhos*, sendo grande parte dessa seção e o restante do *site* de acesso livre e gratuito. Essas ações, aliadas à gratuidade do *site*, permitem-me inferir que este é apresentado como “tão eficiente” que pagar por uma assinatura televisiva poderia representar um investimento na educação das crianças, caso o usuário não seja ainda assinante do canal televisivo. Como apontarei ao longo desta tese, são muitas as situações divulgadas na seção *My Kids* em que se destaca a felicidade decorrente de se poder viver em ou frequentar lugares coloridos, floridos, organizados, “bem limpinhos”, “inspiradores” e “motivadores”, onde as crianças são geralmente representadas como “meigas” e/ou pequenos *experts/gênios* com grande capacidade e interessadas em ler, aprender matemática e ciências, tocar

³ Jenkins (2009) indica que transmídia se refere a histórias que se desenrolam em múltiplas plataformas, cada uma delas contribuindo de forma distinta para a compreensão, ou melhor, para a propagação/disseminação de um determinado universo narrativo; o filme *Matrix* seria um bom exemplo dessa “capacidade” de propagar-se e “proporcionar experiências” distintas aos fãs.

⁴ De modo semelhante ao que destacaram Jenkins, Green e Ford (2014) empregarei, por vezes, as expressões “propaga” e “propagável” para indicar as diferentes formas de circulação, penetração e compartilhamento de conteúdos midiáticos. Para os autores (*Ibidem*), tais expressões se refeririam aos diferentes modos (e ao seu potencial) de espalhamento dos conteúdos, que podem se dar com ou sem a anuência de seus detentores.

⁵ Para Fragoso, Recuero e Amaral (2013), os *hiperlinks* (*links*) são conexões automatizadas – de um *site*, por exemplo – que, quando acionadas, dão acesso a outro módulo de informação, não necessariamente em ordem linear.

instrumentos musicais e comer alimentos saudáveis. Essa felicidade é configurada como completa, a partir de representações imagéticas de família em que pais, mães e crianças bonitas, sorridentes e com aspecto de “saudáveis” e bem-sucedidas protagonizam cenas de passeios ou até mesmo rotinas “inesquecíveis”, por exemplo.

Então, a partir do acompanhamento mais sistemático da programação televisiva e das postagens realizadas no *site*, especialmente da *My Kids*, cada vez mais me interessou examinar como se mesclavam educação, entretenimento e consumo nas produções do *Complexo Kids*. Nesse *site*, são feitas convocações ao consumo em convidativos *banners*⁶, nos quais se anunciam produtos e serviços direcionados ao segmento infantil, mas também aos adultos, sob a forma de convites feitos às crianças e suas famílias para se inscreverem em disputadíssimos eventos itinerantes, geralmente realizados em *shopping centers* e outros espaços das grandes cidades.

De diferentes modos, o *site* do *Discovery Kids* parece empreender um esforço para abranger, por meio de seus conteúdos, diversificados temas que poderiam interessar desde crianças de zero a seis anos de idade até suas mães e pais, em especial as primeiras. Mas talvez até o que me tenha conduzido a olhar com mais interesse para as produções do *Complexo Kids* diga respeito ao fato de eu ser mãe de duas crianças pequenas que são usuárias desse *site* e o acessam para jogar e acompanhar a programação televisiva. De qualquer forma, o endereçamento⁷ do *site* intrigou-me, particularmente, pela abrangência a ele atribuída – não só as crianças eram o foco de sua atenção, mas, principalmente, seus pais e mães.

⁶ O *banner* é a forma publicitária mais comum na Internet, sendo muito utilizado para divulgação de propagandas por *sites* ou marcas que pagam por sua inclusão. É criado para atrair usuários a um determinado *site* mediante um *link*. Embora todos os tipos de *sites* possam ter *banners*, são os *sites* com maior tráfego que costumam atrair os maiores investimentos de anunciantes. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Banner>> Acesso em: 2 maio 2013.

⁷ Aspectos relacionados à noção de endereçamento serão abordados a partir Ellsworth (2001) na seção intitulada *Pedagogias da My Kids: Como ensinar as crianças a serem geniais e precoces e como evitar que essas se tornem manhosas*.

Assim, cada vez mais cresceu meu interesse em destacar como a seção *My Kids* divulgava informações e, ao mesmo tempo, delineava um variado conjunto de ferramentas destinadas a ensinar mães e pais a obterem êxito na educação de seus filhos. Aliás, tais ferramentas eram bastante semelhantes às veiculadas em programas televisivos para os quais são chamados *experts* ou, mais recentemente, os *coaches*⁸ familiares, e a orientações passo a passo presentes em *sites*, livros e revistas voltados a ensinar sobre os cuidados a serem dispensados às crianças e aos demais familiares para o alcance de uma vivência familiar harmoniosa e bem-sucedida (ou até de alta *performance*). Enfim, por tudo o que apresentei até aqui, pareceu-me produtivo conduzir uma análise cultural dos artigos disponibilizados na seção *My Kids*, sendo esta vista como parte integrante do que destaquei ser um *Complexo Kids*. Entendi estar estabelecida a composição de um complexo mercantil midiático integrado pelo canal televisivo *Discovery Kids*, pelo *site* oficial, pelas redes sociais (Twitter, Facebook e Instagram) e pela mascote Doki, um simpático cachorrinho presente em todas as ações empreendidas por esse *Complexo* – protagonizando uma série televisiva exibida exclusivamente nesse canal, jogos do *site* e estampando uma variedade de produtos de consumo, além de ser o anfitrião das muitas ações itinerantes promovidas e realizadas em *shopping centers* de todo o Brasil, caracterizadas, nos convites postados no *site*, como um momento de reunir a família e aprender de forma lúdica coisas “importantes para a vida”.

Se, por um lado, há um transbordamento (multiplicação) dos conteúdos⁹ do canal televisivo infantil para diferentes plataformas midiáticas, por outro,

⁸ No século XVIII, os nobres universitários da Inglaterra iam para as aulas em carruagens conduzidas por cocheiros, chamados de *coacher*. Por volta de 1830, o termo *coach* passa a ser utilizado na Universidade de Oxford como sinônimo de “tutor particular”, aquele que “carrega”, “conduz” e “prepara” os estudantes para seus exames. O termo também é bastante empregado atualmente para designar os treinadores do ambiente empresarial e em outras áreas da vida pessoal e profissional. A palavra *coaching*, de acordo com o Instituto Brasileiro de Coaching-IBC, significa treinamento, tem origem na língua inglesa (*coach*) e foi utilizada pela primeira vez na cidade de Kócs, na Hungria, para designar carruagem de quatro rodas. Disponível em: <http://www.ibccoaching.com.br/tudo-sobre-coaching/coaching/coaching-conceito-e-significado/>. Acesso em: 20. Maio 2015.

⁹ Emprego o termo “conteúdo”, neste momento e em outros, para referir-me às múltiplas produções midiáticas que, em muitos casos, são concebidas para se propagarem por meio de diferentes plataformas e proporcionarem experiências distintas aos usuários. Além disso, esse

essas ações ao proporcionarem experiências distintas aos usuários são bastante representativas das lógicas de convergência que têm impregnado as ações das grandes indústrias culturais (JENKINS, 2009). Em relação ao *Complexo*, cumpre-se o que Wortmann, Costa e Silveira (2015) enfatizaram ao indicarem que uma característica dos complexos mercantis midiáticos é que eles se organizam em torno de um tema gerador ou nuclear, a partir do qual é criado um diversificado conjunto de atraentes propostas que, de distintos modos, constantemente convocam os sujeitos ao consumo¹⁰ (Ibidem). Aqui neste estudo, estendo as indicações das autoras (Ibidem) ao imperativo da conexão e ao desejo de pertencer a uma cultura globalmente reconhecida por meio do consumo, não só de bens materiais, mas das *pedagogias* que nela se gestam, intencionalmente ou não, e que atuam intensamente na constituição e nos modos de vida contemporâneos, aspectos também destacados por Bauman (2008) e Steinberg e Kincheloe, (2001b).

A partir do que indicaram Wortmann, Costa e Silveira (2015), tomo o *Complexo Kids* como uma pedagogia cultural acionada para mobilizar crianças, mães e pais em direção a determinadas práticas e compreensões sobre um amplo conjunto de questões particulares afeitas ao mundo contemporâneo, às quais se vinculam diferentes tipos de consumo. No caso de *sites* e de outros espaços da Internet, tal pedagogia efetua-se em um recorte temporal relativamente efêmero, mas, como eles se atrelam a um complexo midiático, esse efeito potencializa-se e propaga-se em função da cultura da convergência.

termo pareceu-me ser o mais empregado pelos estudiosos de articulações entre televisão e Internet, entre os quais, Cannito (2010) e Jenkins (2009).

¹⁰ A pesquisas de Flor (2007) e Prates (2008) construíram seus objetos de estudo em torno de um tema gerador, conforme ressaltam, entendendo-os como “complexos”, com o objetivo de tornar visível certo modo de formar/atrair consumidores que se aglutinam em torno de um conjunto de artefatos idealizados a partir de um acontecimento/produto midiático gerador ou nuclear. Tais estudos e as suas possibilidades analíticas foram destacados por Costa e Andrade (2013) como uma das tendências/modos possíveis de se conduzir uma análise cultural que destaque pedagogias culturais acionadas por grandes complexos mercantis midiáticos. Retomarei tal tema no capítulo *Acesso ao Complexo Kids*.

Apresentei até aqui breves *cliques*, a partir dos quais comentei, mesmo que sucintamente, aspectos que dizem respeito ao meu envolvimento com o objeto empírico que optei por pesquisar. Há, no entanto, outros aspectos igualmente importantes que foram atravessando meu dia a dia e configurando não só a escolha de meu objeto de pesquisa, mas o delineamento e a estruturação desta tese. Trata-se dos momentos de orientação bem orquestrados pela professora Maria Lúcia, pesquisadora cuja importante companhia acadêmica se faz presente desde minha trajetória no curso de mestrado, e também das muitas discussões, leituras e trocas realizadas com meus colegas do grupo de orientação.

Dou continuidade à análise de como grandes complexos midiáticos operam como pedagogias culturais na mídia, lembrando que, em minha dissertação de mestrado também analisei uma pedagogia cultural – o *reality show O Aprendiz*¹¹, especialmente a sua terceira edição, exibida pela Rede Record de Televisão. Quero registrar que preocupações alinhadas às pedagogias culturais já estão no meu horizonte de interesses há algum tempo. Ainda que esteja voltando meu olhar, neste momento, a uma outra plataforma midiática, os artefatos estudados¹² em ambas as pesquisas vinculam-se a grandes complexos midiáticos estadunidenses. Aliás, tanto no programa que examinei em minha dissertação, quanto no *site* que focalizo nesta tese, reverberam, mesmo que de diferentes formas, representações do que se convencionou chamar de *American way of life*, expressas em modos de configurar a busca permanente pelo desenvolvimento, pelo progresso, pelo sucesso e pelo consumo como um dos estilos de vida promovidos nessas duas produções midiáticas. Assim, enquanto

¹¹ O programa *O Aprendiz* pode ser caracterizado de muitas maneiras. Tanto podemos vê-lo como um *reality show*, quanto como um processo de seleção de emprego, sendo ambas as perspectivas adotadas na dissertação que desenvolvi ao longo do mestrado. No caso da edição examinada, o mote do programa era a contratação de um/a executivo/a para atuar em uma renomada agência de *marketing* estadunidense, o que proporcionaria ao vencedor ou à vencedora a garantia da elevadíssima remuneração de R\$ 500.000,00 (quinhentos mil reais) por um ano. Na época da exibição desse programa, esse salário representava um excelente prêmio, comparado aos oferecidos em outros *reality shows*.

¹² Emprego o termo “artefato” a partir de Costa, Silveira e Sommer (2003), que assim qualificam um noticiário de televisão, um gráfico, um livro didático, músicas de um grupo de *rock*, por exemplo. Nos artefatos culturais, estão em operação práticas de representação que produzem e inventam sentidos que circulam e operam criando significados para sujeitos e “coisas” nas arenas culturais onde os significados são negociados e as hierarquias são estabelecidas (Ibidem).

no programa *O Aprendiz* “as aulas” versavam sobre o mundo dos negócios, na seção *My Kids*, direcionam-se a ensinar sobre a estruturação das famílias e sobre os modos mais relevantes de organizar a vida das crianças para o bem-estar, a felicidade e o sucesso em diferentes aspectos da vida.

Ao fazer tais comentários, mais uma vez dou-me conta de como o envolvimento de um pesquisador com seu objeto de estudo não é distante de suas práticas e interesses cotidianos: na primeira situação (o mestrado), meu objeto de pesquisa estava intimamente atrelado ao meu fazer profissional, pois, na época, era analista de mercado, marcada intensamente pela busca permanente de um desempenho de alta *performance*, que deveria ser sempre destacado e, acima de tudo, produtivo do ponto de vista econômico-financeiro; hoje, sou professora de uma rede federal de ensino onde os desafios que me movem – no âmbito da pesquisa – estão relacionados à compreensão de alguns dos modos de constituição dos jovens sujeitos que frequentam minhas salas de aula. Além disso, meus dois filhos envolvem-se, constantemente, com os artefatos midiáticos que focalizo nesta tese. Penso, então, que foi a partir de tudo isso – dessas várias intersecções – que emergiu e se consolidou meu interesse em problematizar o *site* do *Complexo Kids*, especialmente as prescrições enfatizadas como necessárias para o alcance de uma educação exitosa das crianças, a serem seguidas pelas famílias leitoras dos artigos postados na *My Kids - Conectados com seus Filhos*.

Como comentarei mais detidamente no capítulo intitulado *Conexões: invenções metodológicas e as pedagogias on line da My Kids*, os aconselhamentos destinados a mães e pais no *site* guardam inúmeras semelhanças com as demandas gestadas nas racionalidades neoliberais, nas quais há um incentivo permanente à promoção de atitudes, tais como flexibilidade, busca permanente pelo conhecimento (acadêmico) e boas relações interpessoais (senso de equipe), que são posicionadas nos artigos como importantes para o desenvolvimento, o futuro, o sucesso e a “felicidade” das crianças. Afinal, salienta-se, a partir da adesão a essa racionalidade, que tais atitudes e os saberes que a elas estão atrelados se constituirão em importantes diferenciais que habilitarão as crianças a sua integração, por exemplo, ao competitivo mundo do trabalho!

Após transitar por minhas vivências pessoais e acadêmicas, inspiro-me em Grossberg (2012) para afirmar que estou ciente de que histórias que narramos não se tornam melhores porque as contamos repetidas vezes; tampouco se criam histórias melhores quando presumimos que tudo o que está nelas posto é fundamentalmente novo, pois isso poderia levar-nos a olhar para o passado e para os conceitos já utilizados como irrelevantes. Empenhei-me em estabelecer estas conexões iniciais, que denominei de *Acesso Privado: a singularidade de uma trajetória*, para tornar visível aos leitores desta tese que meus envolvimento pessoais, profissionais e acadêmicos estão integrados a uma rede, o que os torna inseparáveis. Portanto, meu olhar de pesquisadora não pode ser dissociado das questões contingenciais que me constituíram e que vierem a constituir-me futuramente.

Apresento, a seguir, o modo como está estruturada esta tese, que foi organizada em seis capítulos.

No Capítulo 1, intitulado **A SENHA DE ACESSO PARA O ESTUDO**, apresento algumas das escolhas teóricas que fiz para desenvolver a tese, bem como minhas questões de pesquisa. Faço também algumas indicações sobre os modos que escolhi para localizar este estudo no âmbito da Educação, articulando-o aos Estudos Culturais. Saliento que muitos são os modos através dos quais podemos nos valer para apontar as formas como o pedagógico se tem embrenhado nas práticas culturais contemporâneas. No entanto, problematizar o modo como isso se dá nas instâncias da mídia, que cada vez mais fortemente adentram em nossas vidas no cotidiano, parece-me ser uma opção importante e, inclusive, necessária. Neste capítulo focalizo o papel que as chamadas pedagogias da mídia têm assumido na direção de operarem como pedagogias culturais.

No Capítulo 2, intitulado **DESEJO DE CONEXÃO: A cultura da convergência diversificando os modos de acessar e de propagar conteúdos televisivos**, focalizo o que Jenkins (2009) considerou como cultura da convergência, pensando como as produções que integram o *Complexo Kids* estão articuladas

entre si e como conectam de diferentes modos os usuários desse *Complexo*. Se, por um lado, há um transbordamento dos conteúdos do canal televisivo para diferentes espaços midiáticos (*site* oficial, redes sociais na Internet, eventos, produtos de consumo, por exemplo), por outro, essa propagação (disseminação) é bastante representativa das lógicas de convergência que têm impregnado as ações das grandes indústrias culturais, conforme discorrerei ao longo deste capítulo, inspirada não só em Jenkins (2009), mas também em Cannito (2010).

No Capítulo 3, intitulado **ACESSO AO COMPLEXO KIDS**, caracterizo o *site* do Discovery Kids, especialmente a seção *My Kids - Conectado com seus Filhos*, compreendendo-a como parte do que denominei *Complexo Kids*, expressão adotada para referir ao *site* oficial, às redes sociais (Facebook, Twitter, Instagram), a produtos estampados com a mascote Doki e a eventos realizados para as famílias em diferentes locais das grandes cidades. Aponto para como essas ações são engendradas de modos aparentemente distintos e como se interseccionam (e se complementam) conectando crianças, mães e pais a essa marca e, igualmente, à rede mercadológica que ela representa, cujo eixo nuclear é o canal televisivo infantil Discovery Kids.

No Capítulo 4, intitulado **KIDS NAS REDES: Conexões entre infância, mídia e consumo**, reflito sobre algumas facetas das infâncias contemporâneas, buscando destacar que há sempre inúmeros modos de vivê-la. Focalizo, nesta tese, alguns nexos entre os temas Internet, infância e consumo apontados em estudos, tais como os desenvolvidos por Bauman (2008), Bujes (2005; 2006, 2010), Coutinho (2012), Costa (2012), Dornelles, (2005; 2010; 2012), Momo (2007; 2015), Momo e Costa (2010), Narodowski (1998;2013), Steinberg e Kincheloe (2001b), entre outros autores, por entender que o consumo de produtos e estilos de vida veiculados na Internet - e em outras mídias - seriam uma das formas das crianças (e até mesmo dos adultos) vivenciarem e constituírem suas identidades na contemporaneidade.

No Capítulo 5 - **CONEXÕES: Invenções metodológicas e as pedagogias Online da My Kids**, apresento aspectos relacionados às minhas incursões iniciais no *site*,

as quais decorreram a escolha dos artigos postados na *My Kids* como meu *corpus* de pesquisa; ou seja, comentarei alguns dos caminhos metodológicos empreendidos para a realização das análises que integram esta tese. Além disso, problematizo representações de criança (mães e pais) privilegiadas nos textos e imagens dos artigos que escolhi analisar. Os procedimentos metodológicos selecionados para a organização do estudo envolveram o mapeamento de temas e dos propósitos abordados nos mais de 200 artigos coletados na seção *My Kids*, durante os anos de 2012, 2013 e 2014. Constatou-se que esses artigos focalizam uma grande diversidade de temáticas, bem como de representações de crianças, algumas das quais foram abordadas neste estudo a partir de quatro categorias principais: *Formando crianças potentes, inteligentes e Geniais*; *Atentando para o desenvolvimento de crianças felizes e bem-sucedidas*; *Bebês turbinados: musicais, leitores e com pendores para a matemática*; e, por fim, *Ensinando crianças manhosas, sem limites e malcriadas*.

Finalmente, no Capítulo 6, cujo título é **ALGUMAS CONEXÕES FINAIS**, reafirmo, após quatro anos de estudo, as dimensões pedagógicas do *Complexo Kids*, particularmente da *My Kids*, ao ensinar mães e pais a cuidar, educar e capacitar seus filhos para serem bem-sucedidos em diferentes aspectos da vida social, familiar e até escolar.

1 SENHA DE ACESSO: CONFIGURAÇÃO DO PROBLEMA DE PESQUISA E DOS CAMINHOS INVESTIGATIVOS

1.1 O PROBLEMA DE PESQUISA

Apresento aqui algumas das escolhas *teóricas* que considerei para a elaboração desta tese. Afinal, quando se pensa em realizar uma pesquisa acadêmica, defrontamo-nos com infinitas possibilidades investigativas, especialmente quando se pretende investigar as produtividades de um *corpus*¹³ de pesquisa configurado a partir de *hiperlinks* onde estão imbricados diferentes e inesgotáveis conjuntos de informações, palavras, imagens e sons que, espantosamente, podem ser acionados até por um bebê em qualquer dispositivo móvel digital¹⁴ com acesso à Internet e com apenas alguns toques! Invoco alguns aspectos enunciados por Santaella (2013;2014) quando aponta para as características que considera serem necessárias para a realização de uma leitura na Internet, que estendo às sensações experienciadas por quem pesquisa na ou sobre a Internet. Como a autora salienta (Ibidem), no lugar de um volume delimitado, sequencial, paginado e encadernado com páginas onde as frases e (ou) imagens apresentam invariavelmente a mesma ordenação sintático-textual previamente escrita, na web, precisamos estar mais cognitiva e permanentemente em estado de prontidão, à espera de possíveis sobressaltos, pois a partir de um

13 Para Fischer (2002b), um *corpus* de pesquisa pode ser visto como um conjunto de textos – ditos em determinado tempo e lugar - associados a inúmeras práticas sociais, devendo ser analisados como práticas constituidoras de sujeitos e de modos de existência não só de pessoas, mas de instituições e de formações sociais.

14 Um dispositivo móvel digital seria um computador de bolso, por exemplo, habitualmente equipado com um pequeno ecrã (output) e um teclado (podendo ser sensível ao toque) em miniatura (input). Entre os dispositivos móveis mais comuns, estariam o *smartphone*; celular; *notebook*; *netbook*; *tablet*, entre outros. Para utilizar uma expressão de Lemos (2007ab), hoje, as tecnologias sem fio estão transformando as relações entre pessoas e os espaços, criando novas formas de conexão, pois o acesso à Internet fixa por cabos tem cedido cada vez mais espaço para as conexões que capturam o usuário em plena mobilidade (via Internet móvel sem fio, telefones celulares, redes *bluetooth*, entre outros modos).

Disponível em:<https://pt.wikipedia.org/wiki/Dispositivo_m%C3%B3vel> Acesso em: 21 set. 2015.

leve toque na tela de um smartphone, por exemplo, o usuário de um *site* pode acionar o recebimento de um *hiperlink* (in)desejado.

Assim, além de atentar para a multiplicidade de perspectivas que podem ser assumidas para se desenvolver a análise de um *site* infantil vinculado a um complexo midiático, faz-se necessário conviver com a perturbadora fugacidade que envolve tudo o que diz respeito à Internet. Nesse sentido, mesmo que se delineiem caminhos e sejam feitas escolhas, corre-se muitos riscos. Sibilia (2012) diz que só o fato de sermos contemporâneos já poderia constituir-se em uma tarefa de risco, pois vivemos em um mundo de contradições, no qual atravessamos constantemente terrenos pantanosos e incertos. Buckingham (2010) salienta ser a Internet parte de um grande negócio, que ele considera estar associado a fenômenos endêmicos influenciados por corporações cuja capacidade e desejo de gerar lucros têm como premissa uma obsolescência planejada de tudo que tange a esse universo (*softwares*, conteúdos e dispositivos móveis, por exemplo), situação que nem sempre é perceptível para muitos de seus usuários, fascinados que estão com as tantas “possibilidades” de conexão, entretenimento e pesquisa oferecidas.

Compartilho o sentimento de insegurança suscitado em mim quando iniciei a coleta de dados na Internet e percebi o dinamismo e a constante inclusão de novidades no *site* que me dispusera a examinar. À medida que fui me apropriando dos artigos postados na seção *My Kids*, continuei a ser tomada por inúmeros sobressaltos, pois, para meu espanto, a diversidade do que estava proposto nesses artigos me levava a pensar em diferentes direções pedagógicas: pareceu-me, por exemplo, que práticas corporativas típicas da contemporaneidade estavam promovendo, simultaneamente, “velhas pedagogias”, que acenavam até para castigos e privações configurados, em alguns artigos, como métodos indicados para corrigir comportamentos tidos como inadequados nas crianças. As discussões conduzidas por Santaella (2007; 2013) inspiram-me a pensar que há uma espécie de fusão quase indissolúvel e até mesmo sobreposições, cruzamentos e intersecções quase inextricáveis entre a “vida vivida” e certas representações promovidas nas páginas da Internet.

Conforme foi salientado por Alexander Halavai no prefácio do livro de Fragoso, Recueiro e Amaral (2013), muitas pesquisas sobre a Internet e a sociedade reconhecem que as interações *online* raramente são exclusivas do mundo *online*, pois, quando se trata de relações sociais, nem sempre é possível separar o “virtual” e o “real”. Assim, as postagens disponibilizadas na seção *My Kids* parecem compor um *mix* de ferramentas voltadas a ensinar a educar as crianças nos dias de hoje, não obliterando nem substituindo, no entanto, as velhas práticas que poderiam constar em um portfólio pedagógico endereçado a professores/as em formação nas antigas escolas normais.

Indicou Hall (1997a) que um *mix* cultural, ou sincretismo, pode não significar a obliteração total do velho pelo novo, podendo implicar, por exemplo, a criação de algumas alternativas e práticas híbridas nas quais estejam sintetizados elementos de ambos, mas que não são, necessariamente, redutíveis a nenhum. Assim, por um lado, grande parte das proposições endereçadas a mães e pais, especialmente às primeiras, dá-se na direção de alinhar as aprendizagens das crianças a supostas necessidades do mundo contemporâneo, ao incremento da aprendizagem ou, ainda, ao sonho de uma biografia planejável e à busca pelo progresso intelectual, social e até profissional; por outro, os articulistas parecem ter também, no espectro histórico e popular uma importante fonte de inspiração para abordar e propor soluções para lidar com as crianças na *My Kids*, algumas vezes posicionadas como sem limites/malcriadas e, em muitas outras, como geniais e prodigiosas (com grande potencial)¹⁵.

¹⁵ Cabe referir que, nos Estados Unidos, segundo menções realizadas em um *site* brasileiro intitulado *Playground da Inovação*, têm sido crescentes a implantação de *Innovation Camps*, uma espécie de colônia de férias com o foco em práticas voltadas ao desenvolvimento do “senso de inovação” para crianças e adolescentes. Por exemplo, o *Galileo*, cujo lema é *O mundo precisa de inovadores*, oferece diversos programas ligados às artes, ciências e atividades ao ar livre. Além desse, tem *Summer of Innovation*, programa oferecido pela NASA em resposta à campanha nacional *Educar para Inovar*, idealizada pelo presidente estadunidense Barack Obama, em que as crianças experienciam atividades ligadas à engenharia, à matemática, às relações espaciais e a diferentes tecnologias. A proposta do *Camp Invention* é oferecer experiências ligadas a diversos temas que estimulam competências socioemocionais, como pensamento crítico, criatividade e capacidade de resolver problemas e invenção. Disponível em: <http://www.playground-inovacao.com.br/colonias-de-ferias-inovadoras/> Acesso em: 20 jun. 2015.

Então, simultaneamente, o conjunto/portfólio de artigos disponibilizados na seção *My Kids* conjuga e apresenta certas visões sobre as crianças que são silenciadas nas séries exibidas no canal televisivo do *Complexo Kids*, onde praticamente todas as histórias terminam com um final feliz ou com a solução do enigma ou problemática nelas delineados. Os artigos postados na *My Kids* transitam em um amplo espectro de compreensões acerca do que é o educativo, pois há artigos que falam de imposição de limites, aplicação de castigos, bem como da necessidade de educar as crianças para que não se tornem manhosas e/ou birrentas. Alguns outros artigos destacam por meio de imagens e nos textos escritos a necessidade das aprendizagens permanentes, do amor e do apoio incondicional das mães e pais às suas crianças, tal como salienta a música alegremente entoada pelo dinossauro Barney – protagonista da série intitulada *Barney e seus Amigos* – disponível no site do *Complexo Kids* para as crianças: *Amo você, você me ama, nós somos uma família feliz, com um grande abraço e um beijo de mim para você, você não vai dizer que você me ama também?![...]*¹⁶.

Destaco que coletei 203 postagens, ao estilo de pequenos artigos, que enfatizam modos desejáveis relativamente à educação das crianças para que atinjam sucesso cognitivo, social e até profissional. Essa forma de estruturar os artigos, bem como alguns dos temas neles discutidos, levou-me a pensar em consideração feita por Ball (2013) sobre estarem as crianças e mesmo os adultos, nos dias atuais, sendo vistos como um conjunto de possibilidades e de oportunidades não realizadas e sim a realizar, ou seja, estarem sendo pensados como empreendedores de uma vida toda. Nas palavras de Ball (2013), esta seria uma sociedade totalmente pedagogizada, na qual se deve assegurar que todo tempo ou espaço seja pedagogizado (BERNSTEIN apud BALL, 2013)¹⁷.

¹⁶ Disponível em: <<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/>> Acesso em: 20. dez.2014.

¹⁷ Para Simons e Masschelein (2011), começou a esboçar-se, nos anos 1960/1970, a adesão à ideia de uma aprendizagem a ser processada ao longo da vida. A partir dos anos 1990, essa ideia se consolidou quando diversos organismos europeus, bem como a Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), passaram a apregoar que a idade para aprender são todas. Ball (2013) registra que a expressão “aprendizagem ao longo da vida” aparece em documento da UNESCO em 1997 e em documentos governamentais da Grã-Bretanha, da Suécia e da União Europeia entre os anos 1998 e 2006. Tal ideia foi objeto de um fluxo exaustivo de declarações políticas internacionais que definiram contornos e dimensões socioeconômicas, nas

Porém, talvez ao incluírem-se no *site* tantas facetas/modos diferentes de pensar a educação das crianças, se possa considerar que tal ecletismo visa a atender (e capturar) uma ampla audiência, o que disponibiliza e torna ainda mais potente o *Complexo Kids*, como já venho destacando. Assim, os textos postados na *My Kids* conjugam desde “velhas soluções” para a correção dos “maus hábitos” das crianças “desobedientes” e “manhosas” até conselhos endereçados aos progenitores interessados em lidar com os desafios de um mundo contemporâneo e globalizado, que requer sujeitos flexíveis e com predisposição para aprender desde o seu nascimento até o último dia da vida adulta.

Ao salientar a importância de estudar este *site*, especialmente a seção *My Kids*, como uma instância pedagógica operada por uma grande corporação, é interessante citar estudo realizado por Hilty (2001) sobre as animações infantis consideradas educativas, tais como *Barney e seus amigos*, programa exibido no Brasil pelo *Discovery Kids*, e *Vila Sésamo*, programa infantil que teve grande sucesso na TV mundial, reapresentado pela Televisão Cultura (TVE)¹⁸. Diz a autora (Ibidem.) que, mesmo na ausência de consenso, tais produções, por receberem o rótulo de programas “bons para as crianças”, teriam a adesão tanto das crianças quanto dos adultos, pois estes acreditam que esse tipo de entretenimento é realmente educativo e importante para o desenvolvimento de seus filhos. Hilty (2001) afirma que mães e pais aparentemente bem intencionados absorvem a máxima que afirma: “esses programas ajudam as crianças a aprender”. Por essa razão, tais entretenimentos deveriam ser preferidos a outros, sendo também amplamente aceita e difundida a suposição de que, para ser necessariamente educativo, um programa tem de ter “boa

quais a noção de “aprendizagem ao longo da vida” se tornou um componente significativo (Ibidem). Este tema foi também focalizado por Kelbert e Saraiva (2014).

¹⁸ A produção brasileira *Vila Sésamo* foi realizada a partir de uma parceria entre a TV Cultura e a TV Globo, sendo exibida entre os anos 1972 e 1973 pela TV Cultura e pela TV Globo até 1977. Presente em mais de 140 países, foram licenciadas versões, adaptações ou coproduções, como tem sido o caso aqui no Brasil, que em outubro de 2008 passou a reexibir uma nova versão da série pela TV Cultura. Reconhecida como uma das produções educativas infantis de maior sucesso destinada à televisão, o *Sesame Street* (*Rua Sésamo*, na tradução literal) é o nome original dessa série estadunidense. Disponível em: <<http://cmais.com.br/vilasesamo>>. Acesso em: 8 out. 2015.

apresentação” e ser bem colorido. Mas Hilty (2001) chama a atenção para a forma como muitos desses entretenimentos parecem estar impregnados de visões que percebem as crianças como pequenos adultos que necessitam aproveitar as “lacunas de seus tempos” para “esquentar as turbinas” e entrar na adolescência e na vida adulta bem “desenvolvidos”.

Giroux (2001) diz que é muito difícil escrever sobre os imprecisos limites entre diversão, educação e comércio, especialmente quando uma grande corporação, tal como a *Disney World*, injeta articuladamente seus ensinamentos no e sobre o universo infantil mediante múltiplas produções. O autor destaca (Ibidem) que tais ensinamentos trazem à tona pontos de vista bem particulares, como uma força que conduz crianças e adultos a interpretar certos eventos dentro de um limite específico de possibilidades. Steinberg e Kincheloe (2001b), em estudo sobre a construção da infância pelas grandes corporações, já salientavam que a pedagogia cultural corporativa tem feito seu dever de casa ao produzir formas educacionais de um incontável sucesso, quando julgadas especialmente com base em seu intento capitalista de se propagarem e de gerarem lucro aos seus idealizadores.

Apresentei até aqui, nestes parágrafos iniciais, alguns aspectos que foram considerados importantes na composição deste estudo, pois, como nos lembra Sarlo (2006), os problemas que enfrentamos como pesquisadores não têm e nunca tiveram uma solução única inscrita em seu enunciado; ou seja, seguindo o que a autora considerou, ative-me, nesta jornada investigativa, a armar perspectivas para ver (analisar), por exemplo, quais crianças estão representadas nas postagens da *My Kids*, bem como a apontar como o fenômeno da convergência está em curso nas práticas adotadas pelo *Complexo Kids*. Para a estruturação das perguntas que motivam a realização desta tese, inspirei-me também nas provocações enunciadas por Larrosa (2003) quando argumentou serem as perguntas “a saúde” do estudo, o seu vigor, a sua obstinação, além de representarem toda a (im)potência diante das possibilidades que podem ser experimentadas por aqueles que as perseguem. Dou destaque às considerações feitas por Larrosa (2003) e por Costa (2002a), pois, de certo modo, fortalecem

minha compreensão sobre o caminho peculiar percorrido no ato de problematizar: quando se formula um problema de pesquisa, inventa-se também um peculiar caminho para questionar, produzir alternativas e modos de direcionar nosso olhar para um *corpus* de estudo, a partir de um recorte cultural, teórico, metodológico e temporal, no qual se registram as direções que assumimos.

Passo, a seguir, a enunciar as questões que orientaram a condução deste estudo:

a) Que aspectos são enfatizados no *site* oficial do *Discovery Kids*, especialmente na seção *My Kids*, para a promoção do “desenvolvimento” das crianças para que essas possam ser bem-sucedidas (no futuro) em diferentes aspectos da vida social, familiar e até escolar?

b) Quais são os modelos de infância e de família promovidos com mais insistência nas postagens feitas, especialmente na seção *My Kids*, durante o período observado?

c) Que práticas devem ser assumidas pelas mães e pais usuários do *site* para atingir as metas traçadas nos artigos relativamente ao alcance de uma educação exitosa das crianças?

Saliento, assim, ser o propósito deste estudo problematizar representações de criança colocadas em destaque no *site* oficial do *Discovery Kids*, em especial na seção *My Kids*, por entender atuarem na “modelação” de comportamentos, atitudes, sentimentos, estéticas e valores, tanto das famílias quanto das crianças que têm acesso a esse *site*.

Cabe registrar que outros aspectos poderiam ter sido adicionados às análises que conduzi e que até mesmo outros modos de focalizá-los poderiam ter sido considerados. No entanto, foram as questões que enunciei as responsáveis pelo encaminhamento dado ao estudo, pois, como Meyer e Soares (2005, p. 30) salientaram, “as perguntas desencadeiam buscas que engendram possibilidades de respostas e outras tantas perguntas, num processo que nunca está finalizado ou completo”. Inspirada nesse modo de pensar o papel que as perguntas têm no

âmbito da pesquisa, bem como nas teorizações e empirias em que localizei esta tese, passo a apresentar os caminhos investigativos que percorri para a sua estruturação, ciente da complexa tarefa que envolve a ambição acadêmica de esclarecer e dar visibilidade ao modo como conduzimos nossos estudos.

1.2 CONFIGURANDO CAMINHOS INVESTIGATIVOS: UM ITINERÁRIO DE PESQUISA

Nesta seção, delinheiro alguns caminhos investigativos que me permitiram examinar o *site* do Discovery Kids, especialmente a seção *My Kids*, no período de 2012, 2013 e 2014, salientando mais uma vez que, para estruturar este estudo, me vali de estudos e análises culturais conduzidos por Stuart Hall sobre a centralidade que a cultura tem nos dias atuais, bem como sobre identidade, regulação e representação (1997a; 1997b; 2006). Utilizei, igualmente, estudos realizados por Douglas Kellner (2001) acerca da incorporação das novas tecnologias da informação e comunicação à cultura da mídia; Susan Steinberg (2002), Henry Giroux (2001; 2011) e Susan Linn (2006, 2010), sobre como a infância e o consumo infantil têm sido mobilizados pelas grandes corporações; e, ainda, estudos conduzidos sobre a infância contemporânea por Maria Isabel Bujes (2005; 2008; 2010), Leni Dornelles (2005; 2012), Mariano Narodowski (1998; 2013) e Mariangela Momo e Marisa Vorraber Costa (2010). Foram muito úteis também as discussões conduzidas por Henry Jenkins (2009) para indicar que as ações empreendidas na seção *My Kids* estão integradas ao que denominei *Complexo Kids* e são, entre outras coisas, representativas das lógicas de convergência. Tais lógicas incluem e agregam em seu significado o fluxo de conteúdos por meio de vários suportes midiáticos, a cooperação entre as múltiplas indústrias midiáticas, a busca de novas estruturas de financiamento de mídias e o comportamento migratório das audiências, que vão a quase qualquer lugar em busca das experiências de entretenimento que desejam, conforme indica esse autor (Ibidem).

Alinho-me, ainda, a estudos conduzidos sobre mídia por Marisa Vorraber Costa (2005; 2008;2009) e a pesquisas que focalizam as produções do Discovery Kids, tais como as conduzidas por Maria Lúcia Wortmann; Daniela Ripoll e Laís Possamai (2012a; 2012b).

Além dos estudos acima elencados, realizei uma variedade de “buscas”, principalmente no portal da Capes¹⁹, no Google Acadêmico e no banco de teses e dissertações da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)²⁰. Os termos que orientaram minhas primeiras buscas foram, por exemplo, “Discovery Kids”, “sites infantis”, “infância e Internet”. Tal variedade de “buscas” deve-se ao fato de que o *site* do *Discovery Kids* e especialmente a seção *My Kids* podem ser vislumbrados como um espaço pedagógico voltado para educar mães e pais (e especialmente as primeiras) onde são postulados modos particulares de representar as crianças que vivem nos dias atuais e como um “apêndice” de um complexo midiático que integra uma grande corporação internacional. Destaco o quanto foi produtivo problematizar essa instância nesta tese e vê-la como uma pedagogia cultural a partir da qual são acionadas numerosas estratégias para mobilizar, concomitantemente, um volume cada vez maior de usuários.

Começarei apresentando alguns fragmentos de dissertações que tomaram as produções do canal televisivo *Discovery Kids* como objeto de estudo. Em seguida, apresentarei extratos de trabalhos sobre análises de *sites* infantis e, depois, indicarei brevemente teses e dissertações que destacam dimensões pedagógicas operadas pela mídia e que se aproximam das que estou apontando serem acionadas nas postagens da seção *My Kids*. Saliento que me deterei apenas em apontar os estudos que, de alguma forma, se constituíram em subsídios para a consolidação da pesquisa que desenvolvi. Nesse sentido, cabe dizer, a partir de Wortmann (2002), que as análises conduzidas nos Estudos Culturais se

¹⁹ O Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) está disponível em: < <http://www.capes.gov.br/servicos/banco-de-teses>> Acesso em: 5 out. 2013.

²⁰ As autoras Wortmann, Costa e Silveira (2015) realizaram um importante estudo sobre a emergência do Estudos Culturais no âmbito acadêmico e destacaram também as produções acadêmicas desenvolvidas junto ao curso de Mestrado da ULBRA e no Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Federal da Paraíba.

constituem em “formas interessadas em lidar com as práticas e produtos da cultura; delas resultam ‘novas’ histórias que não se localizam em nenhum dos campos buscados no decurso das análises” (p. 77).

O primeiro trabalho encontrado foi a dissertação de mestrado intitulada *Os Limites entre o imaginário e o geográfico: estudo de caso sobre os fatores intervenientes nos processos de geração e distribuição de produtos televisivos para o público infantil*, apresentada por Ache (2005) à Faculdade Cásper Líbero, no âmbito do programa de Pós-Graduação em Comunicação Social. A abordagem de Ache (2005) está situada em perspectivas teóricas diferentes das que estou considerando neste estudo, pois foi desenvolvida na linha de pesquisa Comunicação e Mercado. Mesmo que alguns dos achados dessa dissertação me tenham sido úteis, a pesquisa em questão não levou em conta a produtividade do *site* e procurou, entre outras coisas, identificar os diferentes processos de produção e distribuição de produtos televisivos destinados ao público infantil, em especial aqueles oriundos do canal televisivo *Discovery Kids*. Apresento, a seguir, algumas das intenções da pesquisa focalizada pelo autor (Ibidem), entre as quais se incluem:

[realizar] análises sobre a evolução da televisão, aberta e por assinatura, verificados os aspectos relacionados à produção global x local, a relação do meio televisivo com a criança, bem como questões que dizem respeito ao imaginário infantil e à construção da grade de programação de emissora de televisão orientada para esse público (Ache, 2005, p.6).

O estudo investigou, a partir da programação do canal *Discovery Kids*, temas relacionados ao âmbito do emissor, identificando os fatores que direta ou indiretamente interferem no processo de decisão sobre o que deve ou não ser colocado à disposição do público infantil.

Em direção semelhante, encontrei um segundo trabalho, também desenvolvido no âmbito de um curso de mestrado, cujo título é *A Produção Televisiva Infantil - Discovery Kids Brasil - Programa Lazy town*, um estudo de caso, defendido por Gardin (2007) e realizado no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista (UNIP). Tal pesquisa, de um modo geral,

parece estar filiada a concepções teóricas e investigativas bem diferentes das adotadas para a condução desta tese, pois nela são tecidos elogiosos comentários à série estudada, destacando-se, inclusive, os “bons hábitos”, principalmente os de saúde, que seriam ensinados por meio das aventuras vividas pelo atlético e ágil herói Sportacus, que protagoniza a série *Lazytown*²¹. Transcrevo parte do que o autor (Gardin, 2007) apresenta em seu resumo:

Esta pesquisa, como um estudo de caso, aborda o equilíbrio na **construção de uma estrutura pedagógica adequada e** agregada à necessária experiência dos profissionais de televisão, ambos encontrados no programa infantil *Lazy Town*, apresentado diariamente pela emissora Discovery Kids Brasil. Um fenômeno de sucesso mundial, a **série estimula hábitos de vida saudáveis para as crianças, através das aventuras de um herói atlético** que é sempre **perseguido por um vilão preguiçoso e comilão**. Também analisa a forma de produção do programa que emprega modernos recursos tecnológicos e **percebe a abrangência de seu papel educativo nas crianças** (p. 5) [grifos meus].

Já a terceira dissertação localizada intitula-se *Descobrendo um Mundo Infantil: uma análise do canal Discovery Kids Brasil*, defendida por Soares (2012) na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas), no Programa de Pós-Graduação em Psicologia, mais especificamente na linha de pesquisa Processos de Subjetivação. O foco do estudo foi a mídia televisiva na sociedade atual e sua relação com a infância e o consumo, a partir do exame da série *Peixonauta* e de algumas propagandas exibidas nos intervalos comerciais do canal televisivo *Discovery Kids*. A perspectiva teórica adotada envolve a noção de processos de subjetivação; nas palavras da autora (Soares, 2012), as reflexões

²¹ *Lazy Town* ou *Vila Moleza* (título em Portugal) é um programa de televisão com temática motivacional. Originário da Islândia, tem como uma de suas principais ambições estimular crianças, mães e pais a aderirem a hábitos saudáveis. Foi criado em 2004 por Magnús Scheving, campeão europeu de aeróbica e executivo da *Lazy Town Entertainment*, que também estrela a série como o herói Sportacus, caracterizado por não comer doces artificiais (normalmente aparece comendo frutas). Seu elenco conta com outros personagens, entre os quais, destaco Stephanie, a personagem que inspira as crianças da Vila. Ela tem 13 anos de idade e tem cabelo rosa, a mesma cor de todas as suas roupas e acessórios. Ela adora cantar, e sua grande paixão é dançar balé. Robbie Reles é o antagonista preguiçoso e adora a inércia; ele está sempre tentando fazer armadilhas para que as crianças comam alimentos não saudáveis, desencadeando confusões em *LazyTown*. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/LazyTown#Personagens>>. Acesso em: 8 out.2015.

foram feitas de acordo com o estudo de caso do canal Discovery Kids Brasil que compreendeu uma análise mais detalhada da sua programação: propagandas, vinhetas, vinhetas vinculadas a propagandas e um episódio do desenho Peixonauta. As gravações da programação foram feitas um domingo por mês no período de quatro meses. Tais resultados apontaram para múltiplas e complexas questões relacionadas às formas pelas quais se produzem agenciamentos e cultura das mídias na sociedade capitalista (Banco de Teses PUC-Minas Gerais, 2013).²²

Além dessas dissertações, localizei alguns artigos que focalizavam algumas das séries exibidas no Discovery Kids, entre os quais, está o que se intitula *O cientista na animação televisiva: discurso, poder e representações sociais*, produzido por Siqueira (2006), que estuda as representações do profissional da ciência exibidas na animação *O laboratório de Dexter*, veiculada pelo *Discovery Kids* na época do desenvolvimento do estudo. O artigo pretendeu suscitar reflexões sobre como é apresentada a figura do cientista em programas televisivos voltados para o público infantil. Siqueira (2006) registra que, apesar da utilização de uma linguagem mais coloquial, a figura de cientista, fartamente explorada nessa série televisiva, continua associada a estereótipos bem semelhantes aos que são veiculados na ficção científica voltada para os adultos.

Localizei também outros artigos que examinavam a animação intitulada *Peixonauta*, desenvolvidos por pesquisadoras do campo dos Estudos Culturais em Educação. Um deles intitula-se *Educação ambiental corporativa para crianças: analisando a animação Peixonauta do Discovery Kids*, desenvolvido por Wortmann, Ripoll e Possamai (2012b) e disponibilizado no portal de periódicos da *Revista Perspectiva*, da Universidade Federal de Santa Catarina. O referido trabalho focaliza a série televisiva *Peixonauta*, exibida nesse canal por assinatura e destaca como algumas problemáticas ambientais são apresentadas às crianças, além disso, discute como são delineadas, nessa série, algumas identidades preservacionistas. O trabalho foi produzido na intersecção entre Educação, Educação Ambiental, Estudos Culturais e Estudos de Mídia. As análises foram

²²Disponível em:

<http://www.sistemas.pucminas.br/BDP/SilverStream/Pages/pg_ConstItem.html>
Acesso em: 8 jul. 2013.

desenvolvidas a partir de um *corpus* composto por 30 episódios, que, segundo as autoras, evidenciam quatro principais temáticas ambientais: a) reciclagem de materiais; b) introdução de espécies exóticas; c) poluição; d) mudanças climáticas e problemas associados. O artigo argumenta que o canal televisivo se vale de temas “verdes” em sua programação²³, assumindo um discurso ecológico bastante destacado e recorrente em outras mídias.

Outro artigo, publicado por Wortmann e Ripoll (2012a), focaliza outra série veiculada pelo Discovery Kids – *Sid, O Cientista*. As autoras examinaram 20 episódios para problematizar o modo como a Ciência tem sido “didatizada” para as crianças pequenas e salientam que a série destaca a importância da Ciência, ligando-a ao entretenimento e à diversão. As autoras (Ibidem) também focalizam representações de escola e de professora produzidas e colocadas em circulação na animação citada. Wortmann e Ripoll (2012a) chamam atenção para a necessidade de se atentar para como tais programas, definidos como “educativos”, ensinam para além daquilo que é anunciado por seus produtores.

Antes de dar prosseguimento à incursão que estou fazendo em pesquisas cujo tema ou abordagem teórica se aproxima do que focalizo nesta tese, ressalto que localizei um número relativamente pequeno de trabalhos direcionados às produções do *Discovery Kids*. No entanto, os estudos que encontrei permitiram-me adentrar um pouco mais nas produções do *Discovery Kids* e auxiliaram-me a explorar meu material de análise. Ao dar continuidade às buscas nos portais indicados, também encontrei estudos desenvolvidos sobre ou a partir de

²³ Apresento alguns outros artigos que, de algum modo, referenciam a marca *Discovery Kids*, mas que foram desenvolvidos em diferentes perspectivas teóricas. A série infantil *Peixonauta*, exibida pelo *Discovery Kids*, foi também discutida por Morais, Gariglio e Aguiar (2011) no artigo *A Linguagem Audiovisual nos Desenhos Animados Infantis: O caso do Peixonauta*. Esses autores propõem-se, entre outras coisas, a estudar a importância e a influência da linguagem audiovisual na educação das crianças que estão no início do processo de alfabetização, para compreender o que elas supostamente apreenderiam das informações veiculadas pela série televisiva *Peixonauta*. Disponível em: Cadernos do CNLF, Vol. XV, Nº 5, t. 1. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011 p. 140. Cabe referir que, de um modo geral, os autores não teceram maiores críticas às produções midiáticas analisadas; inclusive, em alguns momentos, destacaram como sendo essas produções bem positivas para a educação ambiental das crianças.

diferentes *sites* infantis, que me pareceram visibilizar importantes formas de socialização bem próprias da cultura contemporânea.

A dissertação de Freire (2012), intitulada *Meus favoritos: crianças, sites e metodologias de pesquisa*, apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, teve por objetivo investigar a relação das crianças com a Internet e, mais especificamente, com alguns *sites* infantis. A pesquisa investigou como um grupo de crianças, que acessava diariamente *sites* da Internet, neles buscava jogos, estando entre esses, com bastante frequência os do *site Club Penguin*. A autora ainda indicou a importância desses jogos como artefatos constituintes dos modos de ser criança nos dias atuais e como, muitas vezes, tais acessos se dão burlando o controle familiar.

A criança na cibercultura: brincar, consumir e cuidar do corpo é uma dissertação defendida por Menezes (2014) na Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, cujo foco são as crianças do início do século XXI, especialmente aquelas que nasceram no período de emergência das tecnologias digitais. A pesquisa caracterizou-se pela abordagem qualitativa de cunho descritivo e suscitou, entre outras coisas, a compreensão de que as identidades infantis têm sido forjadas em um cenário mediado pelas tecnologias digitais e outras mídias, em meio ao consumo, ao espetáculo e às visibilidades, dentre outras dimensões apontadas por Menezes (2014). Entre os “achados” da pesquisa, destacam-se os que indicam que, atualmente, são inaugurados diferentes modos de viver a infância, nos quais as crianças seriam também produtoras de culturas e imersas na sociedade globalizada e midiaticizada do começo do século XXI.

Estudo desenvolvido por Prestes (2014) em sua tese de doutorado, realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, tendo como título *Enredadas na rede: jogos para crianças (re) produzindo relações desiguais de gênero*, também deu atenção ao uso da Internet pelas crianças e às pedagogias processadas nesse espaço. O estudo investigou

conteúdos veiculados em *sites* de jogos autodeclarados como voltados ao público infantil, especialmente às meninas. A partir de um levantamento inicial dos *sites* preferidos por um grupo de crianças, Prestes (Ibidem) realizou a análise dos conteúdos neles contidos. As reflexões de Prestes (2014) foram ancoradas nos estudos de gênero e sexualidade, sendo evidenciado em sua pesquisa, entre outras coisas, o quanto certos jogos se constituem como pedagogias de gênero e sexualidade, estando permeados por aparatos discursivos que atuam no governo e na erotização dos corpos infantis, em particular, das meninas.

O estudo desenvolvido por Kelbert e Saraiva (2014), intitulado *Club Penguin e Mundo do Sítio como Lugares de Aprendizagem*, também se constituiu como uma importante referência para este estudo, pois ambos os *sites* investigados pelas autoras se definem como entretenimentos educativos infantis. Em seu estudo, Kelbert e Saraiva (2014) mostram como esses dois *sites* infantis se utilizam da noção de pedagógico como estratégia de marketing; as autoras conduzem a uma discussão sobre a sociedade de aprendizagem e a aprendizagem ao longo da vida, vinculando-as à noção de governamentalidade neoliberal. As análises feitas pelas autoras indicaram que o *Club Penguin* utiliza, direciona e restringe o apelo educativo, especialmente a mães e pais, enquanto o *Mundo do Sítio* apresenta seus princípios educativos de modo explícito a todos os usuários desse *site*. Segundo elas (Ibidem), a ênfase nos aspectos pedagógicos, em menor ou maior intensidade, de acordo com resultados ainda preliminares produzidos a partir de grupos focais realizados com usuários, sinaliza diferentes modos de articular entretenimento e educação em *sites* infantis.

As teses desenvolvidas por Bortolazzo (2015), Marín-Díaz (2012), Gerzson (2007) e Santos (2009) também apontam para as dimensões pedagógicas de diferentes artefatos culturais e afirmam haver nos dias atuais um número infinito de práticas orientadas à condução dos indivíduos, disseminadas em múltiplas versões e formatos, tais como: conselhos em jornais; revistas especializadas; páginas da Internet etc. Tal como sucede nessas pesquisas (Ibidem), saliento que a seção *My Kids* é um espaço que denota o interesse do *Complexo Kids* em

fortalecer-se como uma fonte de referência para os pais e mães interessados na busca de orientações sobre a educação e o alcance de sucesso para seus filhos.

Aponto também que nenhum dos estudos encontrados em minhas buscas iniciais na Internet se dedicou a examinar o *site* do *Complexo Kids*, nem alguma de suas seções. Na próxima seção, focalizo possibilidades analíticas dos Estudos Culturais em Educação, pensadas a partir deste exercício de conduzir um estudo da seção *My Kids*.

1.3 PESQUISAR NAS FRONTEIRAS: OS ESTUDOS CULTURAIS EM EDUCAÇÃO

Estudos Culturais em Educação: Pesquisar nas fronteiras significa suspender todas as certezas, abdicar das rotas seguras e perder-se em **regiões pantanosas, na expectativa de que tudo isso seja bom para pensar, para fecundar ideias e projetos, para propor um debate intelectual que traga para o centro da arena o caráter instável, arbitrário**, inapelavelmente histórico de qualquer conhecimento. O que interessa é **perguntar por possibilidades** - ainda que de um modo incompleto, limitado, imperfeito - e **não reafirmar certezas** (Costa e Bujes, 2005, p.7) [grifos meus].

Afastando-me do pretensioso desejo de buscar “certezas definitivas”, acolho a consideração feita por Costa e Bujes (2005), da qual me vali para iniciar esta seção, em que conduzo algumas discussões sobre conceitos vinculados à operacionalização desta tese, e para registrar alguns dos modos de focalizar a pesquisa sob a inspiração dos Estudos Culturais em Educação em suas vertentes pós-estruturalistas. Entre os conceitos que aqui focalizarei, estão os de pedagogias culturais e representação, pensados a partir da condição de pós-modernidade atribuída às sociedades ocidentais e caracterizada por Lyotard (1989, p.11) como “um estado da cultura após as transformações que afetaram as regras do jogo da ciência, da literatura e das artes”. Como o mesmo autor (Ibidem) salientou, a pós-modernidade pode também ser vista como sendo um estado de incredulidade em relação às metanarrativas constituídas na modernidade.

É importante ressaltar que a modernidade é entendida neste estudo não só como uma época histórica, mas também como um modo de viver e de pensar orientado pela busca da ordem e pelo controle das ambivalências, tal como foi discutido por Bauman (1999a). Conforme destacou esse autor (Ibidem), a busca da ordem poderia ser apontada como um dos propósitos definidores, dentre a multiplicidade de tarefas impossíveis, que a modernidade se atribuiu. A ordem, destaca Bauman (Ibidem), em contrapartida ao caos, foi concebida em meio à ruptura e ao colapso do mundo (ocidental medieval), ordenado até então de modo divino. Como salientou o autor (Ibidem): “podemos pensar a modernidade como um tempo em que se reflete a ordem – a ordem do mundo, do hábitat humano, do eu humano e da conexão entre esses” (p.12).

Para esse autor (Ibidem), a ordenação idealizada na modernidade configura o mundo como um lugar em que “a gente sabe como ir adiante”, um mundo no qual “com toda certeza” se sabe de que modo prosseguir e no qual é possível calcular a probabilidade de certos eventos, controlar certos acontecimentos de forma que podemos nos basear em sucessos passados como guias para o futuro. Bauman (Ibidem) indicou também que classificar, separar, segregar significa postular que o mundo consiste em entidades que possam ser compartimentadas, evocar padrões únicos de referência, o que, em outras palavras, “é dar ao mundo uma *estrutura*: manipular suas probabilidades, tornar alguns eventos mais prováveis que outros, comportar-se como se os eventos não fossem casuais ou limitar ou eliminar sua casualidade” (p.9).

Para Silva (1995), o deslocamento principal efetuado pelas visões pós-modernas e pós-estruturalistas correspondeu a uma mudança “do paradigma da consciência para o paradigma da linguagem” (p.249). Nessas perspectivas, então, o sujeito passa a ser visto como uma construção social e histórica, ou seja, como constituído pelos discursos postos em circulação nas muitas instâncias culturais. Mas o autor (Ibidem) também salienta que, na perspectiva moderna, “o sujeito é considerado como uma essência que preexiste à sua constituição na linguagem e no social”; isto é, ele é visto como dotado de autonomia e independência (p.248). Já as visões pós-modernas e pós-estruturalistas referem-se ao sujeito como

constituído por identidades que permanecem sempre incompletas, sempre “em processo” de formação, sendo, então, essas identidades frágeis e provisórias. A partir de Hall (2006), podemos pensar que as identidades são fragmentadas e que os sujeitos são compostos por várias identidades, algumas vezes contraditórias.

A esse respeito, o autor (Ibidem) afirmou que:

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, **somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis**, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – **ao menos temporariamente** (p.13) [grifos meus].

Ou seja, as identidades seriam suscetíveis à mudança, na medida em que os diferentes discursos que circulam na cultura atuam constantemente nas lutas processadas em direção à imposição de significados.

Em relação aos Estudos Culturais, Wortmann (2005) diz que ocupam espaços não estriados (não compartimentados) por “fluxos cercados”; ou seja, tais estudos não se ateriam a limites disciplinares tantas vezes enfatizados nas histórias que narram o “surgimento” e o “estabelecimento” dos diferentes campos de saber na Modernidade. Ainda segundo a autora (Ibidem), os Estudos Culturais costumam atuar em “zonas fronteiriças”, valendo-se de procedimentos e de metodologias que nem sempre lhe são próprios ou particulares, mas dos quais seus praticantes se aproximam em função de seus interesses de pesquisa.

Inspirada nas considerações dos autores que venho citando, é possível indicar que os praticantes de Estudos Culturais não se ocupam em buscar certezas ou situar suas análises em campos disciplinares específicos; ao contrário, eles admitem a transitoriedade dos saberes e a coexistência de uma multiplicidade de verdades. Como já destaquei, em tal perspectiva, coloca-se sob suspeita a existência de “uma realidade”, bem como de uma verdade que se estenda a (e possa embasar) todos os saberes e compreensões acerca do mundo. Como indicou Veiga-Neto (1996), não caberia falar mais sobre uma realidade,

mas sobre múltiplas configurações construídas por nós através da linguagem²⁴, às quais denominamos de realidade.

Nas palavras do autor (Veiga-Neto, 1996):

[...] não existe acesso à realidade do mundo, simplesmente porque não existe uma realidade do mundo, mas sim múltiplas configurações por nós construídas, às quais chamamos realidade do mundo e às quais damos sentidos muito variados. Então, talvez seja mais correto dizer que, para o pós-estruturalismo, não entra em jogo se existe mesmo isso que chamamos de [a] realidade do mundo (p.168).

Se, por um lado, as pesquisas conduzidas na perspectiva analítica dos Estudos Culturais são bastante heterogêneas, por outro, partilham o compromisso de examinar diferentes práticas culturais a partir de seu envolvimento com as relações de poder. Conforme Nelson, Treichler e Grossberg (1995) já enfatizaram, os enfoques analíticos conduzidos nos Estudos Culturais, apesar de muito diversificados, possibilitam-nos confluir para o exame das “práticas culturais do ponto de vista de seu envolvimento com, e no interior das relações poder” (p.11). Cabe indicar que tento aproximar-me do entendimento de poder tal como foi enunciado pelo francês Michel Foucault, de quem me acerco por meio dos estudos de Veiga-Neto. Nessa acepção, admite-se que o poder manifesta-se em todas as relações, estando presente em todas as tramas sociais da vida cotidiana, nas quais “não há exterioridades”, conforme indica Veiga-Neto (1995) ao afirmar que:

[...] o poder se manifesta em todas as relações, como uma ação sobre outras ações possíveis, as resistências têm de se dar dentro da própria trama social e não a partir de um lugar externo (p. 32).

²⁴ Veiga-Neto (2003) indica que a modificação sobre o entendimento “tradicional da linguagem assumindo a impossibilidade de fundamentá-la de forma lógica e ontologicamente fora dela mesma” é um dos efeitos da chamada “virada linguística”, que começou a ser empreendida nas primeiras décadas do século XX, especialmente pelo filósofo Ludwig Wittgenstein (p.12). A chamada “virada cultural” também costuma ser associada à “virada linguística”, conforme discute Hall (1997a).

Compreender o poder dessa forma implica admitir que ele não é “oriundo” de uma “organização central”, nem se concentra em alguém ou em uma determinada estrutura, mas se produz nas múltiplas relações em curso nos processos sociais. Admite-se, assim, haver múltiplas formas de dominação exercidas nas sociedades em todas as direções e sentidos, gestando-se o poder em todas as práticas relacionais. Como apontou Veiga-Neto (1995) a partir dos estudos de Michel Foucault, a vontade de poder se produz no jogo das práticas concretas que circulam em todas as esferas da cultura e buscam legitimar verdades. Hall (1997a) salienta que estamos inscritos nas relações de poder e que não nos deveríamos “surprender, então, que as lutas pelo poder deixem de ter uma forma simplesmente física e compulsiva para serem cada vez mais simbólicas e discursivas, e que o poder em si assuma, progressivamente, a feição de uma política cultural” (p. 20).

Os praticantes dos Estudos Culturais, ao salientarem a importância das relações de poder nos processos de atribuição de significações e nas representações culturais, indicam que a cultura é um local de permanente tensão e conflitos, conforme também foi destacado por Veiga-Neto (2000a, p.40):

[...] a cultura está imbricada indissoluvelmente com as **relações de poder**, derivam dessas relações de poder a significação do que é relevante culturalmente para cada grupo. Isto significa, então, uma desnaturalização da cultura, isso é, **significa que para os Estudos Culturais não há sentido dizer que a espécie humana é uma espécie cultural sem dizer que a cultura e o próprio processo de significá-la é um artefato social submetido a permanentes tensões e conflitos** [grifos meus].

Assim, análises conduzidas sob a inspiração dos Estudos Culturais atribuem *centralidade* à *cultura* e destacam o seu papel constitutivo exercido em todos os aspectos da vida social. Aliás, Hall (1997a) considera que a expressão “centralidade da cultura” serviria para indicar a forma como a cultura penetra em cada recanto da vida social contemporânea, por meio de revistas, jornais, esportes, televisão e, mais recentemente, da Internet, conforme estou me propondo destacar nesta pesquisa. Além disso, os Estudos Culturais abandonam

a divisão entre o que se convencionou chamar de “alta e baixa cultura”, considerando a importância de serem analisados todos os tipos de produções culturais. Ao conferirem *centralidade à cultura*, esses estudos assumem que todas as práticas sociais são também práticas culturais, ampliando, dessa forma, os modos de olhar para a cultura e de defini-la.

Hall, ao chamar atenção para a *centralidade da cultura*, afirma:

Os seres humanos são seres interpretativos, instituidores de sentido. A ação social é significativa tanto para aqueles que a praticam quanto para aqueles que observam: não em si mesmas, mas em razão dos muitos e **variados sistemas de significados que os seres humanos utilizam para definir o que significam as coisas e para codificar, organizar e regular sua conduta em relação aos outros**. Estes sistemas, códigos de significados, dão sentidos às nossas ações. Eles nos permitem interpretar as ações alheias. Tomados em seu conjunto, constituem nossas culturas. **Contribuem para assegurar que toda ação social é ‘cultural’, que todas as práticas sociais expressam ou comunicam um significado e, neste sentido, são práticas de significação** (Hall, 1997a, p. 16) [grifos meus].

Para Woodward (2000, p.17), é por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. Podemos, inclusive, sugerir que os sistemas simbólicos construídos nos processos sociais tornam possível aquilo que somos e aquilo que podemos nos tornar. Portanto, a realização de análises que questionem categorias consideradas “naturais” – tais como mulher, heterossexualidade, homem e, no caso do estudo aqui empreendido, modos específicos de ser “criança” – a partir de recorrentes representações e discursos disseminados por diferentes sistemas culturais, como, por exemplo, a televisão e a Internet (acrescento), ganha importância nos Estudos Culturais. Além disso, as análises culturais conduzidas a partir desse campo também atentam para as dimensões históricas relativas às produções culturais examinadas.

Conforme propõe Hall (1997b) ao introduzir a noção de representação cultural, a produção de significados não está associada a um significado específico ou mais verdadeiro, pois somos nós, na sociedade, nas culturas

humanas, que fazemos as coisas terem significados. Como diz o autor: “a representação é o processo pelo qual os membros de uma cultura utilizam a linguagem para produzirem significados” (p. 61). Como apontou Silva (2000a), a representação “expressa-se por meio de uma pintura, de uma fotografia, de um filme, de um texto, de uma expressão oral”, ou seja, expressa-se por diferentes linguagens, correspondendo, então, como ressalta o mesmo autor, a “um sistema linguístico e cultural: arbitrário, indeterminado e estreitamente ligado a relações de poder” (p.90-91). Isto é, “o significado surge não das coisas em si”, mas é resultante de um caráter discursivo; logo, “uma pedra é apenas uma pedra num determinado esquema discursivo ou classificatório” (Hall, 1997a, p. 29). Então, ainda que a existência material dessa pedra não possa ser negada, é possível dizer que “seu significado é resultante não de sua essência natural, mas de seu caráter discursivo” (Ibidem). Para Hall (1997a), os discursos referem-se “tanto à produção de conhecimento através da linguagem e da representação, quanto ao modo como o conhecimento é institucionalizado, modelando práticas sociais e pondo novas práticas em funcionamento” (p.29).

Assim, entendo serem as representações culturais instituídas em controversos processos de significação. Compreendo, ainda a partir de Hall (1997 a b), que os significados não se colam indelevelmente às representações. Como indicaram Costa, Silveira e Sommer (2003), um noticiário de televisão, as imagens, os gráficos de livro didático, os jornais ou as músicas de um grupo de *rock*, por exemplo, não são apenas manifestações culturais – são práticas de representação, pois inventam sentidos que circulam e operam em diferentes arenas culturais onde o significado é negociado e hierarquias são estabelecidas.

A realização de análises que questionam categorias consideradas “naturais” em função do destaque que lhes foi atribuído a partir de recorrentes representações e discursos, ganha, então, importância nas análises culturais. Ao assumirem-se tais compreensões, passa-se também a admitir que é nas redes de significados constituídos pela linguagem que a realidade – ou talvez seja melhor referir aquilo que convenciamos chamar de realidade – é produzida. Ainda é oportuno salientar que o que chamamos de realidade, nas perspectivas pós-

modernas e pós-estruturalistas, pode ser entendido como uma representação. É importante atentar que essa representação não é vista por Hall (1997b) como correspondendo a uma visão mimética de uma pretensa realidade, que seja passível de comparação com um modelo ou um suposto padrão. Ao analisar as representações postadas na *My Kids*, lidei com a representação a partir de uma perspectiva construcionista (Hall, 1997b). Considerei que a representação tem efeitos constitutivos sobre os sujeitos e sobre suas visões de mundo, que as representações podem construir posições para sujeitos e que estes passam, muitas vezes, a assumir tais posições ou a tomá-las como referência. Para discutir as representações de criança acionadas na seção *My Kids* do *site* oficial do *Complexo Kids*, atentarei para as pedagogias que entendi estarem sendo proferidas nesse espaço destinado às crianças e às famílias.

1.4 CONSIDERAÇÕES SOBRE PEDAGOGIAS CULTURAIS (E OUTRAS MAIS)

A compreensão de que diferentes artefatos da cultura são produtivos na formação dos sujeitos encontrou nos Estudos Culturais e nas discussões e análises sobre *pedagogias culturais* fundamentação teórica e empírica pertinente. Com isso, novas e instigantes discussões sobre esta **hibridação entre Educação e Comunicação começaram a ser produzidas, uma vez que os artefatos da cultura contemporânea provavelmente mais implicados na formação de sujeitos são midiáticos**, como textos televisivos, jornalísticos, radiofônicos, publicitários, fotográficos, filmicos, assim como aqueles das assim chamadas **novas mídias, conectadas a *world web wide*** (Costa e Andrade, 2013, p.2) [grifos meus].

Muitas são as formas sob as quais podemos vislumbrar as operações pedagógicas processadas na cultura contemporânea. No entanto, problematizar a mídia – incluindo aqui as suas diferentes formas de veiculação – como fornecedora de modelos e de representações, bem como atentar para os seus efeitos produtivos em diferentes direções, possibilita vê-la operando como uma *pedagogia cultural*, conforme registro a partir desse excerto inicial. Aliás, esse interesse pelo pedagógico caracteriza uma perspectiva analítica assumida em muitos estudos que têm buscado articular a Educação aos Estudos Culturais.

Jenkins (2009) emprega o termo “mídia” como sinônimo dos diversificados meios de comunicação presentes na contemporaneidade – entre esses, estaria a Internet. Como Kellner (2001) destacou, vimos sendo submetidos a um fluxo sem precedentes de imagens e sons, e novos modos de entretenimento, de informação e de espetáculo são constantemente veiculados pela mídia e passam a urdir o tecido da vida cotidiana. Tal como também considerou esse autor (Ibidem), o rádio a televisão, o cinema e muitos outros produtos da indústria cultural fornecem modelos para nos constituirmos, tanto como homens e mulheres, quanto como bem-sucedidos ou fracassados e, ainda, como poderosos ou impotentes, só para enunciar alguns dos exemplos por ele citados. Ainda pensando nessa “invasão” midiática, cabe pensar nos efeitos que ela vem promovendo – alterando as compreensões e os rituais praticados pelos sujeitos – ao ponto de, em muitas situações, a vida ter-se tornado um espetáculo que não se furta a mostrar “quem tem poder e quem não tem, quem pode exercer força e violência, e quem não pode”, tal como afirmou Kellner (2001, p.10) ao valer-se de uma noção de poder mais aproximada das teorizações críticas.

É destacado por Wortmann, Costa e Silveira (2015.p.36), que um dos “conceitos-chave para a articulação entre Estudos Culturais e Educação tem sido o de *pedagogias culturais*”, amplamente empregado para analisar uma multiplicidade de processos educativos operados na contemporaneidade que extrapolam os limites de lugares como, por exemplo, as universidades, a escola, a família, a igreja, entre outros tradicionalmente vinculados ao exercício de educar (Ibidem). Silva (2000c, p. 89) destacou ser uma *pedagogia cultural* qualquer instituição que, “tal como a escola, esteja envolvido – em conexão com relações de poder – no processo de transmissão de atitudes e valores”. Tais estudos, apontava Wortmann (2002), têm colaborado para que se proceda ao exame de diversas práticas culturais, e não apenas das formas culturalmente mais “privilegiadas”. Além disso, a autora (Ibidem) enfatiza que os Estudos Culturais são especialmente produtivos por indicarem outros modos de tensionar o pedagógico ao nos autorizarem a colocá-lo em articulação com muitas outras instâncias e produções da cultura.

Invoco Steinberg (2002), em seu estudo sobre a construção da infância pelas grandes corporações, para lembrar como e em que situações a expressão “pedagogia cultural” passou a ser utilizada para explicar os efeitos constitutivos da mídia sobre os sujeitos. A autora (Ibidem) utiliza a expressão “pedagogia cultural” para marcar que se processam aprendizagens em uma variedade de locais sociais, como, por exemplo, as bibliotecas, os cinemas, as revistas, os jornais, ou seja, em diversas instâncias culturais, “incluindo a escola, mas não se limitando a ela” (p.101-102). Como a autora (Ibidem) aponta, apesar de o objetivo primeiro dessas instâncias não ser, necessariamente, “ensinar”, elas têm atuado de forma tão importante, relativamente às aprendizagens adquiridas pelas crianças, quanto os processos de escolarização formal.

Nesse sentido, cabe lembrar também Giroux (2003) quando afirma que os influentes pedagogos de nosso tempo não são apenas os professores da esfera escolar, mas também os agentes culturais que intermedeiam a cultura, como os cinemas, os *shoppings*, o rádio e a televisão, a cujos exemplos agrego o acesso à Internet. Wortmann, Costa e Silveira (2015, p.37) destacam que a “pedagogia crítica”, uma das manifestações do viés neomarxista na educação, que tem em Giroux (1994) um de seus expoentes, foi, muitas vezes, “articulada aos Estudos Culturais ao se conceber a pedagogia como prática cultural” (Ibidem). Camozzato e Costa (2013) consideram ser crescente o reconhecimento, no âmbito acadêmico, de que existe uma pluralidade de pedagogias em constante atividade na contemporaneidade. Essas autoras (Ibidem) salientam, a partir dos estudos que vêm desenvolvendo, que, do enfoque no ensino-aprendizagem, marcadamente concentrado no interior de espaços escolares, observa-se um crescente deslocamento para análises e debates que sinalizam o quanto as aprendizagens ocorrem em diversificados espaços e artefatos que circundam, transcendem, mas também atravessam a escola (Ibidem). O modo de vislumbrar as pedagogias operando na contemporaneidade, sob esse enfoque discutido por Camozzato (2012), toma o conceito de pedagogia como histórico, mutável e (re)produzido em meio a contingências espaço-temporais. Aliás, para a autora (Ibidem), esse termo vem adquirindo novas formas e ênfases, tornando-se plural

tanto em sua denominação quanto em seus espaços de atuação. A mesma autora (Ibidem) assim se manifesta:

Pedagogias tão díspares quanto forem as intencionalidades que as movimentem. Os achados da pesquisa mostram que é sobre a vida das pessoas como um todo que a pedagogia procura atuar. Para isso, tem se tornado uma necessidade e uma exigência que a pedagogia se prolifere, tornando possível que haja pedagogias em funcionamento na sociedade, atravessando os espaços e artefatos direcionados à condução das pessoas (p.10).

Costa e Andrade (2013) consideram ser as *pedagogias culturais* uma ferramenta importante para que pesquisadores articulem cultura, educação e comunicação em estudos que objetivam problematizar modos de constituição de sujeitos do tempo presente. Nesta tese, considero muitos dos aspectos apontados por Costa e Andrade (2013) e Camozzato (2012) como característicos dos Estudos Culturais em Educação. Assim, debruço-me sobre as representações de criança que me pareceram estar destacadas na *My Kids*, focalizando algumas estratégias e práticas discursivas colocadas em ação neste *site*, para compreender as facetas pedagógicas privilegiadas nessas postagens vinculadas ao *Complexo Kids*. Como já venho indicando, os artigos postados na *My Kids* configuram-se como uma espécie de *mix* pedagógico com uma variada gama de soluções que incidem tanto na correção de “maus hábitos” quanto na disseminação de conselhos endereçados aos progenitores interessados em capacitar/desenvolver diferentes aspectos do comportamento das crianças para auxiliá-las a lidar com os desafios de um mundo contemporâneo globalizado que requereria sujeitos flexíveis e permanentemente dispostos aprender. Considero estar delineado, nos artigos postados na *My Kids*, um serviço de aconselhamento, pois neles prolifera o delineamento de atitudes e de papéis a serem assumidos pelas mães e pais quando objetivam que seus filhos alcancem sucesso intelectual e social, bem como a felicidade, no futuro. Steinberg e Kincheloe (2001b) chamam a atenção para as produtividades da mídia naquilo que sugerem ser uma construção corporativa da infância, na qual intervêm tanto práticas de consumo quanto formativas processadas em diversos artefatos midiáticos acionados pelas redes

que integram as grandes corporações - entre as quais, estão, por exemplo, a Mattel, a Disney e o McDonald's -, que entretêm, produzem prazer e colonizam desejos.

2 DESEJOS DE CONEXÃO: A CULTURA DA CONVERGÊNCIA DIVERSIFICANDO OS MODOS DE ACESSAR E DE PROPAGAR CONTEÚDOS TELEVISIVOS

Entendo ser necessário empreender alguns comentários acerca do tema cultura da convergência, na medida em que as práticas operadas pelo *Complexo Kids*, especialmente as articuladas ao *site*, seriam uma das muitas formas de conexão estabelecidas com usuários desse *Complexo* sendo essa bem representativas do que Jenkins (2009) aponta ser uma cultura da convergência. Registro que, se por um lado, há um transbordamento dos conteúdos do canal televisivo do *Complexo Kids* para diferentes plataformas midiáticas, por outro, o que lá se encontra propagado (disseminado) é bastante representativo das lógicas de convergência que têm impregnado as ações das grandes indústrias culturais (e, também, de usuários), conforme discorrerei ao longo deste capítulo, inspirada principalmente nas discussões de Jenkins (2009) e Cannito (2010).

Ao acompanhar o *site* vinculado ao *Complexo Kids* para desenvolver esta pesquisa aqui apresentada, observei que nele - e a partir dele - se adapta, se potencializa e se complementa aquilo que está sendo (ou será) exibido na TV, pelo uso de diferentes conteúdos, recursos estéticos (leiaute) e de interatividade. A seção *My Kids*, por exemplo, apesar de ter uma configuração distinta da dos programas televisivos veiculados pelo *Complexo*, mantém com eles uma interface que se concretiza pela alusão ao educativo. Caracterizados pela exibição de programas com duração (pré)definida e pela interrupção da programação para a veiculação de comerciais de seus patrocinadores, os programas televisivos mais tradicionais - que não evocam a participação das audiências - diferem bastante daqueles que na Internet possibilitam a interação com o público a que se endereçam. Na *web*, os usuários podem transpor os limites do tempo e do espaço ao postarem suas opiniões, ao participarem de votações para a escolha da programação, ao percorrerem um itinerário delineado por seus interesses momentâneos. Podem, ainda, ter acesso a diferentes *hiperlinks* ao transitarem

pelos “conteúdos” que constituem, por exemplo, as séries televisivas, podendo centrar sua atenção em cada um dos personagens dessas séries ou envolver-se com os vários jogos a elas associados, mas também acessar musicais, artigos, opiniões de fãs, etc. Além disso, os usuários podem ser surpreendidos por ofertas de produtos que os administradores de *sites* imaginam estar de acordo com o seu “perfil de acesso”.

A reportagem *Redes sociais mudam a forma de ver TV*, disponível no *site* da *Folha de São Paulo*²⁵ e publicada em 22 de abril de 2013, salienta ter ocorrido a proliferação do que refere ser a “segunda tela” (o computador, o celular, o *tablet*...), que se concretiza no hábito de ver televisão e navegar simultaneamente na *web*, considerando ser esse outro modo de socializar o que está sendo exibido na tevê e de expandir e apresentar outras conotações (versões) aos comentários que anteriormente eram socializados no âmbito da sala de estar. Cannito (2010) diz que, no cenário atual, tanto as grandes quanto as pequenas e médias corporações midiáticas estão revendo suas estratégias, pois, antes mesmo de idealizar um simples documentário para a televisão, por exemplo, já se faz necessário realizar uma pesquisa para avaliar a capacidade de propagação dessas produções (dissidências) em outras mídias, como livros, *sites*, *games*, revistas, vestuário, materiais escolares, alimentos, etc. Mesmo que mediante o acionamento constante do controle remoto as audiências possam montar uma espécie de mosaico televisivo, ao migrar de um canal para o outro, o simples toque (ou clique com *mouse*) em outras telas, como as do *tablet*, do *notebook* e do telefone celular com acesso à rede, possibilita uma maior mobilidade, agilidade e a possibilidade “quase infinita”²⁶ de (re)composições de interesses de forma ininterrupta.

²⁵ Disponível: <<http://www1.folha.uol.com.br/tec/2013/04/1265769-redes-sociais-mudam-a-forma-de-ver-tv.shtml>> Acesso em: 22 de abril de 2013.

²⁶ Emprego a expressão “quase” infinita, pois alguns autores, como Fragoso (2001) e Recuero (2014), quando falam sobre o limite de escolhas disponíveis em ambientes *online*, indicam que as interações procedidas por meio de *hiperlinks* também podem, em alguns aspectos, ser consideradas predeterminadas pelos programadores/administradores de *sites*. O usuário interatua com o sistema segundo possibilidades que estão predefinidas, ou seja, há uma interatividade em que ele é visto como autônomo, mas navega por “caminhos escolhidos”. Nesse sentido, as autoras indicam que esse tipo de interação se camufla em um número de

Como Sarlo (2006) indicou, mesmo que a televisão venha se esforçando para adaptar-se às suas audiências, ávidas por imagens aceleradas, inovações e todo tipo de imediatismos característicos deste nosso tempo, precisa associar-se às possibilidades da Internet²⁷. Então, para livrar-se do *zapping*, isto é, da mudança de canal pela audiência frente à duração excessiva de um mesmo plano audiovisual, a televisão tem buscado apropriar-se de dinâmicas e espaços disponibilizados na Internet para manter cativas suas audiências. Neste ponto da discussão, vale ressaltar, a partir de Cannito (2010), que a invenção do controle remoto, além de conferir à audiência o poder do *zapping*, possibilitando a “construção” de sua própria programação, transformou os modos de consumir televisão. Isso porque os próprios programas televisivos passaram a adotar uma estética “zapeada”, com o intuito de evitar a fuga da audiência. Sarlo (2006) chama atenção para como os equipamentos eletrônicos, em geral, nos permitem acreditar que temos a liberdade e a rapidez (necessárias e desejadas) para percorrer o mundo, o mercado, o banco, o *shopping center* e outros lugares com o mínimo de esforço, o máximo de prazer e nenhum custo aparente. Por outro lado, mesmo que a expansão do acesso à Internet por meio de múltiplas plataformas seja um fenômeno crescente, a televisão continua a ser um dos veículos de comunicação e de entretenimento mais difundidos na cultura contemporânea²⁸.

possibilidades combinatórias de respostas, estabelecendo limites na liberdade de escolha do usuário do *site*.

²⁷ Segundo o consultor de inovação do Ibope Media, Thiago Nunes Magalhães, a Internet tem um grande potencial para ser explorado pelos conteúdos televisivos, pois estes lideram os comentários nas mídias sociais, principalmente nos capítulos finais das novelas e em programas de participação popular. Em entrevista no segundo semestre de 2013, o diretor geral do Facebook no Brasil, Leonardo Tristão, divulgou que o Brasil é um dos países que mais acessam o Facebook por dia. Ainda que tais pesquisas tenham sido realizadas em outras perspectivas metodológicas, como, por exemplo, a quantitativa, de alguma forma podem colaborar com a discussão teórica que realizo neste capítulo. Revista da Set - Sociedade Brasileira de Engenharia de Televisão. Nº 141 - Abril/Maio 2014

Disponível em: <http://www.set.org.br/artigos/ed141/ed141_pag72.asp> Acesso em: 20 ago. 2014.

²⁸ No Brasil, a TV está em 97% dos lares, segundo pesquisa do IBGE, perdendo apenas para a quantidade de fogões (eletrodomésticos que ocupam a primeira posição), ladeados pela geladeira, que ocupa o terceiro lugar no referido ranqueamento. Disponível em: Revista da Set - Sociedade Brasileira de Engenharia de Televisão. Nº 141 - Abril/Maio 2014 Disponível em: http://www.set.org.br/artigos/ed141/ed141_pag72.asp Acesso em: 20 ago. 2014.

Ainda que sejam crescentes a tendência à digitalização e a possibilidade de assistir aos conteúdos televisivos em outros aparelhos, que não apenas o televisor, Cannito (2010) salienta que tais transformações midiáticas não apontam necessariamente para o fim da televisão. Ao divergir do que considera serem “mitos apocalípticos” que remetem para o fim das narrativas televisivas, Cannito (Ibidem) acredita que a experiência cultural de ver televisão continuará existindo e que os novos sucessos televisivos serão os programas que dialogam, interagem, complementam e se adaptam aos anseios das audiências e do mercado contemporâneo. Na redação do prefácio de Cannito (2010), Hoineff diz que a utilização de outros meios de comunicação permite relações distintas com o “espectador, que, aliás, não é mais espectador, mas usuário; e que, aliás, não é mais usuário, mas criador” de conteúdos que podem adquirir visibilidades por meio das possibilidades da Internet (p.14). Um exemplo dessa articulação já pode ser observado no site do *Discovery Kids*, na seção *Kids no Comando*, em que os usuários do *site* podem votar - participar da disputa para estabelecer um ranking - para eleger a série preferida para assistir no final de semana na televisão, conforme é possível observar no recorte que apresento (Figura 1).

Figura 1 - Reprodução da seção *Kids no Comando*



Fonte: Site do Complexo Kids - Seção Kids no Comando²⁹

²⁹ Disponível: < <http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/kids-no-comando/?cc=US> > Acesso em: 10 jul. 2013.

E é assim que tanto a tevê quanto os jornais e revistas se encontram, nos dias atuais, articulados a diferentes *sites* da Internet, reinventando modos de ampliar a interação e repercussão dos conteúdos que veiculam junto às suas audiências. Sarlo (2006) diz que “o cenário televisivo é como um paredão no jogo de *squash*: o rebote pode não chegar onde se espera, mas sempre tem rebote” (p.77). Aliás, no decorrer deste capítulo, exemplifico brevemente como os usuários de *sites* infantis parodiam seus conteúdos, assim possibilitando outras formas de repercussão. Hoineff apud Cannito (2010) chamou atenção para como os jovens, nos dias de hoje, ao pretenderem “fugir da televisão”, estão cada vez mais conectados e enredados a muitas outras telas que, apesar de possibilitarem ao novo consumidor midiático experiências sociais diferenciadas, se interligam, de um jeito ou de outro, às produções televisivas.

A esse respeito, cabe exemplificar outros tipos de reverberações televisivas na Internet, tal como a que ocorreu quando da reprise da telenovela *Vale Tudo*, veiculada originalmente em 1988 pela Rede Globo e retransmitida pelo canal televisivo por assinatura *Viva* em 2010 (também vinculado à Rede Globo). Segundo Aquino e Puhl (2011), essa retransmissão destacou-se pela grande repercussão na Internet, especialmente no *Twitter*, junto ao público jovem. Passados 22 anos de sua primeira exibição na Rede Globo, os comentários postados no *Twitter* sobre a reprise indicaram que a *web* potencializou e deu visibilidade aos conteúdos ficcionais televisivos, além de permitir a construção de novos significados para a narrativa já exibida anteriormente. Em busca realizada no *Twitter* por Aquino e Puhl (2011), foram encontrados pelo menos cinquenta e dois perfis relacionados à novela *Vale tudo*: quarenta e cinco de personagens da novela, dois perfis de empresas que serviam de pano de fundo para o desenvolvimento da trama (TCA e Revista *Tomorrow*) e cinco perfis que falavam sobre a novela de maneira geral. Os três perfis com o maior número de seguidores eram @FatimaMalvada; @RoitmanHelena e @SolangeDuprat.

Ao citar alguns dos perfis relacionados à novela, tentei exemplificar como se dá o fenômeno da circulação das produções televisivas no âmbito da Internet. Ao discorrer sobre algumas relações entre televisão e Internet para melhor

compreensão dos atravessamentos de meus problemas de pesquisa, não pretendo, assim como Cannito (2010, p.17), realizar investimentos para descobrir “quem vencerá a batalha das mídias”, mas investir na tentativa de compreender como as industriais culturais através de diferentes mídias se retroalimentam, fomentando em suas audiências o permanente desejo de se manterem, cada vez mais conectadas às narrativas – ou outro gêneros – que veiculam tornando-as atemporais, pois até mesmo os não nascidos na época da primeira exibição puderam ter acesso a obra e imprimir significados a ela.

Cannito (2010) afirma que não há mais como separar a confluência que hoje se verifica existir entre os diferentes veículos midiáticos, pois tudo o que tem sido produzido pode ser convertido em diferentes suportes e produtos, ao mesmo tempo em que as próprias empresas não têm mais se definido como produtoras de uma mídia específica – televisão ou *sites*, por exemplo –, e sim como produtoras de conteúdos. Isso tem favorecido fusões e participações de diferentes setores, como provedores de Internet, editoras de revistas, livros e jornais e produtoras de televisão, entre outras. Afirma Cannito (2010) que esses meios, juntos,

[...] podem criar portais (como o Terra) que, por sua vez, se associam às operadoras de telefonia celular (a Vivo) para gerar conteúdos para a telefonia móvel; provedores de TV por assinatura podem dar acesso à banda larga e empresas de TV aberta podem fazer acordos com provedores para colocar seu conteúdo na web (p.84-85).

Para Cannito (2010), os ramos de comunicação que atualmente ainda estão separados serão todos interligados no futuro, a partir dessa tendência “tecnológica”, que favorecerá o que ele indica ser uma “abertura de portas” para a hegemonia de conglomerados estadunidenses, sendo um dos exemplos desse agrupamento mercadológico a criação da AOL-Time-Warner, corporação integrada por empresas que contabilizam trinta e seis revistas, os canais de televisão por assinatura CNN e HBO, as empresas Warner Group e as marcas Netscape, People e Looney Tunes. Faço tais indicações para dizer que parcerias semelhantes a essa também têm sido processadas no *Complexo Kids*, segundo

indicou Fernando Mendin (2012), vice-presidente e diretor-geral da Discovery Networks no Brasil, em entrevista ao *site* Prop Mark³⁰. Disse ele: “No Brasil temos parceiros importantes em todos os segmentos. Entre eles, a Hasbro, EMI, Lojas Renner, Lupo, Dermiwil e Festcolor”.

Além desses exemplos de “parcerias” é possível que existam ainda muitas outras “parcerias” empreendidas pelos responsáveis pela marca *Discovery Kids*. Por isso, indico também que a revista *Educar Para Crescer* esteve presente, durante o período observado, no *site* do *Complexo Kids*, especialmente na seção *My Kids*, divulgando seus artigos sobre, por exemplo, os cuidados a serem dispensados às crianças nas férias e/ou modos para educá-las para um bom desempenho escolar. Por meio de *hiperlinks* bastante sugestivos, tais como um ícone com o próprio logotipo da revista e convites mais explícitos, os usuários eram chamados a ingressar no *site* da revista - “ações” que me pareceram ser um tipo de parceria corporativa, conforme exemplifico na Figura 2.

Figura 2 - Reprodução do Artigo *Como estimular a curiosidade no seu filho*

Artigos. Como estimular a curiosidade no seu filho

Curtir 200 | Compartilhar | Twitter 8 | 5

EDUCAR PARA CRESCER ONLINE

Já pensou se o seu filho descobre a cura do câncer? Ou uma solução simples para a preservação da água potável no planeta? Você gostaria que ele virasse o próximo Steve Jobs? Para fazer essas descobertas, é preciso estar aberto a novas ideias, aprendizados e experiências? Ou seja, é preciso ter curiosidade. Essa habilidade não-cognitiva é tão fundamental para o aprendizado como para alcançar um sucesso em todas as carreiras profissionais.

O bom é que não é preciso muito para estimular o lado curioso do seu filho? e isso deve ser feito desde pequeno. Veja essas dicas simples:

- Tenha sempre livros, filmes e revistas pela casa, que convidem o seu filho a dar uma espiada em assuntos diversos,
- Assista a canais de televisão mais educativos e/ou científicos, como a TV Cultura e o Discovery Channel.
- Seja um pai curioso: dê o exemplo e incentive o seu filho a procurar novas informações com você.
- Reserve um espaço da casa onde seu filho possa ser livre para fazer desenhos, brincar com massinhas e tinta, montar brinquedos e artesanais, incentivando sua imaginação e autoconfiança.
- Dedique tempo do seu dia para brincar com jogos de tabuleiro, montar quebra-cabeças e resolver testes em família: além de divertidos, são ótimos para manter a cabeça e o corpo espertos.

Para ver todas as dicas, acesse a matéria do Educar para Crescer sobre [curiosidade](#).

Comentários

Fonte: *Site do Complexo Kids* – Seção *My Kids*³¹

³⁰ Disponível em: <<http://propmark.uol.com.br/anunciantes/41565:discovery-kids-aposta-em-novos-formatos-04/>> Acesso em: 20 maio 2013.

³¹ Disponível em: <<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/como-estimular-a-curiosidade-no-seu-filho/>> Acesso em: 30 jul. 2014.

A convergência permitiria compreender as potencialidades de todas as mídias, inclusive a das não-digitais, como o teatro, livros, intervenções públicas, *outdoors*, bonecos e camisetas, entre outras. Assim, destaca o autor (Cannito, 2010): “[...] o sucesso estará nas mãos daqueles que entendem realmente do conteúdo e podem criar universos suficientemente complexos para atuar em todas as mídias ao mesmo tempo (p.17)”. Como ele (Ibidem) destaca, o seriado estadunidense *Lost* e o *reality show Big Brother* são exemplos dessas possibilidades³²; ou seja, eles sintetizam entendimentos de que as diferentes mídias, mais do que concorrerem entre si, dialogam por meio de diferentes plataformas. Portanto, convergência midiática é muito mais do que simplesmente uma alteração no modo de veicular o conteúdo televisivo: tal fenômeno altera a relação entre as tecnologias, indústrias, mercados, gêneros e as audiências existentes, tal como enfatizam Kellner e Share (2008), inspirados nos estudos de Jenkins (2009) sobre convergência. Tais práticas parecem ser operadas pela corporação Discovery Communications³³, o que me levou a considerá-las neste estudo.

Jenkins (2009) indica haver uma cultura da convergência, referindo-se a ela como um processo e não como um ponto final ou de chegada; seria algo que já está acontecendo e transformando as relações da indústria do entretenimento com os seus usuários. Como ele (Ibidem) explicitou:

Convergência: [é uma] palavra que define mudanças tecnológicas, industriais, culturais e sociais no modo como as mídias circulam em nossa cultura. **Algumas das ideias comuns expressas por este termo incluem o fluxo de conteúdos através de várias plataformas de mídia, a cooperação entre as múltiplas**

³² Concebida em 2004, *Lost* foi uma premiada série de televisão estadunidense que mesclava drama e ficção a partir dos desafios enfrentados por sobreviventes de um acidente aéreo em uma misteriosa ilha. O universo ficcional da série *Lost* foi explorado em diferentes mídias, como revistas em quadrinhos (e *webcomics*), disponibilização de trechos “gratuitamente” na Internet, livros, DVDs, videogames, comercialização de bonecos dos personagens e de outros objetos relativos à série. De modo semelhante, acontece a exploração do *reality show Big Brother*, que concilia também a esses universos a participação (simultânea) das audiências via *site* ou aplicativos de celular. Esse programa foi criado em 1999 pelo holandês John de Mol, da produtora (também holandesa) Endemol, e estreou na Rede Globo no início de 2002.

Disponível em: <http://www.lostbrasil.com/> Acesso em: 20 ago.2015.

³³ Entendimentos que retomarei no próximo capítulo, intitulado *Acesso ao Complexo Kids*.

indústrias midiáticas, a busca de novas estruturas de financiamento das mídias **que recaiam sobre os interstícios entre antigas e novas mídias**, e o comportamento migratório da audiência, que vai a quase qualquer lugar em busca das experiências de entretenimento que deseja. Talvez, num conceito mais amplo, a convergência se refira a uma situação em que múltiplos sistemas midiáticos coexistem e em que o conteúdo **passa por ele fluidamente. Convergência é entendida aqui como um processo contínuo ou uma série contínua de interstícios entre diferentes sistemas midiáticos, não uma relação fixa** (Jenkins, 2009, p.377) [grifos meus].

Jenkins (2009), inspirado no cientista político Ithiel de Sola Pool (1983), que ele define ser o profeta da convergência, destaca que o fluxo da convergência opera como “um poder de transformação dentro das indústrias midiáticas” (Jenkins, 2009, p.37). Para os autores citados, a convergência é um processo que tem tornado imprecisos os modos e as fronteiras entre os meios de comunicação, atuando até mesmo entre modos de comunicação como o correio e o telefone, bem como nas comunicações de massa, como a imprensa, o rádio e a televisão, pois “um único meio físico - sejam fios, cabos ou ondas - pode transportar os serviços que no passado eram oferecidos separadamente”. De modo inverso, um serviço que no passado era oferecido por um único meio - seja a radiodifusão, a imprensa ou a telefonia - agora pode ser oferecido de diferentes formas.

Jenkins (2009, p.43) diz que o telefone móvel é bem representativo da ideia de convergência, pois possibilita que o usuário realize diferentes ações - jogar, baixar aplicativos e informações da Internet, tirar fotografias (especialmente os populares *selfies*), enviar mensagens, assistir a vídeos, ouvir músicas e agendar compromissos, além de utilizar o aparelho como despertador, “relógio” e GPS, entre tantas outras funções diferentes daquelas inicialmente esperadas: realizar e receber ligações. Jenkins (2009) também destaca que hoje é praticamente impossível encontrar no mercado um telefone móvel que se limite a executar suas funções “originais”. Nesse sentido, a comunicação móvel pode ser apontada como uma das principais transformações ocorridas nos últimos anos no campo das telecomunicações. Essas mudanças foram intensificadas com a miniaturização das tecnologias, a portabilidade e a conexão sem fio, sendo

artefatos como os *smartphones* e os *tablets* facilitadores da interação estabelecida por *meio de e entre* dispositivos móveis. Por meio do *smartphone*, por exemplo, é possível manter-se constantemente conectado à Internet em diferentes espaços; além disso, o aparelho possibilita que as pessoas produzam e compartilhem novos hábitos, estabeleçam novas relações com os conteúdos televisivos e compartilhem quaisquer situações cotidianas nas redes sociais.

Sobre isso, Jenkins (2009) pondera:

Nos últimos anos, vimos celulares se tornarem cada vez mais fundamentais nas estratégias de lançamento de filmes comerciais em todo o mundo; como filmes amadores e profissionais produzidos em celulares competiram por prêmios em festivais de cinemas internacionais; como usuários puderam ouvir grandes concertos de shows musicais; como romancistas japoneses serializaram sua obra via mensagens de texto; e como *gamers* usaram os aparelhos móveis para competir em jogos de realidade alternativa (*alternative reality gamers*) (p.31).

Ainda que esse autor (*Ibidem*) nos chame a atenção para a possível transitoriedade das funções executadas por esse aparelho, o que o levou a incluí-lo como um exemplo do fenômeno que chama de *cultura da convergência* foi sua experiência frustrada de tentar adquirir um aparelho móvel com função única. Textualmente, ele registrou: “assim, não consigo encontrar [mais] um telefone celular que seja apenas telefone” (Jenkins, 2009, 43).

A convergência midiática, vale lembrar, não ocorre somente por meio de aparelhos, por mais sofisticados que sejam e ainda venham a ser, pois a experiência da convergência se dá, sobretudo, “dentro dos cérebros de consumidores individuais e em suas interações sociais uns com os outros”, nos modos como as pessoas se relacionam em seu cotidiano profissional, na família, na escola, com os amigos, cônjuges e em outras diferentes instâncias. “Cada um de nós constrói a própria mitologia pessoal, a partir de pedaços e fragmentos de informações extraídos do fluxo midiático” e transformados em recursos pelos quais compreendemos e lidamos com nossa vida cotidiana (Jenkins, 2009, p.30). Para o autor (*Ibidem*), há um incentivo operado tanto pela indústria cultural

quanto entre os usuários para que os assuntos ou marcas, por exemplo, fluam - possibilitem participação/interação - através de diferentes plataformas midiáticas e sejam compartilhados coletivamente. Tais entendimentos atrelam a noção de cultura à convergência. Jenkins refere-se a essa *cultura da convergência* como um fluxo de fenômenos que se dão (2009, p. 29 e 30)

[...] através de múltiplas plataformas de mídia [que estão voltadas] à cooperação entre os mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca de experiências de entretenimento que desejam. [...] Meu argumento aqui será contra a ideia de que a convergência deve ser compreendida principalmente como um processo tecnológico que une múltiplas funções dentro dos mesmos aparelhos. **Em vez disso, a convergência representa uma transformação cultural, à medida que consumidores são incentivados a procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos midiáticos dispersos [grifos meus].**

O autor destaca também que, na cultura da convergência, “toda história importante é contada, toda marca é vendida, e todo consumidor é cortejado por múltiplas plataformas de mídia” (Jenkins, 2009, p.29). Sobre o “cortejamento” das audiências, Jenkins (2009) salienta que pode dar-se de muitas formas, como, por exemplo, por uma postagem realizada em um *blog* do estudante secundarista filipino-americano Dino Ignácio, que criou no Photoshop, em 2001, uma colagem do personagem Beto, do programa infantil *Vila Sésamo*, ao lado do líder terrorista, odiado pelos estadunidenses, Osama Bin Laden. Logo após o atentado às torres gêmeas, ocorrido em 11 de setembro de 2001, um editor de Bangladesh procurou na Internet imagens de Bin Laden para imprimir cartazes, camisetas e pôsteres antiamericanos. O editor talvez não tenha reconhecido o personagem Beto, pois *Vila Sésamo* é exibida no Paquistão num formato adaptado ao mundo árabe; no entanto, ele deve ter pensado que a imagem fosse representativa dos ideais do ex-líder da Al-Qaeda. Assim, essa imagem acabou em uma colagem fotográfica impressa em milhares de pôsteres distribuídos no Oriente Médio. Repórteres da CNN surpreenderam-se ao registrar a improvável cena de uma multidão enfurecida marchando em passeata pelas ruas, gritando *slogans* antiamericanos

e, ao mesmo tempo, exibindo e agitando cartazes com Beto e Bin Laden lado a lado (Figura 3).

Figura 3 - Reprodução da imagem de Beto e Bin Laden



Fonte: Encontrada em busca no Google imagens ³⁴

Mesmo que os representantes do Children's Television Workshop, detentores dos direitos do programa *Vila Sésamo*, tenham ameaçado tomar medidas legais, a imagem já havia se espalhado pelo mundo todo por meio do noticiário da CNN. Como repercussão, outros fãs (audiências) divertiram-se com a situação, produzindo novas "colagens" associando outros personagens de *Vila Sésamo* a terroristas. Jenkins (2009) finaliza o relato desse episódio acrescentando que as imagens cruzaram o mundo, sendo algumas vezes veiculadas por meios comerciais, outras por meios alternativos, inspirando tanto os membros da organização terrorista quanto o público jovem estadunidense. Seu comentário se encerra: "Bem-vindo à cultura da convergência, onde as velhas e as novas mídias colidem, onde mídia corporativa e mídia alternativa podem se cruzar e interagir de maneiras imprevisíveis" (Jenkins, 2009, p.29).

Meu propósito, com esse relato, é indicar que são muitas as diferentes formas de acesso, os modos de propagação e repercussão de conteúdos televisivos (ou não) disponíveis na Internet, estando também entre estes os que são referidos como educativos e voltados supostamente para o público infantil.

³⁴Disponível em: <https://www.google.com.br/#q=beto+e+bin+laden>. Acesso em: 20 set. 2014.

Essas (re)apropriações de personagens infantis por crianças/adolescentes também podem ser encontradas no Youtube em forma de vídeos, onde circulam e estão em jogo recursos audiovisuais, como dublagens e reedições eróticas e alusivas às drogas, em clipes musicais protagonizados pela mascote do *Complexo Kids Doki*³⁵ e seus amigos, bem como pelos personagens infantis da turma da *Galinha Pintadinha*, que foi renomeada e reeditada como *Galinha Chapadinha*, transformando-se em uma personagem usuária de drogas e de condutas questionáveis³⁶. Vale ressaltar que, seus clipes (originais) disponíveis na Internet teriam mais de 839 milhões de acessos, e também teriam sido vendidos mais de 1,5 milhões de DVDs oficiais compostos basicamente por antigas cantigas de roda, o que resultou no recebimento de dois discos de platina triplo. A marca *Galinha Pintadinha* tem mais de 600 produtos licenciados, administrados pela Redibra, empresa que também cuida dos licenciamentos da *Coca-Cola*.

Desse modo, cabe transcrever os comentários que apontam para as muitas mudanças ocorridas tanto nos modos de assistir quanto de produzir e, ainda, de acessar os conteúdos televisivos disponibilizados na Internet. Tentei dar destaque a algumas dessas transformações processadas nos modos de comunicação que envolvem a *convergência midiática*, chamando atenção não só para aspectos relacionados à expansão das tecnologias da informação e comunicação, mas para a necessidade de nós – professores e pesquisadores –

³⁵ A paródia intitulada *Doki en el bosque de las drogas* é um dos exemplos de paródias disponíveis no YouTube relativas aos personagens infantis do *Complexo Kids*, mas há muitas outras recriações de personagens veiculados no *Complexo Kids*, como, por exemplo, da Pepa Pig. No Capítulo *Acesso ao Complexo Kids*, serão retomados aspectos (comerciais) que dizem respeito à mascote Doki.

Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=CaSzf1eq5_Q. Acesso em: 10 maio 2014.

³⁶ A paródia *Galinha Chapadinha e sua turma* é apenas um dos exemplos parodiados dessa marca e disponíveis no YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=s-q2xl5vtt4>. Acesso em: 2 de out. 2015. Indico que a *Galinha Pintadinha* e sua turma – os personagens originais – foram criados em 2006 pelos produtores Juliano Prado e Marcos Luporini, fazendo-se presentes junto ao público infantil mediante a realização de *shows* na televisão, em teatros e em *shoppings* de todo o Brasil, bem como pela venda de DVDs, visualizações no YouTube e venda de produtos, como pelúcias, jogos, livros e aplicativos para *smartphones*. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Galinha_Pintadinha Acesso em: 2 de out. 2015.

Disponível em: <http://epoca.globo.com/vida/vida-util/carreira/noticia/2013/10/como-os-criadores-dabgalinha-pintadinhab-ficaram-milionarios.html>. Acesso em: 2 de out. 2015.

estarmos permanentemente atentos à produção de significados processados na teia midiática em que estamos inseridos.

Por meio da televisão, do cinema, de *sites* e de tantas outras mídias, constituímos-nos e aprendemos não apenas sobre as temáticas abordadas, mas também a quem temer, quem desejar e em quem acreditar. (Kellner, 2001, p.10). Portanto, atentar para como se estabelecem e ganham prestígio tais produções culturais pode-nos ajudar a identificar algumas das instâncias e processos em que se dá a constituição dos sujeitos pós-modernos. Segundo Jenkins (2009), os grandes conglomerados alimentam o desejo de controlar e estabelecer uma completa indústria de entretenimento, como ele registrou: “a Warner Bros produz filmes, televisão, música popular, games, *website*, brinquedos, parques de diversão, livros, jornais, revistas em quadrinhos” (Jenkins, 2009, p.44). Pensando para além da “apropriação técnica” e da utilização pelas crianças dos diferentes artefatos midiáticos, Momo e Costa (2010) chamaram atenção para a necessidade de se observar que todas as produções midiáticas voltadas ao público infantil são também atravessadas por incitações ao consumo e operadas como pedagogias que visam a formar sujeitos de certo tipo – argumento que continuarei a considerar nos próximos capítulos.

3 ACESSO AO COMPLEXO KIDS

Neste capítulo, apresento o *site* do *Discovery Kids*, especialmente a seção *My Kids - Conectado com seus Filhos*, indicando-os como elementos que constituem o *Complexo Kids*, expressão que adotei para referir-me ao *site* oficial, às redes sociais na Internet (Facebook, Twitter, Instagram)³⁷, aos produtos estampados com a mascote *Doki* e à promoção de eventos itinerantes voltados para o entretenimento das crianças e das famílias, como o *Discovery Kids Exploração*, realizado em grandes *shoppings* espalhados pelo Brasil, o *Discovery Kids em Ação*, que ocorre em praças, e o *Discovery Kids na Praia*, promovido no período de férias escolares. O uso da palavra “complexo” visa a indicar como ações engendradas de modos aparentemente distintos se interseccionam e se complementam, no propósito de conectar crianças, mães e pais à marca *Discovery Kids* e, conseqüentemente, à rede mercadológica a ela filiada, cujo eixo nuclear é o canal televisivo infantil *Discovery Kids*.

O *Complexo Kids* pode ser descrito como um arranjo permanentemente dinâmico, portanto, sujeito a alterações; é integrado por uma diferenciada gama de produtos e serviços que se interseccionam e potencializam essa marca de alcance internacional. Valho-me, também, do termo “complexo” de modo aproximado ao que foi empregado por Flor (2007) e Prates (2008) em seus estudos realizados, respectivamente, para indicar/problematizar modos de formar/atrair consumidores, a partir da aglutinação de um numeroso conjunto de artefatos a um acontecimento midiático gerador ou nuclear³⁸. A tendência de

³⁷ Como já indiquei anteriormente, as redes sociais na Internet vinculadas ao *Complexo Kids* não serão caracterizadas nos limites deste estudo, embora sejam referidas em alguns momentos para indicar a abrangência e extensão deste *Complexo*. Destaco-as por serem um dos muitos espaços sob a tutela deste *Complexo* e mais um canal de interação entre mães, pais, crianças. As interações processadas entre os usuários - nas redes sociais já citadas, especialmente as empreendidas no Facebook- compreendem: comentários elogiosos e trocas de ideias sobre a educação das crianças, mas, especialmente, críticas relativas às inclusões/exclusões de séries da grade da programação televisiva.

³⁸ Flor (2007) utiliza as metáforas de circuitos e teia para problematizar o “Complexo Rebelde”, integrado por novela, banda musical, álbuns, roupas, *shows* de TV e ao vivo etc. e analisa, entre outras coisas, as pedagogias culturais operadas nesse complexo. Já Prates (2008) toma como objeto de estudo o que denominou ser “Complexo W.I.T.C.H.”, composto por animação televisiva, revistas, manuais, talismãs, poções e adereços, demonstrando em sua pesquisa as

focalizar os modos de operação das pedagogias culturais ressaltando os vínculos entre mídia e consumo foi apontada por Costa e Andrade (2013) como uma das direções seguidas pelos estudos que se valem dos Estudos Culturais para focalizar a Educação no Brasil e também por Wortmann, Costa, Silveira (2015), conforme já aponte em outros momentos.

Cannito (2010, p. 121), ao comentar as ações de *marketing* empregadas para tentar fidelizar clientes, ressalta a estratégia de dar destaque à marca, pois segundo ele, (Ibidem), as “empresas começaram a perceber que em vez de vender apenas um produto, deveriam envolver o consumidor em um universo maior”. Assim, é possível associar uma marca a eventos e jogos, por exemplo, bem como a ações que possam cativar as pessoas por meio da afetividade. Entendimento semelhante é destacado por Jenkins (2009) quando afirma que o envolvimento emocional dos consumidores com uma marca seria um dos importantes fatores (motivação) que influenciariam a decisão de compra. Cannito (2010) diz que o uso feito da marca *Nike* é um bom exemplo de como utilizar a via da convergência para fundir mundos digitais e físicos, escapando da via única da comunicação pela criação de múltiplas formas de conexão com os clientes, sendo o *site* corporativo um dos importantes canais para que essa prática se estabeleça.

No segmento infantil brasileiro, o autor (Cannito, 2010) cita como exemplo a Turma da Mônica, vinculada a uma vasta rede mercadológica que “transbordou” dos quadrinhos para filmes, *sites*, jogos na Internet, materiais escolares, vestuário, etc., criando, inclusive, nos últimos anos, uma linha de gibis e produtos voltados para o segmento juvenil, com a criação da *Turma da Mônica Jovem*. No cenário brasileiro das animações infantis, a já referida animação *Galinha Pintadinha* e a série infantil *Cocoricó*, esta exibida na TV Cultura e em TVs por assinatura, estão associados a uma vasta rede mercadológica de produtos e de eventos, cabendo ressaltar que esses se vinculam ao segmento de entretenimento “educativo” e de “promoção” de canções infantis populares,

inúmeras e sofisticadas táticas adotadas por essa corporação para que as meninas, atraídas pelo crescente repertório de artefatos desse complexo, permaneçam a ele atreladas.

conforme anunciam os produtores na apresentação de um desses *sites*: “A Galinha Pintadinha une gerações e coloca para dançar numa mesma sala a vovó e seus netinhos, sempre sob os olhares carinhosos dos pais”³⁹.

Klein (2002) aponta que a repetição e a visibilidade empregadas pelas grandes corporações atuais seriam medidas estratégicas eficientes para a busca do sucesso. Para a autora (Ibidem), quanto maior for a “pulverização” de produtos e serviços em torno de um tema/marca nuclear, maiores serão as chances de acesso e de adesão pelos usuários. Nesta seção, divido a apresentação do *Complexo Kids* em três blocos principais, intitulados: 3.1) Nas teias da marca: o logotipo e a mascote do *Complexo Kids*; 3.2) Nas teias televisivas do *Complexo Kids*; 3.3) Navegando no *site* do *Complexo Kids*.

3.1 NAS TEIAS DA MARCA: LOGOTIPO E A MASCOTE DO COMPLEXO KIDS

A seguir, apresento comentários relacionados ao poder das marcas e aos significados/sentidos que essa expressão tem adquirido no mundo contemporâneo. Apresento também o logotipo e a mascote do *Discovery Kids*, que estão reproduzidos no canal televisivo, no *site*, na página do *Facebook*, no *Twitter* e nos demais produtos e eventos vinculados ao *Complexo Kids*.

Klein (2002) afirma que as marcas, por força da onipresença, se tornaram uma “forma” próxima de uma linguagem internacional, reconhecida e compreendida por muitos e em muitos lugares. Em um contexto de globalização, as agências de publicidade assumem um importante papel, sendo esse muito maior do que a promoção de produtos ou a realização de campanhas individuais; essas agências passaram a ser as “administradoras de marcas”, que identificam, articulam e protegem a “alma” corporativa (seus valores, sua personalidade e seu caráter). A autora (Ibidem) problematiza o que chama de tirania das marcas,

³⁹ Excerto extraído da seção “Quem somos” do *site* da Galinha Pintadinha. Disponível em: <http://www.galinhapintadinha.com.br/sobre/quem-somos/>. Acesso em: 20 maio 2015.

indicando que uma das estratégias das grandes corporações não está calcada apenas em vender produtos, mas em veicular, por meio deles, uma reputação e um estilo de vida.

Os atributos associados a uma marca não estariam, desse modo, diretamente relacionados aos produtos, como um chocolate ou um refrigerante *Coca-Cola*, por exemplo, mas a um conjunto de valores que a estes possam ser associados e consumidos, caso os produtos sejam adquiridos. Klein (2002) considera estar presente na retórica do *marketing* global uma cultura de estilo mundial, expressão que tomou emprestada de uma das campanhas da *IBM* - "soluções para um mundo pequeno" -, que a autora considera exprimir com eloquência a promessa equalizadora das marcas no mundo contemporâneo.

Associo os comentários feitos pela autora (*Ibidem*) ao *Complexo Discovery Kids*, pois este se caracterizaria por uma especificidade na segmentação do mercado ao direcionar seus produtos, preferencialmente, a um público cuja faixa etária se localiza entre zero e seis anos de idade. Outro diferencial acionado pela marca seria o tipo de conteúdo que veicula, caracterizado como "incontaminado" por propósitos "danosos" às crianças e suas famílias. O *Complexo* se autodeclara como sempre adequado às suas audiências por não incluir a violência e "maus" exemplos para as famílias em sua programação televisiva, *site* e eventos. Além disso, a "preocupação" com a educação das crianças, ou melhor, com o "desenvolvimento" das suas potencialidades, seria outro aspecto associado à marca, o que fica explícito em declaração feita pelo diretor do *Discovery Networks* no Brasil, Fernando Medin (2012), ao enunciar ser uma das missões dos conteúdos que o *Discovery Kids* veicula "unir educação e entretenimento". Disse ele:

Acredito que o nosso diferencial competitivo está na nossa proposta e na confiança que os pais têm no canal. **Eles sabem que podem deixar os filhos assistirem a qualquer um dos programas** que exibimos, sem medo. Concorrentes vão sempre

existir e isso é saudável para o mercado (Medin, 2012)⁴⁰ [grifos meus].

Essa associação do “educativo” ao “prazeroso” está bastante destacada nos artigos postados na seção *My Kids*, que pode ser vista como um modo de representar o *Complexo* como “muito eficiente” relativamente à educação das crianças, especialmente quando a esse binômio se acrescenta a condição de “cientificamente comprovado”, argumento recorrentemente invocado nesses textos.

Registro, em relação às dimensões globais que as marcas vêm assumindo na contemporaneidade, que a programação televisiva e do *site* do *Complexo Kids* para a América Latina é muito semelhante à veiculada no Brasil e tem praticamente a mesma configuração estética. A diferença está no idioma (espanhol), na exibição (ou não) de algumas séries e, por fim, na intensidade de realização de eventos, pois estes parecem ocorrer com menor frequência do que no Brasil⁴¹.

O *Discovery Kids Ásia* e o *Discovery Kids Austrália*, segundo me pareceu a partir de uma rápida incursão por seus respectivos *sites*, são voltados às crianças maiores e com ênfase em imagens e textos sobre esportes, curiosidades e experimentos científicos, embora a enunciação explícita do teor educativo buscado pelo *Discovery Kids* também neles esteja presente. Convém destacar que o logotipo do *Complexo Kids* (Brasil) é idêntico em todos os “Discovery Kids” espalhados pelo mundo, à exceção do que é utilizado nos Estados Unidos da América⁴². No *site* deste *Complexo*, é dado destaque para convites à realização – ou à leitura de relatos – de experiências “científicas” em diversas áreas de conhecimento, o que sugere uma preocupação mais expressa com a ciência, que

⁴⁰ Entrevista: Discovery Kids aposta em novos formatos - Canal pretende consolidar liderança do canal na TV paga. Disponível em: <http://propmark.uol.com.br/anunciantes/41565:discovery-kids-aposta-em-novos-formatos-04/>. Acesso em: 27 ago. 2012.

⁴¹ Site do *Discovery Kids* América Latina. Disponível em: <<http://www.tudiscoverykids.com/>> Acesso em: 20 maio 2015.

⁴² Site do *Discovery Kids* Ásia. Disponível em <<http://www.dkids.asia/>>. Acesso em: 20 maio 2015; Site do *Discovery Kids* Austrália. Disponível em: <<http://www.dkids.com.au/findus>>. Acesso em: 20 maio 2015; Site *Discovery Kids* Estados Unidos. Disponível em: <<http://discoverykids.com/>>. Acesso em: 20 maio 2015.

se alia à preocupação com a educação, sempre declarada nas programações do *Complexo* em outras partes do mundo. Também convém informar que as imagens do *site* estadunidense se assemelham bastante às empregadas na seção *My Kids* (brasileira), em que as representações de crianças geniais, espertas, aventureiras, criativas e inteligentes são predominantes.

Em abril de 2009, o logotipo do *Complexo Kids* foi alterado, primeiramente no Brasil e depois em toda a América Latina, conforme ilustra a Figura 4.

Figura 4 - Reprodução dos Logotipos do Discovery Kids -antigo e atual



Fonte: Site Mundo das Marcas⁴³

O logotipo atual abandonou o globo terrestre, que estava localizado em um círculo azul, mantendo apenas a órbita amarela, que passou a circundar a letra K (em cor verde) encimada pela letra D (de *Discovery*), que continuou contida no pequeno globo azul. Aliás, essas cores aludem às da bandeira brasileira. O nome *Discovery Kids* teve a letra i de *kids* substituída por um ponto de exclamação. Vale citar que nem sempre o logotipo atual vem acompanhado do nome “*Discovery k!ds*”.

Outro destaque a ser feito relaciona-se à mascote do *Complexo Kids*, que atua como interlocutor – um elo entre os diferentes produtos e serviços oferecidos no âmbito do *Complexo* – e como um dos mais importantes e “imediatamente reconhecíveis” ícones da marca *Discovery Kids*. A mascote chama-se Doki e é um “simpático” cachorrinho branco que, invariavelmente, usa um boné verde, o que o caracteriza como sendo do sexo masculino. Desde 2005, momento em que ocorreu a mudança de foco desse canal televisivo, que por questões

⁴³ Disponível em: < <http://mundodasmarcas.blogspot.com.br/> > Acesso em: 9 nov.2012.

mercadológicas se deslocou do público infanto-juvenil para a faixa etária de zero a seis anos, Doki figura como a mascote da marca *Discovery Kids* (ver Figura 5).

Figura 5 - Reprodução da mascote Doki



Fonte: Site do Discovery Kids⁴⁴

Em entrevista à *Revista Crescer*, Julie Stall, uma das suas idealizadoras, diz tratar-se de um garoto de aproximadamente seis ou sete anos que tem a aparência de um cachorro, mas que se comporta como um menino⁴⁵. É oportuno salientar que Doki também é o responsável por convidar as crianças, mães e pais a acessarem o *site*. Isso é feito pela inserção, na tela da TV, de um *banner* com a imagem do cachorrinho, que é acompanhada da mensagem: “visite nosso *site* no www.discoverykidsbrasil.com”.⁴⁶ Doki é uma figura recorrente e predominante tanto no *site* aqui analisado quanto na televisão, além de estampar, tal como sucede com praticamente todos os personagens das inúmeras animações de sucesso no mundo, uma imensa gama de produtos a ele associados. Os seus idealizadores destacam ser ele um fenômeno multiplataforma que, acrescento, interliga inúmeras facetas do *Complexo Kids*, tal como se pode ver na postagem

⁴⁴ Disponível em: <<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/doki/>> Acesso em: 12 maio 2015.

⁴⁵ Em entrevista à *Revista Crescer*, Julie Stall, uma das idealizadoras da série Doki, diz que o “Doki é 100% humano”, pois age como um menino, ao invés de latir, abanar o rabo e se coçar, comportamentos característicos de um cão.

Disponível em: <<http://revistacrescer.globo.com/Revista/Crescer/0,,EMI335643-10541,00.html>>. Acesso em: 1º maio 2013.

⁴⁶ O *Discovery Kids* exibe eventualmente interprogramas durante os intervalos comerciais, como, por exemplo, musicais protagonizados pelo Doki e sua turma, entre outros.

que transcrevo a seguir, intitulada *Discovery Kids aposta em evento itinerante com personagem-símbolo do canal*, disponível no site da Associação Brasileira de licenciamentos:

Doki cresceu em seu ambiente original ao ganhar uma turma de amigos e sua própria série, **conquistou o meio digital e a relevância nos negócios por meio de produtos licenciados, espetáculos e com o evento**, segundo a empresa. O personagem é hoje a principal **marca licenciada da Discovery Networks no Brasil**, com cerca de **300 produtos** desenvolvidos por 18 empresas diferentes (Associação Brasileira de Licenciamentos) ⁴⁷ [grifos meus].

No Brasil, Hasbro, EMI, Lojas Renner, Lupo, Dermiwil e Festcolor são algumas das empresas licenciadas para a produção de inúmeros artefatos que propagam tanto a marca quanto a mascote. Doki atua de forma bastante diversificada no *site* (e na televisão) – ele anuncia a programação, estampa uma infinidade de produtos, protagoniza videocliques, dá dicas sobre saúde e ecologia nos recorrentes intervalos comerciais, realiza eventos nos grandes *shoppings* das capitais, no litoral e em outros locais públicos e ainda protagoniza a série *As aventuras de Doki*, lançada em 2013, com ótimos índices de audiência (Figura 6).

Figura 6 - Reprodução - Doki e sua Turma



Fonte: Site do Discovery Kids⁴⁸

⁴⁷ Disponível em: <http://abral.org.br/discovery-kids-aposta-em-evento-itinerante-com-personagem-simbolo-do-canal/> Acesso em: 2 ago.2013.

⁴⁸ Disponível em: <http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/> Acesso em: 15 abril 2013.

Sobre a série protagonizada por Doki, *As Aventuras de Doki*, cabe dizer que nela ele divide atenções com sua turma, integrada pelos amigos animais Fico, Oto, Anabella, Mundi e Gabi⁴⁹. A cada episódio, o grupo de amigos viaja por diferentes partes do planeta, vivendo diferentes e felizes aventuras, motivadas por desafios e questionamentos, como, por exemplo: *por que os balões voam?* A série desenrola-se a partir de qualquer fato cotidiano (ou desejo) vivenciado pelos membros do *Clube Mundial de Expedição*, conforme se autodenominam os personagens. Após reunirem-se em seu “clubinho”, uma velha casa de madeira à beira de um rio, eles partem para aventuras, procurando resolver mistérios da ciência, arte, natureza e música.

Segundo afirma Angela Recio Sondon, vice-presidente e diretora do Discovery Kids, “a criação de uma série própria para Doki e seus amigos é o reconhecimento do extraordinário sucesso que o personagem conseguiu no canal”.⁵⁰ Na mesma entrevista, ela também afirma: “estamos certos de que a série agradará aos que já gostam de Doki e cativará novos fãs, enquanto leva os pequenos a conhecerem o mundo que os cerca, sempre por meio da diversão”, completa a vice-presidente da corporação. O programa pretende inspirar as crianças a fazer perguntas sobre vários temas, bem como a “construir sua própria base de conhecimentos e referências, a consultar especialistas, a procurar pistas em lugares inesperados e a nunca deixar que os obstáculos as desanimem”, conforme Angela Recio salientou. Ela também promete que, no decorrer da série, as crianças receberão conhecimentos básicos em diversas disciplinas, incluindo biologia, astronomia, geografia, arte e música, entre outras⁵¹.

⁴⁹ *Doki*, a série, é produzida pela premiada e internacional *Portfolio Entertainment Inc.* O catálogo da produtora conta com mais de dois mil episódios de programação de diferentes gêneros. Entre as animações de destaque, está *O Gatola da Cartola Tem tudo na Cachola*, que o *Discovery Kids* exhibe no Brasil e que também pode ser vista em mais 85 países.

Disponível em: <<http://audienciadatvmix.wordpress.com/2013/04/14/doki-ganha-sua-propria-serie-no-discovery-kids>>. Acesso em: 13 jul. 2013.

⁵⁰ Recortes de reportagem intitulada *Doki ganha sua própria série no Discovery Kids*.

Disponível em: <<http://audienciadatvmix.wordpress.com/2013/04/14/doki-ganha-sua-propria-serie-no-discovery-kids/>>. Acesso em: 13 jul.2013.

⁵¹ Recortes de reportagem intitulada *Doki ganha sua própria série no Discovery Kids*. Disponível em: <<http://audienciadatvmix.wordpress.com/2013/04/14/doki-ganha-sua-propria-serie-no-discovery-kids/>>. Acesso em: 13 jul.2013.

Assim, Doki está presente em diferentes segmentos, valendo destacar que os produtos que apresentam a sua imagem são distribuídos por grandes redes comerciais, enquanto suas cópias “piratas” são igualmente vendidas nos comércios populares (camelôs). Também há as versões mais “caseiras”, na forma de artesanato e lembrancinhas de aniversário, objetos nos quais a mascote é estampada ou personificada: canecas, chaveiros, caixinhas de balas, bolos, toalhinhas bordadas, sacolinhas de pano, caixinha em borracha sintética (EVA), balas, etc. Ou seja, há no comércio informal um variado “catálogo” de reproduções e até de “invenções”, já que estas últimas, muitas vezes, personificam a mascote em situações e objetos que nunca existiram originalmente no *Complexo Kids*, mas que igualmente a propagam para diversificados públicos⁵². Momo e Costa (2010) salientaram em sua pesquisa que há, atualmente, uma infindável oferta de versões mais baratas de quase todas as mercadorias desejadas pelas crianças⁵³. Linn (2006) salienta que é difícil para pais, mães e crianças “resistir às campanhas de *marketing* abrangentes, bem financiadas” e intermináveis (p.46). A seguir, apresento um quadro síntese de alguns produtos e eventos em que Doki está representando oficialmente o *Complexo Kids* (Quadro 1).

⁵² Muitos dos produtos que estampavam a mascote Doki estavam anunciados em vários *sites* da Internet. Em alguns, inclusive, havia uma mescla de ofertas, por exemplo, que conjugavam “toalhas originais” e canecas “personalizadas” com a imagem do Doki ao lado do aniversariante. Disponíveis em:

<<http://www.elo7.com.br/lista/festa-doki>> Acesso em: 20 jun.2015.

<<http://alegrafesta.com.br/>> Acesso em: 20 jun. 2015.

<<http://www.mzdecoracoes.com.br/festa-doki>> Acesso em: 20 jun. 2015.

⁵³ Relataram as pesquisadoras (Costa e Momo (2010) que um grupo de meninas por elas investigado levava para a escola, com frequência, cópias da boneca Barbie, que circulavam juntamente com outras bonecas em suas versões originais. Ao que parece, pouco importava àquelas crianças a “real” procedência das bonecas (ou de outros brinquedos), pois o que realmente importava era a conexão feita com o ícone de sucesso e o “status” conferido àqueles que portavam determinados objetos (Ibidem).

Quadro 1 - Reprodução do objetos e eventos em que a imagem de Doki é reproduzida



Fonte: Lojas virtuais que comercializam produtos do Doki e site do Discovery Kids.⁵⁴

⁵⁴ Disponíveis em: <<http://lojavirtual.lojasrenner.com.br/label/Doki/Infantil>> Acesso em: 10 jan. 2013.

Talvez devêssemos questionar, juntamente com Bujes (2009, p. 41): “que nos aconteceu para nos transformamos em *outdoors* ambulantes? Em modelos não remunerados das corporações do entretenimento [...]”. Diante desses apelos ao consumo operados pelo *Complexo Kids* – e por outros complexos –, é possível dizer que os corpos das crianças, em alguns casos, parecem ter se tornado um “espaço midiático” gratuito onde as marcas são difundidas e adquirem visibilidade nas escolas, nas festas infantis, nas praças, nos condomínios, nas famílias e em tantos outros lugares. Ações tais como essa, destaca Linn (2006), querem bem mais do que vender seus produtos ou divulgar sua marca aos consumidores; elas buscam “estabelecer um vínculo de lealdade às marcas de seus produtos e serviços que vão do ‘berço ao túmulo’” (Ibidem, p.21). Muitas vezes, sob *slogans* ao estilo “amigas das famílias”, vão se tornando cada vez maiores e capitaneando mais adeptos, ação que entendo estar estabelecida no *Complexo Kids* (Ibidem). Embora a marca do *Complexo* aluda à dimensão educativa, nele estão presentes incitações ao consumo de diferentes modos: no *site*, há chamamentos para a participação nos eventos promovidos pelo Doki e seus amigos, como, por exemplo, para a *Exploração Discovery*, uma das muitas ações itinerantes realizadas em *shoppings*, caracterizada, na propaganda, como um momento de reunir a família e aprender de forma lúdica coisas “importantes para a vida”. O *site* assim apresenta esta atividade:

O **Exploração Discovery Kids** é um evento **gratuito** onde toda a **família pode se divertir** junta com atividades inspiradas em alguns dos personagens mais queridos do canal. As atividades buscam passar às **crianças conceitos sobre amizade, a importância do trabalho em equipe e sociabilidade de forma lúdica e divertida** (Seção Eventos do *site* Complexo Kids)⁵⁵ [grifos meus].

<<http://www.livrariasaraiva.com.br/produto/3092928/cante-com-doki>> Acesso em: 10 jan. 2013.

<<http://www.walmart.com.br/produto/Brinquedos/Pelucias/Hasbro/321839-BRINQUEDO-PLAYSKOOL-PELUCIA-DOKI-FALANTE>> Acesso em: 10 jan. 2013.

<<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/>> Acesso em: 10 mar. 2015.

<<http://lista.mercadolivre.com.br/doki>> Acesso em: 10 mar. 2015.

⁵⁵ Disponível em: <<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/eventos/exploracao-discovery-kids/>>. Acesso em: 2 set.2015.

É oportuno mostrar que a página do “convite” (Figura 7) remete a outros chamamentos (*hiperlinks*), tais como o que focaliza o Discovery em Ação (outro evento), ou ao *site* do canal televisivo *Discovery Escola*, além de ofertar para aquisição a maquininha *Pague Seguro Uol* (para realização de pagamentos em comércios), cuja campanha é ilustrada pela atriz Alessandra Negrini⁵⁶.

Figura 7 - Reprodução do convite para o evento *Discovery em Ação*



Fonte: Site do Complexo Kids – Seção Eventos⁵⁷

Enfim, é possível dizer que o *Complexo Kids* faz uso exaustivo da imagem e da credibilidade de Doki, figura recorrente que estabelece diferentes

⁵⁶ As postagens de anúncios serão retomadas no capítulo *Kids nas redes: conexões entre infância, mídia e consumo*.

⁵⁷ Disponível em: <<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/eventos/kids-em-acao/>>. Acesso em: 10 out. 2015.

interloquções na convocação das crianças para participarem de eventos, para promover a articulação de vários elementos na composição do *site*, no lançamento de produtos e de novas séries, etc. Kelbert e Saraiva (2014), ao analisarem dois *sites* infantis gerenciados por grandes corporações - *Club Penguin* e *Mundo do Sítio* -, indicam que a adoção da noção de pedagógico é uma das maiores estratégias/trunfos de *marketing* empregados nesses dois espaços. Para as autoras (Ibidem), os dois *sites* pesquisados seriam autodeclarados educativos e estariam estruturados/calçados principalmente sobre duas bases: o fator da segurança (confiança) e as possibilidades de aprendizagem ofertadas. Então, a “qualidade” que promete diversão no ambiente do lar (tutelada pelo ambiente doméstico) seriam as chaves/senhas de acesso para se chegar aos pais e mães desejosos da “evolução” de suas crianças (Ibidem). Costa (2012) salienta que inúmeros artefatos midiáticos estão implicados na exposição e circulação de ideias acionadas por intencionalidades que transcendem o mero exercício da informação e comunicação.

3.2 NAS TEIAS TELEVISIVAS DO COMPLEXO KIDS: O CANAL TELEVISIVO DISCOVERY KIDS

Relembro que a marca *Discovery Kids* surgiu, primeiramente, como um canal televisivo pago que integra a modalidade de TV por assinatura, tendo sede no Brasil, mas pertencente ao conglomerado estadunidense de empresas do segmento midiático *Discovery Communications Inc.*⁵⁸ O conglomerado *Discovery*

⁵⁸ Ainda que este estudo não esteja sendo realizado no viés quantitativo e que não se ocupe em classificar seus públicos por classe social, penso ser interessante compartilhar a informação de que, nos últimos 13 anos, o acesso à TV por assinatura no Brasil aumentou significativamente, passando de 3,2 milhões de clientes em 2002 para 19,71 milhões em fevereiro de 2015. Segundo apontam os dados da Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), 29,85% dos 66,04 milhões de domicílios do país já possuem o serviço. Com base em indicadores do IBGE, a estimativa é de que cerca de 60 milhões de pessoas são atendidas, já que a média de pessoas por domicílio é de 3,09. Tal crescimento parece ser indicativo de que envolveu diferentes grupos sociais, especialmente a chamada classe C, mas também atingindo classe D. Conforme indicam os dados da Anatel, o investimento nessas classes parece ser promissor sob o ponto de vista de expansão mercadológica. Disponível em: <<http://www.comunicacoes.gov.br/sala-de-imprensa/todas-as-noticias/telecomunicacoes/35181-tv-por-assinatura-chega-a-30-dos-domicilios-brasileiros>>. Acesso em: 2 set. 2015. Disponível em: <<http://www.mc.gov.br/sala-de-imprensa/todas-as>>

Communications está localizado em Silver Spring, Maryland, e seus canais, espalhados pelo mundo todo, atingem cerca de 1,5 bilhão de pessoas, distribuídas em todos os continentes, sendo veiculados atualmente em 45 idiomas diferentes⁵⁹.

O primeiro canal integrante da corporação *Discovery* a iniciar suas atividades na América do Norte foi o *Discovery Channel*, em 1985, concebido por John Hendricks – um professor de história que hipotecou sua casa para investir em documentários autodenominados educativos, como o próprio nome no idioma de origem inspira (em inglês, *discovery* significa descoberta/descobrimto) e induz a acreditar⁶⁰. Descrevo esse canal como especializado na produção e exibição de programas que privilegiam diferentes áreas de conhecimento, particularmente aquelas que podem suscitar tensionamentos entre ciência e religião, mito e verdade, possibilidades e limites do corpo, sobrevivência em lugares inóspitos e outros mais. A série *Mithbusters: os caçadores de mito*, produção de origem australiana, é um exemplo de como isso se processa, pois, a cada episódio, é apresentado um teste que tensiona visões populares de determinadas situações/fenômenos, mobilizando, ao mesmo tempo, modos bem particulares de relacionar-se com a “ciência” que com frequência envolvem grandes explosões, tais como simulações de acidentes de carros. Em outros programas, como *Crer ou Não Crer*, são levantadas questões que discutem as relações entre religião e crenças acerca de vida após a morte ou encontros com alienígenas, citando-se apenas alguns exemplos do que foi veiculado nesse canal que, ultimamente, vale a pena destacar, tem feito uso de

noticias/institucionais/35579-brasil-tem-19-76-milhoes-de-assinantes-de-tv-paga>. Acesso em: 2 de set. 2015.

⁵⁹ Informações sobre a extensão da corporação *Discovery* podem ser obtidas no site institucional. Disponível em: <<http://corporate.discovery.com/brands/international/>>. Acesso em: 2 jul. 2013.

⁶⁰ Um maior detalhamento sobre a história de John Hendricks pode ser obtido na reportagem intitulada *A Descoberta da Discovery - Conheça John Hendricks, o professor de história que hipotecou sua casa, investiu num novo negócio e criou o maior canal de TV do mundo*, realizada pela revista *Istoé Dinheiro*. Disponível em: <http://www.istoedinheiro.com.br/noticias/9544_A+DESCOBERTA+DA+DISCOVERY>. Acesso em: 7 jul. 2013.

temas e linguagens polêmicas e cada vez mais sensacionalistas para atrair maiores níveis audiência⁶¹.

A emissora também exhibe programas que se assemelham a *reality shows* de aventura, como *Febre do Ouro*, no qual famílias inteiras competem aventurando-se obstinadamente na tentativa de encontrar ouro em regiões inóspitas dos Estados Unidos e do Canadá. Além do *Discovery Channel* e do *Discovery Kids*, há outros canais retransmitidos no Brasil, como se pode ver: *Animal Planet* (séries e documentários diversos sobre o universo animal); *Travel & Living Channel* (aborda basicamente temas como culinária, viagem e celebridades); *Discovery Home & Health* (voltado ao público feminino, com tópicos relacionados com beleza, moda, saúde, cuidados com o corpo, educação dos filhos e maternidade); *Discovery Civilization* (história das civilizações antigas); *Discovery Science*, que reexibe basicamente os programas associados à área “científica” (astronomia, tecnologia, história e biologia); *Investigação Discovery* (séries e documentários relacionados com suspense e crime). Além desses, há outros canais veiculados em seu idioma de origem (inglês), entre os quais: *Curiosity*, *Military Channel*, *Oprah Winfrey Network*, *Destination America*, *Velocity*, *Discovery News*, *How Stuff Works*, *Consumer Guide Auto*, *Consumer Guide Products*, *Petfinder*, *Revision*, *TreeHugger*, *My Discovery*, *Student Competitions*, *Discovery Music Source*, *Discovery Retreats* etc.⁶²

Pode-se dizer que esse conglomerado empresarial é uma grande, poderosa e visionária potência midiática de extensão global que se esforça para atender e estar alinhada a diferentes públicos que buscam informações quase sempre chanceladas por especialistas, seja em moda, beleza, saúde, direito e sobrevivência na selva, seja em viagens, reformas e compras de casa ou

⁶¹ No *site* do Discovery Brasil, é possível obter detalhamentos sobre a programação. Saliento, contudo, que esse canal altera constantemente sua programação sem aviso prévio, retirando algumas séries recém-lançadas ou, outras vezes, reexibindo antigos programas, que nem sempre datam o ano de sua produção. Disponível em: < <http://discoverybrasil.uol.com.br/programacao-de-tv/>>. Acesso em: 7 jul. 2013.

⁶² Disponível em: < <http://discoverybrasil.uol.com.br/programacao-de-tv/>> Acesso em: 7 jul. 2014. Disponível em: <https://corporate.discovery.com/>. Acesso em: 7 jul. 2014.

investigações de desastres aéreos, entre tantas outras circunstâncias, tal como os nomes de seus canais – sempre em inglês – sugerem⁶³.

A esse respeito, lembro as considerações de Cannito (2010) sobre os produtores de televisão por assinatura esforçarem-se para cobrir diferentes faixas de mercado e obter reconhecimento por parte de suas audiências (leia-se um número fiel de assinantes). Como indicou o autor (Ibidem), a TV paga organiza-se por pacotes de “canais temáticos”, diferentemente da TV “genérica” (aberta). Nesse modelo “pago pelo assinante”, cada canal exhibe inúmeros programas, mas voltados para um mesmo segmento e desenvolvidos levando em consideração sua capacidade de poderem ser repetidos várias vezes e retransmitidos para vários países. Outra característica, chama atenção Cannito (2010), concerne à organização do mercado de TVs por assinatura, que tem promovido um modelo de negócios baseado mais na “fidelidade”, estimulando o cliente a adquirir um “pacote inteiro” estando motivado pelo interesse em apenas “assinar” um ou dois canais. Tal segmentação mercadológica pode dar-se de várias formas, sendo a mais recorrente a estratificação dos clientes em grupos: etários, sociais, por hábitos de consumo, por atuações profissionais, *hobbies*, preferências religiosas, cinéfilos, entretenimentos ou entretenimento educativo (infantil), como no caso do canal televisivo *Discovery Kids*, voltado ao público de zero a seis anos.

Passo, a seguir, a apresentar o canal *Discovery Kids*, pois está associado intimamente ao *site* que irei examinar neste estudo. Esclareço que optei por esse caráter mais linear de apresentação por questões práticas e por entender que é necessário marcar que meu objeto de estudo está atrelado a outros artefatos culturais, não podendo, assim, ser deles dissociado.

O *Discovery Kids* é um dos ramos do grupo *Discovery Communications*, como já referi no item anterior. Tem sede no Brasil, tendo sido lançado nos Estados Unidos em 1996 e na América Latina em 1998. Este canal opera ininterruptamente 24 horas e está voltado para o público infantil com idades

⁶³Disponível em: < <http://mundodasmarcas.blogspot.com.br/2006/06/discovery-channel-explore-world.html> > Acesso em: 2 maio 2013.

entre zero e seis anos de idade. Segundo o site Mundo das Marcas ⁶⁴, este canal tem mantido uma posição de liderança entre os que oferecem conteúdo infantil na América Latina, chegando a 90 milhões de lares em 35 países e ocupando os primeiros lugares em audiência. Para Fernando Medin, diretor do Discovery Networks no Brasil, a programação exibida no *Discovery Kids* diferencia-se da apresentada nos demais canais infantis, sobretudo por conter no seu “DNA elementos claros de educação e formação”⁶⁵. Aliás, tudo que é veiculado sob a chancela da marca Discovery Kids recebe uma conotação de “educativo”.

Com relação à ascensão da audiência da classe C, refere o diretor que, “na maioria das vezes, as famílias da classe C têm um só ponto [pago] para assistir televisão, o que acaba reunindo as pessoas para assistir a um único programa”. O diretor parece pretender apontar, assim, para a “dimensão positiva” e agregadora propiciada pela assistência a programas de TV por assinatura “em família”, o que poderia ser entendido aqui como uma espécie de comemoração de Medin (2012), tendo em vista o que o ingresso dessas “famílias de classe C” e seus hábitos/perfil de consumo poderiam representar ao canal televisivo em termos de audiência e de novos anúncios publicitários. Medin (2012) afirma que, em muitas residências, são os filhos que decidem a programação que deverá ser assistida pela família e salienta a expressiva audiência de cerca de 11,6 milhões de pessoas que assistiriam ao canal televisivo *Discovery Kids*.

Para Schor (2009), as crianças têm se tornado condutoras/influenciadoras daquilo que deve ou não ser “levado” para dentro dos lares, ou seja, as corporações têm vislumbrado nelas um importante “portal de acesso” às famílias. Tal poder de influência exercido pelas crianças ajudaria a compreender o fato de o canal infantil *Nickelodeon*, um dos líderes de audiência nesse segmento nos Estados Unidos, ter entre seus anunciantes a montadora de carros Ford e pacotes de passeios direcionados às famílias (viagens e *resorts*), como aponta












⁶⁴ Disponível em: < <http://mundodasmarcas.blogspot.com.br/2010/05/discovery-kids.html> >. Acesso em: 3 mar. 2013.

⁶⁵ As informações sobre o “DNA” educativo do Discovery Kids são recortes de entrevista intitulada *Discovery Kids aposta em novos formatos - Canal pretende consolidar liderança do canal na TV paga*, concedida por Fernando Medin, diretor-geral do Discovery Networks no Brasil.

Schor (2009). A autora (Ibidem) afirma, ainda, que a opinião das crianças é requisitada desde a mais tenra idade nos Estados Unidos e que elas, muitas vezes, têm influência na escolha de produtos e marcas que serão consumidos pelos adultos, incluindo os lanches e outros alimentos, mas também produtos de saúde e beleza, filmes, músicas, livros, estilos de carros, viagens e o canal televisivo a ser assistido pela família, por exemplo.

A seguir, apresento sucintamente algumas das séries exibidas no canal *Discovery Kids* entre os anos de 2012 e 2014 (e algumas em 2015), através de um quadro síntese, pois essas séries contêm temáticas que se enlaçam a outras postuladas na seção *My Kids*, do *site* estudado nesta tese. Embora se altere a plataforma midiática pela qual se veicula o entretenimento, nela se entrelaçam representações que reafirmam uma intencionada dimensão educativa, expressa também na *My Kids*. O quadro a seguir foi classificado em temáticas e séries que entendi serem as mais recorrentes e destacadas nesse canal televisivo (Quadro 2).

Quadro 2 – Temáticas e séries do Discovery Kids

Arte, leitura, Criatividade, dança e brincadeira		Ciência, Ecologia e Matemática		Relações Interpessoais, Familiares e ética		Aventuras, empreendedorismo	
	<i>Os Piratas e suas Aventuras Coloridas</i>		<i>Rob, o Robô</i>		<i>Peppa</i>		<i>As aventuras de Doki</i>
	<i>Super Why</i>		<i>Show da Luna!</i>		<i>Barney e seus Amigos</i>		<i>Mike o Cavaleiro</i>
	<i>Zack & Quack</i>		<i>Mecanimais</i>		<i>Milly e Molly</i>		<i>Super Wings</i>
	<i>Mister Maker</i>		<i>Velozmente</i>		<i>Meu Amigãozão</i>		<i>Aventuras de Chuck</i>
	<i>Hi-5</i>		<i>Peixonauta</i>		<i>My Little Pony: A Amizade é Mágica</i>		<i>Thomas e seus amigos</i>
	<i>The Fresh Beat Band T2</i>		<i>Peg + Gato</i>		<i>Bananas de Pijamas</i>		<i>Transformers Rescue Bots</i>
	<i>Angelina Ballerina</i>		<i>O Gatola da Cartola tem tudo na Cachola</i>		<i>Jelly Jamm</i>		<i>Bob o Construtor</i>
	<i>Backyardigans</i>		<i>George o Curioso</i>		<i>O Pequeno Príncipe</i>		<i>Moranguinho Aventuras</i>
	<i>Parque Patati Patatá</i>		<i>Aventuras com os Kratts</i>		<i>Que Monstro te mordeu?</i>		<i>Tree Fu Tom</i>

Fonte: Elaborado pela autora (imagens coletadas no site do Complexo Kids)

O Quadro 2 dá uma ideia geral das recorrências de grande parte das pedagogias postuladas a partir das diferentes séries veiculadas dia após dia, ininterruptamente. Tais séries incorporariam, em seu conjunto, demandas usualmente configuradas como necessárias ao pleno desenvolvimento das crianças, o que abrange desde conhecimentos tecnológicos, matemáticos, linguísticos e artísticos até comportamentos direcionados ao aprimoramento das relações humanas e ao alcance de um “senso” de equipe. Essas me parecem ser algumas das principais lições estimuladas e mobilizadas pela programação televisiva no período observado.

Refiro ainda que, a partir da Lei 12.485/2011⁶⁶, que prevê, entre outras regulamentações, que os canais por assinatura apresentem 30% de produção nacional em sua grade, alguns programas brasileiros passaram a integrar a programação da emissora, entre eles: *Peixonauta*, *Meu Amigãozão*, *Princesas do Mar*, *Show da Luna* e, desde outubro de 2015, destaco o ingresso da dupla de palhaços *Patati Patatá*.

Essa marca, representada pelos palhaços *Patati* e *Patatá*, tornou-se, nos últimos anos, um verdadeiro fenômeno que se propagou em diferentes produtos e mídias, pois comercializa, além de CDs e DVDs, apresentações em escolas e *shows* em diversas cidades brasileiras e licencia a imagem dos palhaços para fabricantes de brinquedos, entre outras ações. Tal diversificação da marca abrangeu mercados que, aparentemente, não têm conexão entre si, como os de DVDs, mochilas e ovos de chocolate, mas que superaram uma arrecadação de 200 milhões de reais em 2012⁶⁷. Em relação à estreia da dupla de palhaços, vale acrescentar ter sido acompanhada por inúmeras postagens críticas no *Facebook*⁶⁸

⁶⁶ Entre os anos de 2011 a 2013 apresentou na emissora brasileira de televisão aberta SBT um programa infantil intitulado *Carrossel Animado com Patati Patatá*. Segundo publicação no *website* da *Revista Exame*, essa lei foi duramente criticada pelas empresas desse segmento, que alegavam cerceamento do direito de decisão do consumidor. No entanto, a obrigatoriedade foi mantida. Disponível em:

<<http://exame.abril.com.br/tecnologia/noticias/dilma-sanciona-lei-que-regulamenta-tv-a-cabo-2>> Acesso em: 7 jun. 2013.

⁶⁷ Disponível em: <http://exame.abril.com.br/revista-exame-pme/edicoes/0047/noticias/a-palhacada-aumentou?page=1>

⁶⁸ Disponível em: <<https://www.facebook.com/discoverykidsbrasil/>> Acesso em: 7 out. 2015.

do *Complexo Kids*, especialmente de mães contrárias à exibição desses personagens, vinculados à TV aberta, pois, segundo elas, estes seriam pouco educativos e estritamente ligados ao consumo, conforme manifestaram inicialmente. De qualquer forma, é importante lembrar que as TVs por assinatura têm faturado milhões no mercado brasileiro, em decorrência da crescente adesão das audiências a esse tipo de serviço⁶⁹ pago, que também tem sido acessado mediante o que popularmente se convencionou chamar de “gatos” ou “gatonet” (ligação à rede sem autorização), sendo essa mais uma forma de “adesão” ao *Complexo*⁷⁰.

Momo e Costa (2010) e Momo (2015) demonstram que mesmo as crianças (mães e pais) ditas com baixo poder de aquisição são atravessadas de alguma forma pelas práticas de consumo e pela gramática tecnológica. As autoras (Ibidem) observam que essas crianças são capazes de identificar e reconhecer diferentes marcas e de manusear *notebooks*, celulares e *iPods* tanto quanto adultos ou crianças de condições econômicas privilegiadas. De um jeito ou de outro, elas aprendem na mídia (principalmente televisiva) e na vida das grandes cidades a dominar certa “gramática” tecnológica e mercadológica e a empregam para pensar e viver (Ibidem).

⁶⁹ O faturamento da TV por assinatura superou o faturamento da TV aberta em 2011; segundo dados publicados na *Folha de São Paulo*, esse tipo serviço arrecadou “R\$ 5,4 bilhões no Brasil, contra R\$ 4,2 bilhões da TV aberta no mesmo período e 95% da receita são provenientes da base de assinantes”, como destaca a reportagem. Segundo a Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), até junho de 2012, havia 14,5 milhões de domicílios com TV por assinatura, o que parece explicar o interesse crescente de empresas como o Discovery em atrair cada vez mais clientes, sejam eles adultos ou crianças. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/1129349-todos-os-canais-brasileiros-de-tv-a-cabo-terao-producao-nacional-ate-2013-diz-ancine.shtml>> Acesso em: 7 Jun. 2013.

⁷⁰ Conforme afirmações realizadas em vídeo intitulado *Tv Gato: Roubo de sinal de tv*, com a participação de representantes da Associação Brasileira de TVs por Assinatura-ABTA, o Brasil seria um dos campeões mundiais desse tipo de “gato”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KNWFaqZtMjQ>> Acesso em: 12 Out. 2015.

3.3 SITE DO DISCOVERY KIDS: UMA DAS FORMAS “GRATUITAS” DE ACESSO AO COMPLEXO KIDS

Primeiramente, destaco que as representações veiculadas nesse *site* foram me chamando a atenção logo em minhas primeiras incursões, realizadas entre os anos de 2012 e 2014, devido a aspectos relacionados com sua organização e estruturação, entre eles: **a)** a harmoniosa conjugação de entretenimento e educação, direcionada simultaneamente a crianças, mães e pais; **b)** a preocupação com a relação parental, destacando-se um *hiperlink* (seção) na página principal, dirigido especificamente para mães e pais, sob o título *My Kids - Conectado com seus Filhos*; **c)** o caráter de gratuidade, com livre acesso a grande parte dos conteúdos constantes no *site*; **d)** o destaque dado à ideia de interação, que promove uma quase “discreta” convocação ao consumo, feita por meio de convidativos *banners* nos quais são anunciados produtos e serviços voltados tanto ao segmento infantil quanto ao adulto, assim como o permanente convite às crianças e às suas famílias para realizarem inscrições para participar dos disputadíssimos eventos itinerantes, ações já destacadas na apresentação inicial que fiz do *Complexo Kids*.

Para a caracterização do *site* do *Complexo Kids*, valho-me de materiais que coletei a partir de acessos semanais ao *site* entre os anos de 2012, 2013 e 2014, de anotações e observações que realizei ao longo desse percurso e também de imagens extraídas da *web*. Tais recursos imagéticos me auxiliarão a indicar algumas das possibilidades oferecidas aos usuários do *site*, que, como é bem próprio à Internet, foi se modificando ao longo do período observado.⁷¹

Tais mudanças, como já destaquei ao falar sobre convergência no capítulo anterior, parecem-me ter sido fruto de uma adequação estimulada tanto pelas grandes corporações do ramo tecnológico em “comunhão” com as indústrias midiáticas, quanto pelos próprios usuários, que parecem ter “acolhido” essa tendência à conexão em diferentes telas. Nesse sentido, o estudo conduzido por

⁷¹ Procedimentos metodológicos em relação às análises conduzidas na seção *My Kids* serão discutidos no capítulo *Conexões: invenções metodológicas e as pedagogias Online da My Kids*.

Natansohn e Cunha (2010) aponta para as transformações que estão ocorrendo nos modos de acesso aos conteúdos disponibilizados na Internet, estando entre elas a popularização da tecnologia *touchscreen*, um dos fenômenos experimentados pelos usuários, que podem acessar o que desejam – textos, imagens, vídeos, músicas – diretamente com as próprias mãos, em “qualquer tela” com sensores sensíveis ao toque. Dá-se destaque a essas interações ditas mais “intuitivas” por possibilitarem o acesso aos conteúdos desejados sem teclados (externos), pelo simples deslizar dos dedos na tela, e pronto! Menciono também Lemos (2004), quando indicou que o telefone, o telégrafo e o rádio foram os primeiros instrumentos midiáticos a proporcionarem uma mobilidade comunicacional efetiva, antes possível apenas de forma imaginária; assim, os dispositivos digitais sem fio, juntamente com as possibilidades do “toque na tela”, parecem ter potencializado o sonho da mobilidade e da conexão permanente.

Muitos *sites*, no período de desenvolvimento desta pesquisa, sofreram adaptações estéticas, mas também de outras ordens, para que seus usuários pudessem acessá-los mais facilmente de diferentes modos e lugares. Entre eles, estão o portal do provedor Terra e o *site* do *Jornal Zero Hora*, mas destaco o *site* do canal televisivo brasileiro *Zoomoo*, voltado ao público infantil, que, com apenas um ano de veiculação, já foi concebido, em sua primeira versão, para ser acessado em diferentes dispositivos digitais⁷². Situação semelhante ocorreu com o *site* analisado, que, poucos meses antes da finalização desta tese, sofreu uma grande reestruturação, o que pareceu denotar, entre outras coisas, o desejo de fluir (de ser acessado) cada vez mais intensamente em diferentes plataformas midiáticas. Um exemplo disso é que essa nova versão do *site* do *Complexo Kids* está mais adaptada esteticamente ao acesso em *tablets* e *smartphones*, por exemplo. Em relação aos seus conteúdos, pode-se dizer que os jogos passaram a ter predominância ainda maior, ocupando grande parte do *site*. O caráter “educativo” dos jogos e de outras seções do *site* ainda se faz presente, embora

⁷² Outros vários *sites* sob o domínio Discovery Communications, Inc. também foram reestruturados no mesmo período.

essas atividades não estejam mais indexadas explicitamente por “área de conhecimento”, como na versão que analisei e que apresentarei nas próximas páginas⁷³. Disso decorre que a realização de uma investigação a partir de *sites*, entre outros espaços disponibilizados na Internet, se torna uma desafiadora tarefa em função da extensão, heterogeneidade e dinamismo a que esses espaços estão sujeitos, pois todos os seus elementos são permanentemente passíveis de alterações, conforme argumentaram Fragoso, Recuero e Amaral (2013).

Feitas estas considerações iniciais, passo a apresentar o *site* do *Complexo Kids*, a partir das observações realizadas no período compreendido entre 2012 e 2014. A seguir, apresento, de modo sintético, algumas das principais seções do *site* que estiveram disponíveis na sua página principal. Para facilitar a descrição, indico algumas *seções* principais, as quais irei caracterizar apontando nuances relacionadas à interação, pedagogias mobilizadas e endereçamento (Figura 8): a) Cabeçalho; b) Seção Jogos; c) Seção Mais; d) Seção Vídeos; e) Seção *My Kids - Conectados com seus Filhos*.

⁷³ Devido à necessidade de atender aos prazos estabelecidos para a finalização desta tese, tornou-se inviável a inclusão, por exemplo, de análises referentes ao “novo” *site*, implementado nos primeiros meses de 2015 do qual foram suprimidas a seção *My Kids* e outras mais, desta nova versão. No capítulo Conexões: invenções metodológicas e as pedagogias online da *My Kids*, retomo algumas considerações que dizem respeito aos riscos e possibilidades de se pesquisar na/sobre a Internet.

Figura 8 - Reprodução da página inicial do *site* do Complexo Kids e suas diferentes seções.



Fonte: Página Inicial do *site* do Complexo Kids⁷⁴

⁷⁴ Disponível em: < <http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/> > Acesso em: 13 jun 2013.

a) **O cabeçalho:** Reproduzo na Figura 9 o que está apresentado na página de abertura do *site*. Na barra do portal UOL (de cor preta), os usuários são direcionados para *hiperlinks* temáticos (*Bate-Papo, E-mail, Notícias, Esporte, Entretenimento, Mulher e Shopping e Sistema de Busca*) externos aos limites do *site* infantil. Tal barra obedece à formatação padrão, ou seja, é igual à de outros *sites* hospedados nesse portal. Logo abaixo, na sequência dos *hiperlinks* UOL, no centro, está localizada a primeira seção propriamente dita do *site* analisado, apresentada a partir de uma barra azul com ícones em formato de cubos (semelhantes a *gifs*⁷⁵) que, no momento da captura da imagem, direcionavam para diferentes jogos disponíveis nesse *site* infantil (Figura 9):

Figura 9 - Reprodução da página inicial do *site* do Complexo Kids - Cabeçalho



Fonte: Site do Complexo Kids⁷⁶ - Página Inicial

Na sequência, na barra verde, estão visíveis a logomarca e vários ícones de personagens das séries exibidas na televisão; quando acionados, os ícones direcionam os usuários para páginas que apresentam os personagens e os caracterizam em seus “modos de agir” nas séries em que atuam. No entanto, nesta seção, não é possível realizar interações, apenas a leitura do que estava nelas posto. Esta barra de rolagem verde possui, ainda, um ícone em formato de

⁷⁵Graphics Interchange Format (GIF), ou formato de intercâmbio de gráficos, é um formato de imagem muito usado na Internet, lançado em 1987. Um tipo particular de GIF bastante conhecido é o chamado GIF animado. Ele é composto de várias imagens do formato GIF compactadas em um só arquivo. Essa variante é utilizada para compactar objetos em jogos eletrônicos, para usar com *emoticon* em mensageiros instantâneos e para enfeitar *sites* na Internet.

Disponível em: <<http://www.techtudo.com.br/artigos/noticia/2012/04/o-que-e-gif.html>>

Acesso em: 15 jun 2013.

⁷⁶ Disponível em: <<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/>> Acesso em: 13 jun 2013.

notebook, que, quando acionado, direciona os usuários para área de jogos, que, aliás, é a área que oferece maiores possibilidades interativas com o usuário, conforme passo a destacar a seguir.

b) Seção de Jogos: esta seção é apresentada como um local “especial”, no qual as crianças podem aprender, se divertir e interagir com os icônicos personagens que circulam no canal televisivo do *Complexo Kids*. (Figura 10). Para ter acesso a esse ambiente, é preciso acionar um botão com a palavra *Jogos*, a partir do qual são listadas temáticas e desafios “educativos”, aliás, como praticamente tudo que é vinculado a esse *Complexo Kids*. Os jogos disponibilizados no *site* direcionam-se à captura do público infantil e é um dos espaços mais acessados pelos usuários que frequentam o *site*, o que está explícito em afirmação feita em entrevista pelo já referido diretor do Discovery Networks no Brasil, Fernando Medin (2012).

Outro aspecto importante a destacar é que, nestes jogos, tal como sucede nas animações veiculadas na tevê, as paisagens são coloridas e vibrantes e seus personagens aparentam felicidade e alegria, diferentemente de outros jogos, nos quais a prática da violência, a velocidade e a competição são os motes do entretenimento⁷⁷. No caso dos jogos disponibilizados neste *site*, as ações que permitiam avançar para as diferentes fases, na maioria das vezes, estão relacionadas com a aquisição (domínio) de conhecimentos veiculados na escola, o que talvez tenha sido um dos motivos para que tal *site* tenha recebido adesão de tantas crianças, bem como a anuência de mães e pais para o seu acesso (Figura 10).

⁷⁷ Ressalto a questão da violência nos jogos, pois não é raro que crianças por volta de seis anos idade terem acesso ao *game* conhecido por GTA ("Grand Theft Auto", que em português quer dizer *Grande Ladrão de Carros*); em suas várias versões, o jogo tem como mote o roubo de carros e diferentes práticas de violência e contravenções. Além desse, existem muitos outros direcionados para adultos, mas que acabam sendo jogados por crianças. Na própria plataforma do UOL (que hospeda o *site* aqui estudado) encontrei o *site* Jogos 360, especializado em jogos e com uma seção destinada especificamente aos de violência, mas que mesclam crimes como suborno e corrupção (como o *Favela Heroes*). Disponível em: <http://jogos360.uol.com.br/violentos/>. Acesso em: 12 dez.2015. Além disso, as autoras Kelbert e Saraiva (2014), em seus estudos sobre *sites* infantis, registraram uma tendência por parte das crianças maiores a optarem por jogos mais desafiadores e menos previsíveis do que esses “educativos”.

Figura 10 - Reprodução da página inicial do *site* do Complexo Kids - Seção Jogos



Fonte: Site do Complexo Kids – Seção Jogos⁷⁸

O primeiro jogo (Figura 10), por exemplo, elencado no quadro, da esquerda para a direita, foi inspirado a partir dos personagens da série *Dinotrem*, tendo como “objetivo” a localização, pelas crianças, dos dinossauros nos assentos do trem, os quais representam os diferentes períodos da história geológica da terra – cretáceo, jurássico, triássico, etc. Ao acionar os *hiperlinks* com a palavra “jogos” (destacada em amarelo), é possível ter acesso a uma variedade ainda maior desses entretenimentos, ficando bem explícito o desejo de indicar as áreas de conhecimento que poderiam ser acionadas pelos usuários (Figura 11).

⁷⁸ Disponível em: <http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/jogos/> Acesso em: 13 jun 2013.

Figura 11 – Reprodução do conjunto de possibilidades oferecidas na seção de jogos



Fonte: Site do Complexo Kids – Seção Jogos⁷⁹

Ainda cabe citar que essas divisões temáticas bem explícitas destacam as vantagens de as crianças estarem diante desses jogos (brincadeiras). Novamente saliento ser essa seção uma das mais interativas e, talvez por isso, uma das mais atrativas para as crianças. Invoco Kelbert e Saraiva (2014), que ao examinarem um outro *site* que disponibiliza jogos infantis, denominado *Mundo do Sítio*, destacam haver nele uma “proposta pedagógica”. Tal afirmação me parece poder ser estendida ao *site* que estou examinando, pois neste *site* há um recorrente chamamento feito à matemática e aos exercícios de leitura e música, por exemplo. Entretanto, é importante dizer que, embora não houvesse nenhuma classificação

⁷⁹ Disponível em: <http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/jogos/> Acesso em: 13 jun 2013.

explícita de jogos em função de seu endereçamento a diferentes “gêneros”, fica bem evidenciado, pelo uso de cores e tipo de temática do jogo, que alguns são mais direcionados para meninos e outros para meninas. Só para citar um exemplo do que estou afirmando, no jogo protagonizado pelos personagens da série *My Little Poney*, (segundo jogo da esquerda para a direita a ser visualizado na Figura 10), o mote inicial é o “acerto” da troca de roupas, da cor das crinas, das cores das caudas e dos acessórios dos pôneis, que eram predominantemente em tons de rosa e lilás. Já alguns dos jogos dessa seção voltados para os meninos focalizavam as diferentes aventuras e resgates protagonizados por aviões, caminhões, humanos e robôs, como, por exemplo, os inspirados na série televisiva *Transformers Rescue Bots*.

É possível dizer que as práticas adotadas nesses entretenimentos (jogos/brinquedos) funcionam como marcadores identitários, tais como aquele que Sabat (2004) referiu relativamente à produção de identidades dos sujeitos ao afirmar que esta não é realizada de uma vez por todas, mas, ao “contrário, trata-se de um processo de repetição contínua para que tal processo se dê” (p. 98). Trata-se aqui, então, da repetição contínua de significados que vão marcando quais seriam as identidades próprias às meninas e aos meninos promovidas nesse espaço de jogo. Tentei demonstrar que, enquanto as crianças se “divertem”, elas também estão aprendendo lições histórico-culturais relacionadas ao gênero, assim como aprendem a consumir os objetos e estilos de vida relacionados aos seus personagens preferidos presentes dentro e fora das telas.

c) Seção Mais: esta seção está apresentada na página inicial através de imagens de personagens televisivos, recurso empregado em muitas outras partes do *site*, mas, nela também estão incluídos textos “convidativos”, tais como o primeiro (posicionado à esquerda), que dizia: *faça combinações ricas e nutritivas com Sid e Gabi*. Ao acionamento do ícone, que apresenta o sinal de adição (+), o/a usuário é direcionado mais uma vez para uma seção de jogos, que nesse caso não estavam separados explicitamente por áreas de conhecimento, como anteriormente. Ou seja, de diferentes modos, neste *site*, buscava-se instigar os

usuários a participarem dos jogos “educativos” que nele são disponibilizados, mesmo que nem sempre tal intenção estivesse explicitada.

Kelbert e Saraiva (2014), ao estudarem as seções de jogos em *sites* infantis, indicam que o emprego da palavra “aprendizagem” nesses espaços da Internet seria um dos principais apelos para pais e mães adquirirem assinaturas de *sites* para seus filhos. Para essas autoras (Ibidem), os produtos adjetivados como pedagógicos ou educativos podem adquirir, junto aos pais e mães, certa vantagem competitiva no mercado de consumo. Também o fator interação, que se apregoa terem os jogos, parece ser um dos atrativos voltados à captura do usuário infantil, que busca diversão, conforme já marquei (Figura 12).

Figura 12 - Reprodução da página inicial do *site* do Complexo Kids - Seção Mais.



Fonte: *Site do Complexo Kids - Página Inicial*⁸⁰

d) Seção Vídeos: nesta seção, ao acionamento dos personagens, destacados na parte central, é possível assistir a pequenos trechos das animações exibidas na televisão ou mesmo dos interprogramas em um formato assemelhado a um videoclipe ou, ainda, a pequenos musicais, especialmente os protagonizados por Doki. Os vídeos são diversos, e a sua disponibilização parece configurar-se como um chamamento à aquisição do pacote televisivo que integra o *Complexo Kids*, porque remete às animações e a outros programas infantis veiculados pela emissora de TV, ou seja, dá continuidade, complementa, amplia etc. a experiência televisiva, mas em outro tipo de tela e modo de acesso. Assim,

⁸⁰ Disponível em: <http://discoverykidsbrasil.uol.com.br> Acesso em: 13. jun. 2013

como ocorre em praticamente todas as seções do *site*, a seção vídeos não faz uso de textos escritos, mas apenas de recursos imagéticos e sonoros que mesclam trechos de animações a pequenos vídeos protagonizados pelos personagens televisivos, desenvolvidos a partir de temas que reforçam o gosto pela ciência, pelo bom relacionamento/senso de equipe (amizade), sendo ensinados, além disso, hábitos de higiene e saúde, entre outros. A Figura 13 ilustra a página inicial da seção vídeos.

Figura 13 - Reprodução da página inicial do *site* do Complexo Kids - Seção Vídeos



Fonte: *Site* do Complexo Kids – Página Inicial⁸¹

Outro aspecto a destacar é que mais da metade dos ícones dessa seção – que dão acesso aos vídeos – traz a mascote Doki (ou alude ao seu nome), reafirmando a importância que este personagem ganhou no *Complexo*. Ainda se faz necessário voltar a atenção para a chamada “Doki Recomenda”, posicionada à direita da tela (*printscreen*). A partir dela, é possível ter acesso às recomendações

⁸¹ Disponível em: < <http://discoverykidsbrasil.uol.com.br> >. Acesso em: 13 jun. 2013.

deste tão importante protagonista do *Complexo*, estando entre elas: sugestões de leitura de textos; lançamentos de filmes e séries voltados para as crianças e suas mães; anúncios publicitários, incluindo propaganda explícita de produtos, como o *Nescau Cereal*; e agendamento de eventos sociais (já citados) protagonizados pela mascote e sua turma. Portanto, havia uma alternância de indicações e convites recomendados pelo Doki.

e) Seção My Kids - Conectados com seus Filhos (Figura 14): esta é a seção do *site* onde focalizei minhas análises, basicamente, nos artigos endereçados aos pais e mães usuários da *My Kids*. Entretanto, esclareço que realizei a seguir uma apresentação geral dos “serviços” disponibilizados aos pais e mães usuários do *site*. Posteriormente, no capítulo intitulado *Conexões: invenções metodológicas e as pedagogias Online da My Kids*, apresentarei as análises.

Talvez por intermédio da *My Kids*, à semelhança do que indicou Klein (2002), tenha-me sido possível vislumbrar “realmente” qual é a “alma deste negócio”. Tal seção ocupou, no período observado, um espaço diferenciado na página inicial do *site*, sendo o seu conteúdo organizado por meio das seguintes indexações (*hiperlinks* principais – ver Figura 14): **Artigos**: há a disponibilização de textos elaborados por especialistas voltados ao aconselhamento de mães e pais sobre os modos de lidar com as crianças, como já venho indicando. Esta é a seção do *site* na qual focalizo minhas análises, que serão apresentadas no capítulo *Conexões: invenções metodológicas e as pedagogias Online da My Kids*; **Séries**: em tal área, mães e pais podem obter o perfil dos personagens das animações, bem como a indicação das “aprendizagens” mobilizadas por cada uma das séries exibidas na televisão; **Festa Kids**⁸²: é possível a confecção e emissão personalizada de convites de aniversário com a marca *Discovery Kids*; **Relatórios**: a partir de um cadastramento prévio, por parte dos adultos, o administrador do *site* permitia o acesso a relatórios individualizados que mapeavam (supervisionavam) os jogos mais acessados e favoritos de cada criança, bem como as áreas de conhecimento a esses vinculadas, mediante prévia solicitação de mães e pais. Nessa seção,

⁸² Não será realizada aqui a caracterização das áreas *Festas*, pois o acesso a esta seção precedia de fornecimento de dados pessoais.

oferece-se um “balanço da aprendizagem” da criança frente aos jogos, uma espécie de perfil de acesso do usuário. Assim, mães e pais poderiam monitorar as interações de seus filhos com o *Complexo Kids*, valendo-se, para tal, dos argumentos e gráficos (e da avaliação) que o próprio *Complexo* lhes oferecia.

3.3.1 My Kids: link dos artigos

Passo agora a descrever a *Área Pais – My Kids*, problematizando, inicialmente, o nome dessa seção do *site* que, embora utilize o substantivo “pais” no plural, com o intuito de contemplar a noção plural (masculino e feminino) de pai e mãe, parece endereçar-se especialmente para as mães. Tal entendimento pode ser observado, principalmente, a partir das fotos selecionadas para ilustrar os artigos disponíveis na seção, que vinculam os cuidados dos filhos – amor, carinho, zelo – à figura materna (ver apêndice 1)⁸³. Os pais até protagonizam algumas fotos, contudo, as imagens costumam associá-los às noções de limite, segurança e sucesso, conforme discutirei no capítulo *Conexões: invenções metodológicas e as pedagogias Online da My Kids*

Como já apontei, na maioria das vezes, os artigos utilizam fotos como um recurso para evocar sentimentos maternos de proteção e de cuidados especiais, mobilizados, ao que parece, na direção de indicar às mães como educar seus filhos para que esses possam obter destaque e sucesso em diferentes esferas do mundo contemporâneo. Outra peculiaridade encontra-se nos artigos em que é dado destaque a fotografias de crianças, mães, pais e irmãos (famílias) administrando e superando diferentes situações no lar, nas férias (momentos de lazer) ou no ambiente escolar. Cabe salientar que, enquanto que nas áreas voltadas especificamente às crianças, é feito uso exaustivo de ícones, cenários e personagens assemelhando-se bastante, ao que é mostrado na televisão, nos artigos as imagens fotográficas empregadas são frequentemente protagonizadas por crianças e famílias em diferentes situações que envolvem lições sobre a

⁸³ No apêndice 1 apresento os títulos dos artigos e as imagens associadas ao tema focalizado nessas postagens, cuja coleta foi realizada no período já indicado.

imposição de limites, sobre a felicidade, sobre vida em sociedade e brincadeiras apropriadas para as crianças. Destaco que se encontram nessa seção, em menor escala, as orientações direcionadas aos cuidados com a saúde, bem como com a manutenção da higiene corporal e a do meio ambiente, que estão entremeados de chamamentos ao consumo, feitos por meio de *banners* que divulgam diferentes produtos, incluindo-se, entre esses, os que anunciam a própria corporação *Discovery*. Busquei destacar, a partir das considerações que venho fazendo, a disposição do *site* do *Discovery Kids* para mobilizar tanto as crianças de zero a seis anos de idade, através de jogos, e vídeos, quanto suas mães e pais que, são de fato os efetivos contratantes (clientes) do *Complexo Kids*. Apresento algumas das chamadas “semanais”, postadas na página principal do *site*, para o acionamento da seção *My Kids* (ver Figura 14):

Figura 14 - Reprodução da página inicial do *site* do Complexo Kids - Chamada para a seção *My kids* dá destaque aos artigos sobre problemas de comportamento



Fonte: Site do Complexo Kids – Página Inicial⁸⁴

Conforme é possível observar na Figura 14, a chamada para a leitura dos dois artigos que integram o *site* inclui a imagem de duas crianças – uma delas é uma menina praticando artes marciais, atividade ressaltada no nome do artigo como importante opção para a resolução de problemas de comportamento, e a

⁸⁴ Disponível em: < <http://discoverykidsbrasil.uol.com.br> > Acesso em: 13 jun. 2013.

outra, que está associada ao artigo que trata de sedentarismo e hiperatividade, focaliza um menino fazendo caretas. Embora o título do artigo da esquerda seja “problemas de comportamento – uma opção são as artes marciais”, a foto não está relacionada ao problema em si, mas à solução sugerida (e aplicada) para contornar tal problema, conforme demonstra a pose da menina. Ao clicar nessa imagem, a foto se expande e é possível observar um cenário ensolarado, no qual há outras duas meninas, exatamente com a mesma postura, sendo uma delas loira e a outra com traços orientais, estando ambas com os olhos fechados e assumindo uma posição de meditação, oração, concentração...

Já na segunda imagem, o que está sendo sugerido é que o menino da foto é hiperativo ou sedentário e que a causa da sua aparente contrariedade decorreria, talvez, de tentativas de alterar essa sua situação. A foto também se amplia, permitindo ver que o menino não apenas está “fazendo cara feia”, mas desferindo um soco (pose para foto) contra alguém imaginário. Assim, a imagem sugere a associação entre hiperatividade, sedentarismo e agressividade. Os dois artigos focalizam problemas de comportamento, e, como as fotos sugerem, para o primeiro caso, há uma proposta de solução em curso, o que não fica tão evidente em relação ao segundo caso. Kellner (2001) afirma que a imagem é poderosa ferramenta da publicidade e seria provavelmente uma das aliadas mais persuasivas empregadas nos apelos midiáticos para vender não só produtos, mas qualidades socialmente desejáveis. A apresentação da seção *My Kids*, na página principal, geralmente traz imagens de meninos e meninas de diferentes faixas etárias associadas ao tema focalizado no artigo veiculado pelo *site*.

A imagem, a seguir, apresenta a indexação temática dos artigos postados na *My Kids* por áreas de conhecimento, sendo importante destacar que nela estão empregados critérios temáticos semelhantes aos dos ambientes dedicados aos jogos (Figura 15)⁸⁵. Entretanto, essa classificação nem sempre representa/corresponde ao que é abordado nos artigos.

⁸⁵ No último capítulo, *Conexões: invenções metodológicas e as pedagogias Online da My Kids*, serão abordados e ampliados outros aspectos da *My Kids*. Aqui, limito-me a considerações mais gerais.

Figura 15 – Reprodução da seção *My Kids*- agrupamento temático dos artigos



Fonte: Seção *My Kids* – Página Artigos⁸⁶

Adentrando um pouco mais na *My Kids*, destaco que, durante o período observado, os usuários adultos postaram comentários, opiniões, experiências e dialogaram com outros pais e mães sobre as temáticas abordadas nos artigos, sendo importante frisar que, não raramente, esses interlocutores relatavam “casos” para confirmar o que fora indicado/sugerido nos textos relativos à educação das crianças disponibilizados na seção. Nas minhas incursões pela *My Kids*, observei pouca resistência dos pais e mães ao que era dito nos artigos, sendo frequente que eles agradecessem pelas informações disponibilizadas. Transcrevo a seguir alguns comentários tecidos por mães que leram o artigo *Sugestões na hora de impor limites*⁸⁷ (Figura 16).

⁸⁶ Disponível em: < <http://discoverykidsbrasil.uol/pais/artigos> > Acesso em: 13 jun. 2013.

⁸⁷ O artigo *Sugestões para impor limites* será analisado no capítulo *Conexões Analíticas*; a imagem que acompanha o artigo é a de um pai que aponta o dedo para o rosto de sua filha. Disponível em: <<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/sugestoes-na-hora-de-impor-limites/>> Acesso em: 1º jul. 2013.

Figura 16 – Reprodução da seção *My Kids* - Comentários postados por mães relativamente ao artigo *Sugestões na hora de impor limites*



Fonte: Seção *My Kids* – Página Artigos⁸⁸

Conforme é possível observar, as mães não só procuravam a *My Kids* para um aconselhamento (especializado), como também se valiam desse espaço para nele desabafar ou compartilhar seus anseios em relação à educação dos filhos. Algumas vezes, inclusive, havia uma espécie de pedido de socorro, conforme pode ser observado no seguinte comentário: *Por favor, me dêem uma dica de como fazer entender que não é 'não'* (Figura 16). A solução desse problema, proposta por uma usuária durante a interação, refere-se a conhecimentos relativos a outro entretenimento - o *reality show Super Nanny*⁸⁹ - como complemento ao que fora dito no artigo sobre a imposição de limites.

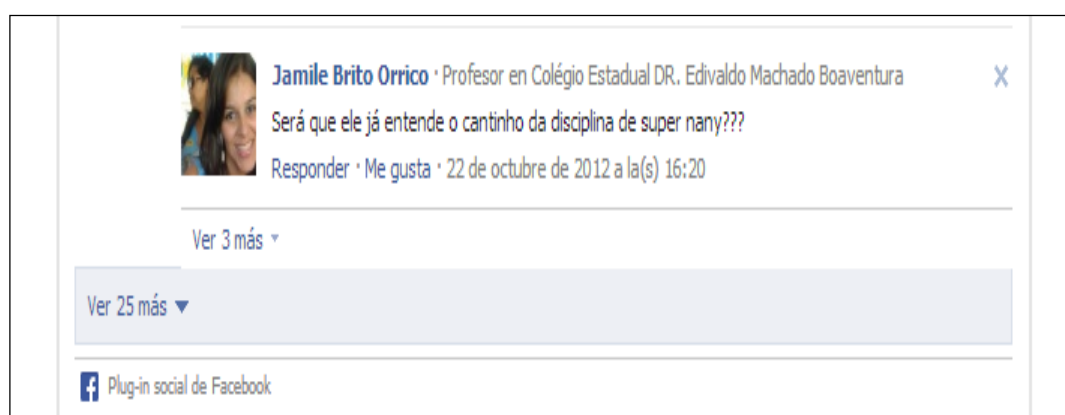
⁸⁸ Disponível em: <<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/sugestoes-na-hora-de-impor-limites/>> Acesso em: 1º jul. 2013.

⁸⁹ A versão brasileira desse *reality show* estreou no SBT em abril de 2006. A cada episódio, a professora de educação infantil e escritora Cris Poli atendia ao chamado de uma família para observar a rotina da casa e o comportamento das crianças. Posteriormente, ela realizava intervenções e sugeria mudanças, muitas vezes, radicais, no cotidiano familiar. E não faltavam “soluções” e “finais felizes” no histórico do programa. *Super Nanny* foi apresentado pela primeira vez na Inglaterra em 2004, sob o comando da educadora Joanne A. Frost. Devido ao sucesso da atração, o programa passou a ser produzido em dezenas de países, em TVs por assinatura, entre elas, o Discovery Home & Health, canal que trata de questões relativas ao universo feminino, conforme indicado anteriormente.

Disponível em: <<http://www.sbt.com.br/supernanny/oprograma/>> Acesso em: 2 out. 2014

Em seguida, veem-se comentários que se contrapõem ao que estava proposto no artigo, bem como as intervenções indicadas no *Super Nanny*, como ocorreu, por exemplo, quando uma usuária argumentou que o bebê de um ano, focalizado na postagem anterior, seria ainda pequeno demais para compreender a prática do “cantinho da disciplina”, empregada invariavelmente em todos os episódios do *reality show* como uma solução para correção dos “maus” comportamentos das crianças (Figura 17).

Figura 17 - Reprodução da seção *My Kids* - Comentários postados por mães relativamente ao artigo *Sugestões na hora de impor limites e à Super Nanny*



Fonte: Seção *My Kids* - Página Artigos⁹⁰

Com esses exemplos, busquei exemplificar algumas das direções em que se dão as interações desencadeadas pela leitura dos artigos. Também busquei mostrar, introdutoriamente, como mães têm aderido (ou não) às “lições” disponibilizadas nesse espaço, aspecto ao qual retornarei no capítulo *Conexões: invenções metodológicas e as pedagogias Online da My Kids*.

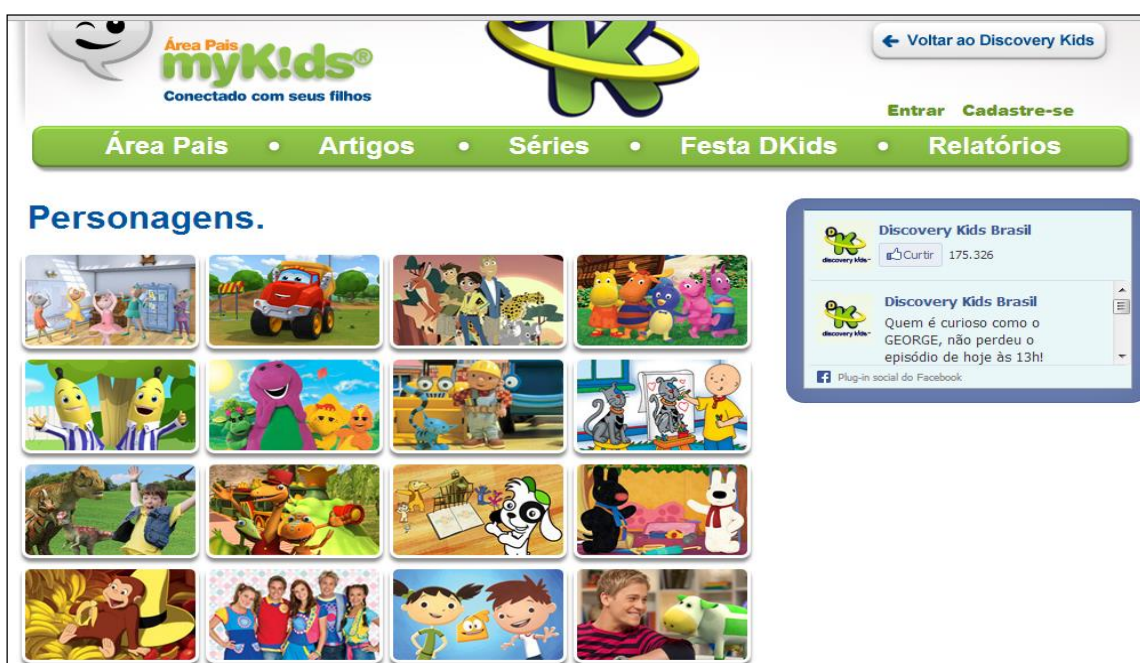
Os artigos postados na seção *My Kids* muito se assemelham a um serviço de aconselhamento, pois neles prolifera o delineamento de atitudes e papéis a serem assumidos pelos pais e mães quando estes objetivam que seus filhos alcancem, no futuro, bom desempenho intelectual e social, felicidade e saúde, ou seja, que obtenham sucesso em diferentes aspectos da vida. A seguir, passo a apresentar outros serviços oferecidos aos pais e mães na *My Kids*.

⁹⁰ Disponível em: <<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/sugestoes-na-hora-de-impor-limites/>> Acesso em: 1º jul. 2013.

3.3.2 My Kids: *link* das Séries

Neste espaço, é possível obter informações acerca das séries exibidas na televisão, sendo que mães e pais podem nele obter uma descrição completa dos conhecimentos mobilizados em cada um dos programas da televisão, bem como ter acesso a uma espécie de caracterização individual do perfil dos personagens. Apresento a seguir a disposição inicial da página (Figura 18).

Figura 18 - Reprodução da seção *My Kids* - Apresentação dos personagens das séries que integram a programação do canal Discovery Kids



Fonte: Fonte: Seção *My Kids* – Séries⁹¹

Como é possível observar, de diversos modos, os adultos são convocados a olhar, a compreender e a valorizar o que o *site* e todo o *Complexo Kids* veiculam. Pode-se dizer que circulam no *site* discursos que apresentam as séries televisivas como importantes para o bom o desenvolvimento das crianças e o andamento da vida das famílias contemporâneas. Vejamos como este propósito se cumpre a partir de um recorte da “descrição” do programa *Velozmente*⁹², disponível na seção destinada a ensinar a olhar as séries e os personagens.

⁹¹ Disponível em: < <http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/personagens/> > Acesso em: 13 jun.2013.

⁹² Ao acionar o ícone dos personagens do programa *Velozmente*, disponível na área *Série*, fui direcionada para este texto.

VELOZ MENTE é um programa que demonstra, de forma engenhosa, que a diversão e a aprendizagem podem coexistir em um mesmo contexto. Além disso, a série estende o conceito do Discovery Kids a **todos os membros da família, cativando tanto pais como filhos** à medida que **mede suas habilidades** e a dos próprios. [grifos meus]

(Disponível em: <<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/personagens/velozmente/>>. Acesso em: 5 maio 2013.)

Esse é o único programa em formato *game show* (ou *quizz show*) incluído na programação do canal televisivo; o jogo inclui a testagem de habilidades e a premiação dos vencedores. Os participantes que não alcançam os percentuais previstos no jogo (vão sendo eliminados e) são submetidos à *Lavadora de Ideias* - uma espécie de lavadora de carros -, que os submete a um constrangimento, compensado com prêmios de consolação e pela “alegria” observada na impostação de voz da dublagem do apresentador, que parece anunciar que, após a lavagem, as crianças perdedoras poderão ter outras chances em etapas vindouras (Figura 19).

Figura 19 - Reprodução da imagem da Lavadora de ideias do Programa Velozmente



Fonte: Vídeo YouTube⁹³

3.3.3 My Kids: *link* dos Relatórios

Os *Relatórios* são indicados no *site* para aquelas mães e pais que desejam observar e gerenciar “de perto” as aprendizagens mobilizadas pelas crianças

⁹³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=K_QIcovUcYI> Acesso em: 10 jun. 2013.

enquanto, por exemplo, elas acessam os jogos nesse ambiente virtual do *Complexo Kids*. Mediante a realização de um cadastro prévio, os adultos podem acessar um *Relatório* para saber detalhes sobre os jogos favoritos e mais acessados pelos seus filhos, bem como o que é acessado em termos de conhecimentos ou habilidades. O relatório possibilita, também, saber quais são as “inclinações” da criança, estando essas traduzidas/mensuradas em gráficos. Vejamos como o *site* apresenta a orientação número 1 para contratação deste *Relatório*: *O relatório de My Kids fornece informações detalhadas sobre as habilidades que seu filho pode desenvolver ao interagir com cada um dos conteúdos da seção de jogos*⁹⁴ (Figura 20).

Figura 20 – Reprodução da seção My Kids - Informativo para “aquisição” do Relatório sobre as habilidades desenvolvidas pelas crianças usuárias do site



Voltar

1

QUE INFORMAÇÕES O RELATÓRIO FORNECE?

O relatório de MyKids fornece informações detalhadas sobre as habilidades que seu filho pode desenvolver ao interagir com cada um dos conteúdos da seção de jogos do discoverykidsbrasil.com.

Além disso, você também encontrará material de apoio (artigos de interesse, sugestões de atividades e jogos para realizarem juntos) que servirá como ferramenta para reforçar o processo de aprendizagem de seu filho, de uma forma atraente e divertida.

subir ↑

Fonte: Fonte: Seção My Kids – Relatórios⁹⁵

Destaco, então, que este é um dos modos como o *site* explicita a sua “preocupação” com os processos de aprendizagem das crianças, o que implica o fornecimento de indicações sobre o apoio que pode oferecer às famílias. Ou seja, o *site* não oferece apenas conselhos baseados em experiências de “outros” *experts*, mas se arvora também a fazer diagnósticos estatísticos sobre potencialidades de cada um dos seus usuários através de iniciativas a serem tomadas por seus pais

⁹⁴ Disponível: < <http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/relatorios/instruccionesshtml> >
Acesso em: 10 jun. 2013.

⁹⁵ Disponível: < <http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/relatorios/instruccionesshtml> >
Acesso em: 10 jun. 2013.

e mães. Isso está explicitado quando se afirma: “*você também encontrará material de apoio (artigos de interesse, sugestões de atividades e jogos para realizarem juntos) que servirá como ferramenta para reforçar o processo de aprendizagem de seu filho, de uma forma atraente e divertida*” (Figura 20). E essa invocação ao apoio, ao esclarecimento, e à disponibilização irrestrita de esclarecimentos, bem como a materiais acessórios importantes para a aprendizagem das crianças usuárias deste *site*, constitui-se em uma outra estratégia utilizada para mostrar o potencial educativo não só do *site*, mas de toda a infraestrutura e *expertise* desse Complexo Kids.

Tentei demonstrar, neste capítulo dedicado à apresentação do *Complexo Kids*, que os textos, imagens, postagens do *site* e especialmente os artigos incluídos na *My Kids* compreendem um *mix* de conselhos e prescrições aos pais, mas principalmente às mães, sobre as aprendizagens que podem ser processadas pelas crianças em cada um dos espaços oferecidos pelo *Complexo Kids*, onde se hibridizam educação e entretenimento corporativos. No próximo capítulo trato das conexões entre infância, mídia e consumo.

4 KIDS NAS REDES: CONEXÕES ENTRE INFÂNCIA, MÍDIA E CONSUMO

Vivi minha infância em São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, nas décadas de 1970/80, quando minhas brincadeiras preferidas eram bolinhas de gude, amarelinha, elástico, soprar bolhas de sabão com talo de mamoneiro, pular corda, ioiô (da Fanta), polícia e ladrão e brincar de datilografar em uma velha máquina de escrever. Essas brincadeiras alternavam-se com a assistência ao *Sítio do Picapau Amarelo* e às apresentações do grupo musical Menudo, ambos exibidos pela Rede Globo de TV, cujo canal televisivo era um dos poucos que podiam ser assistidos sem os incômodos “chuviscos” que distorciam as imagens televisivas naquela época.

É notável que, diferentemente da infância vivida por mim há muitos anos, as crianças das chamadas classes medianas e altas vivem, se entretêm e se socializam nos dias de hoje em novos espaços físicos e virtuais, seja por estarem confinadas em condomínios ou casas completamente muradas onde um dos passatempos principais é o acesso à *web* ou aos canais pagos de televisão, seja por permanecerem em “espaços infantis” restritos, como os oferecidos em *shoppings centers*. Momo (2007) e Momo e Costa (2010) chamam atenção para como até mesmo as crianças que não dispõem de condições mínimas de saneamento básico em suas casas estão, de alguma forma, integradas às teias do consumo e da tecnologia ao valerem-se de trocas/empréstimos, etc. As experiências tecnológicas têm sido iniciadas cada vez mais precocemente por meio do contato das crianças com ícones, logotipos da *web*, programas televisivos e outros estímulos visuais. A autora estadunidense Schor (2004) apontou ser a infância contemporânea um alvo buscado pelas grandes corporações, sendo muitas vezes vista como um dos caminhos para se chegar até o consumidor adulto. Ela destacou que as crianças daquele país, com apenas um ano de idade, já assistiam ao *Teletubies* e consumiam McDonald's. Ela também registrou que, antes dos dois anos de idade, muitas crianças já são capazes de solicitar diferentes produtos, identificando-os pela marca, e que, aos três anos e meio, associam qualidades

peçoais às marcas que consomem, como, por exemplo, ser esperta, bonita, inteligente... Schor (2004) indicou, inclusive, estar a infância no epicentro da cultura do consumo estadunidense na época atual. Como ela (Schor, 2004) igualmente registra, as crianças de hoje, além de utilizarem aparatos tecnológicos e consumirem artigos “especializados”, costumam influenciar na decisão de seus pais e mães relativamente à aquisição de produtos e marcas. Associo as considerações dessas autoras a meus relatos acerca de como vivi minha infância. Chamo atenção sobre ser a infância uma produção histórica, social e cultural, portanto, sujeita a mudanças processadas, particularmente na contemporaneidade, a partir de peculiares condições propiciadas na chamada cultura da pós-modernidade, pelo acesso a diferentes tecnologias digitais imbricadas a práticas de consumo.

São muitas as facetas invocadas para caracterizar as infâncias contemporâneas, notadamente nos estudos conduzidos por Bujes (2006, 2010, 2012), Coutinho (2012), Dornelles, (2005; 2012) Momo (2007; 2012), Momo e Costa (2010), Narodowski (1998, 2013) e Steinberg e Kincheloe (2001b), entre outros autores que consideram ser o desejo de pertencer a uma cultura globalmente reconhecida - por meio do consumo de produtos e estilos de vida propagados na Internet e outras mídias - uma das formas de os sujeitos infantis vivenciarem e constituírem suas identidades. Tais autores mostram como as condições culturais contemporâneas produzem infâncias com características distintas da infância configurada a partir dos legados da Modernidade, como apontarei a partir de discussões apresentadas nesta seção. Aqui também será discutida a ideia de busca de uma “infância de referência”, mesmo que argumente que representações veiculadas nos artigos postados na *My Kids*, muitas vezes, nos reportem a ela. Considero que as representações de criança postadas nos artigos da *My Kids* compõem uma espécie de portfólio pedagógico que conjuga um *mix* de pedagogias, entre as quais, estão: as que exaltam a utilização da tecnologia; as da genialidade; as do bem-estar; as da empatia; as da felicidade; as da busca pelo conhecimento; as escolares; e as do castigo e da privação. Inspirada em Hall

(1997), percebo que as práticas adotadas pelo *Complexo Kids*, especialmente na *My Kids*, destacam a importância da regulação colocada em operação na cultura.

Assim, mesmo que não tenha retomado considerações sobre a emergência e a caracterização da infância moderna, temática já sobejamente analisada em muitos estudos anteriores, entre os quais estão os de Ariès (1981), Varela e Alvarez-Uria (1992) e Bujes (2002ab), saliento que a infância, tal como sucede com outras instâncias que nomeiam etapas de nossas vidas, é instituída no interior de relações de poder. Estas são produzidas em um conjunto de históricas intervenções do Estado, das religiões, da sociedade civil, da filantropia, da medicina, da psicologia, do serviço social, das famílias, da pedagogia e, mais recentemente, das diferentes mídias contemporâneas – entre elas, a Internet.

Pretendi marcar, neste estudo, que algumas das representações colocadas em evidência nos diferentes “artigos” disponibilizados na *My Kids* se direcionam a ensinar também condutas morais e sociais configuradas historicamente e culturalmente como desejáveis para crianças, mães e pais. Bujes (2008) tem chamado a atenção para a possibilidade e a necessidade de se questionarem muitas das “verdades” instituídas sobre a infância que, por circularem em diferentes instâncias, muitas vezes têm sido assumidas como universais. Tal questionamento não implica, no entanto, buscar encontrar no *site* analisado uma “infância ideal”, ou um “modo correto” de veiculá-la para servir de referência a mães e pais.

Considero importante salientar, sobretudo, que o cuidado e a dependência das crianças relativamente aos adultos (família) não estão postos desde sempre na cultura, pois alguns dos significados ainda hoje atribuídos à infância resultam de processos de construção social operados em determinados momentos da história. Ariès (1981) ressaltou que na Idade Média não havia registros de diferenciação entre crianças e adultos e que tampouco se compreendia a infância como um “período especial da vida”, tal qual a conhecemos hoje. Assim, a criança, como salientaram Varela e Alvarez-Uria (1992) ao comentarem os estudos de Ariès (1981), desde que fosse capaz de valer-se por si mesma,

integrava-se à comunidade e participava de suas penalidades e alegrias. Também segundo Varela e Alvarez-Uria (1992), uma primeira infância começou a delinear-se por volta do século XVIII, sob a forma de “bambino ou menino pequeno, espécie de brinquedo divertido e agradável para os membros das classes altas” (Ibidem, p.74). Já no século XIX, ocorreu outra diferenciação, e o bebê aparece como uma nova figura familiar. Porém, todas estas nomeações linguísticas referem-se, especialmente, à infância aristocrática europeia ocidental (e rica). Mesmo assim, os estudos de Ariès (1981) ajudam a compreender como foi se esboçando a configuração da infância e a sua separação do universo adulto, ou seja, como foi sendo estreitamente implicada à noção de família. No entanto, o sentimento de infância e posteriormente o sentimento de família não são relatados entre as classes mais populares até o século XIX, sendo o surgimento da escola obrigatória um dos importantes elementos constitutivos e propagadores da infância e da instituição familiar (Varela e Alvarez-Uria, 1992).

Ao longo do século XVIII, conforme Foucault (2002), acrescentaram-se à noção de infância as preocupações relacionadas com a natalidade e a mortalidade, as quais foram também acrescidas de preocupações com a sobrevivência e o cuidado. O período de desenvolvimento infantil foi sendo entendido, pouco a pouco, como específico e finalizável, havendo necessidade de geri-lo convenientemente. A propagação de tais entendimentos, como destacou Bujes (2005), constituiu-se como uma peculiar forma de significar a infância, dotando-a de “natureza” e características próprias.

De acordo com Foucault (2002), no século XVIII:

São codificadas, então, segundo **novas regras** – e bem precisas – as **relações entre pais e filhos**. São certamente mantidas, e com poucas alterações, as relações de submissão e o sistema de signos que elas exigem, mas elas devem estar regidas, doravante, **por todo um conjunto de obrigações que se impõe tanto aos pais quanto aos filhos: obrigações de ordem física (cuidados, contatos, higiene, limpeza, proximidade atenta); amamentação das crianças pelas mães; preocupação com um vestuário sadio; exercícios físicos para assegurar o bom desenvolvimento do organismo: corpo a corpo permanente e coercitivo entre os adultos e as crianças. A família não deve ser mais apenas uma**

teia de relações que se inscreve em um estatuto social, em um sistema de parentesco, em um mecanismo de transmissão de bens. Deve-se tornar um meio físico denso, saturado, permanente, contínuo que envolva, mantenha e favoreça o corpo da criança. **Adquire, então, uma figura material, organiza-se como o meio mais próximo da criança; tende a se tornar, para ela, um espaço imediato de sobrevivência e de evolução. O que acarreta um efeito de limitação ou, pelo menos, uma intensificação dos elementos e das relações que constituem a família no sentido estrito (o grupo pais-filhos) [grifos meus]** (p.199).

Relativamente aos laços conjugais, o autor (Ibidem) diz que não servirão apenas para estabelecer a união entre duas ascendências, pois a invenção da família passa a servir não só ao propósito de dar continuidade a duas linhagens, mas à produção da descendência, à fabricação, nas melhores condições possíveis, de um ser humano até o estado de maturidade. Essa “conjugalidade” congregará mães, pais e filhos, conforme Foucault (2002),

[...] também para fabricar, nas melhores condições possíveis, um ser humano elevado ao estado de maturidade. **A nova "conjugalidade" é, sobretudo, aquela que congrega pais e filhos. A família aparelho estrito e localizado de formação – se solidifica no interior da grande e tradicional - família-aliança.** [...] Em todo o caso, desde o fim do século XVIII, o corpo sadio, limpo, válido, o espaço purificado, límpido, arejado, a distribuição medicamente perfeita dos indivíduos, dos lugares, dos leitos, dos utensílios, o jogo do "cuidadoso" e do "cuidado", constituem algumas das leis morais essenciais da família (p.199) [grifos meus].

As longas campanhas a respeito da propagação da vacinação e de outros cuidados com a saúde inserem-se nesse movimento que procurou circunscrever as crianças a cuidados oriundos do campo da medicina e atribuir à família a responsabilidade moral pela implementação dessas novas exigências. Da família nuclear que conhecemos, se tem registros apenas no final do século XIX, quando passa a ser posicionada como local de proteção e cuidado das crianças. Como Bujes (2006) indicou, a configuração da categoria infância foi procedida em um “conjunto de condições históricas e sociais marcadas por relações de poder saber”, que lhe inculcaram “determinados traços, marcos e direções” (p. 219).

Bujes (2010) esclarece que, desde o século XIX, o controle sobre as crianças está em ascensão, favorecendo uma profusão de diagnósticos e resultados e “colocando em ação um princípio de visibilidade obrigatória dos sujeitos infantis” (p.171). Segundo Bujes (2005):

Para lidar com as crianças e assimilá-las [...] é preciso, sem dúvida, *infantilizá-las*. E não podemos negar que esta se constitui numa operação de poder. Assim, a **invenção da escola**, como uma instituição de sequestro, e a **invenção da infância**, como objeto de intervenção, como venho afirmando até aqui, são movimentos simultâneos e intimamente conectados. [...] Trata-se daquelas operações que **descrevem as crianças como seres que vivem um momento peculiar de seu desenvolvimento, em que as mudanças se sucedem rápidas, singulares, mas previsíveis**, todas na direção de um aperfeiçoamento que poderá levar o indivíduo, paulatinamente, à realização plena daquilo que é **considerado como suas naturais potencialidades** (p.190) [grifos meus].

As configurações do mundo moderno – que incluem a proliferação de lugares de acolhimento para as crianças, entre estes, a escola – propiciaram, segundo a mesma autora (Bujes, 2005), a invenção de uma infância idealizada, dependente e incompleta, necessitada de proteção e cuidados especiais e dotada de uma “natureza” que favoreceria um desenvolvimento “previsível”, nem sempre importando suas contingências (Ibidem). Porém, a autora (Bujes, 2005) salienta serem essas visões narrativas irrealizáveis⁹⁶ que passaram a atribuir às crianças características tais como inocência, fragilidade, imaturidade, maleabilidade e assim por diante (Ibidem, 2006). Tal modo de nomear e descrever as crianças passou a ser assumido por filósofos humanistas. Foi a partir do século XIX que se organizaram os saberes em pedagogia, psicologia, biologia e outras áreas de conhecimento, com o estabelecimento de um estatuto de “cientificidade” que passou a impor-se como fundamental para orientar também práticas atinentes aos sujeitos infantis” (BUJES, 2006, p.218).

Sobre a noção de infância “infantilizada” que necessita da constante intervenção adulta bem informada, cabe registrar ser essa uma das compreensões que norteiam a organização do que estou considerando como *portfólio pedagógico*

⁹⁶ Tal discussão é desenvolvida pela autora a partir de Bauman (1999a) em *Busca da Ordem. In: Modernidade e Ambivalência*.

da seção *My Kids*. Essa compreensão se traduz na invocação frequente da necessidade de mães e pais entenderem ser a infância um “momento” muito especial que requer constante e intensa atenção, especialmente das mães. Como já venho indicando, o *site* apresenta-se como uma das instâncias capazes de auxiliar pais e mães nessa importante tarefa, o que é feito de muitas formas, dentre as quais estão os “conselhos” fundamentados em estudos de destacados especialistas de universidades estadunidenses. Cabe lembrar que o *site*, mediante as representações que veicula, consagra a estruturação familiar nuclear tradicionalmente composta por mãe, pai e filhos; essa instituição, para ser preservada, necessitaria de conselhos conduzidos por ou com a participação de especialistas que parecem ter como horizonte uma “criança” e uma “família” padrão.

Nesse sentido, nos artigos disponibilizados na *My Kids* que examinei ao longo de quatro anos, houve apenas uma menção ao divórcio⁹⁷. Esse artigo abordava o divórcio a partir dos sérios traumas que as crianças poderiam sofrer, caso “não fosse bem conduzido”. Apontava, por exemplo, a importância de os pais e mães se valerem de profissionais especialistas – pediatras, terapeutas e até mesmo um professor de escola – para auxiliá-los a evitar que as crianças desenvolvessem problemas psicológicos, tais como sentimentos de culpa e comportamentos agressivos, ou que recorressem a manipulações afetivas. Enfatizava que tais problemas decorriam de uma má elaboração de tal situação. Aliás, em nenhum dos artigos foram referidas outras composições familiares – famílias com dois pais ou duas mães, por exemplo. Havia um silenciamento/ocultação desses arranjos familiares nos artigos postados na *My Kids*, mesmo que sejam frequentes em outras mídias as referências e considerações a esse respeito.

⁹⁷ O artigo focaliza, especialmente, uma separação traumática e assinala comportamentos negativos que as mães e pais devem sempre evitar em tal situação, destacando, ao mesmo tempo, a responsabilidade que eles têm na proteção das crianças. É importante registrar o caráter pontual das recomendações feitas – indicadas em uma espécie de roteiro integrado por itens –, com “orientações” para “todos” os possíveis impasses/sofrimentos que “compreendem/ameaçam” um lar em processo de “desestruturação”.

Momo e Costa (2010) consideram que o atual estado da cultura mediada pelas diferentes mídias - entre as quais, as que possibilitam a conexão à Internet - são atravessadas pelas práticas de consumo e trazem implicações contundentes relativamente aos modos de constituição dos sujeitos contemporâneos. Essas peculiaridades atuam significativamente na constituição das infâncias atuais e nos modos de as crianças se relacionarem com amigos, com a escola, com a família, com o entretenimento e de se socializarem de um modo geral⁹⁸. Costa e Momo (2010) usam a expressão “infância pós-moderna” para indicar as “novas” nuances assumidas a partir da centralidade que a mídia e o consumo possuem na cultura contemporânea. Como essas autoras (Ibidem) salientam,

As crianças que são visíveis, valorizadas, credenciadas em seu universo [na pós-modernidade] são aquelas que conseguem portar determinados artefatos, cujos significados repercutem em escala global, com vigência temporária no panorama constantemente renovado da cultura do consumo. **As crianças vivem o mundo das visibilidades no qual, mais do que ter, é importante parecer: parecer ter, parecer ser.** Radiophone nos ouvidos, *mobies* nas cinturas, celulares em cima das carteiras, calculadoras nas mãos e relógios nos pulsos. Crianças rodeando os portadores de tais objetos, propondo trocas e empréstimos, podem ser observadas com grande frequência. Objetos tecnológicos geralmente proporcionam prestígio para quem os carrega, bem como promovem a inscrição em uma cultura globalmente reconhecida (p.976).

Isso está em consonância como as configurações culturais usualmente invocadas para caracterizar a contemporaneidade, tais como visibilidade, efemeridade, ambivalência, descartabilidade e conectividade. As crianças de hoje, ao mesmo tempo em que buscam fruição e prazer, procuram igualmente inscrever-se nas culturas globalmente reconhecidas, o que implica a valorização e/ou aquisição de determinados artefatos que as tornem “credenciadas” para tal. Assim, diferentes artefatos midiáticos têm invadido de forma intensa o cotidiano infantil, podendo ser identificados em uma rápida busca na Internet, onde estão

⁹⁸ Tais estudos levaram-me a refletir sobre aspectos apontados para caracterizar o que tem sido nomeado como infância pós-moderna e a sua produção a partir de determinados artefatos midiáticos e práticas de consumo.

anunciados produtos como *tablets* e *notebooks* voltados especificamente às crianças. Apresento, a seguir, a imagem de um organizador de carro para *tablet* (com porta-mamadeiras e fraldas), disponível em grandes redes e lojas de brinquedo, mas que estava esgotado no dia e no momento da consulta⁹⁹. Tal “oferta” parece-me bastante emblemática dessa vontade de conexão despertada precocemente pelas grandes corporações, o que estaria afetando as crianças e, mais especificamente, os bebês (Figura 21):

Figura 21 - Organizador de carro com Case para *tablet*:



Fonte: Loja de brinquedos Hihappy

“Nativas digitais” é a expressão que Prensk (2001) emprega para caracterizar as crianças nascidas em meio a essa cultura que valoriza a fluidez, a conexão e a mobilidade instantâneas, operadas por meio da Internet, celulares, *pen-drives*, *mp4*, *ipods*, *tablets*, *notebooks*, GPS e *wireless*, bem como das TVs por assinatura. Muitas dessas “nativas” não conseguem imaginar o mundo sem videogames e as “facilidades” de acesso à Internet, parecendo pouco se surpreender com as repetidas substituições ou obsolescência dos artefatos desse

⁹⁹ O referido organizador para carro, cabe ressaltar, vinha acompanhado da seguinte frase “explicativa” sobre sua funcionalidade e utilidade tanto para os adultos quanto para as crianças: “O Organizador para Carro com Case para Tablet [...] sabe como **todos adoramos nossos bebês e também nossos veículos** e pensando nisso desenvolveu [se] o organizador para carro com case para tablet [...] que mantém os acessórios do seu filho sempre organizados, protege os bancos de eventuais sujeiras e acomoda um tablet de até 9,7" para deixar o passeio ainda mais divertido” Disponível em: <<http://www.rihappy.com.br/organizador%20tablet?qs=organizador%20tablet>> Acesso em: 20 set. 2015.

gênero. Assim, dada a rapidez com que as transformações tecnológicas têm se processado, ficamos muitas vezes surpresos quando, por exemplo, nossos alunos não reconhecem um “disquete” de computador, que até consideramos ser um artefato relativamente recente. Conforme Buckingham (2010), muitos dos artefatos tecnológicos são planejados pelas indústrias com uma obsolescência planejada. Em uma direção semelhante, Bauman (2008) caracteriza algumas das práticas relacionadas ao consumo como a busca por uma linha de chegada, que se move à medida que nos deslocamos em direção a ela, permanecendo sempre um passo ou dois à frente de nosso alcance.

Bauman (2010) aponta que as crianças de hoje vivem, em geral, em um mundo drasticamente diferente daquele que suas mães, pais e professores aprenderam a considerar como adequado. Para o autor, esses jovens são uma “geração eletrônica”, que está frequentemente em “rede”, estabelecendo o maior número possível de conexões para, por exemplo, manter-se informada sobre a última moda, seja de sucessos musicais, seja de vídeos “bombados” do YouTube, mas também de festas e eventos, aos quais se pode acrescentar uma infinidade de *jogos eletrônicos*. A agilidade da vida *online* – para aqueles que dela partilham – possibilita incluir ou seguir rapidamente os mais novos acontecimentos e tendências adotadas por diferentes pessoas (famosas ou não) ou pelas grandes corporações e, ao mesmo tempo, excluir, apagar, deletar e desvincular-se rapidamente dessas mesmas novidades, acontecimentos e laços sociais, fotos, amizades, comunidades, encontros, reuniões... “curtidos” e celebrados, assim que se tornarem ultrapassados e completamente obsoletos de uma hora para outra (BAUMAN, 2010).

Alguns dos achados de Bortolazzo (2015) sublinham que velocidade, conexão e consumo estão intrinsecamente relacionados às tecnologias digitais, o que vem permeando também a convocação ao uso de artefatos tecnológicos nos espaços escolares. O autor (Ibidem, p.168) salienta, ainda, que ao longo do desenvolvimento de sua pesquisa foi observando que as “fronteiras geracionais”, no que diz respeito ao acesso e à utilização das tecnologias, que têm como exemplo a Internet, estavam ficando “embaçadas”, sendo possível enxergar

crianças digitais, jovens digitais, mas também adultos jovens e idosos imersos na rede. Destaca Bortolazzo (2015, p.186) que, em virtude da facilidade de acesso à informação proporcionada pelas tecnologias digitais, os adultos estariam “perdendo sua autoridade”, pois as crianças contemporâneas partilhariam de conteúdos que antes estavam mantidos em “segredo”, por serem de acesso restrito a uma espécie mítica de adultos, configurados como “guardiões do conhecimento”.

No entanto, não se trata de indicar se essas crianças que vivem tão próximas dessas tecnologias digitais serão mais inteligentes ou mais perspicazes do que as do passado, cabendo, porém, registrar a ampliação ou inserção de certo tipo de poder – expertise – exercido pelas crianças contemporâneas. Nessa direção, Steinberg e Kincheloe (2001b) já destacavam que “os adultos têm perdido a autoridade que tinham antes, por saberem coisas que as crianças, propositadamente protegidas, não sabiam”, pois atualmente elas têm acesso ao mundo, conforme é descrito pelos produtores de informação das grandes corporações (p.34).

Narodowski (1998) já dizia que a infância ou as infâncias interpeladas pela *cultura da mídia* aspiravam à imediatez, à interação e a todas as possibilidades e tecnologias que elas pudessem operar em benefício de sua satisfação, muitas vezes, momentânea. Como frisou o autor (Narodowski, 1998), na *cultura da mídia*, na qual a satisfação do desejo pode ser imediata, não existe espera para aqueles que podem satisfazê-lo. Essa é uma cultura na qual o filme pode ser adiantado ou atrasado sem sair de casa, à vontade do espectador – uma cultura do *zapping*. Uma cultura na qual não são necessários rascunhos, porque o processador pode fornecer sempre a última versão do que foi produzido. Na cultura do *upgrade*, a última versão sempre é a melhor!

Narodowski (2013), ao referir trabalhos conduzidos por Postmann (1994) e Brinkmann (1986), propõe que a concepção moderna de infância, tal como nos acostumamos a conhecer, estaria em crise. Ao referir-se às infâncias atuais, Narodowski (1998, 2013) localiza-as em dois polos: em um polo, estaria o que ele

chama de infância hiper-realizada, ou seja, a infância 3.0 – conforme a qualifica em alusão à versão da *Web* –, que tem acesso à Internet, a dispositivos eletrônicos, a uma infinidade de canais de TV por assinatura e videogames e que, em vez de ser guiada pelos adultos (seus pais), é capaz de guiá-los e de ser seus “professores” nesse universo digital. Para Narodowski (2013), fariam parte da infância hiper-realizada as crianças

conectad[as] 24 horas al día a los diversos dispositivos al que tienen acceso: *smartphones*, *tablets*, *smartTV*, consolas de videojuegos por mencionar solo algunos. Niños digitales a los cuales les es imposible imaginarse un mundo en que la información, y el mundo mismo no estén al alcance de su mano a través de Internet. Niños que viven en la más absoluta inmediatez, en la realización inmediata del deseo. Niños que **son maestros de sus padres, de sus maestros**. Niños que parecerían no **necesitar más la protección del adulto o mirando la otra cara de la moneda, no generan demasiada necesidad de protección por parte de los adultos** (p.11) [grifos meus].

Narodowski (2013) ainda salienta que a infância hiper-realizada não necessitaria mais ter a expectativa de “chegar à vida adulta” para a plena realização de muitos de seus desejos, pois as crianças pertencentes a essa cultura têm, desde muito cedo, acesso a objetos como tela *touchscreen*, controles remotos, manuais de instruções, computadores, telefones e outros equipamentos que elas rapidamente aprendem a manejar. Elas também utilizam, com certa facilidade, os códigos de comunicação próprios às tecnologias que portam e manuseiam, tais como os *emoticons* - em alguns casos, chamados de *smileys*, caracterizados por serem uma forma de comunicação que representa o estado psicológico e emocional do usuário no momento da conexão¹⁰⁰.

Aqui cabe indicar o constante e insistente chamamento para que as audiências televisivas acessem o *site* do *Complexo Kids*, tendo esse sido remodelado, nos últimos tempos, para ser acessado mais facilmente por *tablets* e celulares. Nos meses que antecederam a finalização da tese, observei a

¹⁰⁰ Essa liguagem paralinguística é derivada da junção dos seguintes termos em inglês: *emotion* + *icon*.

proliferação de crianças (mesmo recém-nascidas) portando diferentes dispositivos móveis em restaurantes no momento da refeição, parecendo haver certa intersecção (acordo tácito) entre o desejo de conexão das crianças e o “alívio” de mães e pais, que pareciam querer controlá-las, não mais com a ameaça do “castigo” ao chegar em casa ou com “olhares penetrantes” dirigidos diante de uma atitude “indesejada” – que em outros tempos pareciam “surtir efeito”, – mas a partir do acionamento de um entretenimento, talvez como o Discovery Kids, em um *tablet* ou em um celular. Como destacou Narodowki (2013), essas crianças podem ser vistas como

Chicos Sub Cero. Chicos www.disney.com. Chicos que ya no comen a la mesa, en familia, en restaurantes, sino que tienen su propio espacio con mesa para ellos, menú exclusivo y un sector dedicado a divertirlos con peloteros, computadoras y para algún nostálgico lápices y papeles para dibujar (p.19).

Ainda em relação à infância hiper-realizada, Narodowski (2013) também chama atenção para o fato de que o conhecimento acumulado pelos anciãos ao longo da vida, que outrora era compartilhado com os mais jovens e utilizado como referência, hoje está cedendo e disputando cada vez mais espaços com os *hyperlinks* de acesso à Wikipédia, a enciclopédia virtual livre, que cada vez mais frequentemente é acessada pela geração que o autor chama de *screenagers*, palavra que utiliza para referir-se aos *teenagers* e às telas *touchscreen*. Para Narodowski (2013),

Hoy los niños son emperadores mediáticos. Control remoto en mano hacen zapping de cientos de canales que tienen disponibles con solo un *click*. Acceden tanto a canales exclusivos para ellos (**inclusive ya se disponen canales para bebés como “BabyFirstTV”**) [...] Niños que transcurren sus días entre pantallas. Pantallas de televisión, pantallas de videojuegos, de *tablets* o de *notebooks* en la escuela. *Smartphones* indispensables para no desconectarse ni un segundo. **Aún con canales como Disney Channel o Disney Extreme transmitiendo 24 horas al día el aburrimiento está a la orden del día.** Ya no hay que esperar por la hora de ese programa favorito que se seguía desesperadamente. Ya no existe el temor al castigo de no poder mirar televisión. Hoy el peor de los castigos sería “desconectarlos” (p.29) [grifos meus].

Ainda segundo o autor (Ibidem), se, de um lado do polo estaria a infância hiper-realizada - com acesso a diferentes artefatos midiáticos e cujo pior castigo seria a privação das “conexões” -, do outro, estariam as infâncias desrealizadas, que vivem na rua, trabalham, são pobres, vagabundas, “da noite”... Talvez o entendimento de infância desrealizada possa ser sintetizado a partir deste excerto de Narodowski (2013):

Son niños que nos cuesta definir como tales, ya que no nos despiertan aquellos sentimientos de protección y de ternura que debieran despertarnos. Son niños que no están infantilizados. Son niños que trabajan, que piden en las calles, que viajan de un lado a otro en búsqueda de algún refugio dónde dormir. Son niños con recursos necesarios para no depender de un adulto, y adultos que no ven la necesidad de protegerlos. Buscan sus propios alimentos, no rinden cuentas a nadie y adquieren sus propias categorías morales de la calle (p.30).

A infância desrealizada não teria acesso facilitado à Internet e aos novos dispositivos tecnológicos. Isto é, essas são crianças de um mundo *off-line* que dificilmente têm acesso à Internet, por exemplo. Enfim, essas são as crianças que viveriam nas ruas, nos esgotos das urbanidades, à margem da sociedade e de suas instituições e que existiram desde sempre, conforme complementam Dornelles (2010) e Coutinho (2012) ao citarem os já referidos estudos de Narodowski (Ibidem). Então, seria entre esses dois polos que, de acordo com Narodowski (1998; 2013), poderíamos situar grande parte das crianças que conhecemos atualmente. Não se trata de dizer que existem apenas duas formas de ser criança, mas de indicar que há uma multiplicidade de crianças entre esses dois polos definidos pelo autor (Ibidem), as quais vivenciam uma série de transformações ocorridas na pós-modernidade nos novos modos de viver e de significar a infância.

Neste momento, abro parêntesis para indicar, que, embora tenha dedicado um capítulo especial para a condução das análises, aponto que, nas representações de criança encontradas no *site* do *Discovery Kids*, as pobres, sem acesso à Internet, praticamente não se fazem presentes. Nos mais de 200 artigos pesquisados, elas nem sequer são mencionadas, o que me conduz a invocar

Bauman (2008) quando se refere a esses indivíduos como “consumidores falhos”, que não seriam dignos de atenção por verem as ervas daninhas do consumo, a quem os “afagos” do *marketing* não alcançariam com tanta eficácia. Também vale salientar que, nas séries exibidas pelo canal televisivo, os personagens visibilizados (crianças e animais com comportamentos humanos) têm boas condições financeiras e intelectuais, bem como acesso a computadores, Internet e outros dispositivos eletrônicos, além de integrarem uma família geralmente configurada como feliz, como já venho indicando e discutirei um pouco mais no capítulo *Conexões Analíticas*. Além disso, no *site* estudado, há somente uma alusão a crianças pobres, sendo essa, por sinal, bastante pejorativa e preconceituosa, como se pode perceber no que comento a seguir.

No artigo postado na seção *My Kids* intitulado *Renda familiar pode afetar capacidade de leitura* (com base em estudos e estatísticas realizados por universidades estadunidenses), as dificuldades de leitura estão associadas à situação financeira das famílias qualificadas como de “baixa renda”. Nele está afirmado que os pais e as mães contemporâneos das classes com menor renda não se dedicariam tanto aos filhos por precisarem trabalhar muitas horas por dia, sendo esse um dos motivos que determinariam que o grupo de crianças investigado apresentasse menores possibilidades de “desenvolvimento” em relação à leitura. O mesmo artigo finaliza com uma citação que alerta mães, pais e professores a estarem atentos à necessidade de utilização dos novos dispositivos eletrônicos como formas de incentivo à leitura. Diz o texto:

Agora, as crianças usam iPads em vez de livros; em vez de ler em papel, leem nas telas de tablets e celulares. Isso está mudando a experiência infantil nos primeiros anos de vida, o que significa que os educadores também precisam mudar o enfoque. É preciso romper com as ideias tradicionais, pensar fora dos padrões. (grifos meus)

(Disponível em: <<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/renda-familiar-pode-afetar-capacidade-de-leitura>> Acesso em: 20 out.2014.)

Como se pode observar, a partir desse e de outro exemplo que citarei a seguir, a infância descrita no artigo como “de sucesso” é aquela que tem boas condições financeiras e acesso a computadores e *tablets*, por exemplo.

Reproduzo, abaixo, uma imagem da série/jogo *Super Why!* - título sem tradução no Brasil, pois foi mantido o original, no idioma inglês -, disponível na seção de Jogos do *site* do *Complexo Kids*, na qual o quarteto de personagens que protagoniza essa série/jogos resolve seus problemas diante do *Super Hiper Computador*, artefato que eles têm como fonte de referência para resolução de desafios relativos à leitura e à linguagem (composição de palavras) - saliento, em idioma inglês¹⁰¹ (Figura 22).

Figura 22 - Personagens do *Super Why!* e o super hipercomputador



Fonte: *site* do Discovery Kids - Seção Jogos¹⁰²

Outro exemplo de como as tecnologias são representadas no *Complexo Kids* pode ser visualizado na série *Pepa Pig*, particularmente em um dos episódios exibidos no mês de dezembro de 2014, intitulado o *Computador do Vovó*. Nesse episódio, a personagem principal, Pepa, brinca no computador da mamãe Pig

¹⁰¹ *Super Why!* é uma série de animação canadense-americana criada por Angela C. Santomero. A série de televisão foi concebida para crianças com idade de 3 a 6 anos, com o intuito de estimular o gosto pela leitura, a familiarização com o alfabeto, ortografia, pronúncia, escrita e fonética no idioma inglês. Disponível em: < https://pt.wikipedia.org/wiki/Super_Why! > Acesso em: 20 out.2015.

¹⁰² Disponível em: < <http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/super-why/> > Acesso em: 20 out.2015

com seu irmãozinho George e ensina ao seu avô que computadores não quebram, não tomam leite nem comem geleia. Nesse mesmo episódio, o vovô Pig conserta o computador da mamãe *Pig* e aproveita para “disputar” com a vovó um “divertidíssimo” campeonato de um jogo semelhante aos de videogame cujo título é “Galinha Feliz”. Cabe destacar o protagonismo das crianças/porcos Pepa e George ao ensinarem seu avô a lidar com o computador.

Dornelles (2005) menciona haver na contemporaneidade a conjugação de uma multiplicidade de infâncias: as mais pobres e as mais ricas, as infâncias do Terceiro Mundo e as dos países ricos, as infâncias das tecnologias e as dos buracos e esgotos, as infâncias superprotegidas, abandonadas, socorridas, atendidas, desamadas, amadas, armadas e tantas outras quanto a linguagem e as pesquisas conduzidas nesse campo puderem abarcar (Bujes, 2005; Costa e Momo, 2010). Assim, pode-se indicar que diferentes infâncias coexistem e se reinventam, com frequência borrando expectativas historicamente preestabelecidas para elas e incitando a colocar recorrentemente em dúvida a crença em uma suposta universalidade infantil (Dornelles e Bujes, 2012; Momo, 2007). Como tenho mostrado, as discussões sobre a infância ao longo desta tese inscrevem-se em uma perspectiva que assume ser essa uma construção cultural, social e histórica, disso decorrendo admitir-se que a infância está permanentemente sujeita a transformações. Estas, segundo Bujes (2002ab), variam com o tempo, com a autoridade de quem fala e também conforme os interesses na educação, as etnias, a classe social, por exemplo, de quem as enuncia e de quem é o objeto da fala.

Dornelles (2005), a partir de Narodowski (1998), denomina a infância globalizada contemporânea de “cyber-infância” e inclui nessa categoria as crianças que têm acesso à Internet e a utilizam para acessar *sites*, ver filmes, jogar, ver vídeos e acessar diferentes programas de computador, entre outras ações. Ao problematizar essa “cyber-infância”, Dornelles (2005) estimula-nos a pensar na (re)configuração que tem se processado nessa infância conectada a novas tecnologias, ou seja, na infância daquelas crianças que dispõem de um arsenal midiático em seus quartos de dormir, cada vez mais assemelhados a verdadeiras “lan-houses globalizadas”, que lhes permite rápido acesso “ao mundo” pela

Internet ou televisão por assinatura (Ibidem, p.79). Para Dornelles (2005), essa “cyber-infância”, essa infância *on-line* (da Internet, dos *games*, do *zapping*, dos *joysticks*) sempre conectada constitui-se em meio à utilização dos já referidos dispositivos digitais (instalados no quarto ou fora deles). Assim, como indicou Dornelles (2005), as crianças da contemporaneidade são produzidas cada vez mais em redutos de consumo infantis, como os parques temáticos, os *resorts*, os cliques de músicas, os filmes, os museus, a mídia (revista, TV, cinema, jornais), as lojas de departamento, os estádios esportivos, entre outros que estão sempre repletos de “ofertas” para atender os consumidores infantis. E é nesses espaços que se fabricam o prazer, os desejos, as emoções, as descobertas e as “perturbações” da infância pós-moderna, afirmou a autora (Ibidem).

Para Coutinho (2012), há simultaneamente na contemporaneidade diferentes locais de capturas das crianças, sendo esses (re)criados de modo a corresponder às novas formas de organização da vida cotidiana: consultórios médicos, supermercados, lojas, restaurantes, clubes recreativos e outros espaços planejados especialmente para as crianças, sendo acentuadamente regulados pelas lógicas de mercado. Além dos espaços infantis apresentados por Coutinho (2012), na Internet, igualmente, há cada vez mais espaços voltados para as crianças, que a ela têm tido maior acesso, conforme argumento.

Os espaços virtuais têm figurado (e tido seu potencial educativo ressaltado) por mães, pais e professores, como se pode ver em reportagens que integram o promissor mercado de revistas. Como exemplo disso, é possível apontar a revista *Educar para Crescer*, produzida pelo Grupo Abril, que destaca, em seu *site*, a matéria intitulada *41 sites que divertem e ensinam*¹⁰³, em reportagem assinada por Marina Azevedo, sintetizando visões de educadores “bastante favoráveis” às “possibilidades de aprendizagem” ofertadas aos usuários dos *sites* infantis autodenominados educativos. Apresento, a seguir, um recorte dessa reportagem.

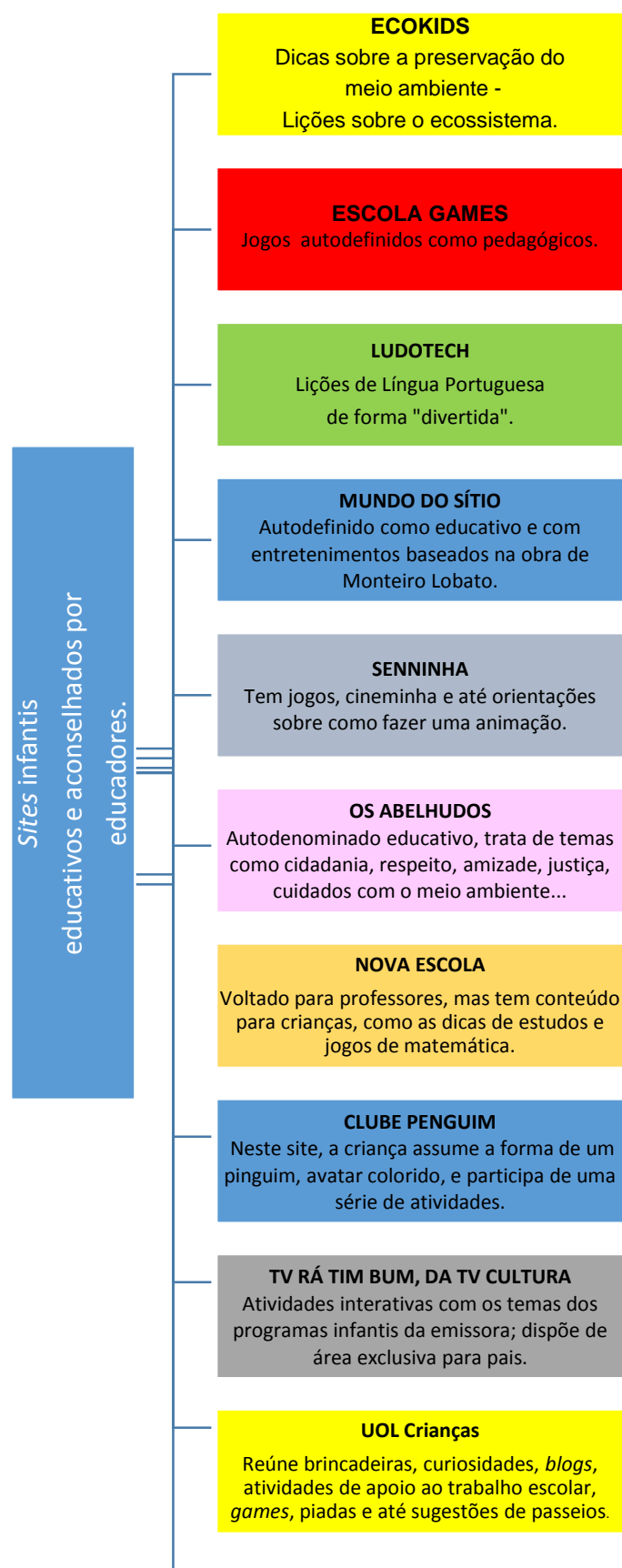
¹⁰³ Disponível em: < <http://educarparacrescer.abril.com.br/comportamento/sites-educativos-504552.shtml> >
Acesso em: 10 set. 2015.

O tempo passado na Internet pode ser voltado para o aprendizado e a aquisição de conhecimentos. Há diversos *sites* que incentivam o desenvolvimento saudável de crianças e adolescentes, ampliando o seu universo cultural. Combinando informação com diversão, eles são, também, um excelente passatempo, que podem entreter e divertir os jovens. Há conteúdos muito ricos na internet, para todas as idades. Acessando *sites* adequados para a faixa etária, crianças e adolescentes poderão aproveitar o que há de melhor na rede (41 *sites* que divertem e ensinam)¹⁰⁴

A reportagem segue discutindo os usos adequados e as possibilidades da Internet, enunciadas por vários educadores, que comentam os 41 *sites* aconselháveis para a formação das crianças, indicando, em cada um deles, um mapeamento das vantagens e diferenciais dos “espaços de aprendizagem” enfatizados na reportagem. Alguns dos *sites* corporativos recomendados na referida reportagem da *Educar e Crescer* e considerados como “bons para as crianças” são: o da *Recreio* (revista publicada pela Editora Abril); o do *Clube do Chamequinho* (marca de papel); e o da *Brinque Book* (editora de livros). Trago a seguir um quadro com alguns dos *sites* sugeridos na reportagem e qualificados como “bons, educativos e confiáveis” para as crianças, famílias e educadores (Quadro 3).

¹⁰⁴ Disponível em: <<http://educarparacrescer.abril.com.br/comportamento/sites-educativos-504552.shtml>>
Acesso em: 10 set. 2015.

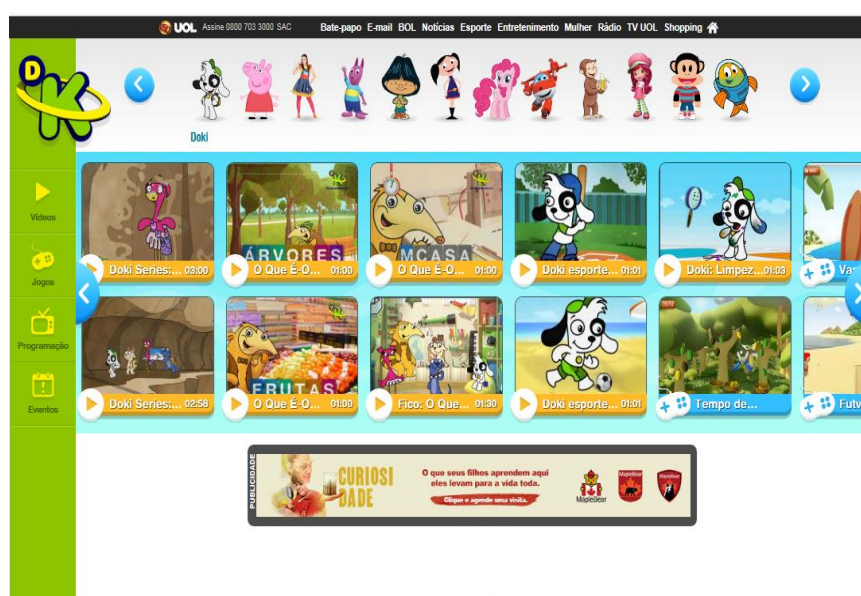
Quadro 3 – Sites “bons, educativos e confiáveis”



Fonte: Elaborado pela autora – A partir da reportagem *41 sites que divertem e ensinam*

Muitos dos *sites* sugeridos são gerenciados por grandes corporações nacionais e até internacionais, estando entre as indicações o *site* do *Complexo Kids*, destacado não só pelo seu “caráter dito formativo”, mas por não ter sido considerado pelos educadores entrevistados (cujo nome não foi divulgado) como apelativo ao consumo. No *site* do *Complexo*, a propaganda observada durante a coleta de materiais para a tese aparecia por meio de *banners*, que divulgavam canais da rede internacional *Discovery*, como *Home & Health*, voltados para o público feminino, e por outros *banners* e pequenos vídeos que divulgavam produtos como Nescau e Nescau Cereal, por exemplo. Outro ponto a salientar é que o formato de divulgação adotado pelos administradores do *site* fez com que a propaganda parecesse estar integrada ao leiaute. Apresento, a seguir, quatro imagens coletadas do *site* nas quais é possível evidenciar convites ao consumo de produtos e de serviços de marcas nacionais e internacionais: a propaganda e o *link* que encaminha ao *site* do Nescau; o *link* que direciona a uma escola canadense que possui franquia no Brasil; o *link* de encaminhamento para o *Discovery Escola*; e o convite para o lançamento nos cinemas da animação infantil *Schaum o Carneiro* (Figura 23, Figura 24, Figura 25 e Figura 26).

Figura 23 – Reprodução do Anúncio de Escola canadense



Fonte: *site* do Discovery Kids – Página inicial¹⁰⁵

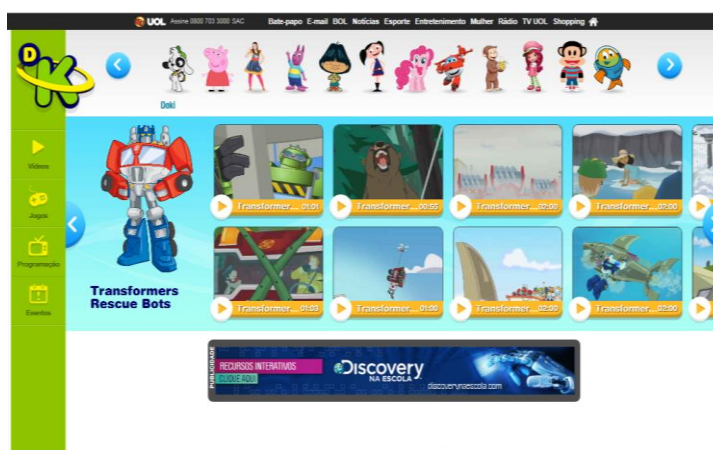
¹⁰⁵ Disponível em: <<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/>> Acesso em: 20 out.2015

Figura 24 - Reprodução do Anúncio do Nescau Cereal (surgiu ao acionar um jogo)



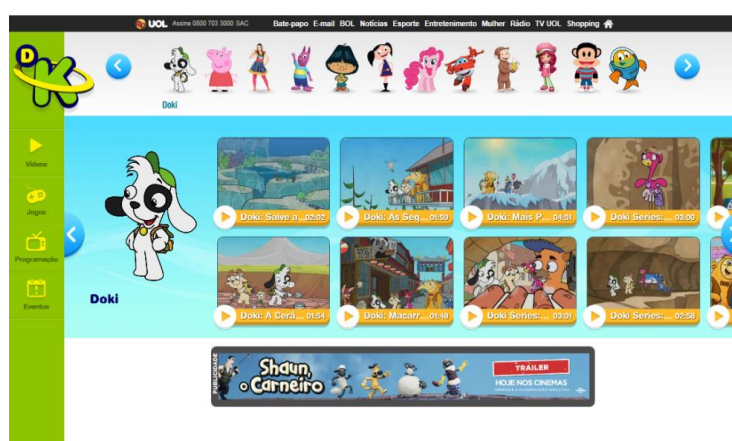
Fonte: *site do Discovery Kids - Página inicial*¹⁰⁶

Figura 25 - Reprodução do Anúncio do Site do *Discovery Escola - Jogos/Transformes*



Fonte: *site do Discovery Kids -Jogos*¹⁰⁷

Figura 26 - Reprodução do Convite para lançamento da animação *Shaun, O Carneiro*



Fonte: *site do Discovery Kids - Página inicial*¹⁰⁸

¹⁰⁶ Disponível em: <<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/>> Acesso em: 20 out.2015.

¹⁰⁷ Disponível em: <<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/>> Acesso em: 20 out.2015.

¹⁰⁸ Disponível em: <<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/>> Acesso em: 20 out.2015.

Muitas imbricações existentes entre os espaços midiáticos que nos são disponibilizados - nesse caso especial, as imbricações entre Internet e outros meios de comunicação tutelados por megacorporações - engendram-se, potencializam-se e reatualizam-se de modo a cativar um número cada vez maior de crianças, mães e pais, usuários desses serviços e produtos, que são atraídos pela promessa de “entretenimento educativo”. Giroux (2001; 2011), ao criticar as táticas adotadas pela Disney, diz que o *marketing* dessa corporação utiliza a ideia/desejo de mães e pais de fornecerem todos os produtos possíveis para cultivar as mentes de seus filhos, bem como para estimulá-los a ocupar uma posição privilegiada em um mundo altamente competitivo. Entre essas táticas, estaria a criação do site *Disneyfamily.com* e de séries e sites voltados aos bebês, como o *Baby Einstein*. Então, para capturar a atenção e a confiança das crianças e das famílias, têm ganhado destaque ações que afirmam mesclar informação e entretenimento, disseminadas por grandes corporações conforme observou o autor (Ibidem).

Retomo as considerações feitas por Momo e Costa (2010) para salientar que, mesmo as crianças ditas com baixo poder aquisitivo, como indiquei em outros momentos deste texto, são atravessadas pelas práticas de consumo e por uma gramática tecnológica, como apontaram as autoras (Ibidem):

observamos que mesmo uma criança que não tem saneamento básico em casa é capaz de saber detalhes sobre o uso e o funcionamento de *notebooks*, celulares e *iPods* tanto quanto adultos ou quanto crianças de condições econômicas privilegiadas. Aprendem na mídia (principalmente televisiva) e na vida pelas metrópoles a dominar uma certa “gramática” da cultura tecnológica que empregam para pensar e viver. São crianças *high tech* por um certo tipo de impregnação cultural. Estão sempre obtendo novas informações sobre o universo tecnológico, o que marca seu modo de viver por uma constante mutação. Muitas delas ofereciam-se e desejavam permanecer o tempo todo como monitoras voluntárias do uso dos computadores existentes em laboratórios de informática de algumas escolas públicas. Outras se familiarizam com a tecnologia sendo frequentadoras assíduas das *lan houses* singelas dos bairros e vilas periféricas que habitam (p.976-977).

As autoras referidas (Ibidem) ainda argumentam, a partir de Bauman (2008), que a sociedade de consumo se esforça para “capacitar” todos os sujeitos – inclusive as crianças que supostamente estariam “fora” da rede de consumo – a serem consumidores. Momo e Costa (2010) dizem que as crianças parecem sempre estar em estado de alerta e “prontidão para o consumo”, em função do acesso cada vez mais efetivo aos últimos lançamentos de brinquedos e às últimas invenções tecnológicas. Assim, para além da “apropriação técnica” e da utilização pelas crianças dos diferentes artefatos midiáticos, Momo e Costa (2010) chamam atenção para a necessidade de se observar que todas as produções midiáticas voltadas ao público infantil são também atravessadas ou, melhor dizendo, impregnadas de incitações ao consumo não só de produtos, mas de diferentes pedagogias.

Tentei ressaltar até aqui algumas das transformações processadas nos modos de comunicação e nos modos de viver a infância contemporaneamente, entendendo que elas nos incitam, como professores e pesquisadores, a estar atentos à produção de significados e verdades processadas na teia midiática em que estamos inseridos. Steinberg e Kincheloe (2001b) já indicavam que a cultura infantil é inventada por adultos em grandes corporações internacionais, cujos motes norteadores compatibilizam prazer, lucro e interesses de mercado. Giroux (2003, p.140) também considerava que a mercantilização está associada “à ludicidade e com a fantástica possibilidade de fazer com que os sonhos da infância se tornem verdadeiros”, salientando terem eles se tornado princípios fundamentais da cultura infantil produzida, dentre outros modos, por meio das novas e antigas mídias.

5 CONEXÕES: INVENÇÕES METODOLÓGICAS E AS PEDAGOGIAS ONLINE DA MY KIDS

5.1 ADENTRANDO NO UNIVERSO METODOLÓGICO

Nesta seção, registro a complexidade de realizar análises em um *site* gerenciado por um grande complexo mercantil midiático internacional. Compartilho aqui alguns dos caminhos metodológicos percorridos para tal e detalho o modo como procedi às escolhas e realizei delimitações, pois essas ações foram imprescindíveis à estruturação e desenvolvimento da tese.

Tomar como tema de pesquisa conteúdos postados na Internet exige, antes de tudo, reconhecer a mutabilidade e a efemeridade dos textos, imagens, sons, vídeos e outros elementos disponíveis nesse espaço virtual, conforme alertam Fragoso, Recuero e Amaral (2013). Disso decorre que a realização de uma investigação a partir de *sites*, *blogs*, redes sociais e aplicativos, entre outros espaços disponibilizados na Internet, se torna uma desafiadora tarefa em função da escala/extensão, heterogeneidade e dinamismo a que esses espaços estão sujeitos, pois todos os elementos que os integram são permanentemente passíveis de alterações sem nenhum aviso prévio. Ao mesmo tempo, Amaral, Fragoso e Recuero (2013), inspiradas nos estudos de Hine (2000) e de outros autores, salientam ser a Internet um produtivo artefato cultural intensamente implicado na socialização na cultura contemporânea. Também indicam que o objeto Internet não seria único, mas multifacetado e passível de diferentes apropriações para aqueles que se aventuram a tê-lo em seu horizonte de pesquisa. Além disso, tanto a produção quanto o consumo da *web* está disperso em múltiplos locais, instituições, indivíduos e dispositivos tecnológicos (Hine, 2000, p.8). Tomar a Internet como um artefato cultural exige assumir o entendimento de ser esse um local intersticial em que as fronteiras entre o *online* e o *off-line* são fluidas e interatuam (Amaral, Fragoso e Recuero, 2013). Então, ao explorar um pouco mais as perspectivas e as possibilidades investigativas da Internet, é possível afirmar, a partir de Amaral, Fragoso e Recuero (2013) e Hine (2000), que a grande

produtividade deste artefato deriva das muitas informações e registros da vida social que ele disponibiliza simultaneamente, o que amplia o seu espectro de inserção no cotidiano. Daí também decorrem as possibilidades de tomar a Internet como um importante artefato a ser analisado em estudos acadêmicos, conforme destaque no decorrer desta tese.

A seguir, comento algumas das incursões empíricas das quais decorreu a escolha dos artigos da página *My Kids* como meu *corpus* de pesquisa; ou seja, abordarei alguns dos caminhos empreendidos para a realização das análises que integram esta tese.

5.2 INCURSÕES INICIAIS DE UMA USUÁRIA (DES)INTERESSADA

Na etapa inicial deste estudo, no ano de 2011, passei a seguir todos os imagéticos *hiperlinks* do site do *Discovery Kids*, que remetiam para seções de jogos, vídeos, *rankings* de votações para a escolha de programas e informações sobre as séries televisivas. Posteriormente, foram observados também os direcionamentos feitos pelo *Complexo Kids* para as redes sociais, tais como o *Facebook* e o *Twitter*, conforme já indiquei no capítulo em que focalizei o *Complexo Kids*.

Encontrei, nessa etapa investigativa, muitos *links* que remetiam para outros sites vinculados ao conglomerado *Discovery Communications, Inc.* como, por exemplo, o site do canal televisivo *Home and Health*, voltado ao público feminino, e o do autodeclarado educativo *Discovery na Escola*. Observei que o link para o *Discovery na Escola* ocupou, em muitos momentos, uma posição de bastante destaque na página inicial do site do *Complexo Kids*, juntamente com o cabeçalho do portal UOL¹⁰⁹, o que pareceu reiterar a intenção do *Complexo* de marcar a importância que atribui à educação.

Além disso, verifiquei a quantidade de acessos ao site estudado, que levantei a partir de entrevista intitulada *Discovery Kids Busca Criar Valores*, concedida ao site Propmark – Propaganda e Marketing por Fernando Medin,

¹⁰⁹ Alguns detalhamentos dessa ordem já foram explorados no momento da apresentação do site.

presidente do *Discovery Kids*, já referida algumas vezes nesta tese. Na entrevista, realizada em 2010, foi ressaltado ocorrer uma média de 22 milhões de acessos por mês ao *site* desse canal televisivo, número que me pareceu ser bastante expressivo e indicativo de sua aceitação junto aos seus usuários¹¹⁰.

Ao acompanhar as postagens realizadas no *site*, foi possível identificar que este não se limitava meramente à produção e veiculação de entretenimento “educativo infantil”, na medida em que seus administradores realizavam investimentos em um espaço destinado exclusivamente a pais e mães (especialmente a estas últimas), denominado *My Kids – Conectados com seus filhos*. Chamaram-me a atenção o caráter interpelativo e a peculiaridade do endereçamento da seção *My Kids*, o que me levou a vislumbrar o quanto poderia ser produtivo conduzir uma análise cultural dos artigos disponibilizados no *site* do *Complexo Kids*. Passei, então, a argumentar que a seção *My Kids* não apenas divulgava informações, mas, mais do que isso, delineava um perfil para a infância e as famílias que vivem no mundo contemporâneo, que se entrelaça e se conecta ao que está sendo veiculado por outras redes e instâncias midiáticas, como as séries e programas televisivos, de um modo geral, além de diferentes revistas e livros voltados ao segmento “kids”.

A definição do objeto de pesquisa deu-se a partir de acessos semanais ao *website* do *Discovery Kids*, realizados nos anos de 2012, 2013 e 2014, quando foram levantados direcionamentos e propósitos constantes nos 203 artigos coletados na seção *My Kids*. Tais amostras, destaco, correspondem a 100% do que foi disponibilizado no *site* para seus usuários no período considerado. Esses artigos foram coletados tanto em meio físico (mediante impressão) quanto digital, por meio do salvamento no Formato Portátil de Documento (PDF), visando a assegurar e preservar a “originalidade” e a “veracidade” dos dados temporariamente disponíveis no *site*.

No que diz respeito à organização do corpus de análise, saliento que, embora a seção *My Kids* desse destaque e classificasse os conhecimentos que

¹¹⁰ Disponível em: <http://50.97.105.43/~roger827/index.php?discovery_kids> Acesso em: 1º jun.2013

disponibilizava aos pais e mães agrupando-os em subseções denominadas *letras e histórias, números e desafios, música, criatividade e desenhos, natureza e corpo e habilidades*, optei pelo abandono dessas classificações preestabelecidas pelos organizadores do *site* do *Complexo Kids* por entender que não eram suficientemente representativas da produtividade analítica que passei a vislumbrar após as primeiras leituras¹¹¹. Como Fischer (2002a) alerta, ao estudarmos imagens, textos, sons e outros elementos midiáticos, não podemos ter como pressuposto que das imagens extrairemos representações acabadas, mas antes de tudo “possibilidades de significação, datadas e bem localizadas, seja do ponto de vista daqueles que produziram a imagem, seja do ponto de vista daqueles que com elas interagirão” (p.83-p.84).

A partir de Amaral, Fragoso e Recuero (2013), aponto a relativa flexibilidade que caracteriza o processo de coleta de dados para a realização de uma pesquisa *na* ou *a partir da* Internet e o quanto se faz necessário que as coletas sejam analisadas de modo (minimamente) sistêmico para possibilitar a captura das idiosincrasias do objeto, o que já se constituiria em uma forma inicial de análise. Amaral, Fragoso e Recuero (2013) chamam a atenção para a necessidade de uma organização inicial (codificação) dos materiais coletados para que se torne possível reconhecer padrões e elementos similares, relevantes e recorrentes, ou não, para a condução das análises, pois disso depende a seleção de categorias e de critérios analíticos. Dedução, intuição, percepção, sensibilidade e criatividade são expressões destacadas por Amaral, Fragoso e Recuero (2013) como partícipes decisivos do controvertido (complexo) universo metodológico de pesquisa.

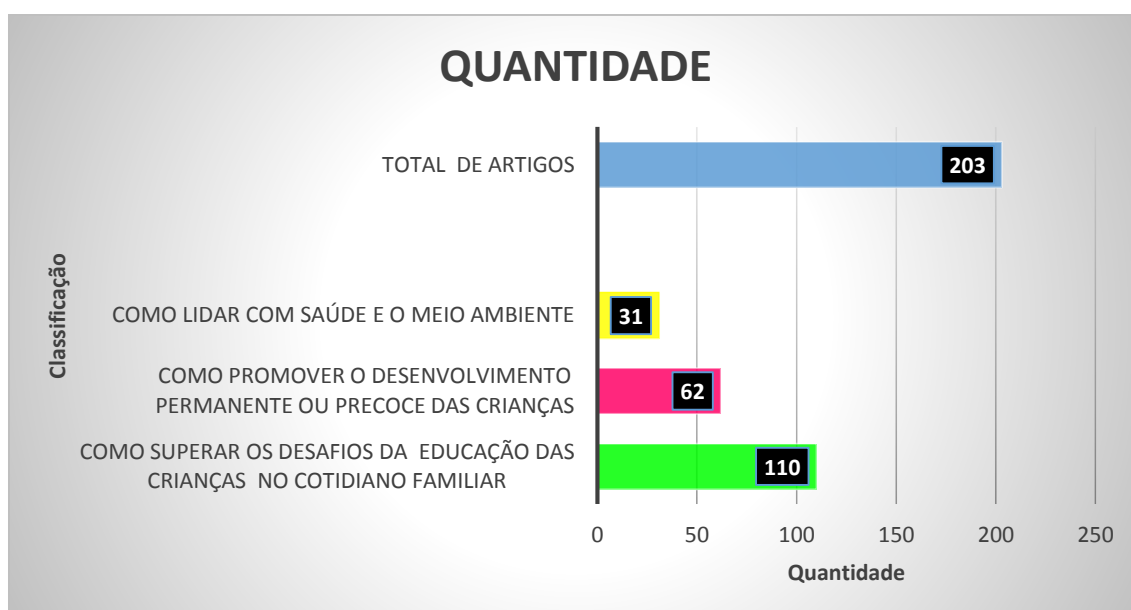
Feitas as escolhas e delimitações iniciais, foi procedida à releitura dos artigos para a identificação dos temas e propósitos centrais abordados, ao mesmo tempo em que defini três eixos temáticos que representariam as direções mais amplas dos aconselhamentos (artigos) postados aos pais e mães na seção *My Kids*. Vale indicar que a definição e consolidação desses três eixos temáticos, que

¹¹¹ No apêndice I apresento uma relação dos títulos dos artigos coletados da *My Kids* no período de observação desta seção, conforme já indiquei anteriormente.

apresentarei a seguir, precederam inúmeras outras experimentações direcionadas a um melhor agrupamento das “lições” que encontrei nos artigos examinados. Envolvi-me, assim, com a elaboração de planilhas, diagramas e simulações durante cerca de seis meses, nos quais manuseei diariamente o material empírico para nele encontrar possibilidades analíticas.

Sintetizo as direções analíticas definidas em uma primeira abordagem no gráfico da Figura 27:

Figura 27 - Os eixos temáticos nos quais foram incluídos os artigos examinados

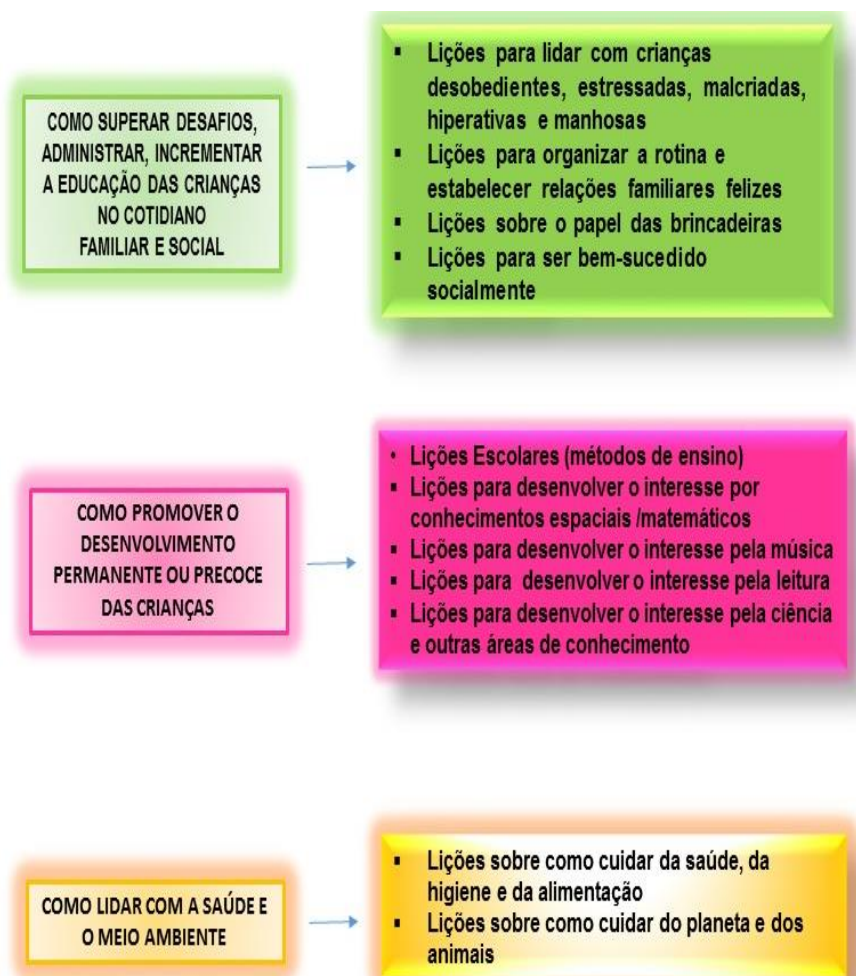


Fonte: Elaborado pela autora.

Como se pode ver, a “categoria” mais frequente envolveu a focalização do que denominei *Como Superar os Desafios da Educação das Crianças no Cotidiano Familiar* (110 artigos), sendo também frequentes os artigos voltados a *Promover o Desenvolvimento Permanente ou Precoce das Crianças* (62) e, em menor escala, os que abordavam *Como Lidar com Saúde e o Meio Ambiente* (31).

Após estabelecer este primeiro agrupamento de textos, voltei a examinar os artigos selecionados e dediquei-me a estabelecer subgrupos que pormenorizassem as diferentes direções em que se davam os aconselhamentos endereçados aos pais e mães usuários da seção *My Kids*. No diagrama da Figura 28, indico as subcategorias criadas nesta etapa do trabalho.

Figura 28 - Os três eixos organizados na *My Kids*



Fonte: Elaborado pela autora.

Como se pode ver, as categorias 1 e 2 são aquelas em que discriminei um maior número de aspectos, o que me levou a nelas centrar minhas análises. Há também, mesmo que em menor escala, orientações direcionadas aos cuidados com a saúde e à manutenção da higiene corporal e do meio ambiente, estando essas muitas vezes entremeadas por chamamentos ao consumo feitos por meio de *banners* que divulgavam diferentes produtos, incluindo-se os que anunciavam a própria corporação Discovery¹¹².

¹¹² Não constaram das análises temas relacionados com saúde, higienização, alimentação e meio ambiente, conforme voltarei a frisar no decorrer deste capítulo. Limito-me, nesta tese, a tecer comentários gerais sobre esses temas para mostrar as muitas direções em que se dão os aconselhamentos feitos a pais e mães.

Identifiquei, nos artigos postados na *My Kids*, um constante chamamento à responsabilidade que os pais e as mães têm no desenvolvimento das crianças, ao mesmo tempo em que os conselhos lá indicados são quase sempre respaldados pela expressão “cientificamente comprovados”. A esse respeito, Popkewitz (2010) salienta que a invenção da ciência inclui formas particulares de ordenar e planejar a família e a própria vida cotidiana. Para o autor, a ciência também dá atenção a “Teorias” sobre a configuração da família e o desenvolvimento da criança, sendo muitas as experiências e ações conduzidas sobre elas. Ressalta Popkewitz (2010) que estudos sobre os *traços* da personalidade, bem como sobre satisfação e realização pessoal, propiciariam, por exemplo, a emergência de conceitos que ligam propósitos sociais a avaliações pessoais e a escolhas feitas nas rotinas diárias das famílias, da escola e do trabalho. Relativamente às representações textuais e imagéticas contidas nos artigos examinados, elas se *entrelaçam* a muitas outras veiculadas no *Complexo Kids*, o que me leva a argumentar, mais uma vez, que ensinam como administrar “exitosamente” o cotidiano das crianças e das famílias, com vistas ao alcance de um futuro bem-sucedido e promissor, conforme demonstrarei nas próximas seções.

5.3 PEDAGOGIAS DA MY KIDS: COMO ENSINAR AS CRIANÇAS A SEREM GENIAIS E PRECOCES E COMO EVITAR QUE ESSAS SE TORNEM MANHOSAS

É extremamente relevante [o *site* do Discovery Kids]. É um dos grandes destaques no **Brasil, onde temos uma visitação muito grande, graças ao reconhecimento da marca e ao crescimento da TV por assinatura**, que hoje j a é um veículo de massa. [Fernando Medin. grifos meus].¹¹³ Com certeza os jogos e os conteúdos mais curtos [são os de maior destaque no *site*]. **E temos um grande diferencial que   a área para pais - um espaço que permite que eles saibam** quais são os assuntos que

¹¹³ Estas afirmações são recortes da entrevista intitulada *Discovery Kids aposta em novos formatos - Canal pretende consolidar liderança do canal na TV paga*, concedida por Fernando Medin, diretor-geral do Discovery Networks no Brasil. Disponível em: <http://propmark.uol.com.br/anunciantes/41565:discovery-kids-aposta-em-novos-formatos>
Acesso em: 20. maio.2013

mais interessam aos seus filhos e quais as ferramentas mais usadas.
[Fernando Medin, grifos meus].¹¹⁴

No decorrer do desenvolvimento desta tese, procurei apresentar as perspectivas teóricas a partir das quais os artigos de aconselhamento disponibilizados no *site* do *Discovery Kids* foram analisados nesta pesquisa. Nesta seção, problematizo representações de criança (mães e pais) privilegiadas nos artigos (e imagens) veiculados na seção *My Kids*. Discuto também critérios, atitudes e comportamentos configurados nestes textos como necessários para que sejam atingidos os “modelos” de comportamento neles apresentados, bem como as “metas” exigidas para que as crianças aprendam a lidar com os desafios de um mundo globalizado, condição que requereria sujeitos flexíveis e empreendedores - sujeitos vistos como um conjunto de possibilidades e oportunidades não realizadas e sim a realizar, cuja “busca” permanente deve resultar em “sucesso” (BALL, 2013; SENNET, 2004).

Identifiquei nos artigos disponibilizados na *My Kids* uma espécie de *mix* de *ferramentas* direcionadas a ensinar os pais e mães usuários (leitores) desta seção do *site* a educarem suas crianças para que alcancem sucesso e felicidade. Neste *mix*, incluem-se também antigos propósitos constantes em inúmeras agendas de livros e programas televisivos de autoajuda, entre os quais, figuram a ambição de ter uma biografia perfeitamente “planejada” e a busca de progresso intelectual, social e profissional. No entanto, entre as recomendações feitas nos artigos da *My Kids*, há textos que discutem a aplicação de castigos e privações àqueles que insistem em ser “malcriados”.

Então, foi possível perceber, como referido nos capítulos anteriores, que uma das características do *site* analisado, e particularmente da seção *My Kids*, é a sua configuração como um espaço de consulta. Ele intenciona ser uma referência para mães e pais - especialmente para as mães - interessados em informações sobre a melhor forma de cuidar e educar uma criança para que se torne “normal”,

¹¹⁴Disponível em: <http://propmark.uol.com.br/anunciantes/41565:discovery-kids-aposta-em-novos-formatos>. 20. Maio.2013

escolarizada e sadia, ou seja, pais e mães interessados em sugestões para garantir para seus filhos uma vida de sucesso nas esferas familiares, sociais e intelectuais.

Os *sites*, assim como os filmes, os anúncios publicitários e a mídia em geral, se endereçam a um usuário/consumidor imaginário concebido por seus produtores, processo esse denominado por Ellsworth (2001) como modos de endereçamento. Tal noção implica admitir que qualquer produção midiática leva em consideração interesses comerciais, mas também o desejo de controlar, tanto quanto possível, o modo *como* e a partir de *onde* uma produção deve ser vista. Disso decorre o desejo de atrair o destinatário para uma posição particular de conhecimento em relação ao texto veiculado.

Ao tomar como estímulo as problematizações de Ellsworth (2001), dispus-me a pensar sobre *quem* os produtores do *Complexo Kids* pensam ser os usuários desse *site*. Voltei-me a pensar também sobre quais práticas sobre a educação das crianças são promovidas nesses artigos. Ainda, questionei-me sobre como esses artigos “querem” que seus usuários ajam em relação à criação dos filhos. Enfim, detive-me a pensar sobre quem *são* os pais, mães e crianças a quem se endereçam os artigos.

Ainda que Ellsworth (2001) tenha desenvolvido seu estudo sobre endereçamento a partir dos estudos de cinema, tal noção tem sido estendida a outros produtos midiáticos, na medida em que todos esses “produtos” pressupõem “certos” públicos idealizados e imaginados por seus produtores. Ao tratar desta noção, Fischer (2002) afirma que se, por um lado, “esses modos de endereçamento dizem respeito a certas posições de sujeito esperadas”, por outro, há também uma operação dos sujeitos sobre esses produtos (Fischer, 2002, p.159). Assim, estou admitindo, a partir das considerações trazidas até aqui, que os veículos de comunicação têm uma participação decisiva na formação das identidades de seus usuários ou, sendo mais enfática, operam na própria constituição dos sujeitos contemporâneos.

Como indiquei em outras seções deste estudo, circulam neste *site* discursos que gravitam de diferentes modos no *Complexo Kids* e que ensinam como buscar

o bem-estar e o desenvolvimento social e intelectual das crianças, associando essa busca à ideia de sucesso. Também já aponte que uma das características desse *site*, especialmente da seção *My Kids*, é o oferecimento do que considerarei serem “lições” sobre a forma de os pais e mães educarem seus filhos, incluindo-se nessas lições aspectos relacionados a como evitar que as crianças e suas famílias cultivem “maus hábitos” relativamente à saúde e ao ambiente social de modo mais amplo.

Cabe mencionar, ainda, que as práticas prescritas a mães e pais nas postagens da seção *My Kids* são, muitas vezes, detalhadas e complementadas por fotos ou outro tipo de imagens para, ao que parece, permitir que mães e pais não tenham nenhuma dúvida quanto à forma correta de praticar o que lhes está sendo ensinado acerca de, por exemplo, como tratar a pediculose ou como ajudar seus filhos na realização das tarefas escolares ou de atividades que envolvam a Matemática em suas brincadeiras. Além disso, os artigos ensinam como as crianças devem relacionar-se com seus avós e outros parentes próximos e indicam práticas que podem levá-las a desenvolver a autoconfiança. Os “ensinamentos” contidos nesses artigos são frequentemente autodeclarados como “os mais eficientes”, até porque neles é reiterado terem sido as práticas e métodos sugeridos cientificamente comprovados.

Nesse sentido, é importante apontar, a partir de Fischer (2002, p.86), constituir-se a mídia em um espaço de “visibilidade de visibilidades [onde] práticas de produção e circulação de produtos culturais” se constituiriam em uma espécie de reduplicação das visibilidades de nosso tempo (e de outros, acrescento eu). É importante evidenciar também que a mídia é um espaço de reduplicação dos discursos enunciados em uma época que “mereceriam” ser vistos e ouvidos. Como Fischer (2002) indicou, “isso quer dizer, então, que ela [a mídia] estaria simultaneamente replicando algo e produzindo seu próprio discurso sobre a mulher, sobre a criança [...]” (p.86).

Essas propostas funcionam como estratégias, que são utilizadas no *site* considerado para capturar a atenção dos usuários adultos, que “aprenderão”

sobre a importância de as crianças brincarem com animais, sobre a forma correta de proceder à escovação dos dentes, sobre a importância de brincar ao ar livre, entre tantas outras práticas postuladas como adequadas ao “correto” desenvolvimento cognitivo, afetivo e social das crianças. Ressalto, mais uma vez, que não procedi a análises das recomendações sobre saúde, higiene, alimentação e meio ambiente, em função da impossibilidade de focalizar todos esses aspectos no espaço de tempo de que dispus para a realização deste estudo. Optei por focalizar, especialmente, as lições relacionadas com a proposição de atividades/métodos escolares ligados à ludicidade, ao desenvolvimento social/intelectual das crianças, bem como por discutir a importância que a alguns artigos da seção *My Kids* atribuem ao estabelecimento de “limites” na formação dos sujeitos infantis. Centrei minhas análises em 17 artigos que me pareceram serem os mais representativos dos aspectos que selecionei para analisar. Para inseri-los nesta tese, vali-me do recurso denominado captura de imagem, disponível no pacote Office.

A seguir, passo a apresentar as quatro categorias eleitas para analisar os aspectos que busquei salientar no estudo, organizados da seguinte forma: *Formando crianças potentes, inteligentes e Geniais; Atentando para o desenvolvimento de crianças felizes e bem-sucedidas; Bebês turbinados: musicais, leitores e com pendoros para a matemática; e, por fim, Ensinando crianças manhosas, sem limites e malcriadas.*

5.3.1 Formando Crianças Potentes, Inteligentes e Geniais

A seguir, passo a apresentar as análises que conduzi a partir de um primeiro agrupamento composto por cinco artigos postados na *My Kids*. Saliento que as dicas neles contidas dizem respeito à apresentação de modos considerados como mais produtivos para ensinar mães, pais (e professores) a atentar para o desenvolvimento das crianças que cursam ou irão cursar a educação infantil e/ou o ensino fundamental. Tais entendimentos não estão presentes só nos artigos analisados, mas também em outras produções do *Complexo Kids*.

Começo destacando que este primeiro agrupamento de artigos, direcionado a aconselhamentos que tangenciam o universo escolar, é delineado a partir de um discurso que considera haver uma predisposição “natural” das crianças à genialidade. No entanto, seria necessário estimulá-las nas escolas ou em tutorias “especializadas”, contratadas por pais e mães, para incrementar seu desenvolvimento social e intelectual. Como venho argumentando, artefatos tais como o site do *Discovery Kids* produzem “esquemas explicativos” que “naturalizam” modos particulares de ser criança, mas também de ser mãe, pai e até mesmo professor. Em função disso, abundam nestes textos sugestões de métodos de ensino configurados como de excelência, já praticados/pesquisados/aplicados nos dias atuais nas “grandes” escolas e universidades estadunidenses para estimular a formação de crianças “prodígios”.

Proliferam, nesses artigos, representações que apresentam as crianças como potentes, gênios e *experts*, que precisariam cursar uma “boa escola” para permitir que tais atributos “desabrochem” e não sejam “desperdiçados”. Dessa forma, estaria assegurado que os seus talentos e habilidades sejam (todos) “encontrados” e desenvolvidos ao máximo. Esses entendimentos, de certo modo, já foram examinados em textos de Ball (2013), Bortlazzo (2015), Gerszon (2007; 2011) e Costa (2009), com os quais faço interlocuções no decorrer das análises.

Focalizo a seguir as “dicas” fornecidas aos pais e mães para promover a melhoria do desempenho escolar das crianças, sendo a primeira delas apresentada no artigo intitulado *Genius hour estimula alunos a criar seus próprios projetos*¹¹⁵. Este artigo foi escrito por María Victoria Taborelli, jornalista que escreve sobre diferentes temáticas para a corporação Discovery (e não apenas para o segmento infantil). Ressalto que a expressão “Genius Hour”, escrita em inglês, além de figurar no título do artigo, nomeia também o projeto de ensino proposto (e apresentado) no texto. Resumindo, a proposta contida no artigo destaca que apenas uma hora de dedicação semanal do aluno é suficiente para

¹¹⁵ Disponível em: <http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/genius-hour-estimula-alunos-a-criar-seus-proprios-projetos/> Acesso em: 10 maio. 2014

estimulá-lo a aprender, bem como para fazer eclodir a sua criatividade e o seu interesse/gosto pela busca do conhecimento.

O artigo salienta a necessidade de se abrirem fendas/possibilidades para o surgimento de pequenos gênios, o que poderá ser obtido pela observância deste estudo diário que deve ser mediado por um professor “bem comprometido”, que aponte caminhos e estimule o estudante a extrair de si “o seu melhor”. O estabelecimento de cronogramas e metas a serem atingidos seria outro recurso importante para a concretização de tal projeto.

O argumento do texto é reforçado pela imagem inserida no artigo de um menino loiro de óculos comumente usados por adultos, que, ao posar com o dedo indicador sobre o queixo, assume uma expressão frequentemente associada a sujeitos qualificados como “inteligentes”, “questionadores”, correspondendo a um dos estereótipos usados para representar “cientistas” em histórias em quadrinhos e em animações televisivas. Aliás, o balão desenhado em giz na lousa focalizada ao fundo da fotografia e posicionada sobre a cabeça do menino parece ser um arranjo que contribui para a consolidação desse estereótipo (Figura 29).

Figura 29 - Reprodução do Artigo *Genius hour* estimula alunos a criar seus próprios projetos

Área Pais • Artigos • Séries • Festa DKids Entrar Cadastre

VEJA SUAS SÉRIES FAVORITAS AQUI!
O MELHOR DO DISCOVERY KIDS EM SEU COMPUTADOR, TELEFONE OU TABLET!

Artigos. Genius Hour estimula alunos a criar seus próprios projetos

Compartilhe

O entusiasmo dos alunos é fundamental para a excelência acadêmica. Descubra uma iniciativa que estimula a vontade de aprender e potencializa o rendimento escolar.

Por Maria Victoria Taborelli

"É necessário desenvolver uma pedagogia de pergunta. Sempre estamos escutando uma pedagogia de resposta. Os professores respondem a perguntas que os alunos não fizeram", certa vez declarou, com absoluta lucidez, o prestigiado pedagogo Paulo Freire.

Anos mais tarde, grande parte da comunidade educacional trabalha para transformar a realidade escolar, abrindo espaço para a expressão de inquietudes, experiências e interesses dos alunos durante o processo de aprendizagem. Dessa forma, a velha concepção de que o professor é o único sujeito capaz de transmitir o conhecimento foi lentamente substituída por uma nova visão, que busca a construção a partir do diálogo constante entre professor e aluno.

Hoje, o objetivo de um número crescente de escolas não é formar alunos passivos, que se limitam a repetir o que ouvem nas aulas, mas jovens capazes de propor, debater e, sobretudo, questionar. Essa visão se alinha com um programa denominado *Genius Hour*, que teve excelente repercussão nos Estados Unidos e poderia gerar bons resultados nas escolas latino-americanas.

Trata-se de uma proposta escolar em que os alunos planejam e realizam um projeto por conta própria. O professor atua como facilitador no processo, fornecendo as ferramentas necessárias para organizar as tarefas e solucionar possíveis conflitos.

A iniciativa busca criar um espaço dentro das aulas para que os próprios alunos explorem os temas que despertam seu interesse e aprendam a realizar um projeto que surja de suas próprias hipóteses e intuições. Não há limites para as propostas: escrever uma novela, rodar um filme, aprender idiomas, arte, culinária ou filosofia, campanhas de conscientização ambiental, apoio escolar para os mais necessitados e até pesquisas sobre alternativas sustentáveis para a comunidade. A única regra é se comprometer com o projeto escolhido.

Com apenas 60 minutos por semana? embora a distribuição de tempo possa variar conforme a necessidade - é possível discutir, escolher e planejar cada projeto ao longo de vários meses. Eles podem ser executados de forma individual ou em grupo, desde que seus integrantes apresentem uma motivação genuína.

Neste trabalho, a função do professor é mostrar possibilidades para que os alunos construam seu próprio caminho, além de apoiá-los quando as coisas não saem como esperado. Também traça cronogramas e metas para cada projeto, incentivando-os a compartilhar suas experiências dentro e fora de sala de aula.

Para isso, uma boa opção são as redes sociais como Twitter e Facebook, sites e blogs pessoais, já que os jovens adoram divulgar suas conquistas nesses meios e se sentem motivados com as visitas de seus amigos e parentes.

O programa *Genius Hour* busca transformar a dinâmica da escola tradicional para incluir os alunos nos programas escolares e estimular sua criatividade e interesses.

Discovery Kids Brasil
Curtir 2.092.921

Discovery Kids Brasil
1 h
Dina e Stef com a sua amiga Inseparável, e Charistina! O que será

Doki e seus amigos.
Publicidade

Fonte: Seção *My Kids* – site do Discovery Kids¹¹⁶

Lembrando Rose (2001), saliento que hoje vivemos num mundo onde o conhecimento, assim como diversas formas de entretenimento, são visualmente construídas, sendo que o que vemos é tanto, se não mais importante, do que o que ouvimos ou lemos. Diz ainda a autora (Ibidem) que estamos cercados por

¹¹⁶ Disponível em: <http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/genius-hour-estimula-alunos-a-criar-seus-proprios-projetos/> Acesso em: 10 maio. 2014.

diferentes tipos de tecnologias visuais - publicidade, esculturas públicas, cinema, cenas de vídeo de vigilância, fotografias de jornais, filmes, vídeos e outras imagens digitais, por exemplo - que apresentam visões de mundo e traduzem o mundo em termos visuais, não se constituindo simplesmente em uma tradução, em janelas transparentes para o mundo, mas em visões particulares de mundo (ROSE, 2001).

Em outra direção, é possível observar no mesmo artigo, logo na frase de início, o destaque atribuído ao entusiasmo, sendo essa uma característica pessoal configurada como decisiva na busca pelo sucesso escolar dos alunos. Como está sublinhado no texto: *O entusiasmo dos alunos é fundamental para a excelência acadêmica. Descubra uma iniciativa que estimula a vontade de aprender e potencializa o rendimento escolar. Assim, está afirmado no texto que, além de o “entusiasmo” facilitar a aquisição de conhecimentos, ele pode ser potencializado pelos adultos - pais e professores -, desde que a proposta sugerida no artigo seja implementada “corretamente”. Portanto, os professores são convocados no artigo a seguirem “certos” conselhos, que envolvem a revisão e a potencialização de seus métodos, estando entre esses os que reproduzo a seguir: *É necessário desenvolver uma pedagogia da pergunta [...]. Os professores respondem a perguntas que os alunos não fizeram”, certa vez declarou, com absoluta lucidez, o prestigiado pedagogo Paulo Freire.**

Talvez esse seja um dos poucos artigos do *site* que faz menção a um educador brasileiro, nesse caso, Paulo Freire, sem, contudo, citar livros ou artigos deste autor para que os pais e mães possam consultar referências que lhes permitam ampliar o que lá está dito. Aliás, pode-se pensar, inclusive, que tal forma de apresentar as informações esteja associada à intenção de atribuir ao que está configurado no artigo com um caráter de “verdade” definitiva ou incontestável. Ripoll (2001), em pesquisa intitulada *Não é ficção científica, é ciência: a genética e a biotecnologia em revista*, diz que uma das “marcas” do jornalismo, especialmente do jornalismo científico, corresponde à utilização da figura do especialista como uma estratégia de legitimação. No caso dos artigos considerados, a evocação do cientista e do científico é feita pela inclusão tanto de fotografias de (pequenos) cientistas em seus laboratórios, quanto de citações

diretas no corpo do próprio texto. Mas, apesar de no artigo aqui referido a estratégia argumentativa ter envolvido a citação de apenas um educador brasileiro consagrado por sua atuação militante em relação à forma de conduzir o ensino, é possível dizer que por meio dela se procedeu à legitimação do que estava sendo afirmado.

Nesse artigo, assim como em outros que inseri nesta mesma categoria analítica, são defendidas e vão se consolidando, tanto pelos textos quanto pelas imagens que estes apresentam, ideias que indicam que as capacidades das crianças estariam sendo subaproveitadas por conta da falta ou da baixa quantidade de estímulos que lhes são oferecidos pelos adultos - pais, mães e professores. Podem-se ver, na transcrição feita a seguir, argumentos que dão destaque ao método apresentado, o qual, como o artigo salienta, já foi aplicado com **sucesso** nos Estados Unidos, despertando habilidades “excepcionais” nas crianças, quando o professor se posiciona “adequadamente” como um facilitador/promotor desse sucesso. Diz o texto do artigo:

Hoje, o objetivo de um número crescente de escolas **não é formar alunos passivos, que se limitam a repetir o que ouvem nas aulas, mas jovens capazes** de propor, debater e, sobretudo, questionar. Essa visão se alinha com um programa denominado **Genius Hour, que teve excelente repercussão nos Estados Unidos e poderia gerar bons resultados nas escolas latino-americanas.**

Trata-se de uma proposta escolar em que os alunos planejam e realizam um projeto por conta própria. **O professor atua como um facilitador nesse processo fornecendo ferramentas necessárias para organizar as tarefas e solucionar possíveis conflitos.** Não há limites para as **propostas**: escrever uma novela, rodar um filme, aprender idiomas, arte, culinária ou filosofia, campanhas de conscientização ambiental, apoio escolar para os mais necessitados e até pesquisas sobre alternativas sustentáveis para a comunidade. [grifos meus].

(Disponível em <http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/genius-hour-estimula-alunos-a-criar-seus-proprios-projetos/>. Acesso em: 20 out.2013)

O método que pretende produzir gênios “até mesmo na América Latina” afirma, então, que a única regra é comprometer-se com o projeto escolhido por apenas uma hora semanal. Mais uma vez, defende-se a ideia de ser a criança aprendente e genuinamente inteligente, somente necessitando ser adequadamente motivada, incentivada e corretamente estimulada para render

os “melhores frutos”, sendo função dos professores apresentarem possibilidades para que tais potencialidades “floresçam”. Transcrevo, a seguir, excerto em que tal ideia está apresentada.

Com apenas 60 minutos por semana embora a distribuição de tempo possa variar conforme a necessidade - **é possível discutir, escolher e planejar** cada projeto ao longo de vários meses. Eles podem ser executados de forma individual ou em grupo, desde que seus integrantes apresentem uma **motivação genuína**. [grifos meus].

(Disponível em <http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/genius-hour-estimula-alunos-a-criar-seus-proprios-projetos/>. Acesso em: 20 out.2013)

Remeto-me a ensinamentos de Ball (2013) quando ele afirma que a compreensão da existência de uma espécie de cultura da aprendizagem a ser processada ao longo da vida tem sido gestada como um importante postulado na sociedade atual, sendo esse um dos temas de grande visibilidade global nos dias de hoje. Segundo o autor (Ball, 2013), esta “aprendizagem ao longo da vida” está sujeita a alguns contornos e a dimensões que estariam concentradas, principalmente, em três “momentos” ou cenários, que dizem respeito: *ao aprendiz pré-escolar* e à “maternagem total”; *ao aprendiz da educação pós-obrigatória* e à *sociedade de trabalho*; e *ao aprendiz adulto* e à “autoajuda”. Ball (2013) cita Falks (1999) para assinalar que somos todos aprendizes sentenciados por toda a vida. Para Falks (1999, apud Ball, 2013), estamos nos movendo inexoravelmente na direção da “sociedade de aprendizagem”, uma sociedade na qual todo adulto teria um plano de aprendizagem pessoal, elaborado e monitorado por um mentor pessoal, e toda organização buscaria tornar-se uma “organização de aprendizagem”. Além disso, no lugar anteriormente ocupado pela tradição, hoje está a busca permanente pelo sucesso. O aprendiz ao longo da vida faz sentido quando o novo eu aprendente, adaptável e flexível se configura como um projeto a ser realizado por si mesmo, sendo tanto o sucesso quanto o fracasso uma questão de ser empreendedor ou não, de ter talento ou não. Em outras palavras, tal situação configura-se não mais a partir de *quem você é*, mas a partir do que *você pode* (ou almeja) *se tornar*. Esse entendimento orienta o texto *Genius Hour*, como se pode ver no excerto que reproduzo a seguir:

Neste trabalho, a **função do professor é mostrar possibilidades para que** os alunos construam seu próprio caminho, além de apoiá-los quando as coisas não saem como esperado. **Também traça cronogramas e metas para** cada projeto, incentivando-os a compartilhar suas experiências dentro e fora da sala de aula.

Para isso, uma boa opção são as redes sociais **como *twitter* e *facebook*, sites e blogs** pessoais, já que os jovens adoram divulgar suas conquistas nesses meios **e se sentem motivados com as visitas de seus amigos e parentes**. [grifos meus]

(Disponível em: <<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/genius-hour-estimula-alunos-a-criar-seus-proprios-projetos/>> Acesso em: 20 out.2013)

Outro aspecto a ser destacado a partir deste excerto refere-se à necessidade de serem visibilizados os resultados do programa *Genius Hour* por meio das redes sociais, pois essa é outra forma de motivar as crianças a buscarem resultados e atingirem metas. As promessas do programa *Genius Hour* incluem, ainda, o propósito de transformar as dinâmicas escolares tradicionais e de estimular a criatividade dos alunos. Considerado “inovador”, o método proposto apresenta, além disso, soluções ao propósito de salvar as crianças do “lugar comum” e do anonimato, bem como de fazer “desabrochar” novos gênios, conforme está prometido no trecho que transcrevo abaixo.

No começo, talvez os alunos tenham alguma dificuldade para levantar a mão e sugerir um tema, já que estão acostumados à orientação dos professores. Mas é hora de escutá-los e ajudá-los a explorar os temas que despertam seu desejo de aprender. **Os gênios do mundo eram inteligentes e esforçados, mas jamais teriam ido tão longe se não sentissem verdadeira paixão e entusiasmo pelo próprio trabalho. Se quisermos mais gênios em nossas escolas, é preciso incentivar os interesses dos jovens e criar um espaço de reflexão para que possam gerar ideias e propostas transformadoras. Dessa forma, os professores também aprendem algo novo e o intercâmbio nas aulas será muito mais produtivo**. [grifos meus]

(Disponível em: <http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/genius-hour-estimula-alunos-a-criar-seus-proprios-projetos/>. Acesso em: 20 out.2013)

Como já referi anteriormente, a palavra “entusiasmo” é empregada no texto para referir-se a um importante elemento a ser pensado quando da proposição de aprendizagens, um elemento “propulsor” da genialidade, tal como está afirmado no artigo, pois os grandes gênios da humanidade não teriam “*ido tão longe se não sentissem verdadeira paixão e entusiasmo pelo próprio trabalho*”. Esse é um dos motivos pelos quais os professores são chamados, nesse

“programa de ensino”, a reverem seus métodos, pois estes podem (e muitas vezes estão) tolhendo a “capacidade natural” das crianças. Decorre daí a importância de criarem-se espaços de reflexão para que possam ser geradas ideias e propostas transformadoras.

Cabe ainda referir que neste artigo pais e mães são chamados a ficarem atentos ao que é dito na escola pelos professores, bem como a avaliarem se as ações dos professores de seus filhos estão afinadas com o propósito de formar crianças “inteligentes”, “bem-sucedidas” e “geniais”, objetivo ressaltado enfaticamente no artigo. Como Ball (2013) frisou, é “lógico que como “educadores” nós mesmos estamos imbricados e conclamados por esses textos sobre ser aprendiz nas organizações de aprendizagem (como as universidades e as escolas) que, segundo essas lógicas, devem ser permanentemente reconstituídas/reinventadas para responder às exigências relativas à globalização, à economia e à necessidade de competição mercadológica.

Para discutir algumas outras direções em que se pode pensar o artigo *Genius Hour*, é pertinente citar Bortolazzo (2015) quando observou, a partir de análises de reportagens de capas das revistas *Época*, *Exame* e *Veja*, que, por vezes, parece haver certo hibridismo entre as narrativas acadêmicas e midiáticas, que marcam as crianças e jovens do nosso tempo como mais prodigiosas cognitivamente (do que em outros tempos) “graças” aos estímulos proporcionados pelo uso do videogame, da Internet, de celulares e de outros dispositivos digitais. Bortolazzo (2015) mostra, por exemplo, a recorrência e a disseminação de representações midiáticas nas quais as crianças e jovens são posicionados como *gênios* e *experts* do tempo presente. Tal entendimento está bem expresso na reportagem por ele analisada que tem como chamada principal a seguinte frase: *Um Gênio em Casa – a revolução das crianças na era da informação desconcerta pais e professores* (Veja,1998)¹¹⁷. Essa reportagem apresenta como imagem de capa um menino que imita uma das mais populares fotografias de

¹¹⁷ Revista *Veja*. Título da Reportagem: *Melhores que os pais*. Edição 1577. 16 de Dezembro de 1998.

Albert Einstein, na qual esse famoso cientista – talvez em sinal de protesto – mostra a língua para as câmeras.

Ainda que não tenha a pretensão de comparar mimeticamente as análises aqui conduzidas com as desenvolvidas por Bortolazzo (2015), destaco-as para indicar que há, em ambas representações, podem ser identificados traços “celebratórios” de uma suposta “predisposição” de crianças e jovens para manusear diferentes tecnologias e apreenderem coisas novas (ciências) graças a sua “curiosidade” e “esperteza”. Mesmo que no estudo desse autor (Ibidem) tal entendimento esteja conectado e tenha relações diretas com a utilização regular das tecnologias digitais, tomo-o por empréstimo com o intuito de mostrar que o emprego da palavra “gênio” está destacado nos títulos dos dois artigos referidos – o que integra as postagens da seção *My Kids* e o da capa de *Veja* (1998)¹¹⁸, discutido por Bortolazzo (Ibidem). O emprego da palavra “gênio” é normalmente feito para descrever e qualificar o pleno domínio, por determinados sujeitos, de habilidades vistas como excepcionais em áreas específicas; nos dois casos apontados, tal palavra indica capacidades “extraordinárias” que representariam as crianças contemporâneas.

A seguir, examino outro artigo postado na página *My Kids*, que tem o intrigante título: *Criança X estudante universitário: quem é mais inteligente?*¹¹⁹ Nesse texto, as capacidades cognitivas das crianças novamente são o foco. O artigo contém uma espécie de “convite” feito aos pais e às mães para que reflitam sobre questões que dizem respeito a possíveis “incrementos” (novidades) a serem aplicados ou acrescidos ao universo escolar de seus filhos. Embora o título convide o leitor a interrogar-se sobre uma questão específica - quem seria mais inteligente, uma criança ou um universitário? -, no corpo do texto, está afirmado explicitamente que as crianças, graças à sua capacidade intuitiva e curiosa na

¹¹⁸ Revista *Veja*. Título da Reportagem: *Melhores que os pais*. Edição 1577. 16 de Dezembro de 1998.

¹¹⁹ Disponível em: <http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/crianca-x-estudante-universitario>. Acesso em: 20 out.2014

resolução de problemas básicos de álgebra, seriam mais inteligentes do que um universitário, conforme está expresso no recorte do artigo.

É possível que as **crianças sejam mais inteligentes** e tenham mais capacidade de resolver problemas algébricos básicos que os jovens? **Segundo duas pesquisas diferentes, a resposta é "sim"**. [grifos meus].

(Disponível em: <http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/crianca-x-estudante-universitario>. Acesso em: 20 out.2014.)

É interessante registrar que, na imagem que acompanha o artigo, quem reina sozinho como “vencedor” do embate anunciado no título é um sorridente menino. Como na imagem anteriormente referida, ele também utiliza como adereço principal óculos com armação preta, bem característicos do universo adulto, e está olhando “por cima dos óculos”, atitude essa que parece extrapolar a função primeira desse objeto (Figura 30).

Figura 30 - Reprodução do artigo *Criança X Estudante Universitário: quem é mais inteligente?*

Área Pais • Artigos • Séries • Festa DKids

Entrar
Cadastre-se

Artigos. Criança X Estudante
universitário: quem é mais inteligente?

Compartilhe: Facebook, Twitter, StumbleUpon, Digg

Você está com

Discovery Kids Brasil
Curte 2.026.633

Discovery Kids Brasil
22 h
É daqui à pouco, às 5 da tarde, a estreia de Festa H5!

As crianças têm mais capacidade de resolver problemas algébricos que os jovens universitários? Veja o que descobriram pesquisadores de diversas universidades.

É possível que as crianças sejam mais inteligentes e tenham mais capacidade de resolver problemas algébricos básicos que os jovens? Segundo duas pesquisas diferentes, a resposta é "sim".

Embora cada estudo tenha focalizado uma hipótese diferente, ambos demonstraram que as crianças saem na frente na resolução de problemas. A primeira pesquisa, realizada pela [Universidade de Berkeley](#) e pela [Universidade de Edimburgo](#), testou a hipótese de que as crianças em idade pré-escolar recorrem ? de forma instintiva - à lógica [bayesiana](#), um modelo estatístico que cria inferências por meio do cálculo de probabilidades de possíveis resultados.

Para o estudo, os pesquisadores analisaram o desempenho de 106 crianças entre 4 e 5 anos de idade e 170 jovens universitários em um jogo chamado *Blickets*. No experimento, eles deveriam encaixar diferentes objetos de argila (como cubos, pirâmides e cilindros) em uma caixa com tampa vermelha, para ver qual dessas formas - seja de maneira individual ou combinada - poderia iluminar a caixa e fazer com que reproduzisse música.

Os resultados surpreenderam os pesquisadores. Combinações incomuns fazem o dispositivo funcionar, algo que as crianças compreendem rapidamente, enquanto os jovens tendem a se concentrar nos blocos individuais que ativavam a caixa, inclusive diante de alterações que indicavam o contrário.

"As crianças entenderam que a máquina poderia funcionar de maneira incomum se colocassem dois blocos juntos. Mas os alunos mais brilhantes agiram como se a máquina seguisse a sequência mais comum e óbvia, inclusive quando mostramos que ela poderia funcionar de maneira diferente", [comentou](#) Alison Gopnik, uma das autoras da pesquisa.

Em geral, a descoberta sugere que a tecnologia e a inovação podem beneficiar o aprendizado exploratório e estimular o raciocínio de probabilidades, presente nas crianças de forma natural. Afinal, elas aprendem a usar smartphones e tablets antes mesmo de amarrar os cadarços dos sapatos.

Facilidade de resolução de problemas algébricos

A segunda pesquisa, conduzida por Melissa Kibbe e Lisa Feigenson, da Escola de Arte e Ciências Johns Hopkins da [Universidade de Krieger](#), [revelou](#) que a maioria das crianças entre quatro e cinco anos é capaz de resolver problemas de álgebra básica de forma intuitiva e natural.

Isso se deve ao chamado Sistema de Aproximação Numérica, também conhecido como "senso numérico", a capacidade de dimensionar uma determinada quantidade de objetos em um ambiente. As pesquisadores concluíram que as crianças em idade pré-escolar acionam essa capacidade intuitiva para resolver uma variável oculta ou problemas básicos de álgebra.

Para o estudo, foram utilizados dois bichos de pelúcia, Gator e Cheeta, e "potes mágicos" cheios de bolões, sapatos de boneca e moedas. As crianças se sentaram de forma individual com um examinador, que lhes mostrava os personagens, cada um carregando um pote com uma quantidade desconhecida de objetos.

Em seguida, o examinador informava às crianças que cada pote acrescentaria "magicamente" objetos a uma pilha disposta sobre uma mesa. As crianças não podiam ver o número de objetos de cada pote,

Fonte: site Complexo Kids: seção My Kids¹²⁰

Mais uma vez, o uso de óculos reaparece como um indicador de inteligência e intelectualidade. No plano de fundo da imagem, às costas do

¹²⁰ Disponível em: <http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/crianca-x-estudante-universitario>. Acesso em: 20 out.2014

menino, tal como no artigo anteriormente comentado, aparece a lousa, neste caso, preenchida com vários números e símbolos matemáticos. Tal imagem é uma das tantas disponíveis nos artigos divulgados na seção *My Kids* que acenam para o que se presumiria ser um rendimento escolar de excelência, bem como para o prestígio e a centralidade concedidos à “inteligência” das crianças. Neste caso, no entanto, atendendo às recomendações postuladas relativamente a marcações étnicas nas políticas compensatórias em curso em diferentes países, o menino fotografado é negro, por sinal um dos poucos encontrado na *MyKids*.

Gerzson (2007) utilizou como *corpus* da pesquisa, em sua tese de doutorado, textos (e imagens) que abordam a educação em três grandes revistas brasileiras informativas: *Veja*, *Época* e *IstoÉ*, nos anos de 2003, 2004 e 2005. Em seu estudo, a autora indica o quanto a mídia, e notadamente os artigos e imagens por ela examinados nas revistas indicadas, faz proposições para o “bom” funcionamento das sociedades contemporâneas. Entre os aspectos apontados pela autora (*Ibidem*), estão as expectativas atribuídas à educação para preparar os estudantes para uma máxima produtividade, o que envolve consolidar uma trajetória escolar e universitária bem-sucedida. Gerzson (2007) igualmente salientou que as revistas e outros artefatos midiáticos, quando abordam a educação, dão visibilidade a certos universos educacionais que, além de informar e noticiar, cumprem outras funções por meio dos fatos, opiniões e dados que apresentam (Gerzson, 2007; 2011). A autora estimula-nos a pensar que os títulos, as fotografias, as legendas, os gráficos, as figuras e outros elementos que integram os textos midiáticos operam para complementar o entendimento acerca do que está sendo dito no texto, de modo a “não exigir grandes esforços” de concentração por parte do leitor. Tal tipo de configuração textual está presente nos artigos postados na seção *My Kids*.

Caberia ressaltar que está afirmado explicitamente no artigo aqui focalizado que as crianças são mais inteligentes por serem mais criativas: elas teriam maior capacidade para a resolução de problemas algébricos do que jovens

universitários, sendo esse um dos aspectos que conduzem o/a autor/a¹²¹ do texto examinado a configurar os acadêmicos de graduação como menos inteligentes do que as crianças. Transcrevo, a seguir, alguns fragmentos retirados do texto analisado, em que são referidos os “resultados” de estudo conduzido junto a crianças e universitários por duas universidades estadunidenses:

[...] as **crianças saem na frente na resolução de problemas**. A primeira pesquisa, realizada pela Universidade de Berkeley e pela Universidade de Edimburgo, testou a hipótese de que as crianças **em idade pré-escolar recorrem de forma instintiva à lógica bayesiana**, um modelo estatístico que cria inferências por meio do **cálculo de probabilidades de possíveis resultados**. [...]

Isso se deve ao chamado Sistema de Aproximação Numérica, também conhecido como "senso numérico", a capacidade de dimensionar uma determinada quantidade de objetos em um ambiente. As pesquisadoras concluíram que **as crianças em idade pré-escolar acionam essa capacidade intuitiva para resolver uma variável oculta ou problemas básicos de álgebra**. [grifos meus]

(Disponível em: <<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/crianca-x-estudante-universitario>>. Acesso em: 20 out.2014)

Como se pode observar, mais uma vez, os argumentos apresentados assentam-se em estudos acadêmicos e neles é também invocada a Estatística para atribuir confiabilidade ao que está sendo afirmado. As afirmações contidas no texto *Quem é mais inteligente?* apontam e reiteram, assim como em outros artigos dessa seção, que, para “ensinar produtivamente”, é preciso tirar o melhor proveito das “habilidades intuitivas” ou “naturais” das crianças o mais cedo possível. Ao anunciar, ainda no título, a possibilidade de comparar a inteligência de uma criança bem “estimulada” e a de um estudante universitário, que o artigo pressupõe não ter sido bem estimulado cognitivamente nas fases anteriores de sua vida, o artigo dá destaque à importância de não se permitir que as possibilidades intelectuais das crianças sejam desperdiçadas.

Gerzson (2007) indicou em seu estudo, a partir de Sennet (2004), que, ao associar-se a educação à ideia de progresso nas revistas de grande circulação nacional por ela analisadas, não se dá espaço para o fracasso em determinados

¹²¹ A autoria desse texto não está identificada, fato que ocorreu também em outros artigos.

universos educacionais, pois os modelos apresentados, tanto através de imagens quanto de textos, seriam os atributos dos sujeitos – professores e alunos – dignos de serem destacados, estabelecendo também “as melhores proposições” para garantir diferenciais de competitividade e até modos para contornar as adversidades características da educação brasileira. Para Sennet (2004), a literatura popular estaria cheia de receitas sobre como vencer obstáculos, mas estaria em grande parte calada a respeito de como enfrentar o fracasso, o que conduziria os sujeitos a uma busca por segurança, algumas vezes associada à convivência e à aceitação de clichês que aliviem/amenizem o sentimento de impotência diante de um fracasso em uma sociedade onde saber competir (e vencer) tem se tornado um elemento da maior importância (Veiga-Neto, 2000b).

Também é possível apontar, no artigo analisado, aspectos que remetem ao entendimento de que não têm sido conduzidos investimentos “necessários” ou “adequados” à infância, podendo tal ausência gerar universitários pouco criativos, com baixa performance e para os quais não se poderia ter muitas expectativas de sucesso. Assim, no último parágrafo, o artigo faz um alerta imperativo para que os pais atentem para o que foi nele ensinado, pois devem “motivar” desde cedo suas crianças para o exercício de seu: *[...]senso numérico por meio da resolução de problemas matemáticos que, mais tarde, farão parte do currículo escolar. Dessa forma, elas não se sentirão intimidadas com o primeiro contato com a matéria.*

Também chama atenção nesse artigo, bem como em outros da seção *My Kids*, a repetição de assertivas que postulam a necessidade de se organizar uma educação infantil mais “produtiva”. Como já indiquei, tal afirmação procede tanto em relação ao que está apresentado no artigo *Quem é mais inteligente?*, quanto no artigo *Inserção de conteúdos avançados no jardim da infância pode melhorar o desempenho escolar*¹²², que discutirei a seguir. É bastante oportuno comentar que não se sabe se os dois artigos têm a mesma autoria, porque não há identificação

¹²² Disponível em: <<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/insercao-de-conteudos-avancados-no-Jardim-da-infancia>>. Acesso em: 10 maio. 2014

de autoria em nenhum deles, apesar de conterem visões bastante semelhantes acerca da educação escolarizada ao recomendarem que desta se extraia “o melhor” das crianças e que seus pais e mães se engajem nesse processo. Afinal, suas crianças “devem” ter direito às melhores e mais atualizadas práticas escolares.

No artigo intitulado *Inserção de conteúdos avançados no Jardim da infância* pode melhorar o desempenho escolar, novamente são apresentadas ideias que remetem à precocidade, ficando essa caracterizada pela postulação da necessidade de se buscar um bom desempenho escolar com baixo custo para as escolas. Além disso, o artigo recomenda que se atente para a implementação do livro didático e para a estimulação da “boa vontade do professor”. Esses seriam alguns dos aspectos destacados, nesse artigo, para o alcance de uma educação infantil de qualidade (Figura 31).

Figura 31 - Reprodução do artigo *Inserção de conteúdos avançados no Jardim da Infância pode melhorar o desempenho escolar.*

The image shows a screenshot of a website article. At the top, there is a navigation bar with the logo 'Área Pais myKids® Conectado com seus filhos' and a 'Voltar ao Discovery Kids' button. Below the navigation bar, there is a green bar with the text 'Área Pais • Artigos • Séries • Festa DKids'. The main heading of the article is 'Artigos. Inserção de conteúdos avançados no jardim da infância pode melhorar desempenho escolar'. Below the heading, there is a social media sharing section with buttons for Facebook, Twitter, and Google+. The article features a photograph of a teacher sitting on a high chair, reading a book to a group of young children. The text of the article discusses the benefits of advanced content in early childhood education, citing a study from the University of Chicago. The article concludes with a 'Comentários' (Comments) section.

Fonte: site do Complexo Kids: My Kids¹²³

A imagem que acompanha o artigo acrescenta significados às suas proposições, pois nela a “personagem” central - uma mulher loira, sentada em uma cadeira bastante alta - representa uma professora de educação infantil em ação, valendo-se de aspectos sugeridos no artigo. A professora apresenta um livro para um grupo de crianças pequenas, que estão sentadas à sua frente, no

¹²³ Disponível em: <http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/ inserção-de-conteúdos-avancados-no-Jardim-da-infância> Acesso em: 10 maio. 2014.

ção. Aparentemente, os alunos estão atentos ao que ela lhes apresenta nessa situação de “aula”, em um cenário que parece ser uma biblioteca infantil, na qual há uma quantidade significativa de livros posicionados em pequenas estantes (situadas no plano de fundo). A imagem que acompanha o artigo representa, assim, uma situação de sala de aula em que os alunos estão interessados no livro apresentado pela professora. Valendo-me novamente de estudos de Rose (2001), saliento que, para essa autora, o exame de imagens demanda, entre outras coisas, questionar visões particulares de categorias, tais como de classe, gênero, raça, sexualidade, capacidade física... No caso específico do artigo *Inserção de conteúdos no Jardim da Infância*, o que se está questionando são as configurações estabelecidas acerca de modos específicos de se educarem as crianças/alunos da educação infantil, bem como de estas se relacionarem com os/as professores/as e a escola.

Mas, nesse artigo, o que está em pauta é a defesa de uma proposta para a obtenção de um melhor aproveitamento do tempo “escolar” na educação infantil¹²⁴, tendo em vista o alcance de melhores rendimentos e desempenhos futuros. Esse entendimento também está contido no primeiro parágrafo do artigo, que se vale da expressão “conteúdos avançados”. Como está dito no artigo: *Em vez de aumentar a carga horária ou reduzir a quantidade de alunos por curso, introduzir conteúdos avançados na pré-escola pode melhorar o desempenho escolar.*

Nesse artigo, é afirmado que a educação estaria em constante “evolução”, motivo pelo qual a escola (vista, ao que parece, como desatualizada) precisaria adaptar-se às novas tendências para extrair melhores resultados dos seus alunos. O artigo refere um estudo desenvolvido nos Estados Unidos, indicado como recente, mas não datado, que justificaria a aplicação de “conteúdos avançados” na educação infantil, conforme se pode ver no trecho que transcrevo a seguir.

Nesse sentido, um estudo recente, conduzido pela Escola de Políticas Públicas da Universidade de Chicago, revela que crianças de qualquer nível socioeconômico podem melhorar o desempenho escolar se tiverem acesso a um material didático mais avançado no jardim de infância.
--

¹²⁴ Equivocadamente chamada de “jardim da infância” nesse e em outros artigos.

(Disponível em: <<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/inserção-de-conteúdos-avancados-no-Jardim-da-infância>>. Acesso em: 10 maio. 2014.)

Assim, novamente é afirmada a importância de se iniciarem as crianças desde cedo em atividades mais “complexas” e curriculares. Na mesma direção que apontei nos artigos anteriores, também nesse se dá legitimidade ao que está sendo proposto a partir da referência a atividades de pesquisa, mesmo que essas sejam apenas mencionadas e que não haja indicação explícita de autores.

Outro aspecto a destacar refere-se ao uso da expressão *crianças de qualquer nível socioeconômico* e ao efeito que tem no estabelecimento de uma “universalidade” para o que está sendo proposto. A esse respeito, mais uma vez cabe lembrar o estudo conduzido por Gerzson (2011), que analisou o modo como as revistas tratam do universo educacional, ressaltando a autora que seu poder constitutivo está em “marcar, mencionar, noticiar fatos e informações que dão sustentação ao modelo neoliberal, ensinando qual é o papel da educação e dos sujeitos na concepção política, econômica, social e cultural predominante nas sociedades contemporâneas” (p.69).

Mas o que está bastante destacado é o quanto a escola e os professores não estariam suficientemente “atenados” para a “necessidade” de utilização de materiais didáticos, cabendo então aos pais e mães usuários da *My Kids* estarem alerta para a importância de escolherem as escolas que se valem dos melhores “métodos” para trabalhar com seus filhos. Atribui-se, portanto, aos pais e mães a responsabilidade de fazerem escolhas pessoais qualificadas. Quanto a isso, vale lembrar Veiga-Neto (2000b) quando afirma que os jogos de competição e escolhas próprios às atividades empresariais contemporâneas têm sido absorvidos pelo âmbito individual (e até escolar), decorrendo dessa combinação inextricável entre sujeição e *expertise* a ilusão de que cada um é capaz de dirigir ativa e racionalmente suas escolhas. Como ressalta o autor:

[...] em outras palavras, a ilusão de que as escolhas pessoais são mesmo pessoais. Essa ilusão não é de natureza propriamente ideológica. Ela não decorre de uma suposta artimanha da lógica

neoliberal, mas sim da própria ambivalência que a liberdade assume no neoliberalismo (Veiga-Neto, 2000b, p. 202)

Retomo, agora, o outro “alerta” feito nesse artigo acerca da necessidade de se explorarem as capacidades cognitivas das crianças na educação infantil para que, no “futuro”, se evite o seu baixo desempenho no ensino fundamental. A solução preventiva para esse problema que aflige tais alunos estaria localizada no adequado uso de materiais didáticos estimuladores nos anos iniciais. E é em função disso que o artigo destaca a urgência de os professores reverem suas práticas para permitirem um melhor rendimento escolar aos alunos, o que está registrado no artigo do seguinte modo:

<p>Na pré-escola, os professores raramente ensinam conteúdos mais complexos, mais enriquecedores, uma ausência que se faz sentir quando as crianças chegam ao ensino fundamental e um desestímulo para os alunos com maior capacidade cognitiva. [grifos meus] (Disponível em: http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/insersão-de-conteúdos-avancados-no-Jardim-da-infância Acesso em: 10 maio. 2014)</p>
--

Enfim, ao que parece, a ludicidade que caracteriza o trabalho pré-escolar deveria ser substituída por atividades mais produtivas, complexas e “enriquecedoras” para os alunos. Um interessante argumento levantado por Gerzson (2011) destaca o quanto a educação se constitui em um campo produtivo para a proliferação de produtos e serviços lucrativos. Um exemplo desse fenômeno no mercado brasileiro, segundo a autora, seriam alguns materiais veiculados pela Editora Abril, caracterizados como “os melhores materiais didáticos, serviços para alunos, pais, professores e gestores escolares” (Veja, 11 nov. 2009, p. 189). Essa extensão da sociedade de consumo, tal como foi caracterizada por Bauman (2005), à educação estaria associada à formação de consumidores processada desde a mais tenra idade e nos mais diferentes espaços. Como afirmou o autor (Bauman, 2005, p.73), tal tipo de formação “começa cedo, mas dura o resto da vida”, sendo o desenvolvimento das “habilidades de consumidor talvez o único exemplo bem-sucedido da tal educação continuada”. As instituições responsáveis pela “educação vitalícia do consumidor” são incontáveis e ubíquas – a começar pelos “vociferantes especialistas/conselheiros

que oferecem as mais eficientes receitas, respaldadas por meticolosas pesquisas testadas em laboratório”, com o propósito de identificar e resolver todos os problemas da vida e escrever receitas para as relações humanas (Ibidem).

Além disso, as recomendações do artigo *Inserção de conteúdos avançados no Jardim da Infância* assumem princípios inspirados na racionalidade neoliberal¹²⁵ comum às organizações empresariais – menos custos versus melhores resultados–, que destacam o quanto o investimento em conteúdos curriculares do ensino fundamental, ainda no período da educação infantil, poderia estender esses benefícios adquiridos nos primeiros anos da infância pelos menos até a adolescência. Isso está referido no excerto a seguir.

O estudo coordenado por Amy Claessens, Mimi Engel e Chris Curran analisou conteúdos avançados em matemática e leitura oferecidos no currículo do jardim da infância, e sua relação com o rendimento escolar futuro. **Os pesquisadores também analisaram se a exposição a esses conteúdos permitia às crianças manter e estender as vantagens adquiridas no período pré-escolar. Os resultados indicam que acrescentar no mínimo quatro dias de estudo por mês gera um aumento moderado das notas no ensino fundamental.** [grifos meus]

(Disponível em: <http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/insercao-de-conteudos-avancados-no-Jardim-da-infancia> Acesso em: 10 maio. 2014)

A partir da leitura desse excerto, fica bem caracterizada uma visão de criança pensada como uma “aposta futura”, que permitirá a emergência do adulto “bem-sucedido de amanhã”. Se em alguns outros artigos do *site* está salientada a importância da inserção das brincadeiras com objetivos preestabelecidos nos primeiros meses de vida, o artigo *Conteúdos Avançados* sugere a utilização sistemática de livros didáticos de matemática e literatura no

¹²⁵ Segundo Silva (1995), “o projeto neoliberal objetiva redefinir os propósitos do estado e da política para realinhá-los aos objetivos e aos interesses do grande capital sob bases que garantam a acumulação de capital e a taxa de lucro num cenário de extrema competitividade e incerteza da produtividade” (p.252). Veiga-Neto (2000b) diz que é preciso reconhecer que foi a versão estadunidense, da chamada Escola de Chicago, da década de quarenta, que “passou a nortear as políticas econômicas dos países do ocidente (numa primeira fase) e, depois, praticamente de todo o mundo. Resultou, daí, que esse neoliberalismo se estabeleceu como um elogio ao estado mínimo” (p.196-197). Veiga-Neto (2011c), ao falar sobre as implicações entre neoliberalismo e educação, afirma que parecem importar pouco as coisas não-mensuráveis da educação que, para esse autor, seriam muitas: a formação do caráter, da consciência política, a consciência do estar no mundo, entre outras. Para Veiga-Neto (2011c), visões associadas à ideia de “insumo mínimo para o máximo de rendimento” representariam espectros meramente economicistas da educação.

transcorrer da educação infantil. A ideia da antecipação e da racionalização do tempo, sem que haja aumento de carga horária ou de turmas/classes, vai sendo esboçada como uma aposta bastante promissora.

Ouso sintetizar em poucas palavras o que me parece ser uma das ideias centrais do artigo: “basta” inserir conteúdos curriculares do ensino fundamental na educação infantil (no mínimo) quatro vezes ao mês para melhorar o rendimento escolar dos alunos. Outra ideia que precisa ser destacada é a de que o método sugerido (quatro dias de estudo por mês) enfatiza aspectos meramente economicistas da educação - ideia de se produzir mais com menos -, sobretudo quando é afirmado ser essa *uma maneira fácil e barata de melhorar o desempenho escolar!* Por fim, como Peter (2000) assinalou, não existe melhor exemplo da extensão e da predominância das ideias de mercado à vida social do que no campo da educação. No cenário neoliberal, no “qual os seres humanos transformam-se em sujeitos do mercado sob o signo do *homo economicus*” (p. 213), a educação não é tratada diferentemente de qualquer outro tipo de mercadoria, os alunos e os aprendizes tornam-se “clientes” ou “consumidores”, e o ensino e a promoção de cursos tornam-se “pacotes” ou “produtos” que podem ser adquiridos de acordo com a “necessidade de cada um”.

Embora esse artigo não esteja publicado em uma revista da área educacional, entendo que nas páginas da *My Kids* estão em operação pedagogias culturais que atingem os que as leem. Tais pedagogias estão associadas a outros discursos, tais como os veiculados nos programas de TV, em páginas de suplementos de jornais, filmes, animações, histórias infantis e em campanhas publicitárias, onde são também colocadas em circulação representações culturais de mulheres/professoras que não são “inocentes”, tampouco exclusivas de um ou outro meio de comunicação, conforme apontaram Costa e Silveira (2006) no texto intitulado *a Revista Nova Escola e a constituição de identidades femininas para o magistério*. As autoras (ibidem) indicam que as revistas especializadas, ao destacarem e reverenciarem, por exemplo, certos modos de ser professora e professor, colocam em prática padrões de referência que definem o que é “o certo” e o que é “o errado” quando se trata da seleção de conteúdos, de condutas

em sala de aula ou em relação à profissão (p.26). Costa e Silveira (2006) indicam, ainda, que as publicações midiáticas não lidam “simplesmente” com palavras e imagens, mas organizam métodos, instituem “verdades” e veiculam práticas com caráter prescritivo e modelador.

A seguir, passo a apresentar o artigo intitulado *Tutores socializadores: uma tendência polêmica*¹²⁶, que também não tem autoria informada e que igualmente disserta sobre a introdução de conteúdos escolares (ou similares) na rotina das crianças pequenas, devendo, no entanto, essa proposta ser desenvolvida mediante a contratação de “tutores” em recreação, com o objetivo de ajudar as crianças a “potencializarem” e/ou desenvolverem diferentes “habilidades”, especialmente as sociais, que poderão lhes ser úteis na vida e na escola.

Os encontros nomeados em seu país de origem como *play dates* - traduzido no artigo como “encontros lúdicos” - são apresentados/defendidos pela(o) articulista como uma das tendências contemporâneas estadunidenses que têm sido consideradas por pais e mães desejosos que seus filhos possam obter uma boa classificação na admissão em disputados colégios nova-iorquinos. Essas são as palavras iniciais do artigo: *Especialistas em recreação são contratados para ajudar as crianças a socializar. Conheça os prós e contras dessa prática*¹²⁷.

No mundo contemporâneo, para Ball (2013), a contratação de aulas particulares e também de outras atividades de aprimoramento escolar seria uma das destacadas *expertises* promovidas no ambiente infantil, sendo essa permeada pela venda de produtos e serviços educacionais diretamente para os pais, mães e crianças - materiais de ensino, tais como livros e *softwares*, brinquedos e outros materiais educacionais. Ball (2013), ao citar Kenway e Bullen (2001), chama

¹²⁶ Disponível em:<<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/tutores-socializadores-uma-tendencia-polemica/>>Acesso em: 20 maio.2014

¹²⁷ No artigo intitulado *Livro Eletrônico: seu novo aliado para Incentivar a Leitura*, a aquisição de *tablets* ou similares é apresentada como vantajosa para o desenvolvimento das crianças, especialmente no que diz respeito ao incentivo à leitura. Disponível em:<<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/livro-eletronico--seu-novo-aliado-para-incentivar-a-Leitura>>Acesso em: 20 maio.2014

atenção para a disseminação e a adoção de práticas semelhantes a essa ao utilizar a expressão “eduversão”. Isto é, “diversão com um objetivo” que, igualmente, incentivaria os pais e mães a buscarem soluções consumistas para o incremento das relações parentais/escolares, situações que entendo serem análogas às elencadas no artigo aqui analisado e em outros postados na seção *My Kids*.

Embora, no decorrer do artigo, sejam feitas ponderações e questionamentos acerca da efetividade, da relevância e até mesmo dos possíveis “danos” causados às crianças por esse tipo de intervenção/contratação de tutores - como é possível observar no dilema anunciado no seu título -, essa prática está apresentada, já nos parágrafos iniciais do artigo, como uma tendência adotada pelas (os) mães e pais do distrito estadunidense de Manhattan, coração financeiro da cidade de Nova Iorque, conforme transcrevo a seguir:

O jornal New York Post publicou recentemente um artigo **sobre alguns pais de Manhattan, que pagam até 400 dólares por hora a especialistas em recreação**, encarregados de **socializar adequadamente** seus filhos com outras crianças por meio de encontros lúdicos (play dates). [grifos meus].

(Disponível em: <<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/tutores-socializadores-uma-tendencia-polemica/>> Acesso em: 20 maio.2014)

Tais encontros lúdicos consistiriam em encontros/reuniões entre três a cinco crianças em torno dos quatro anos de idade para brincar e interagir enquanto os tutores as acompanham e as supervisionam no desenvolvimento das atividades propostas, que incluem, por exemplo, o uso do giz de cera e diferentes jogos, entre outras práticas recreativas cujo propósito seria preparar as crianças para ingressarem no mundo escolar.

A imagem que acompanha o artigo, posicionada ao lado esquerdo do texto, também localiza os papéis que devem ser exercidos tanto pelo tutor quanto pelas crianças pequenas na situação de “treinamento”. As duas crianças que aparecem na fotografia estão sentadas no chão ao lado da tutora, em um ambiente limpo e bem organizado; elas têm seus cabelos bem penteados e estão de pés descalços, o que sugere certa descontração; estão atentas ao que está sendo mostrado pela tutora, parecendo estar apreendendo a brincar “corretamente”

com tradicionais blocos de madeira, brinquedo bastante popular também no Brasil (Figura 32).

Figura 32 - Reprodução do artigo *Tutores Socializadores: uma tendência polêmica*



Artigos. Tutores socializadores: uma tendência polêmica

Compartilhe | Tweetear | 0 | +1 | 0

Especialistas em recreação são contratados para ajudar as crianças a socializar. Conheça os prós e contras dessa prática.

O jornal New York Post publicou recentemente um artigo sobre alguns pais de Manhattan, que pagam até 400 dólares por hora a especialistas em recreação, encarregados de socializar adequadamente seus filhos com outras crianças por meio de encontros lúdicos (play dates).

Embora as crianças brinquem naturalmente, Suzanne Rheault, CEO da Aristotle Circle - empresa que oferece esse tipo de serviços - defende a ideia de que "algumas crianças têm mais dificuldade para [para aprender a brincar]". O fato é que muitas dessas crianças têm uma agenda repleta de aulas para garantir a admissão em colégios particulares exclusivos. Elas podem ter conhecimento em artes e idiomas, mas não sobra tempo suficiente para aprenderem o mais básico: brincar com outras crianças.

O que acontece durante esses encontros lúdicos (play dates)? As aulas da Aristotle Circle, por exemplo, reúnem entre três e cinco crianças de quatro anos de idade. Elas brincam enquanto os tutores as acompanham de perto, enquanto dividem gizes de cera, pinta, seguem as instruções do jogo Simon Says (Simon diz) e aprendem a segurar um lápis.

A forma como as crianças brincam e interagem nesses encontros será avaliada nas provas de admissão de colégios exclusivos, onde as vagas são disputadas. Mas isso não parece incomodar alguns pais, que estão mais interessados em garantir o status social de seus filhos. A ex-diretora de admissões do colégio Horace Mann, Dana Haddad, chegou a admitir que a prática é muito útil porque é uma forma de preparar as crianças. Certamente, ela também oferece serviços similares. A prática já preocupa especialistas.

"Essas crianças têm cinco aulas por semana, mas não sabem fazer a coisa mais simples: estar à vontade e brincar espontaneamente com outras crianças", comenta Wednesday Martin, que documenta a maternidade em Manhattan para seu próximo livro, "Primates of Park Avenue" ("Primatas da Park Avenue").

Alguns especialistas em educação infantil também discordam da contratação de tutores para ensinar as crianças a brincar. Curiosamente, entre seus detratores está Amanda Uhry, assessora de admissão de escolas particulares de Manhattan, para quem "as crianças acabam agindo como robôs".

Discovery Kids Brasil
Curtir 2.154.503

Discovery Kids Brasil
4 h
Hummm, que delícia! Um abraço de amizade mágica! ❤️ Quem vai

Fonte: Site do Complexo Kids: My Kids¹²⁸

Tal imagem contém uma representação bastante positiva da atividade tutorial – a tutora está mediando a brincadeira com as crianças e está mostrando como fazer os encaixes com os blocos. O texto ressalta a importância da atividade para o futuro das crianças.

¹²⁸ Disponível em: <<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/tutores-socializadores-uma-tendencia-polemica/>> Acesso em: 20 maio.2014.

A forma como as crianças brincam e interagem nesses encontros será avaliada nas provas de admissão de colégios exclusivos, onde as vagas são disputadas. Mas isso não parece incomodar alguns pais, que estão mais interessados **em garantir o status social de seus filhos**. A ex-diretora de admissões do colégio Horace Mann, Dana Haddad, chegou a admitir que a prática [de contratação de tutoria] **é muito útil porque é uma forma de preparar as crianças**. [grifos meus]

(Disponível em: <<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/tutores-socializadores-uma-tendencia-polemica/>> Acesso em: 20 maio.2014.)

Como salientou Gerzson (2011), produzir condutas e talentos em meio às adversidades do mundo globalizado é uma expectativa que se estende para as escolas, os professores e os estudantes; em direção a esse propósito, proliferam *courses, escolas, material escolar e didático, tecnologias etc.* Desse modo, como também salienta a mesma autora (Ibidem), tendências, exigências e concepções consideradas válidas no mundo regido pela primazia do mercado e do consumo são incorporadas à educação.

Bujes (2003), no texto intitulado “Crianças de Manual”, aponta para a necessidade de se questionarem aportes de cunho cognitivo-evolutivo pautados pela forte preocupação com a promoção, facilitação ou aceleração dos processos “naturais” e “universais” pelos quais se daria o desenvolvimento esperado para as crianças. Bujes (2003) afirma que um dos aspectos que mais lhe chama atenção nos discursos relacionados à educação infantil é a onipresença da noção de cognição como uma construção baseada num axioma piagetiano. Para essa autora (Ibidem), tal discurso integraria uma rede conceitual e uma arquitetura discursiva pautada em um conjunto de formulações tomadas como verdadeiras que tem conformado de modo indelével uma maneira particular de significar as crianças da Educação Infantil, ao mesmo tempo em que indica quais são as coisas “ensináveis” a elas.

Um outro artigo analisado, cujo título é *Quanto mais rápido, mais inteligente?*¹²⁹, ocupa-se com alguns dilemas relacionados aos tipos de inteligência e às possibilidades de desenvolvê-la, dando destaque às chamadas inteligências

¹²⁹ Disponível em: <<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/quanto-mais-rapido-mais-inteligente/>> Acesso em: 20 maio.2014.

intrapessoal e interpessoal. Mesmo assim, conforme já marquei ao longo desta tese - e particularmente nesta seção analítica -, permanecem em evidência a ambição e a expectativa de uma infância (sempre) saudável, normal, inteligente e equilibrada emocionalmente.

O título do artigo salienta, pelo uso do ponto de interrogação, o questionamento de uma das muitas máximas que circulam na cultura - “quanto mais rápido o desenvolvimento, mais inteligente o sujeito”. O subtítulo desse texto dá destaque a outro dilema que perpassa o mundo da educação e que envolve discutir se *Existe uma única inteligência?* Inicialmente, a psicopedagoga argentina Alejandra Libenson, autora do texto, advoga - inspirada nos estudos do psicólogo estadunidense Howard Gardner, ligado à Universidade de Harvard e conhecido pela propagação da teoria das inteligências múltiplas - em favor da ideia de que as inteligências nunca se expressariam sozinhas, mas coexistiriam, sendo que uma delas predominaria sobre as demais em determinados momentos da existência humana. Seguindo essa explicação, o texto apresenta “as inteligências” nomeadas como: *inteligência interpessoal, inteligência intrapessoal, inteligência naturalista, inteligência espacial, inteligência linguística, inteligência musical, inteligência corporal e inteligência lógico-matemática*. Contudo, as discussões do texto são mais direcionadas para as explicações das inteligências *intrapessoal e interpessoal*, pois, segundo os pontos de vista defendidos nesse artigo, essas inteligências permitem que:

[...] seu filho desenvolva **habilidades para progredir na vida** e **ambas** [intrapessoal e interpessoal] se aplicam a todas as experiências e áreas de aprendizado, mostrando-se presentes nos comportamentos e **pensamentos cotidianos**, independentemente da idade. [grifos meus]

(Disponível em: <http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/quanto-mais-rapido-mais-inteligente/> Acesso em: 20 maio.2014.)

A imagem que acompanha o artigo apresenta um bebê que parece estar tentando encaixar em seu rosto uns óculos de adulto. O figurino é composto basicamente por uma destacada camisa xadrez e óculos de adulto com armação preta; há um livro grosso aberto sobre uma mesa, em frente ao bebê. Ou seja, o

bebê está vestido como um adulto e integrado a um cenário que remete, usualmente, à inteligência, à intelectualidade e ao universo adulto (Figura 33).

Figura 33 - Reprodução do artigo intitulado *Quanto mais rápido, mais inteligente?*

Área Pais • **Artigos** • **Séries** • **Festa DKids**

Artigos. Quanto mais rápido, mais inteligente?

Existe uma única inteligência?

Especular se uma criança será ou não inteligente no futuro, em determinadas situações, baseia-se na crença de que quanto mais rápido ela aprende, mais inteligente é. Acredite-se que o sucesso e a rapidez são sinônimos de inteligência no tocante ao desenvolvimento infantil. No entanto, o importante é definir o que é ser inteligente. Tradicionalmente, a inteligência é vista como um valor relacionado com o coeficiente intelectual e a capacidade lógica e racional de resolver problemas, deixando de lado outras qualidades também importantes e que, felizmente, estão voltando a ser consideradas na avaliação de uma criança. Em outras palavras, pensava-se em números e resultados, não em processos.

Ao longo do tempo, com a realização de numerosas pesquisas, chegou-se à conclusão de que as qualidades especificamente ligadas aos interesses próprios de cada criança e à capacidade de resolução de problemas, assim como sua base emocional e criativa, são fundamentais para observar as diferentes formas de expressar a inteligência.

Costumamos ouvir frases do tipo: "veja como ele resolveu isso rápido, ele é superinteligente", "ele ainda não deixou as freitas, o seu é que é inteligente, tão pequeno e não usa mais", "meu filho é meio devagar, ainda não aprendeu a escrever, mas seus colegas são mais inteligentes porque já escrevem muito bem".

Tais comentários, comuns no cotidiano de qualquer família, ocultam uma ideia subjacente. Na verdade, eles simbolizam a crença em uma definição de inteligência, transmitindo-a também à criança.

A inteligência é uma capacidade mental complexa e pessoal que se constrói, que facilita a tarefa de escolher as melhores opções para solucionar uma determinada situação problemática. Ela varia de pessoa para pessoa, segundo a idade e a cultura em que vive. Usar a inteligência implica colocar em ação diferentes habilidades, dependendo da área de maior interesse. Podemos planejar ou resolver de maneira prática ou abstrata diversas situações problemáticas.

Boa minha perspectiva, ser inteligente consiste em ter uma boa compreensão e adaptação ao meio em que se vive.

Ser mais ou menos inteligente depende de vários fatores.

Um deles é genético. Sem dúvida, é o que define quem e como somos. Porém, há tantas inteligências como pessoas, e não existe um único tipo de inteligência. Outro aspecto é a predisposição para determinadas áreas de interesse dentro do ambiente familiar e social em que nascemos e nos desenvolvemos. Não podemos esquecer de que estamos imersos em uma cultura.

Atualmente, segundo o psicólogo e pesquisador norte-americano Howard Gardner, cada pessoa possui um potencial determinado, que se expressa em diferentes aspectos de seu desenvolvimento: daí o nome de sua teoria, inteligências múltiplas. Gardner considera a inteligência como "a capacidade de resolver problemas" e estou totalmente de acordo com ele, mas também acrescentaria: a inteligência é criar e crescer colocando em prática o conhecimento que temos das coisas. É aprender com os outros as coisas que não conhecemos, incorporá-las criativamente a partir da curiosidade natural que todos temos ao nascer e que vamos perdendo ao longo dos anos, e confiar em nossa própria capacidade.

A teoria de Gardner menciona diferentes tipos de inteligência que nunca se expressam sozinhas, mas coexistem, sendo que uma delas predomina sobre as demais em determinados momentos. Em outras palavras, ela evidencia a questão das aptidões para se atingir um objetivo.

GIRAFFAS
Gestão brasileira

SAIBA MAIS →

Discovery Kids Brasil
Curir 2.100.458

Discovery Kids Brasil
20 h
Motivos para passar as férias no Discovery Kids em junho. Novos

Fonte: Site do Complexo Kids: My Kids¹³⁰

Ao longo dos primeiros parágrafos, é questionada a crença em “única inteligência”. Entretanto, a ideia central desse artigo é a apresentação destacada de dois tipos de inteligência, configurados como importantes para o sucesso futuro das crianças. Parece que as explicações dadas no artigo objetivam servir

¹³⁰Disponível em: <http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/quanto-mais-rapido-mais-inteligente/> Acesso em: 20 maio.2014.

de base para que as mães e pais possam identificar ou diagnosticar qual tipo de inteligência é predominante no seu filho e os ganhos (possibilidades, as vantagens e virtudes) que cada um deles possibilita. Diz o artigo:

A inteligência se divide em: inteligência interpessoal, inteligência intrapessoal, inteligência naturalista, inteligência espacial, inteligência linguística, inteligência musical, inteligência corporal e inteligência lógico-matemática.

Neste artigo, analisarei as duas primeiras.

Uma mãe me fez a seguinte pergunta:

"Me disseram que as inteligências predominantes em meu filho são a interpessoal e a intrapessoal. O que isso significa?"

Aqui está a resposta.

A inteligência interpessoal

As crianças com esse tipo de inteligência têm por característica relacionar-se e compreender com facilidade as outras pessoas. Apresentam capacidade de cooperação/empatia, o que significa que conseguem se colocar no lugar do outro e se interessar pelo que lhe acontece. São crianças sociáveis e simpáticas, que gostam de compartilhar seu tempo com os outros, de escutar e participar de conversas e reuniões.

A inteligência intrapessoal

A inteligência intrapessoal é a capacidade de conhecer a si mesmo, de tomar consciência das próprias emoções e expressá-las. Ela nos permite compreender o que fazemos e valorizar nossas ações. Esta capacidade pode ser definida como a empatia consigo mesmo. **As crianças dotadas dessa inteligência são conectadas** com seu mundo interior, reconhecem seus próprios interesses, capacidades e dificuldades. Além disso, conseguem brincar sozinhas de forma relaxada, fazem muitas perguntas sobre a vida e, dependendo da idade, verbalizam suas emoções. Essa inteligência está intimamente relacionada com a inteligência interpessoal.

[grifos meus]

(Disponível em: <<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/quanto-mais-rapido-mais-inteligente/>> Acesso em: 20 maio.2014.)

É importante mencionar novamente que, embora o título do artigo prometa e anuncie uma possível problematização entre rapidez e inteligência, o que está em evidência no texto é a caracterização (simplificada) e o destaque dado às inteligências intrapessoal e interpessoal como importantes para o desenvolvimento social da criança. Além disso, o artigo parece servir como uma "ferramenta" para que os pais e mães consigam vislumbrar, distinguir e diagnosticar em seus filhos as qualidades e as possibilidades de cada uma das "duas inteligências" enfatizadas no texto. O excerto indicado a seguir focaliza aspectos relacionados ao que estou indicando. Diz o artigo:

As inteligências **intrapessoal e interpessoal permitem que seu filho desenvolva habilidades para progredir na vida** – e ambas se aplicam a todas as experiências e áreas de aprendizado, mostrando-se presentes nos comportamentos e pensamentos cotidianos, independentemente da idade. **Aprendemos ao nos relacionar** com os outros e nesse vínculo, **seja com o pai, a mãe**, os avós, os tios, etc., expressa-se a personalidade de cada **criança, suas habilidades e limitações**. Por isso, **é tão importante conhecer os pontos fortes e fracos das crianças, para poder ajudá-las** e acompanhá-las em seu **maravilhoso percurso de aprendizagem e crescimento**. [grifos meus]

(Disponível em: <<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/quanto-mais-rapido-mais-inteligente/>> Acesso em: 20 maio.2014.)

Saliento, mais uma vez, que meu objetivo não é definir o quão “verdadeiras” são as informações e dicas postadas nesse artigo, muito menos instaurar um debate sobre o que realmente seria o conceito de inteligência. Meu propósito é chamar atenção para o quanto os pais e mães são constantemente instados nesse (e em outros artigos que abordam diferentes temas) a participar e contribuir para o desenvolvimento das crianças em diferentes direções. A partir de tais chamamentos, os artigos vão delineando um perfil para “identificar” as crianças dotadas de alta performance social e cognitiva. Costa (2009, p. 23) menciona que essa obsessão contemporânea por “potências” de todo tipo estaria sendo celebrada especialmente em artefatos midiáticos, mas também cotidianamente por aqueles que almejam uma vida “grandiosa” e de visibilidades. Disse ela:

Parece que tanto a vida de crianças, jovens e também dos adultos de hoje, quanto os projetos de grande parte dos países do mundo estão direcionados e, por que não dizer?, obcecados por essa conquista de potência (p.24).

Ainda que sejam muitos os temas abordados nesses artigos, é possível dizer que vários deles convergem na direção de destacar o quanto uma criança pode ser “naturalmente” talentosa e potente – só precisando ser “despertada”. Ao finalizar as discussões acerca do artigo *Existe uma única inteligência?*, saliento que no último parágrafo desse texto novamente é apontado que a busca pelo desenvolvimento permanente é a melhor forma de gerar uma base sólida de conhecimentos para a vida toda. O artigo trata dessa questão do seguinte modo:

Ambas as inteligências são fundamentais para a troca de ideias, aspirações, projetos e tarefas conjuntas, bem como para gerar uma **base sólida de desenvolvimento**, que possa ajudar a incorporar e sustentar **cada aprendizado ao longo da vida**. [grifos meus]

(Disponível em: <<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/quanto-mais-rapido-mais-inteligente/>>. Acesso em: 20 maio.2014.)

Assim, as lições desse artigo caminham na direção de cancelar ideias relacionadas com a importância de atentar-se para o desenvolvimento contínuo dos sujeitos, bem como para a definição de padrões e marcadores identitários de sociabilidade, inteligência e excepcionalidade, que são os mais desejados nessas postagens de “mão única”, nas quais os indivíduos “diferentes”, os que escapam da norma, não são representados em momento algum. As identidades canceladas nos artigos analisados dizem respeito à definição de sujeitos “normais”, “inteligentes”, saudáveis, capazes, que irão desenvolver suas capacidades de modo linear e ininterrupto por toda a vida por disporem de um potencial a ser “desabrochado”!

Costa (2009) diz que a proliferação irrefreável de narcisos pós-modernos seria um dos signos de um tempo em que somos permanentemente assolados pela ilusão de potência de todos os tipos. Inspiro-me nesta autora (Ibidem) para finalizar minhas análises sobre esse primeiro grupo de artigos, chamando a atenção para o fato de que, em praticamente todos os artigos analisados, estão contemplados aspectos, tais como o desejo por experiências intelectuais, ascensões meteóricas e superlativas, que precisam, no entanto, ser amparados pelos adultos, de modo especial por professores e escolas, para concretizar-se.

No próximo bloco de análises, embora essa ideia de potência não fique totalmente eclipsada, o que está posto em mais evidência são os empreendimentos voltados ao bem-estar, às convenções sociais com vistas à felicidade e à obtenção do sucesso, os quais acrescentam outros matizes às representações de crianças até o momento analisadas.

5.3.2 Atentando para o Desenvolvimento de Crianças Felizes e Bem-Sucedidas

Em praticamente todos os artigos analisados nesta seção, as boas relações sociais provenientes dos ensinamentos familiares são vistas como potentes mecanismos de educação. Vale citar que a gentileza aparece como um fator importante na convivência social das crianças, sendo os pais e mães seus principais propagadores e incentivadores, além de fonte incondicional de companheirismo e amor para com os seus “pequenos gentis”.

A combinação entre os textos visuais e verbais a que recorrem os articulistas contribui para produzir e colocar em circulação representações que marcam a posição de pais e mães como formadores não só de seres cognoscentes, mas de indivíduos que se tornem capazes de relacionar-se com êxito em diferentes contextos sociais. As análises conduzidas nesta seção sinalizam para como as práticas recomendadas pelos articulistas pretendem formar bons cidadãos e intencionam, sobretudo, formar pessoas que saibam trabalhar em equipe, ser bem-sucedidas, flexíveis e felizes.

Temas semelhantes a esse foram abordados por Marín-Díaz (2012) em sua tese de doutorado, intitulada *Autoajuda e Educação: uma genealogia das antropotécnicas contemporâneas*. Para a autora, temos à disposição um amplo número de práticas orientadas para a condução dos indivíduos, estando entre elas algumas instituídas em discursos de autoajuda disponibilizados em inúmeras versões e formatos, tais como: *talk shows*, seções de conselhos em jornais e revistas, páginas da Internet, os oriundos da indústria editorial da autoajuda, os da superação pessoal, os dos planos de estudos escolares e da aquisição ou eliminação de comportamentos, entre outros que buscariam resolver as mais variadas aflições e ambições humanas no que tange tanto ao desenvolvimento permanente quanto à luta por bem-estar, sucesso e felicidade.

Bauman (2005) também adverte para a proliferação, por toda parte, de lustrosas mensagens e imagens midiáticas que não cessam de ensinar os melhores estilos de vida a serem seguidos. Bauman (2004) afirma, ainda, que os

conselhos das/ dos chamados especialistas sobre as formas de nos relacionarmos, nas mais variadas instâncias, se encontram atualmente no cerne das atenções, o que esse autor define como sendo o “boom do aconselhamento” (p.9). Veiga-Neto e Lopes (2011ab; 2013), ao analisarem e problematizarem alguns aspectos da polêmica e prescritiva publicação *Battle Hymn of the Tiger Mother*¹³¹, de autoria da estadunidense Amy Chua, sobre a educação de crianças, afirmam que esse livro, com expressivo volume de vendas e de buscas na Internet, ajuda a demonstrar que estamos, claramente, talvez mais do que em qualquer outro momento histórico, imersos em inúmeras advertências, recomendações e exigências éticas, estéticas, científicas, higienistas e econômicas que se atrevem a nos dizer o que é melhor para nossas vidas e como devemos proceder para obtenção do sucesso e da felicidade.

Como o próprio título desta seção anuncia, a preocupação com a adequação dos sujeitos às convenções sociais, ou melhor, com os benefícios de diferentes ordens que essas “convenções” possam render à criança ou aos seus familiares, como, por exemplo, prestígio social, é o foco do conjunto de artigos aqui analisados. Gerzson (2009; 2011) salientou que a educação alinhada a uma perspectiva “neoliberal deve formar seres *criativos e empáticos*”. Além disso, personalidades flexíveis, sensíveis, polivalentes, com capacidade de se autocorrigir e de se autoavaliar, que precisam assumir/constituir identidades moldáveis e diversificadas, necessárias num mercado de trabalho global em permanente mutação (SENNET, 2004). Entendo que, de certo modo, tais entendimentos estão expressos em quatro artigos que passo a apresentar¹³².

¹³¹ Indicam, além disso, ter havido um expressivo volume de vendas e de acessos no Google - no Brasil e no exterior - em torno do polêmico livro *Battle Hymn of the Tiger Mother*, que coloca em oposição os modelos orientais e ocidentais de educação Veiga-Neto e Lopes (2011ab; 2013).

¹³² Destaco que há alguns outros artigos postados na *My Kids* relacionados às temáticas de socialização das crianças. No artigo *Construção de bons e maus hábitos*, são exemplificados, elencados e detalhados os (bons) hábitos sociais a serem praticados pelas crianças e suas famílias e aqueles que devem ser evitados a qualquer custo. O texto exemplifica os bons hábitos a serem praticados pelas crianças e suas famílias: dizer bom dia; dizer boa noite; pedir licença; escutar os outros; ter horários para dormir; integrar os avós à vida familiar, e outros mais. Em outros artigos também são apresentadas soluções para comportamentos considerados “problemáticos”, sendo anunciada em alguns deles “a cura” para a timidez, vista como um “problema” completamente solucionável, desde que os pais e mães ajam conforme orientado nos textos.

Começo discutindo o artigo *As crianças que sabem dizer "obrigado" podem ter um desenvolvimento pessoal superior*¹³³. Já no primeiro parágrafo desse texto, é anunciado o caminho para a afirmação lançada no título. Diz o texto: *A seguir, veja como ensinar o seu filho a demonstrar gratidão*. A partir daí, o artigo passa a apresentar hábitos (sociais) que devem ser ensinados às crianças. Os hábitos sociais indicados envolvem a utilização de expressões, tais como: "Desculpe", "por favor" e "obrigado", cuja utilização seria capaz de auxiliar na promoção dos necessários descentramentos que as crianças necessitam fazer para aprender que o mundo não gira em torno delas.

Veiga-Neto e Lopes (2011ab; 2013), ao discutirem a já referida “cartilha da mãe tigre”, salientam que diferentes práticas culturais têm sido trazidas às nossas vidas sem cerimônia, como se fossem legítimas e, em si mesmas, não-problemáticas e definitivas. Expressões, tais como “melhor”, “maior felicidade” e “futuro mais promissor” circulam livremente, sem qualquer preocupação com alguma análise mais acurada acerca da pertinência de seus usos, ressaltam os autores (Ibidem). Essas são nuances e argumentações que entendo estarem presentes nesse e em outros artigos postados na *My Kids*.

Em relação à imagem (Figura 34) que acompanha o artigo - a fotografia de uma jovem mulher sorridente e aparentemente feliz, de rosto “colado” ao de um menino de dois ou três anos que está em seu colo e a ela abraçado -, é possível dizer ser sugestiva das recompensas afetivas que decorrem de determinadas formas de agir e de relacionar-se com as crianças. Suspenso por “sua mãe”, o menino a abraça, sendo oportuno ressaltar que na foto a representação de satisfação fica por conta da mãe, cuja expressão de felicidade está em evidência, pois o enquadramento fotográfico privilegiou o foco nela, sendo parte do rosto menino obliterado pela imagem materna.

Disponível em: <<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/construcao-de-bons-e-maus-habitos>> Acesso: 10. maio. 2014.

¹³³ Disponível em: <<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/as-criancas-que-sabem-dizer-obrigado>> Acesso em: 1º jul. 2013.

Figura 34 - Reprodução do artigo intitulado *As crianças que sabem dizer “obrigado” podem ter um desenvolvimento pessoal superior*

Área Pais • Artigos • Séries • Festa DKids

Entrar Cadastre

VEJA SUAS SÉRIES FAVORITAS AQUI!
O MELHOR DO DISCOVERY KIDS EM SEU COMPUTADOR, TELEFONE OU TABLET!

Artigos. As crianças que sabem dizer "obrigado" podem ter um desenvolvimento pessoal superior

Compartilhe

As crianças gratas têm menos possibilidades de sofrer de depressão e mais chances de tirar notas melhores. A seguir, veja como ensinar o seu filho a demonstrar gratidão.

"Desculpe", "por favor" e "obrigado" são as três expressões mágicas que uma pessoa educada sabe e costuma usar. É importante que os pais ensinem os filhos a demonstrarem gratidão desde cedo, já que é difícil para as crianças perceberem que o mundo não gira ao redor delas.

Mas além da cortesia, diversos estudos indicam que aprender a dizer "obrigado" poderia ajudar a reduzir as possibilidades de a criança sofrer de depressão ou se envolver com drogas e álcool. Além disso, pode melhorar seu rendimento escolar. Segundo algumas pesquisas, as crianças que costumam agradecer são mais otimistas, têm mais amigos e, inclusive, são mais felizes que aquelas que não têm esse costume.

Segundo um trabalho publicado no Journal of School Psychology, o hábito de agradecer fortalece as relações sociais e permite que as pessoas se sintam parte de uma comunidade acolhedora.

Existem várias razões para você incentivar seu filho a ser grato e estimular sua capacidade de sentir empatia. A seguir, listamos algumas estratégias para implementar em sua família:

Dê o exemplo

Bom parte do que as crianças aprendem é por imitação, portanto é fundamental que elas observem em casa como uma pessoa educada se comporta para poder repetir esse comportamento. Você obterá melhores resultados se encontrar uma maneira de agradecer na frente de todos os membros da família, por exemplo com uma carta, um abraço ou um presente, em qualquer circunstância que mereça isso.

Mostre às crianças a importância de fazer esses gestos para todas as pessoas da comunidade e explique como você se sente bem quando alguém agradece suas atitudes. Assim, elas entenderão o que uma simples palavra pode causar.

Presentes para os outros

Escolham ou, melhor ainda, façam com suas próprias mãos presentes criativos e divertidos para os familiares e amigos mais próximos em alguma data importante. Decidam juntos os presentes mais adequados para a ocasião e experimentem sempre coisas novas. Desta maneira, seus filhos aproveitarão o ato de dar sem esperar nada em troca e aprenderão de um jeito divertido a considerar os gostos, interesses e desejos das pessoas queridas.

A importância da comunidade

Explique a seus filhos que o que eles fazem atinge os outros de alguma maneira, tanto dentro quanto fora de casa, e mostre a eles exemplos positivos e negativos do cotidiano que ilustrem isso. Mostre a eles que se não guardam seus brinquedos ou não lavam a louça, estarão obrigando outra pessoa a fazer isso no lugar deles. Por outro lado, faça elogios quando eles deixam o quarto arrumado, por exemplo, já que isso demonstra que eles pensaram nas outras pessoas.

Deixe-os fazer tarefas domésticas

Fonte: Site do Complexo Kids – My Kids¹³⁴

O artigo, no entanto, não se restringe a apontar a importância de hábitos sociais como a cortesia, pois o exercício de convenções sociais é configurado

¹³⁴ Disponível em: <<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/as-criancas-que-sabem-dizer-obrigado>> Acesso em: 1º jul. 2013.

como benéfico (e acima de tudo vantajoso) para o desenvolvimento físico e intelectual das crianças e à concretização da felicidade. Entendimentos como esse estão expressos e sintetizados no trecho que a seguir reproduzo.

Mas além da cortesia, diversos estudos **indicam que aprender a dizer "obrigado"** poderia ajudar a reduzir as possibilidades de a criança sofrer de depressão ou se envolver com drogas e álcool. Além disso, **pode melhorar seu rendimento escolar**. Segundo algumas pesquisas, as crianças que costumam agradecer são mais otimistas, têm mais amigos e, inclusive, são mais felizes que aquelas que não têm esse costume. [grifos meus]

(Disponível em: <http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/as-criancas-que-sabem-dizer-obrigado/> Acesso em: 1º jul. 2013.)

O sentimento de recompensa e felicidade proporcionado pela aquisição desses bons hábitos “ensinados” está nitidamente expresso quando se afirma: *são mais otimistas, têm mais amigos e, inclusive, são mais felizes*. Para Veiga-Neto e Lopes (2011b), tem sido crescente o prestígio do campo *psi* e o permanente endereçamento da vida cotidiana a esse campo. Sobre a valorização de um psicologismo, os autores (Ibidem) assim se expressam:

[...] entendido como uma dupla redução epistemológica – a saber: primeiro, como redução da vida humana à dimensão *psi*; segundo, como redução dos próprios saberes da área *psi* a um conjunto de **lugares-comuns, achismos e prescrições primárias**, apresenta-se, cada vez mais, como uma chave mestra a que se atribui o poder de abrir todas as **caixas-pretas da vida humana** (Veiga-Neto e Lopes, 2011b, p.4) [grifos meus]

Os mesmos autores (Ibidem) dizem que as inúmeras representações e estereótipos servem hoje de poderoso combustível para qualquer discussão em que esteja em jogo decidir qual é a melhor cultura e, dentro dela, qual é a melhor forma de educar para que cada um seja mais feliz e alcance maior sucesso em todos os intentos. Ao retomar outros aspectos do artigo aqui analisado, é oportuno indicar que ele recorre a textos e a argumentos encontrados em publicações científicas especializadas para fundamentar as afirmações enunciadas aos pais e mães, apesar de a autoria dos pesquisadores não ser divulgada. Transcrevo, a seguir, mais um trecho do artigo:

Segundo um trabalho publicado no *Journal of School Psychology*, o hábito de agradecer fortalece as relações sociais e permite que as pessoas se sintam parte de uma comunidade acolhedora. **Existem várias razões para você incentivar seu filho a ser grato e estimular sua capacidade de sentir empatia.** [grifos meus]

(Disponível em: <<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/as-criancas-que-sabem-dizer-obrigado/>> Acesso em: 1º jul. 2013.)

Sobre a referência aos chamados “estudos especializados”, conforme citado na transcrição (em particular, o trabalho publicado no *Journal of School Psychology*), vale dizer que não há quaisquer menções ou especificações de datas ou referências bibliográficas formalmente indicadas que permitam alguma consulta ao material que fundamenta o artigo. Outro fato a mencionar diz respeito a ser a maioria das fontes mencionadas de procedência estadunidense, embora os artigos sejam distribuídos para a América Latina. No decorrer do artigo, está listado o que o artigo chama de “estratégias a serem implementadas pelas famílias”, as quais retomam a questão da importância do exemplo a ser dado pelos pais e mães - estratégias já invocadas nesse e em outros artigos -, conforme transcrevo abaixo.

Boa parte do que as crianças aprendem é por **imitação**, portanto, é fundamental que elas observem em casa como uma pessoa educada se comporta para poder repetir esse comportamento. Você obterá melhores resultados se **encontrar uma maneira de agradecer na frente de todos os membros da família**, por exemplo, **com uma carta, um abraço ou um presente, em qualquer circunstância que mereça isso.**

Mostre às crianças a importância de fazer esses **gestos para todas as pessoas da comunidade** e explique como **você se sente bem quando alguém agradece suas atitudes.** Assim, elas entenderão o que uma **simples palavra pode causar.** [grifos meus]

(Disponível em: <<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/as-criancas-que-sabem-dizer-obrigado/>> Acesso em: 1º jul. 2013.)

Veiga-Neto e Lopes (2011ab; 2013) indicam também estar entrelaçada a propagação de estereótipos às atualíssimas e candentes polêmicas sobre, por exemplo, o politicamente correto, direitos humanos, direitos da criança, papel da família e do Estado na educação, direito à diferença, assim como a proclamação de universais éticos e pedagógicos. Na mesma direção, há (outras) estratégias

enunciadas no decorrer desse artigo que ensinam os filhos a oferecerem a familiares e amigos presentes criativos feitos com as “próprias mãos”, a realizarem pequenas tarefas domésticas (varrer o chão ou arrumar a mesa), sem pagamentos ou quaisquer premiações (mas seguidas de muitos elogios), e a participarem em comunidades. Todas essas práticas objetivariam, entre outras coisas, a incorporação de determinados hábitos pelas crianças com vistas à obtenção dos benefícios propostos no início do artigo, entre os quais, estão ser mais bem-sucedido e feliz na convivência social e na vida.

É possível, ainda, salientar alguns elementos comuns entre os textos de autoajuda estudados por Marín-Díaz (2013) e alguns artigos disponíveis na *My Kids*, estando entre eles a promoção “das formas corretas” de orientar a própria conduta com vistas a atingir os objetivos propostos nesses materiais – ser bem-educado, ser bom pai, ser boa mãe, ser bom filho – por meio da adoção de determinados comportamentos e do abandono de outros. Assim,

[...] seguindo essa lógica, a exercitação para aquisição de cada hábito é a forma de abandonar hábitos ruins e instalar, nos modos de agir, formas ‘adequadas’, comportamentos corretos. Digamos que se trata de um desaprender daquilo que não é necessário e que atrapalha, para aprender o que é necessário e leva ao sucesso (Marin-Diaz, 2012, p.54-55).

A ênfase na existência de um “eu” que deve estar permanentemente buscando o aprimoramento e incorporando as práticas necessárias para seu bem-estar, sucesso e felicidade aparece novamente no artigo intitulado *Dez dicas simples para que seu filho seja feliz*¹³⁵. O tema felicidade reaparece como uma busca necessária que deve ser praticada de acordo com as proposições enunciadas a partir de “pesquisas científicas”. Seguindo lógicas presentes nos artigos anteriores - de que as famílias precisariam adaptar sua rotina à motivação propiciada pelos ensinamentos e conselhos apresentados -, essa postagem também incita os pais e as mães a reverem suas práticas para que consigam

¹³⁵ Disponível em: <<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/dez-dicas-simples-para-que-seu-filho-seja-feliz/>> Acesso em: 1º jul. 2013.

adotar as rotinas necessárias à felicidade de todos os familiares, conforme está explicitado na seguinte afirmação:

A **ciência** pode ajudar na criação dos filhos, principalmente em uma época em que há cada vez menos tempo para ficar com eles. As dicas abaixo são conclusões de pesquisas científicas realizadas por diversas instituições. **Veja quais condutas você já adota na rotina familiar e reforce as que achar necessárias para que todos fiquem mais felizes** [grifos meus]

(Disponível em: <<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/dez-dicas-simples-para-que-seu-filho-seja-feliz/>> Acesso em: 1º jul. 2013.)

Como se pode ver, pais e mães são convidados a refletir (e a fazer um balanço) sobre as práticas que já adotam, a partir das orientações contidas no artigo. Mesmo aqueles que constatem já praticar os ensinamentos recomendados pelo artigo são instados a envolver-se mais intensamente com essas práticas e a manter-se na escuta e vigilantes para que possam lapidar as experiências já exercitadas! O artigo enuncia as orientações sob a forma de itens que estariam embasados em pesquisas e/ou que seriam formulados por especialistas estadunidenses, o que lhes conferiria o estatuto de uma verdade científica e comprovada. Acompanha esse artigo a imagem de uma menina sorridente deitada sobre a grama, segurando uma flor branca; a criança parece demonstrar a felicidade e a paz que poderão ser obtidas a partir da incorporação das “dicas” propostas no texto (Figura 35).

Figura 35 - Reprodução do artigo *Dez dicas simples para que seu filho seja feliz*

Área Pais • Artigos • Séries • Festa DKids Entrar Cadastre

VEJA SUAS SÉRIES FAVORITAS AQUI!
O MELHOR DO DISCOVERY KIDS EM SEU COMPUTADOR, TELEFONE OU TABLET!

Artigos. Dez dicas simples para que seu filho seja feliz

Compartilhe | Facebook | 15 | +1 | 2

Ajude seu filho a ser mais feliz com dez dicas simples, resultado de pesquisas científicas.

A ciência pode ajudar na criação dos filhos, principalmente em uma época em que há cada vez menos tempo para ficar com eles. As dicas abaixo são conclusões de pesquisas científicas realizadas por diversas instituições. Veja quais condutas você já adota na rotina familiar e reforce as que achar necessárias para que todos fiquem mais felizes.

1. Brinque
Segundo um estudo apresentado em 2011 pela organização britânica Economic and Social Research Council's, fazer caretas, palhaçadas e brincar com as crianças faz com que elas relaxem, pensem de maneira criativa e façam amizades com mais facilidade. Divertir-se com elas é uma maneira de prepará-las para ter mais sucesso social no futuro.

2. Atribua responsabilidades
É preciso evitar que as crianças se sintam inúteis. Atribuir a seus filhos algumas tarefas domésticas ou diferentes atividades fora de casa os incentivará a ser responsáveis e independentes. Neste sentido, pesquisas da Academia Americana de Psiquiatria da Infância e Adolescência sugerem que as crianças sejam responsáveis por um animal de estimação. Cuidar da alimentação, higiene e saúde de um ser vivo ensina a importância de ter responsabilidade.

3. Seja positivo
Segundo recentes publicações da Universidade de Nova York, se um pai desconta suas frustrações em um filho ou o trata com grosseria, é provável que a criança seja agressiva na escola e mantenha esse comportamento pelo resto da vida, inclusive no casamento. Acabe com o círculo vicioso de "pai bravo - filho bravo? pai mais bravo ainda?", porque ele pode ser muito prejudicial para todos a médio e longo prazo.

4. Dê liberdade
É preciso permitir que as crianças e jovens vivam as próprias experiências, segundo estudos de Nell Montgomery, da Keene State College, em New Hampshire. Evitar que seus filhos frequentem o jardim de infância por medo, discutir com os professores que deram nota baixa no ensino fundamental ou médio e resolver os problemas por eles só os tornará mais ansiosos, menos confiantes e menos abertos a viver novas situações.

5. Incentive as amizades
Embora possam brincar sozinhos ou com adultos, seus filhos precisam brincar com crianças da sua idade. Um estudo da Universidade da Flórida comprova que as crianças capazes de estabelecer amizades e compartilhar suas coisas com outras têm mais sucesso nas relações futuras. É importante sugerir atividades que incentivem o contato social.

6. Cuide de sua saúde mental
As crianças são muito sensíveis. Se você estiver deprimido, seus filhos certamente perceberão. As pesquisas de Heldemarie K. Laurent, da Universidade de Oregon, sugerem que uma mãe deprimida presta menos atenção ao choro dos filhos, e que uma criação negativa contribui para o estresse na vida adulta.

7. Crie um laço sólido
Os jovens precisam sentir que podem contar com os pais antes de se aventurar pelo mundo. Estudos

Discovery Kids Brasil
Curta 2.092.925

Discovery Kids Brasil
1 h
Clara e Stef com a sua amiga Inseparável, e Charifine! O que será

Publicidade

Fonte: Site do Complexo Kids – Seção My Kids¹³⁶

Entre as ações formuladas com bases definidas como “científicas” para que pais e mães promovam efetivamente a felicidade na vida das crianças, estão: brincar com os filhos; atribuir responsabilidades (os pais e mães precisam evitar

¹³⁶ Disponível em: <<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/dez-dicas-simples-para-que-seu-filho-seja-feliz/>> Acesso em: 1º jul. 2013.

que as crianças se sintam inúteis); ser positivo em suas afirmações; dar liberdade ao filhos; incentivar o estabelecimento de amizade; cuidar da própria saúde mental (relativo aos pais e mães); criar um laço sólido com os filhos; conhecer os filhos; não se alterar ou promover conflitos constantes (relativos à postura dos pais/mães perante os filhos). Além das inúmeras orientações endereçadas aos pais e mães indicadas nesse artigo que sintetizei no parágrafo anterior, consta, paradoxalmente, a seguinte recomendação: *não tente[ar] ser perfeito*.

Veiga-Neto e Lopes (2011ab; 2013) indicam que os saberes do campo *psi* têm sido vistos atualmente por uma infinidade de pessoas como capazes de tudo explicar, de tudo justificar e de dar conta da imensa e intrincada complexidade que é a vida. Os autores (Ibidem) destacam, ainda, que é justamente desse terreno fértil que logo brota e cresce muito rapidamente o sucesso de livros salvacionistas e prescritivos, como o de Amy Chua”, conforme já referi.

Assim, por exemplo, são citados no artigo sobre a “busca da felicidade” os estudos desenvolvidos pela organização britânica Economic and Social Research Council’s (sem enunciar maiores detalhes ou referências), a partir dos quais teria sido apontado que brincar, fazer caretas e palhaçadas (para relaxar) com os filhos seria um dos importantes passos em busca da felicidade. Como está afirmado nesse texto: *“Divertir-se com elas [as crianças] é uma maneira de prepará-las para ter mais sucesso social no futuro”*. Registro que no decorrer do artigo estão apresentadas outras atitudes importantes a serem adotadas pelos pais, mães e pelas crianças rumo à felicidade, estando entre essas o incentivo a que as brincadeiras incluam crianças de mesma idade, o que seria “outro ingrediente” para o sucesso de suas relações futuras. Diz o artigo:

Embora possam **brincar sozinhos ou com adultos**, seus filhos precisam brincar com crianças de sua idade. Um estudo da Universidade da Flórida comprova que as **crianças capazes de estabelecer amizades e compartilhar** suas coisas com outras têm mais sucesso nas relações futuras. É importante sugerir atividades que incentivem o contato social. [grifos meus]

(Disponível em: < <http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/dez-dicas-simples-para-que-seu-filho-seja-feliz/>> Acesso em: 1º jul. 2013.)

Outro aspecto apontado como decisivo para o encontro da felicidade diz respeito ao exercício da “maternidade amorosa”, ação colocada como um “divisor de águas” para a formação da personalidade futura dos filhos. Em contraposição a isso, o artigo salienta que pais e mães depressivos - e particularmente as mães - contribuiriam para a criação de um adulto “socialmente fracassado”:

6. Cuide de sua saúde mental

As crianças são muito sensíveis. Se você estiver deprimido, seus filhos certamente perceberão. As pesquisas de Heidemarie K. Laurent, da Universidade de Oregon, sugerem que **uma mãe deprimida presta menos atenção ao choro dos filhos** e que uma criação negativa contribui para o estresse na vida adulta.

7. Crie um laço sólido

Os jovens precisam sentir que podem contar com os pais antes de se aventurar pelo mundo. Estudos comprovam que uma **relação próxima entre a mãe e a criança previne determinados problemas de comportamento** e serve como referência para estabelecer relações amorosas saudáveis no futuro. [grifos meus]

(Disponível em: <<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/dez-dicas-simples-para-que-seu-filho-seja-feliz/>> Acesso em: 1º jul. 2013.)

Em relação aos fragmentos recortados do artigo *Dez dicas para ser feliz*, vale lembrar que Marín-Díaz (2013) salienta que a apresentação de dicas, conselhos e exercícios práticos numerados clara e explicitamente - tal como os elencados nesse artigo - são importantes estruturas narrativas utilizadas em textos de autoajuda destinados à educação. Como a autora (Ibidem) também aponta, essa é considerada como uma estratégia facilitadora para apreensão de preceitos que deverão ser seguidos e repetidos por adultos, crianças e professores e outros grupos ou indivíduos.

Além disso, o artigo sublinha a importância de os pais e mães consultarem regularmente seus filhos sobre o que as crianças esperam deles, aspecto que, ao que parece, poderia possibilitar o estreitamento das relações familiares. Por outro lado, Veiga-Neto e Lopes (2011b), ao analisarem as diferentes perspectivas apresentadas na “cartilha da mãe tigre”, relembram que essas formas “necessárias” de consultar e negociar com as crianças não existiram desde sempre. Como esses autores (Ibidem) indicaram:

[...] então precisamos mostrar que a flexibilização negociada, na educação infantil, não esteve desde sempre aí. Assim, além de compreender por que na nossa tradição a flexibilização negociada tornou-se um imperativo de tamanho destaque, antes é preciso compreender que, mesmo estando aí, ela não esteve *desde sempre* aí. Ainda que **ela esteja aí de modo tão explícito e celebrado, ela nem sempre existiu**. Para dizer de uma maneira mais dura: **a flexibilização negociada não é um princípio natural**, transcendente e, portanto, necessário à educação infantil (p.10) [grifos meus].

No imaginário contemporâneo, uma educação mais flexível e sempre negociada com a criança permitiria que esta se tornasse no futuro um adulto mais consciente e livre relativamente às suas próprias escolhas e também mais capaz de orientar-se por si mesmo, além de mais flexível, mais criativo, etc. (Veiga-Neto e Lopes, 2013). Relativamente ao artigo *Dez dicas para seu filho ser feliz*, o conjunto de prescrições/orientações/conselhos a partir dele destacados se destinaria a promover vinculações mais efetivas (e afetivas) entre pais, mães e filhos, como foi apontado pelo articulista da *My Kids*; esse seria um caminho percorrer para a concretização da felicidade das crianças e de suas famílias.

O artigo *Educando crianças autoconfiantes*¹³⁷ também chama atenção para a necessidade de os pais e mães estarem atentos aos comportamentos dos filhos desde bebês, indicando, ao mesmo tempo, ser essa uma de suas principais funções: transmitir o mais cedo possível exemplos e mensagens que façam os filhos crescerem seguros, independentes e autoconfiantes, sendo essas características posicionadas no texto como uma das maiores conquistas que os progenitores poderiam almejar para seus filhos, tal como se pode ver no excerto que transcrevo a seguir.

A tarefa de criar e educar **está presente em todas as ações que realizamos cotidianamente com nossos filhos**. Dependendo da forma como os criamos, alimentamos, reagimos diante de seus pedidos ou nos dirigimos a eles, **transmitimos** nossa maneira de pensar e também uma mensagem de carinho. **Desde bebês**, eles observam o que fazemos e **tentam nos imitar**. Nada escapa ao seu olhar, e por isso é importante **transmitir a eles mensagens claras e coerentes**, para que possam conhecer o mundo com segurança e **independência**. Ver um filho crescer

¹³⁷ Disponível em: <<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/educando-criancas-autoconfiantes> / Acesso em: 1º jul. 2013.

seguro, independente e confiante é uma das maiores **conquistas que os pais podem almejar**. [grifos meus]

(Disponível em: <<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/educando-criancas-autoconfiantes> / Acesso em: 1º jul. 2013.)

Comento, ainda, a imagem (Figura 36) que acompanha o artigo: no plano de fundo, destacam-se um dia de sol matizado pela sombra de árvores e uma casa envidraçada da qual um menino e um homem parecem terem saído juntos. O adulto, que tudo leva a crer ser o pai do menino, está de paletó e gravata e carrega em uma das mãos uma maleta de “estilo executivo”; o “filho”, embora vista roupas infantis masculinas (de menino) carrega, igualmente, em uma de suas mãos, uma pequena maleta, que parece ser uma lancheira escolar. Há um ar de cumplicidade no olhar do pai e do filho enquanto eles caminham de mãos dadas, na mesma direção. Ao que parece, essa cena foi escolhida para representar a “perfeita sintonia” postulada no artigo como necessária às relações parentais bem-sucedidas indicadas/ensinadas no texto (Figura 36).

Figura 36 - Reprodução do artigo *Educando crianças autoconfiantes*

Área Pais
• Artigos
• Séries
• Festa DKids

Artigos. Educando crianças autoconfiantes

Compartilhe
Twitter
16
+1
5



Como posso ajudar meu filho a se sentir mais seguro e ganhar autoconfiança?

A tarefa de criar e educar está presente em todas as ações que realizamos cotidianamente com nossos filhos. Dependendo da forma como os criamos, alimentamos, reagimos diante de seus pedidos ou nos dirigimos a eles, transmitimos nossa maneira de pensar e também uma mensagem de carinho.

Desde bebês, eles observam o que fazemos e tentam nos imitar. Nada escapa ao seu olhar, e por isso é importante transmitir a eles mensagens claras e coerentes, para que possam conhecer o mundo com segurança e independência. Ver um filho crescer seguro, independente e confiante é uma das maiores conquistas que os pais podem almejar.

Como uma criança aprende a confiar em si mesma? A autoconfiança se desenvolve quando os adultos estimulam a capacidade da criança, valorizando suas conquistas, enfatizando que seus erros e dificuldades fazem parte do crescimento, e portanto, não obscurecem o orgulho e o amor dos pais.

O objetivo principal consiste em ensiná-las que podem tomar suas próprias decisões, e portanto, que podem cometer erros e também repará-los, modificar um comportamento e tentar realizar mais uma vez o que não fizeram corretamente.

Se o olhar dos pais for crítico demais, antecipando os movimentos da criança e enfatizando sua incapacidade de resolver algum problema sozinha e com rapidez, impedirão que a autoconfiança se manifeste e se desenvolva.

Além disso, se os pais resolverem todos os problemas da criança, ela se tornará vulnerável e duvidará de sua capacidade de fazer as coisas.

Veja abaixo alguns recursos para favorecer e aumentar a autoconfiança de seu filho.

- Dê espaço para que se expresse como desejar.

Discovery Kids Brasil
Curtir 2.159.711

Melhor ainda é festa junina, não é?



minions

HOJE NOS CINEMAS



ASSISTA AO TRAILER

Fonte: Site do Complexo Kids – Seção My Kids¹³⁸

É possível dizer que tanto a imagem quanto o texto buscam marcar que em um comportamento “exemplar” estaria instituída uma relação de parceria capaz de levar a criança a trilhar o caminho - que parece ser bem-sucedido - do

¹³⁸ Disponível em: <http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/educando-criancas-autoconfiantes> /Acesso em: 1º jul. 2013.

seu progenitor. O excerto a seguir contém mais indicações acerca da importância de seguirem-se os procedimentos indicados no artigo.

Como uma criança aprende a **confiar em si mesma**? A autoconfiança se desenvolve quando os adultos estimulam a capacidade da criança, **valorizando suas conquistas**, enfatizando que seus erros e dificuldades fazem parte do crescimento e, portanto, não obscurecem **o orgulho e o amor dos pais**. [grifos meus]

(Disponível em: <<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/educando-crianças-autoconfiantes/>> Acesso em: 1º jul. 2013.)

Ao longo do artigo, está enunciado passo a passo o que pode e o que não pode ser realizado pelos pais e mães para a consecução dos propósitos enunciados: críticas demasiadas não seriam bem-vindas, mas demonstrar confiança na capacidade do seu filho, ajudá-lo a assumir o controle do seu próprio aprendizado, assim como expressar alegria quando ele colabora e resolve problemas, ao lado de dedicação e amor incondicionais desde os primeiros anos de vida da criança, estariam entre as molas propulsoras da autoconfiança. A seguir, transcrevo um excerto em que tais “condições” são enunciadas no texto.

Ganhar autoconfiança é um processo. Não acontece de um dia para o outro e não é um comportamento espontâneo, mas **resultado de um trabalho em família** - ou seja, é algo que se aprende.[...]

- **Expresse sua alegria** quando ele colabora e resolve problemas. Isso fará com que se sinta orgulhoso e capaz, aumentando sua autoestima.

- Delege à criança algumas tarefas simples, como buscar alguma coisa ou se vestir sozinha. Essas ações aumentam a **autonomia**, e seu filho descobrirá que pode executar tarefas sem depender tanto dos pais. [...]

- Reserve tempo e espaço para permitir que **ele faça coisas que não conseguiu realizar antes. No começo, talvez seu filho demore para conseguir, mas vale a pena esperar.**

- **As crianças desenvolvem a autoconfiança** ao sentir que seus pais, as pessoas que mais os amam, pensam que eles [as crianças] "são capazes de fazer as coisas sozinhas". A atitude dos pais permitirá que a criança supere os obstáculos da vida e do aprendizado, saindo fortalecida depois de cada experiência.

O amor incondicional dos pais nos primeiros anos de vida da criança é o combustível que alimenta sua autoconfiança para que possa crescer **cada vez mais independente e feliz**. [grifos meus]

(Disponível em: <<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/educando-crianças-autoconfiantes/>> Acesso em: 1º jul. 2013.)

Veiga-Neto e Lopes (2013, p.11) indicam que as atuais cartilhas disseminadas por toda a parte parecem não apontar brechas ou possibilidades

para pensarmos outras formas de educar as crianças, que não aquelas estruturadas nos propagáveis e empobrecidos esquemas teórico-práticos. Tais esquemas pedagógicos, ao anunciarem “fórmulas” educacionais salvacionistas, mobilizam educadores e famílias a consumirem as últimas orientações de sucesso para a condução da difícil arte de educar crianças bem-sucedidas (Ibidem).

No artigo aqui analisado, foi possível observar também que a autoconfiança parece estar associada à felicidade, ao sucesso e a características masculinas. É a figura masculina que está associada ao bom desempenho profissional, tanto da criança quanto do pai, que parecem estar se enquadrando em profissões relacionadas ao “mundo dos negócios”.

Marcello (2003), em sua dissertação de mestrado, chamou atenção para o fato de que, na medida em que as práticas maternas e paternas são postas lado a lado, é possível observar que ocupam posições assimétricas em diferentes artefatos midiáticos, que acabam por instituir ou reiterar certos modelos normativos, nos quais prevalecem determinados modos de pais ou mães se relacionarem com seus filhos. Nesse sentido, é oportuno citar também que não encontrei entre os mais de 200 artigos da *My Kids* quaisquer representações imagéticas de mães em seu exercício profissional, estando a figura da mãe predominantemente associada às preocupações referentes, por exemplo: aos cuidados das crianças; ao envolvimento com tarefas escolares dos filhos; ao incentivo à leitura; ao provimento de afeto; ao dilema entre o retorno ao trabalho e a permanência no lar; ao desenvolvimento da linguagem, etc. (excetuando-se a representação de mulher professora de educação infantil, já analisada na seção anterior). Como Rose (2001) apontou, a análise do discurso envolve também a leitura do que não é visto nem dito. As ausências podem ser tão produtivas quanto a designação explícita; a invisibilidade pode ter efeitos tão poderosos quanto a visibilidade. Então, apesar de as publicações serem endereçadas mais às mães, quando o assunto é sucesso e autoconfiança, a imagem paterna parece ser indicada como “a” referência principal.

No artigo *Meu filho vai ser Médico*¹³⁹ (Figura 37), a figura do pai é igualmente invocada para tratar do futuro profissional dos filhos, conforme passo a discutir. Esse entendimento é observável, sobretudo, a partir da imagem que parece estar em perfeita sintonia com a afirmativa indicada no título do artigo “Meu filho vai ser Médico”. Chama atenção na fotografia um menino sorridente com um corte de cabelo exatamente igual ao do seu pai; o menino está posicionado do lado esquerdo do plano visual e, excetuando-se alguns “acréscimos” localizados na figura paterna, está vestido exatamente como o seu pai: ambos usam os icônicos jalecos brancos que caracterizam os profissionais da saúde, além de portarem o conhecido e emblemático estetoscópio em torno do pescoço. Além disso, ambos usam óculos e estão lançando olhares confiantes em direção aos leitores do artigo. A fotografia repete o argumento contido no texto do artigo, que confirma a importância da identificação dos filhos com a figura paterna (Figura 37).

¹³⁹ Nos artigos postados na *My Kids*, a figura paterna poucas vezes esteve associada a algum cuidado do lar ou doméstico.

Figura 37 – Reprodução do artigo *Meu filho vai ser Médico*

Área Pais • Artigos • Séries • Festa DKids

Entrar
Cadastre-se

Selecione um filho
Ola
Você está em

VEJA SUAS SÉRIES FAVORITAS AQUI!
O MELHOR DO DISCOVERY KIDS EM SEU COMPUTADOR, TELEFONE OU TABLET!

Artigos. Meu filho vai ser médico

Compartilhe
Facebook
8+1
Twitter

Muitas vezes, as escolhas vocacionais dos filhos partem do desejo pessoal, enquanto outras são fruto de uma tradição familiar profundamente arraigada, que se espera manter de geração para geração.

A questão principal é como um jovem define sua verdadeira vocação, determinando se sua escolha é realmente livre e independente.

De uma forma ou de outra, somos condicionados pelos pais, por suas profissões e ocupações, bem como pelas expectativas que colocam em cada um dos filhos antes mesmo de chegarem ao mundo.

"Se for menino, gostaria que fosse um excelente advogado, como o pai e o avô. Já se for menina, espero que estude, que se case jovem e tenha muitos filhos, como eu". Essas especulações não levam em conta o ser que ainda vai nascer.

O que seu filho gostará de fazer? Quais serão suas preferências?

As crianças e os adolescentes ouvem esses comentários dos pais de maneira quase inconsciente, vivendo em meio a seus desejos e sonhos, até chegar o momento de escolher seu próprio caminho.

Nessa fase, surgem todo tipo de perguntas: "será que tomarei uma decisão errada? Vou decepcionar meus pais? Posso mudar de carreira se estiver errado?".

Mas como os pais sabem se estão ou não influenciando os filhos com sua atitude? Normalmente e de forma consciente, os pais costumam dizer "faça o que você quiser, mas sua influência sobre os filhos é maior do que imaginam. Ao longo da infância, é comum que a criança compartilhe o espaço de trabalho dos pais, observando como têm prazer no que fazem e admirando como exercem sua profissão. Se, pelo contrário, presenciarem os pais sofrerem ou se queixarem da profissão, a história é bem diferente. Em ambos os casos, essas experiências infantis ficam gravadas na memória.

É muito importante manter o diálogo com os filhos, aprender a ouvir e estimular o seu potencial. Em vez de determinar o que farão com o próprio futuro, crie oportunidades para expressarem suas preferências, talentos e potencialidades.

Talvez eles não escolham o que você esperava, mas isso não é motivo para se sentirem menos amados, respeitados e valorizados.

O amor pelos filhos deve ser sempre incondicional, quer eles escolham ou não a carreira que gostaríamos que seguissem. O importante é que sua escolha faça com que se sintam felizes e realizados.

Quais são as razões que levam um jovem a escolher a profissão ou ocupação dos pais?

- Satisfazer os pais
- Sentir-se aceito
- Repetir a história familiar, sem questionar
- Fazer o que se espera dele para não frustrar as expectativas dos outros
- Comodidade
- Futuro assegurado

É hora do KARAOKÊ!
DAKI
P PARA AMIGOS
Discovery Kids

Fonte: Site Complexo Kids – seção My Kids¹⁴⁰.

O artigo legitima algumas representações do senso comum sobre a profissão de médico, que incluem algumas visões glamourizadas dessa profissão,

¹⁴⁰ Disponível em: <<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/meu-filho-vai-ser-medico/>> Acesso em: 1º jul. 2013.

bem como expectativas de bom retorno financeiro. Desse modo, pode-se dizer tal como destacou Ball (2013), para outras situações, aprender na contemporaneidade significa, cada vez menos, aprender sobre *algo* e, crescentemente, a necessidade de aprender a *ser alguma coisa na vida*. E parece ser nessa direção que estão marcadas nesse artigo algumas aspirações e expectativas acerca de quem as crianças – os filhos daqueles a quem se endereça o artigo – poderão vir a ser no futuro.

Isso implica aprender o mais cedo possível sobre profissões prestigiadas, mas também acerca da importância de se adquirirem competências, atributos e disposições na direção de alcançar a finalidade enunciada, o que em outras palavras poderia significar mobilizar os leitores do *site* a atentarem para a necessidade de seus filhos serem ensinados desde cedo sobre isso. A ideia de dar continuidade ao exercício de determinadas profissões exercidas em um grupo familiar também está presente no texto em análise, tal como se pode ver no seguinte excerto que inicia o artigo: *Muitas vezes, as escolhas vocacionais dos filhos partem do desejo pessoal, enquanto outras são fruto de uma tradição familiar profundamente arraigada, que se espera manter de geração para geração.*

É interessante marcar neste momento as preocupações que o *site* se encarrega de trazer aos pais acerca do futuro profissional de seus filhos, mesmo que os usuários do *site* sejam pais e mães de crianças que, em princípio, se situam na faixa de zero a seis anos de idade. Novamente inspirada em Ball (2013), reflito, mesmo que brevemente, sobre essas pedagogias de aconselhamento incluídas em *sites* como esse, bem como sobre outras tantas, sejam elas presenciais ou por tutoria, ou ainda, as que se exercem por meio de programas vocacionais. Como esse autor (Ibidem) salientou, estamos sendo requisitados a capacitar a nós mesmos permanentemente, de infindáveis maneiras, independentemente de nossas idades e papéis sociais exercidos. Mesmo que ao longo do artigo sejam realizadas advertências e feitos prognósticos negativos sobre possíveis efeitos danosos da influência dos pais e mães que - desde os primeiros anos de vida - projetariam equivocadas e exageradas expectativas em relação à escolha profissional dos filhos, lembro que a imagem escolhida para acompanhar o texto

endossa esse desejo de projetar uma biografia de sucesso para as crianças, bem como de exaltar a possibilidade de cumprir-se a máxima *tal pai tal filho*¹⁴¹, ainda que essa expressão não esteja empregada no artigo em momento algum.

O artigo reitera estereótipos acerca dos papéis a serem exercidos por meninos e meninas, apesar de fazer uma leve objeção a isso. Diz o artigo:

De uma forma ou de outra, **somos condicionados pelos pais, por suas profissões e ocupações**, bem como pelas expectativas que colocam em cada um dos filhos antes mesmo de chegarem ao mundo. "Se for menino, gostaria que fosse um excelente advogado, como o pai e o avô. Já se for menina, espero que estude, que se case jovem e tenha muitos filhos, como eu". **Essas especulações não levam em conta o ser que ainda vai nascer.** [grifos meus]

O que seu filho gostará de fazer? Quais serão suas preferências?

(Disponível em: <<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/meu-filho-vai-ser-medico/>> Acesso em: 1º jul. 2013.)

Um aspecto que igualmente chama atenção é a associação da menina/mãe ao universo do lar e da maternidade e do menino/homem a “prestigiados” universos profissionais – a medicina, a advocacia – ao destacarem-se profissões consideradas histórico-culturalmente como de maior *status* social. É importante dizer que os artigos não referem outras profissões, valendo ainda destacar que na *My Kids* há uma predominância imagética de homens quando os temas dos artigos têm a ver com relações em equipe, autoconfiança e sucesso profissional, por exemplo. O chamamento a critérios como esses não difere de procedimentos usuais em nossa cultura, seja nos lares, nas escolas, nas empresas. A esse respeito, cabe indicar o que salientaram Silveira e Santos (2004, p.267):

Aprender a ser homem e aprender a ser mulher é uma das tarefas mais precoces na nossa cultura [...] Traçam-se assim, caminhos; delineiam-se imagens; projetam-se trajetórias – que, mesmo

¹⁴¹ *Tal Pai, Tal Filho* também foi nome de uma série de TV estadunidense protagonizada por Neil Patrick Harris. O personagem principal atuava como um precoce e “genial” médico adolescente de apenas 16 anos. No Brasil, a série era apresentada nas manhãs de domingo pela Rede Globo, particularmente nos anos noventa. O personagem principal se chamava *Doogie* e interpretava uma espécie de pequeno gênio: com seis anos de idade, terminou o *high school* em nove semanas; aos nove anos de idade, graduou-se e concluiu sua pós-graduação em Medicina aos 14. Aos 16, já era cirurgião-residente em um importante hospital em Los Angeles. Disponível em: <http://serieterapia.com/recordar-viver-doogie-howser-m-d-pai-filho-2/#sthash.INzcE0uA.dpuf>. Acesso em: 29.jul.2015

variadas, estão ainda limitadas pelas fronteiras do esperado para meninos e meninas, para homens e mulheres.

Louro (1997, p. 67), tal como outros autores referidos neste texto que assumem o pós-estruturalismo como vertente para inspirar suas análises, ressaltou que a linguagem institui e demarca os lugares dos gêneros não apenas pelo ocultamento do feminino – em determinadas representações –, mas também pelas diferenciadas adjetivações que são atribuídas aos sujeitos, pelo uso (ou não) do diminutivo, pela escolha de verbos empregados, pelas associações e pelas analogias feitas entre determinadas qualidades, atributos ou comportamentos. Assim, é no âmbito das diversas relações histórico-culturais que se constroem os gêneros, mas também as diferenças geracionais, étnicas, etc., sendo essas cambiantes em função dos discursos pelos quais somos interpelados.

Ao final do artigo, o que merece destaque é a reafirmação – já apontada nos artigos anteriores – da necessidade de os pais e mães estimularem e criarem oportunidades para que seus filhos possam *expressar* seus *talentos* e suas *potencialidades*, bem como de expressarem afeto com vistas a proporcionar a realização e a felicidade dos filhos. Como o artigo frisa:

É muito importante manter o diálogo com os filhos, aprender a ouvir e **estimular** o seu **potencial**. Em vez de determinar o que farão com o **próprio futuro, crie oportunidades** para expressarem suas **preferências, talentos e potencialidades**. Talvez eles não escolham o que você esperava, mas isso não é motivo para se sentirem menos amados, respeitados e valorizados. O amor pelos filhos deve ser sempre incondicional, quer eles escolham ou não a carreira que gostaríamos que seguissem. **O importante é que sua escolha faça com que se sintam felizes e realizados.** [grifos meus]

(Disponível em: <<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/meu-filho-vai-ser-medico/>> Acesso em: 1º jul. 2013)

A ideia da criança com potencialidade (potente), mas que precisa ser estimulada “corretamente” para que dela se extraiam os melhores resultados, especialmente em relação ao sucesso profissional, norteia tanto a proposição desse artigo quanto dos demais que examinei nesta seção. Ainda que no excerto esteja indicado que os filhos nem sempre escolherão as profissões que os pais e

mães almejam para eles, fica bem clara a centralidade a expectativa de sucesso e felicidade atribuída a isso. Como diz o artigo, *o importante é que sua escolha faça com que se sintam felizes e realizados*.

Frente ao que foi colocado até aqui, lembro Marín-Díaz (2013) quando afirma que são promovidos, em certas publicações de autoajuda, discursos que ecoam e se harmonizam com alguns modos de vida atuais, nos quais ganham destaque formas individualizantes, centradas em “eus” autônomos e autogestores que seriam responsáveis pelo seu próprio sucesso ou fracasso – laboral, profissional, familiar e acadêmico, por exemplo. A busca pela felicidade, segundo a autora, tem sido tema de diferentes publicações disponíveis tanto na Internet quanto em prateleiras de supermercados, livrarias e lojas – *Mais Platão e Menos Prozac*, por exemplo, é um dos títulos estudados na pesquisa dessa autora. O que todos teriam em comum seriam matrizes normativas, ou melhor, modos de existência que se constituiriam em um alvo a ser atingido após o desenvolvimento ou aplicação de um conjunto de exercícios, técnicas e procedimentos operados pelo indivíduo sobre si e sobre os outros (Marin-Diaz, 2013). O *site* do *My Kids* parece alinhar-se a esses propósitos, tanto quando trata do (e alerta os pais a pensarem sobre) o futuro profissional dos filhos, quanto quando apresenta aos pais e mães “ferramentas” delineadas como importantes para contribuir para a felicidade e o sucesso das crianças em diferentes dimensões – familiar, social e, principalmente, profissional do futuro adulto.

5.3.3 Bebês turbinados: musicais, leitores e com pendores para a matemática

A seguir, passo a discutir cinco artigos que agrupei em outra categoria analítica, para destacar como neles está apresentada a “necessidade” de as crianças adquirirem conhecimentos precocemente. Ao mesmo tempo, esses textos definem tipos de aprendizagens que podem ser realizados pelos próprios pais e mães com suas crianças desde os primeiros meses de vida; ou seja, neles se aponta a importância de as aprendizagens sistemáticas se processarem antes

mesmo do ingresso das crianças no ambiente escolar. Esses artigos propõem também que as práticas adotadas contemplem o propósito contido na popularizada expressão “aprender brincando”, propósito esse que não apenas particulariza os artigos postados na seção *My Kids*, mas que está presente em praticamente todos os outros espaços do *site* direcionado às crianças, estando entre esses os jogos e vídeos. Ao que parece, essa associação de aprendizagem e brincadeira permeia grande parte das estratégias de *marketing* operadas pelo *Complexo Kids*, conforme já destaquei em diversos momentos desta tese.

Vale citar que neste conjunto de artigos, a aprendizagem enunciada como importante não é qualquer aprendizagem, mas corresponde aos conhecimentos referidos como científicos ou eruditos, que envolvem, por exemplo, o desenvolvimento da apreciação da música, da literatura e da matemática. Embora tais conhecimentos possam ser associados ao currículo escolar, os artigos que incluí nessa categoria centralizam na família, especialmente nas mães, a responsabilidade de providenciar que as aprendizagens possam ocorrer em casa ou, eventualmente, em outras instituições – que não a escola – para “turbinar” a capacidade de aprendizagem de bebês e de crianças, de modo que ingressem no mundo escolar (e posteriormente profissional/acadêmico) com um diferencial gestado desde os primeiros dias de vida. Pode-se dizer que essa recomendação se assemelha ao que Ball (2013) denomina de “maternagem intensiva” ou “maternagem total”, prática que envolve pesados investimentos em termos de tempo, energia, dinheiro e um enorme compromisso emocional das mães, normalmente mulheres de classe média, que estejam preocupadas em potencializar o desenvolvimento intelectual, físico, social e emocional dos seus filhos, atrelando/vinculando o máximo do “tempo livre” dessas crianças à inculcação de diferentes conhecimentos, incluindo-se, entre esses, os artísticos/culturais.

Esses artigos também apontam muitas sugestões de brincadeiras a serem feitas com as crianças, salientando serem as brincadeiras uma condição necessária ao “pleno desenvolvimento” infantil. Para Bujes (2001), no entanto, seria importante promover a desnaturalização das concepções sobre as práticas

pedagógicas fundadas no brincar/jogar, por meio do questionamento dos significados que configuram o brincar como algo natural e inerente à condição da infância e ao processo de desenvolvimento das crianças. Ou seja, a autora (Ibidem) aponta para uma noção do brincar como integrante da vida social/cultural e como estratégia utilizada pelos grupos sociais para representar e constituir identidades. Além disso, Bujes (2001) destaca que o brincar e o brinquedo estão implicados em ações de controle e de regulação dos sujeitos no âmbito da família e da escola, o que a leva a contestar que correspondam a uma “condição natural” da criança. Assinalo que nesses artigos são assumidos pressupostos educativos acerca do desenvolvimento infantil bem próprios de teorizações pedagógicas e psicológicas, nos quais ganham destaque idealizações e expectativas de um desenvolvimento infantil que estabelece padrões de “normalidade”, entendimento que, de certo modo, já foi explorado no capítulo em que trato da infância. Passo, a seguir, a examinar cada um dos artigos considerados, iniciando como o intitulado *Aprender com prazer*, que reproduzo na Figura 38.

Figura 38 - Reprodução do artigo *Aprender com Prazer*

The image shows a screenshot of the Discovery Kids website. At the top, there is a navigation bar with 'Área Pais', 'Artigos', 'Séries', and 'Festa DKids'. Below this is a banner for 'VEJA SUAS SÉRIES FAVORITAS AQUI!' with the text 'O MELHOR DO DISCOVERY KIDS EM SEU COMPUTADOR, TELEFONE OU TABLET!'. The main article is titled 'Artigos. Aprender com prazer' and features a photo of a baby playing with blocks. The article text discusses early childhood learning, curiosity, and the role of parents. On the right side, there is a social media widget for 'Discovery Kids Brasil' and a vertical advertisement for 'Festa DKids'.

Área Pais • Artigos • Séries • Festa DKids

VEJA SUAS SÉRIES FAVORITAS AQUI!
O MELHOR DO DISCOVERY KIDS EM SEU COMPUTADOR, TELEFONE OU TABLET!

Artigos. Aprender com prazer

Concomite Twitter

Nas linhas seguintes e à guisa como introdução, nos propomos a responder às perguntas mais frequentes sobre o processo de obtenção dos conhecimentos no primeiro ano de vida, e qual é o papel que os adultos desempenham ao estimular a aprendizagem dos pequenos.

Entre a curiosidade e o estímulo

A criança adquire conhecimentos desde seu primeiro dia de vida. Atividades tão simples como seguir os objetos com os olhos ou agarrá-los com as mãos servem para assimilar informações novas. Nesta primeira etapa, a aprendizagem se concentra na observação e na repetição de condutas.

Com o passar do tempo, a criança entra em um processo constante de experimentação com o ambiente e os objetos que se encontram ao seu redor. Ao descobrir um escorregador, por exemplo, ela nunca vai se cansar de subir e descer por ele, até que a brincadeira esteja dominada e ela começa a pensar em outras atividades relacionadas com o mesmo: subir a rampa em lugar de usar as escadas, deslizar de barriga para baixo, etc. Desta forma, ela exercita seus conhecimentos, utilizando-os também para seus próprios interesses. O desejo de conhecer o mundo é motivado pela curiosidade inata da criança.

Dá a importância de proporcionar aos pequenos os estímulos necessários para sua evolução e crescimento. Pais e professores têm a responsabilidade de ajudar as crianças a aproveitar ao máximo suas capacidades, motivando-as a progredir no lento, mas fascinante processo de aprendizagem.

As etapas da aprendizagem durante a primeira infância Ao longo de seu primeiro ano de vida, o bebê aprende de forma instintiva, através da exploração, do tato e da manipulação. Ele emprega constantemente suas habilidades motoras e seus sentidos para descobrir o mundo que o rodeia. Engatinha em busca de objetos, agarra, morde e chega a quebrá-los para experimentar. Por isso, é conveniente utilizar esta insaciável curiosidade das crianças como meio de estimular o desenvolvimento cognitivo. Permita que elas engatinhem, manipulem e mordam os objetos, sem mais limites do que os ditados pela segurança e higiene.

Até os 3 anos, e de uma maneira cada vez mais complexa, a criança continua investigando o mundo através de seus sentidos. Ela se concentra sobretudo nas características das coisas. Por este motivo, é fundamental falar com ela, escutar com atenção suas perguntas e responder com clareza e simplicidade, para que ela possa entender as respostas.

A partir dos três anos, este interesse se estende às pessoas, ao ambiente que a rodeia e às causas dos acontecimentos. A criança começa a verbalizar sua curiosidade fazendo perguntas constantes do tipo: por que chove? Por que o céu é azul? Por que os automóveis andam? Por que o vovô foi para o céu?, etc. Isso acontece porque ela já está capacitada a pensar em diferentes situações, objetos que não estão presentes ou ações que já aconteceram.

Para estimular sua capacidade de aprendizagem nesta etapa, é importante formular perguntas simples de causa e efeito, proporcionar a ela materiais atraentes para manipular e transformar, ou propor jogos que permitam que a criança pense por si mesma.

O peso das emoções

O processo de aprendizagem está estreitamente ligado ao campo das emoções. Uma criança feliz e segura de si mesma aprende com mais facilidade que outra que se sente insegura ou temerosa.

A confiança que a criança tem em sua própria capacidade é forjada muito antes do início da fase escolar. Os primeiros anos de vida de criança são considerados essenciais no desenvolvimento de sua

Discovery Kids Brasil
Curte 2.098.712

Discovery Kids Brasil
23 h

É daqui à pouco, às 5 da tarde, a estreia de Festa Hi-E!

Publicidade

Fonte: Discovery Kids/My Kids/Artigos - *Aprender com Prazer*¹⁴²

O artigo *Aprender com Prazer* é permeado por inúmeros exemplos que salientam a “grande” capacidade de aprendizagem das crianças nos seus primeiros anos de vida, além de apresentar sugestões para os pais e mães

¹⁴² Disponível em: <<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/aprender-com-prazer/>>. Acesso em: 1º jul. 2013.

propiciarem o ambiente (emocional) adequado para que determinadas práticas facilitem o florescimento do “desenvolvimento esperado”¹⁴³.

No que diz respeito à imagem fotográfica, esta destaca um bebê sorridente, que está olhando para o alto e que está cercado por blocos plásticos coloridos comumente encontrados em lojas especializadas em brinquedos. Tal imagem parece estar em total sintonia com a afirmativa contida no título: “aprender com prazer”. Além disso, já nas primeiras linhas do artigo, está afirmado que as crianças têm uma predisposição inata para a aprendizagem desde o momento de seu nascimento, e o artigo promete ensinar aos adultos como extrair os melhores resultados de seus rebentos rumo a uma permanente jornada de aprendizagem. Tal disposição está enunciada do seguinte modo:

[...] à guisa [de]como introdução, nos propomos a responder às perguntas mais frequentes sobre o processo de obtenção dos conhecimentos no primeiro ano de vida, e qual é o papel que os adultos **desempenham ao estimular a aprendizagem dos pequenos** [grifos meus]

(Disponível em: <<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/aprender-com-prazer/>> Acesso em: 1º jul. 2013.)

Invoco novamente Ball (2013) para salientar que essa necessidade de implantação de uma aprendizagem que se processe ao longo da vida está sendo iniciada cada vez mais cedo, sendo crescente o número de famílias cujo exercício da parentalidade está se voltando a fazer dos filhos um projeto estratégico centralizado na mãe, que o autor (Ibidem) considera ser o “escritório desse planejamento”. Isso implica a produção de um tipo particular de sujeito educacional localizado, especialmente, na classe média, o qual estaria sendo gestado numa época caracterizada, entre outras coisas, pelo medo do fracasso (Ibidem). Seguindo na discussão do artigo *Aprender com Prazer*, apresento outro excerto em que é dado destaque ao entendimento de que o desenvolvimento da criança está vinculado aos adultos, ou melhor, à intensidade dos estímulos e do

¹⁴³ É importante indicar que estes artigos não contêm indicação de autoria.

comprometimento desses com a criança desde os seus primeiros dias de vida. O texto afirma:

Entre a curiosidade e o estímulo a criança adquire conhecimentos desde seu primeiro dia de vida. Atividades tão simples como seguir os objetos com os olhos ou agarrá-los com as mãos servem para assimilar informações novas. Nesta **primeira etapa**, a aprendizagem se concentra na observação e na repetição de condutas.

[...]

Daí a importância de proporcionar aos pequenos os estímulos necessários para sua evolução e crescimento. Pais e professores têm a responsabilidade de ajudar as crianças a aproveitar ao máximo suas capacidades, **motivando-as a progredir** no lento, mas fascinante processo de aprendizagem. [grifos meus]

(Disponível em: <<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/aprender-com-prazer/>> Acesso em: 1º jul. 2013)

Esse excerto remete, ainda, à ideia de condicionalidade; ou seja, nele está marcado que o nível de “evolução” da criança estaria indelével e proporcionalmente atrelado à intensidade e à qualidade de estímulos operados por pais, mães e professores, os quais têm a missão de motivar (ao máximo) a criança rumo ao seu “permanente progresso intelectual”. Tal compreensão está presente no excerto apresentado a seguir:

Ao longo de seu primeiro ano de vida, o bebê aprende de forma instintiva, através da exploração, do tato e da manipulação. Ele emprega constantemente **suas habilidades motoras** e seus sentidos para descobrir o mundo que o rodeia. Engatinha em busca de objetos, agarra, morde e chega a quebrá-los para experimentar. Por isso, **é conveniente utilizar esta insaciável curiosidade das crianças como meio de estimular o desenvolvimento cognitivo.** Permita que elas engatinhem, manipulem e mordam os objetos, sem mais limites do que os ditados pela segurança e higiene. [grifos meus]

(Disponível em: <<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/aprender-com-prazer/>>. Acesso em: 1º jul. 2013)

Aliás, estas afirmações, que estão vinculadas a postulados presentes em teorias da cognição em diferentes vertentes, encontram-se expressas não só no excerto acima, mas em outros artigos da *My Kids*. Santos (2009) argumentava em sua tese, a partir de Rose (1999) que, quando se fala em infância e em maternidade nas sociedades ocidentais contemporâneas, se recorre, na maioria das vezes, ao discurso das áreas *psi*, em suas diversas vertentes e concepções teóricas

(psicologia evolutiva, psicologia do desenvolvimento, psicanálise, etc.). Essa afirmação coincide com o que Walkerdine (1998;2007) destacou ao afirmar ser a ciência, particularmente a psicologia, responsabilizada pela descrição de uma suposta “natureza” do aprendiz e da aprendizagem, ideia que igualmente inclui o estabelecimento de uma sequencialidade “natural” e “previsível” para o desenvolvimento infantil em direção à racionalidade/maturidade. A autora (Ibidem) destaca que o monitoramento “adequado” por mulheres/mães e professoras seria um dos importantes imperativos para que a normalização do desenvolvimento infantil – que tem como parâmetro “avanços sequenciais”, lineares e expectativas explícitas para cada etapa preestabelecida – se disseminasse de forma quase homogeneizante.

No excerto que segue, destaco outro fragmento do artigo *Aprender com Prazer*, que faz recomendações sobre como lidar com as emoções infantis desde o primeiro ano de vida, ao mesmo tempo em que afirma ser esse um importante pilar no processo de aprendizagem. Como está salientado no excerto, a felicidade e a segurança proporcionadas pelos pais e mães às crianças contribuiriam para o seu desenvolvimento e progresso na aprendizagem.

O processo de aprendizagem está estreitamente ligado ao campo das emoções. Uma **criança feliz e segura de si** mesma aprende com **mais facilidade** que outra que se sente insegura ou temerosa [...]. O caráter e o jeito de ser partem de uma necessidade humana básica: a **busca do amor e da aprovação** dos que a rodeiam, especialmente pais e familiares mais próximos. [grifos meus]

(Disponível em: <<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/aprender-com-prazer/>>. Acesso em: 1º jul. 2013)

Chamo atenção, outra vez para a associação estabelecida entre sentimentos, tais como amor e afeto, e o desenvolvimento intelectual, a aprendizagem e o alcance da felicidade. O artigo parece sinalizar, mediante tal tipo de argumento, que a associação entre “aprender e prazer” seria uma eficiente fórmula de sucesso para a aquisição do conhecimento. E é no parágrafo intitulado *Dicas Importantes*, extraído desse artigo, que isso está mais explicitado, sintetizado, prescrito e reiterado.

Dicas importantes:

-As crianças **necessitam da motivação dos adultos para desenvolver todo o seu potencial** de aprendizagem.

-Ensinar as **crianças a raciocinar é muito mais importante** que tentar fixar nelas conhecimentos concretos, como, por exemplo, as cores, números e letras.

-**O carinho, os estímulos, a aprovação diante dos acertos** e a ajuda quando ocorrem os erros são essenciais para reforçar a autoestima da criança.

-**A aquisição de conhecimentos é sempre mais valiosa se partilhada** com outra pessoa.

-**A aprendizagem com alegria estimula** a aprender mais e melhor. [grifos meus]

(Disponível em: <<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/aprender-com-prazer/>>. Acesso em: 1º jul. 2013.)

Observa-se que as afirmações contidas nesse artigo, especialmente nas *Dicas*, são apresentadas como possibilidades universais para garantir êxito e controle no processo de aprendizagem das crianças! Porém, no campo pedagógico, muitos são os autores, e entre esses está Popkewitz (2000), que problematizam a crença moderna de que as crianças precisam ser classificadas em estágios universais. Como salienta este autor (Ibidem):

A criança pode agora ser classificada através de estágios universais de desenvolvimento, de categorias psicológicas do 'eu' e de medidas racionais de rendimento. As classificações são intemporais e universais, sem nenhuma base aparente em qualquer localidade particular ou relação concreta de tempo e espaço (p. 178-179).

Assim, pensar ser a criança um aprendiz que deveria se “desenvolver plenamente” tornou-se uma ideia tão “natural” a partir do século XX que se tornou-se difícil imaginá-las sem as vincular à condição de aprendizagem/desenvolvimento, indica o autor (Ibidem). Popkewitz (2000) alerta que a ciência e os *experts* do desenvolvimento (infantil) têm procurado dividir a vida das crianças em cronológicas e miméticas etapas para avaliar personalidades e estágios de cognição. Seus alertas direcionam-se, assim, à impossibilidade de atribuir-se um significado único para os modos de ser ou de lidar com as crianças, bem como de profetizar acerca de efeitos (benefícios) que essas diferentes idades cronológicas produziriam.

No artigo que estou comentando, *Aprender com Prazer*, são frequentes os entendimentos homogeneizantes sobre o desenvolvimento e a aprendizagem infantis. Como está afirmado nesse artigo, *a aprendizagem aliada à diversão garante melhores resultados, fixando os conhecimentos a longo prazo*. E verdades tais como essa vão sendo enunciadas nesse e em outros textos postados na seção *My Kids*, na condição de argumentos não-questionáveis que independem de autoria. Além disso, tais postulações são bastante semelhantes às propagadas em muitos ambientes escolares e em materiais midiáticos, nos quais a soma de carinho, amor e dedicação dos familiares, especialmente das mães, junto aos estímulos necessários à cada etapa de desenvolvimento produziria “exatamente” a criança idealizada (SANTOS, 2009).

Apresento, a seguir, excertos do artigo intitulado *Como se desenvolve a linguagem?*¹⁴⁴, igualmente disponibilizado na seção *My Kids*. No artigo citado, também estão destacadas expectativas projetadas para cada etapa do desenvolvimento infantil; neste caso, a etapa focalizada é a compreendida entre zero e três anos de idade, que é marcada, no artigo, como fundamental para a “evolução” da linguagem. Também esse artigo é repleto de sugestões sobre como as mães devem agir com os bebês para estimulá-los adequadamente e de exemplos apresentados para que elas possam diagnosticar se seu filho/a está atendendo às “expectativas previstas” para a sua idade.

Logo no primeiro parágrafo, o artigo anuncia:

A conquista da *linguagem* é um passo fundamental no desenvolvimento de uma pessoa. Por meio das palavras e dos gestos, pode-se expressar os sentimentos, as ideias e os desejos, comunicar-se com o mundo e atuar sobre ele. Desde o **nascimento**, as **crianças** se comunicam por meio do choro, do riso, da emissão de sons ou dos gestos. Dos primeiros balbucios às primeiras frases, o **pequeno passará por múltiplas etapas que o levarão a desenvolver** sua capacidade de expressão oral. [grifos meus]
(Disponível em: <<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/como-se-desenvolve-a-linguagem/>>. Acesso em: 8 jun.2013).

¹⁴⁴ Disponível em: <<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/como-se-desenvolve-a-linguagem/>>. Acesso em: 8 jun.2013.

É interessante registrar também que, embora o texto utilize a expressão “pais”, em alguns momentos, para referir-se às descobertas e estímulos a serem compreendidos junto ao bebê, a imagem que ilustra o artigo é a de uma mulher branca e sorridente, com o rosto muito próximo ao de um bebê sem roupa, de modo a permitir que ele nela fixe o olhar e a toque, enquanto ela parece estar falando com ele (Figura 39). A composição da imagem e as prescrições expostas no artigo parecem ter sido usadas para dar ênfase a uma retórica que postula a existência de um incondicional amor materno dedicado pela mãe a seu bebê desde os primeiros dias de vida, o que permitiria o seu adequado desenvolvimento emocional.

Figura 39 - Reprodução do artigo *Como se desenvolve a Linguagem?*

Área Pais • **Artigos** • **Séries** • **Festa DKids**

Artigos. Como se desenvolve a linguagem?

Compartilhe | Twitter | 5 | +1 | 7

A conquista da linguagem é um passo fundamental no desenvolvimento de uma pessoa. Por meio das palavras e dos gestos, pode-se expressar os sentimentos, as ideias e os desejos, comunicar-se com o mundo e atuar sobre ele. Desde o nascimento, as crianças se comunicam por meio do choro, do riso, da emissão de sons ou dos gestos. Dos primeiros balbúrcios às primeiras frases, o pequeno passará por múltiplas etapas que o levarão a desenvolver sua capacidade de expressão oral.

Do nascimento aos dois meses
O bebê se comunica por meio de gestos não intencionais e expressões afetivas. O choro é a primeira forma que o bebê usa para alertar a mãe quando está com fome, com sono ou dor, ou quando simplesmente quer estar com ela. Mesmo que os pais se desesperem a princípio, pois acreditam que não podem interpretar qual é a verdadeira necessidade de seu filho, pouco a pouco eles aprendem a decodificar os diferentes tipos de choro.

Dos 2 aos 4 meses
Quando a mamãe e o papai falam com ele, o bebê responde com o famoso "Aaaaaa!!!" Os balbúrcios, gritos e as primeiras vocalizações ("aaa", "eee"), assinalam o início da etapa pré-linguística. Os pais se entusiasmam e falam com seu filho, o bebê "responde" enquanto eles o escutam com atenção, e quando ele termina de emitir sons os adultos então continuam a falar com ele. Com este exercício, os pais ensinam seus filhos a "dialogar".

Os 4 meses
Esta é a etapa dos longos monólogos. O bebê se diverte muito com os sons diferentes que emite, e com a possibilidade de escutar sua própria voz. Com a repetição das vocalizações e das diferentes combinações de sons, ele auto-estimula os músculos da fala. Por isso, é importante permitir que o bebê vocalize sempre que tiver vontade.

Dos 5 aos 8 meses
Amplia-se o repertório de gestos, que constituem o meio de comunicação mais efetivo do bebê do

Discovery Kids Brasil
Curtir 2.164.294

Discovery Kids Brasil
1 h
As férias no Discovery Kids vão ter muitas aventuras com a nova

Fonte: Discovery Kids/My Kids/Artigos - Como se Desenvolve a Linguagem¹⁴⁵

¹⁴⁵ Disponível em: < <http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/como-se-desenvolve-a-linguagem/> >. Acesso em: 8 jun.2013.

Como se pode ver, o artigo está estruturado a partir da delimitação de tópicos que apontam diferentes etapas para o desenvolvimento da linguagem, configurando-se essa como uma estratégia narrativa que ressalta a compreensão, pelas mães/pais leitores/as do artigo, do que está sendo apresentado. Ao narrar o que sucede em cada uma dessas etapas, o artigo assume um “tom” que personaliza os cuidados e os aspectos para os quais as mães e pais devem atentar de modo a atender às recomendações que estão sendo feitas. No artigo, são feitas prescrições direcionadas a potencializar e estimular esse desenvolvimento, entre as quais, constam: dialogar com os bebês; permitir que o bebê vocalize sempre que tiver vontade; reconhecer as conquistas do bebê com sorrisos e elogios; não corrigir as palavras que a criança expressa de forma inexata, mas repeti-las corretamente. Quando ela disser "vô cocá o pato", você deve dizer, por exemplo, "sim, você vai colocar o sapato". Além disso, no decorrer do texto, são apresentadas outras sugestões que ensinam como as mães (e pais) podem ocupar uma posição de “protagonismo” na promoção do desenvolvimento da linguagem de seus filhos.

Foi por ter vislumbrado nesse conjunto de artigos uma recorrente preocupação com o desenvolvimento precoce – e até certa urgência nesse desenvolvimento, no que diz respeito a dadas “habilidades” que necessitam ser valorizadas por mães e pais – que destaco a intenção que parece orientar a sua veiculação no espaço *My Kids*: quanto mais cedo mães e pais iniciarem o investimento no desenvolvimento cognitivo, motor, afetivo etc. de suas crianças e quanto maiores forem esses investimentos, melhores serão os resultados colhidos no futuro. O que parece mobilizar todas as sugestões feitas nos artigos é a intenção de preparar o futuro adulto que resultará desse desenvolvimento.

Tal incentivo também está presente no artigo intitulado *Incorporação Precoce das Relações Espaciais*¹⁴⁶, que segue uma abordagem análoga a do artigo anteriormente comentado, sendo que o foco agora diz respeito à estimulação de ações que permitam a compreensão das relações espaciais. O artigo assume, em


¹⁴⁶Disponível em: <<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/incorporação-precoce-das-relações-espaciais/>>. Acesso em: 8 jun.2014.

relação a esse aspecto, alguns pressupostos educativos sobre a cognição que são frequentes nas teorizações pedagógicas que orientam as atividades escolares e atentam para práticas que permitam a incorporação pelas crianças das relações espaciais, configuradas como básicas para o desenvolvimento da cognição. Para Walkerdine (2007), o sucesso na Matemática, disciplina escolar que lidaria constantemente com a capacidade de realizar tais relações, é tomado como uma indicação do sucesso em raciocinar. A Matemática é geralmente vista como a disciplina que permite o *desenvolvimento* da mente lógica e racional, indica essa autora (Ibidem). No artigo que estou comentando, são fornecidos esclarecimentos e sugestões para que os pais e mães possam “treinar” suas crianças nessa direção desde os seus primeiros meses de vida. Assim, está marcada a urgência de preparar adequadamente as crianças para que se tornem adultos competentes, neste caso, capazes de lidar com noções de espaço/espacialidade associadas, no artigo, ao saber da Matemática (Figura 40) .

Figura 40 - Reprodução do artigo *Incorporação Precoce das Relações Espaciais*

Área Pais • Artigos • Séries • Festa DKids

Artigos. Incorporação precoce das relações espaciais



Os primeiros conhecimentos matemáticos estão ligados ao conceito de espaço. Por isso, é importante estimular o reconhecimento dessas relações desde a primeira infância. Sugerimos aqui algumas ideias para que você possa treiná-las com seus filhos nas experiências cotidianas.

Quando são adquiridas?
Desde o primeiro ano de vida, a criança estabelece relações espaciais por meio de suas vivências sensoriais. Por exemplo, experimenta o espaço bucal levando os dedos e objetos à boca, e o espaço ao seu redor por meio da visão e do tato. Quando a criança começa a andar e a explorar o mundo à sua volta, compreende que existem múltiplas conexões entre os objetos. Um dos aprendizados desse período é que os objetos continuam existindo, apesar de estarem fora do campo de visão. O espaço se transforma em objeto de reflexão e a criança deixa de ocupar o centro da atenção. Entretanto, ela não conseguirá experimentar o espaço independentemente dos objetos percebidos.

Aos quatro ou cinco anos, quando começa a explorar o espaço próximo e distante, ela consegue incorporar as representações mentais das relações espaciais. Por exemplo, consegue pensar se a escola está longe ou perto de sua casa em função do tempo que leva para chegar a ela. Portanto, trata-se sempre de um raciocínio que surge da comparação com outras distâncias: de sua casa até o supermercado, da casa dos avós ao parque.

Noção de posição-orientação
A localização depende de uma análise perceptiva que atua por oposições e contraste (em cima-embaixo; na frente-atrás; dentro-fora; esquerda-direita).

Percebe-se antes a oposição de cada um dos termos de contraste. Em outras palavras, é mais fácil para uma criança aprender primeiro essas noções com um "jogo de opostos" do que pela avaliação isolada de cada item. Por exemplo, se queremos ensinar a relação dentro-fora, podemos propor que guarde seus brinquedos dentro de uma caixa, e imediatamente, pedir que os retire. Ao longo do tempo, com a repetição deste exercício, ela poderá abstrair cada uma das noções sem que precisem estar associadas.

Em cima-embaixo
Esta é uma descoberta que todas as crianças fazem de uma forma precoce: um objeto pesado cai. Para ensinar essa relação a seu filho, aproveite as situações cotidianas. Se estiver em casa, peça a ele que alcance um objeto que está em cima da mesa, e imediatamente depois, outro que esteja caído embaixo dela. Se estiverem subindo uma escada, indique que estão se dirigindo para cima, e quando descenderem, para baixo.

O próprio corpo é um instrumento para incorporar essas noções. Você pode sugerir que a criança salte para cima e para baixo, acelerando o ritmo para aumentar a concentração.

Perto-longe
Com a aquisição desta noção, a criança descobre que um objeto próximo pode ser alcançado, enquanto outro que esteja distante está fora de seu alcance.

A acomodação visual e a visão binocular estão ligadas à percepção dessa dimensão, assim como o hábito de avaliar distâncias por meio do diâmetro aparente de um objeto.

Como vimos, esta é uma noção que se adquire de forma abstrata, em idade pré-escolar. Contudo, você pode treinar seu filho apresentando três objetos e perguntando se dois deles estão longe ou perto do terceiro. Outra forma muito divertida de incorporar o conhecimento é sugerir que lance uma bola a uma distância próxima ou distante de uma linha traçada no chão.

Discovery Kids Brasil

Curar 2.162.436

Discovery Kids Brasil

4 h

Na hora das refeições é muito importante comer vegetais! As

Fonte: Discovery Kids/My Kids/Artigos - Incorporação Precoce das Relações Espaciais¹⁴⁷

A imagem inserida no artigo é bastante representativa do que nele está proposto – o bebê vestido com roupas coloridas que aprende a subir a escada sem

¹⁴⁷ Disponível em : <<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/incorporação-precoce-das-relações-espaciais/>>. Acesso em: 8 jun.2014.

auxílio de um adulto tanto está dominando essa habilidade específica, que envolve relações espaciais, quanto está sendo estimulado a desenvolver-se adequadamente para alcançar o ápice da escada, que representaria o seu futuro. E esse é um dos modos através dos quais ele poderá se tornar um adulto competente cognitivamente. Fica bem caracterizado no artigo que esse seria um “trabalho” a ser praticado cotidianamente em família para que a aprendizagem em questão fosse incorporada pela criança desde muito cedo. Seria desse modo que se estaria propiciando à criança aprender a discernir o que está dentro ou fora, em cima ou embaixo, à esquerda à direita, ou ainda perto ou longe etc. Reproduzo, a seguir, excerto retirado do primeiro parágrafo do artigo, no qual está afirmado que:

Os primeiros conhecimentos matemáticos estão ligados ao conceito de espaço. Por isso, é importante estimular o reconhecimento dessas **relações desde a primeira infância**. Sugerimos aqui algumas ideias para que você possa **treiná-las com seus filhos nas experiências cotidianas**. [grifos meus]

(Disponível em: < <http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/incorporação-precoce-das-relações-espaciais/> > Acesso em: 8 jun.2014.)

Invoco novamente Walkerdine (2007) para salientar que certas visões referentes à aprendizagem da Matemática se tornaram axiomas, que orientam o ensino em escolas primárias, entendendo-se estar o sucesso baseado no domínio de conceitos voltados a promover e produzir uma “compreensão real” que envolve: conhecimento proposicional, compreensão relacional, e assim por diante. Tal axioma parece reger o que está proposto no artigo, no qual são oferecidas aos pais e mães muitas dicas sobre como realizar um “treinamento” simples e eficiente para a aquisição de noções espaciais. O excerto que apresento a seguir inclui uma dessas dicas.

[...] **você pode treinar** seu filho apresentando três objetos e perguntando se dois deles estão longe ou perto do terceiro. Outra forma **muito divertida de incorporar o conhecimento é sugerir** que [ele] lance uma bola a uma distância próxima ou distante de uma linha traçada no chão. [grifos meus]

(Disponível em: < <http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/incorporação-precoce-das-relações-espaciais/> > Acesso em: 8 jun.2014.)

Ao longo do artigo, outras sugestões estão disponibilizadas aos pais e mães para promoverem com seu bebê a aprendizagem das já referidas noções dentro-fora, em cima-embaixo e esquerda e direita, conforme se pode ver no excerto abaixo:

Existem **várias situações cotidianas** que podem ser aproveitadas para **treinar** essa noção [esquerda-direita]. Por exemplo, você pode perguntar a seu filho em que mão escondeu um pequeno objeto: na direita ou na esquerda? **Esta brincadeira encerra um desafio duplo**: além de identificar as noções de direita e esquerda, a criança pode fazê-lo de forma espelhada, assumindo a posição de quem pergunta. [grifos meus]

(Disponível em: < <http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/incorporação-precoce-das-relações-espaciais/> > Acesso em: 8 jun.2014.)

Além disso, esse excerto estimula os pais e mães a pensarem nessas ações como brincadeiras, ou melhor, como “brincadeiras pedagógicas”, que também lhes permitirão fornecer conhecimentos “úteis” a seus filhos, por estarem esses associados a noções lógico-matemáticas¹⁴⁸. Como é possível observar nos excertos que estou apresentando, o artigo reafirma a crença de que o estímulo para o desenvolvimento de habilidades nas crianças deve ocorrer no ambiente familiar desde o nascimento da criança. O ambiente familiar seria, então, um local “facilitador” da aprendizagem, devendo para tanto incluir estímulos que possibilitem experiências constantes no dia a dia. Então, mães e pais devem saber que tais aprendizagens acontecem, bem como saber identificar como e em que direções acontecem no cotidiano da família, devendo atentar, igualmente, para que essas aprendizagens assumam uma “feição” de brincadeira. Sua tarefa como mães e pais incluiria, assim, empenhar-se incansavelmente para fazer “desabrocharem” no cotidiano as estruturas mentais apropriadas à

¹⁴⁸ *Uma criança pode aprender lógica?* é o título de mais um artigo postado na seção *My Kids* qual se ensina, por exemplo, aos pais a “estimularem” seus filhos pequenos a lidarem com a lógica e a matemática. Nesse artigo, é dado destaque à atividade de classificar, configurada como condição necessária ao “pleno desenvolvimento infantil”, e os pais mais uma vez aparecem como protagonistas nesse processo de estimular suas crianças mediante as referências postadas nos artigos da *My Kids*.

Disponível em: < <http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/uma-crianca-pode-aprender-logica/> >. Acesso em: 8 jun.2014.

aprendizagem não apenas das relações espaciais que antecedem a compreensão da Matemática, mas igualmente de outras habilidades, tais como a linguagem, o gosto pela música, etc., como os demais artigos que estou comentando sugerem. O mote do próximo artigo que comento, intitulado *Hábito da Leitura*¹⁴⁹, também tem como alvo essa busca pelo desenvolvimento permanente e pautado pela estimulação precoce no ambiente familiar. Seu foco é a inculcação do hábito da leitura. A imagem contida no artigo apresenta um bebê olhando um livro e sendo abraçado por sua sorridente família. Todos estão sentados no chão e apoiados em uma mesa baixa, repleta de livros coloridos. A mãe ocupa o centro da imagem – ela segura um livro e parece dar atenção aos dois filhos simultaneamente. Já o pai, posicionado à esquerda, parece estar mais ocupado com apontar algum aspecto para a criança menor, nessa cena que reproduz uma alegre situação de leitura no ambiente doméstico (Figura 41).


¹⁴⁹Disponível em: <<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/o-habito-da-leitura/>> Acesso em: 8 jun.2014.

Figura 41 - Reprodução do artigo *O Hábito da leitura*

Área Pais • Artigos • Séries • Festa DKids

Artigos. O hábito da leitura

Compartilhe
Twitter 11
Google+ 1
2




Discovery Kids Brasil

Curtrir 2.163.361

Discovery Kids Brasil

2 h

Na hora das refeições é muito importante comer vegetais! As



A maioria dos pais concorda com a necessidade de estimular o hábito da leitura em seus filhos. O problema é que, na hora de colocá-la em prática, surgem as dúvidas e muitos pais não sabem o que fazer. Apresentamos aqui algumas dicas e uma série de brincadeiras para incorporar o hábito da leitura de forma divertida.

Por que é importante?

A leitura estimula a fantasia da criança. À medida que cria suas próprias aventuras e personagens, ela reforça sua liberdade criativa e sua auto-estima.

Além disso, desenvolve importantes habilidades linguísticas e conhecimentos que lhe permitirão construir uma base sólida para sua experiência escolar. Um exemplo disso é a capacidade da criança em contar algo que aconteceu em torno de um tema central; a habilidade para sequenciar eventos no tempo (o que aconteceu primeiro e o que vem depois); a habilidade de estabelecer relações de causa e efeito e a aquisição de uma linguagem rica e complexa.

Por último, a leitura permite que a criança projete seus próprios medos e conflitos. As histórias terminam com um final feliz, o que a libera do medo e a faz se sentir segura e satisfeita.

Quando é aconselhável começar?

Na verdade, não é preciso esperar que seu filho aprenda a ler pra estimular o hábito da leitura. Você pode começar desde os primeiros meses de vida. Os livros criados para bebês costumam ter muitas ilustrações e poucas palavras. São pensados para serem observados, mas os comentários dos pais podem enriquecer seu conteúdo. Eles são um instrumento importante para o desenvolvimento da fala, já que a criança olha as imagens, escuta a mãe ou o pai, e logo aprende a associar a ilustração com a palavra.

Exemplo ou imposição?

Como a criança não tem uma necessidade natural de ler, é importante estimular o hábito da leitura. É aconselhável, no começo, que isso aconteça todos os dias, e sempre à mesma hora. Algumas horas antes de ir para a cama são momentos propícios.

Fonte: Discovery Kids/My Kids/Artigos - *O Hábito da Leitura* ¹⁵⁰

A imagem representa um produtivo momento de leitura ou de contação de histórias para as crianças pequenas em uma família que segue parâmetros modelares – heterossexual e branca – e que parece estar realizando tudo o que está sugerido no texto do artigo. A cena representa uma situação de tranquilidade e afetividade, reforçando a ideia de que estas são condições importantes para que

¹⁵⁰ Disponível em: <<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/o-habito-da-leitura/>>. Acesso em: 8 jun.2014.

o prazer da leitura seja incorporado pelas crianças, situação igualmente salientada em outros *sites*, programas televisivos e materiais publicitários destinados à orientação familiar ou à educação de crianças. Silveira (2007), em pesquisa publicada sob o título *Flagrantes de Contações de História em espaços Educativos Gaúchos*, indica que, para substituir práticas de leitura consideradas nefastas – como, por exemplo, as que envolvem a imposição de uma leitura única ou a “cobrança de leituras mediante elaboração de fichas –, se torna central e praticamente consensual, especialmente nas escolas, desenvolver o “gosto pela leitura”. Para Silveira (2001) haveria, atualmente, uma tendência maior ao emprego do termo “gosto pela leitura”, mais do que “hábito da leitura”, em inúmeras campanhas governamentais e também privadas promovidas em escolas, televisão, jornais, feiras de livros, etc. Nesse sentido, segundo a autora (Ibidem), o “gosto” passou a representar o último termo de uma equação que pode ser assim simplificada: prazer – interesse – leitura – hábito – gosto (Silveira, 2001;2007). Cabe citar que o “hábito” da leitura – termo utilizado no artigo que estou analisando – é tratado menos como uma prática que proporciona “mera fruição” e mais como uma prática associada ao desenvolvimento e ao futuro bom desempenho escolar, que, para concretizar-se, dependerá da decisiva participação de pais e mães, tal como se pode evidenciar no excerto que apresento a seguir.

A leitura estimula a fantasia da criança. À medida que cria suas próprias aventuras e personagens, ela reforça sua **liberdade criativa e sua autoestima**.

Além disso, **desenvolve importantes habilidades linguísticas e conhecimentos que lhe permitirão construir uma base sólida para sua experiência escolar**. Um exemplo disso é a **capacidade da criança em contar algo que aconteceu em torno de um tema central; a habilidade para sequenciar eventos no tempo (o que aconteceu primeiro e o que vem depois)**; a habilidade de estabelecer relações de causa e efeito e a aquisição de uma linguagem rica e complexa. [grifos meus]

(Disponível em: < <http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/o-habito-da-leitura/> >
.Acesso em: 8 jun.2014.)

Sobre o utilitarismo que tem perpassado as atividades relacionadas à leitura – e que entendo estarem representadas em outros artigos que encontrei na *My Kids* –, Silveira (2001; 2007) afirma que, no panorama educativo atual, a leitura

é vista de maneira praticamente unânime como uma estratégia para o desenvolvimento infantil, bem como para o incremento do currículo escolar e o estabelecimento do “gosto pela leitura” na infância e em idades posteriores. Silveira (2007, p.7) ainda observou, em sua pesquisa, que práticas de incentivo e à leitura pretendem,

[...] abertamente “civilizar” (ensinar a importância dos hábitos higiênicos ocidentais prevalentes, como escovar os dentes, tomar banho, usar fórmulas de cortesia, apelidadas de “palavras mágicas”, ser amigo de todos, respeitar os mais velhos...) ou formar deliberadamente um tipo de sujeito: o sujeito ecológico (este, muito celebrado atualmente) ou o sujeito solidário, ou o sujeito religioso, etc. (Ibidem)

É interessante apontar ainda que, na esteira desse “prestígio cultural” concedido ao “gosto pela leitura”, se movimenta todo um mercado cultural/editorial que envolve a publicação de livros, fantoches, dedoches, varais, etc., assim como um comércio “quase agressivo” de livros de literatura infantil a preços módicos e de qualidade discutível, por vezes acondicionados nas populares “maletinhas promocionais”, como destacou Silveira (2007). A mesma autora (Ibidem) indicou também que uma das estratégias prestigiadas para o desenvolvimento do “gosto da leitura” pelas crianças envolve a recomendação de que se contem histórias para elas desde muito cedo.

Assim, mais uma vez, a ideia de que quanto mais cedo se comece a estimular um hábito, seja a leitura, seja o exercício do pensamento matemático ou a aquisição do gosto pela música, melhores serão os resultados alcançados para o desenvolvimento das crianças. Tal máxima está especialmente destacada no artigo na seguinte afirmação: *Na verdade, não é preciso esperar que seu filho aprenda a ler para estimular o hábito da leitura. Você pode começar desde os primeiros meses de vida.* Além disso, está indicado no texto que a leitura deve ser praticada por ser ela *um instrumento importante para o desenvolvimento da fala, já que a criança olha as imagens, escuta a mãe ou o pai, e logo aprende a associar a ilustração com a palavra.* O texto também ressalta que os comentários dos pais e mães podem enriquecer o conteúdo dos livros no momento da leitura, além de isso ser

demonstrado pela descrição de uma série de outras formas de estabelecer esse hábito no ambiente familiar.

Destaco, a seguir, um trecho bem prescritivo, contido no mesmo artigo, que lembra a pais e mães sobre a importância de dar “o exemplo”, isto é, de praticar o hábito que se estão pretendendo introduzir na família. Diz o artigo:

Como a criança não tem uma necessidade natural de ler, é importante estimular o hábito da leitura. **É aconselhável, no começo, que isso aconteça todos os dias, e sempre à mesma hora. Algumas horas antes de ir para a cama são momentos propícios.**

No entanto, mesmo que você **se esforce para criar este hábito, o exemplo é decisivo.** É muito mais fácil para uma criança se interessar pela leitura se ela tiver acesso a livros em casa e se presenciar os pais lendo.

Cultive o hábito de contar a seu filho o que está lendo, de forma muito simples, e peça a ele que conte a você as **histórias que esteja aprendendo no momento.** [grifos meus]

(Disponível em: < <http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/o-habito-da-leitura/> >
.Acesso em: 8 jun.2014.)

Acoplada à ideia do exemplo, está destacada, mais uma vez, a importância de se iniciar tal prática o mais cedo possível, ou seja, de a família, antes da escola, ocupar-se com o desenvolvimento do gosto pela leitura. Ao lado desse propósito, outro se delineia – o de estimular as crianças a serem mais competitivas ao longo da vida escolar e até, possivelmente, no futuro mercado de trabalho, muito embora isso não esteja explicitamente enunciado. Caberia, então, afirmar, a partir de tais ponderações, que estimular o *hábito da leitura* é uma das muitas recomendações feitas na *My Kids* com vistas à obtenção, ao incremento, à expansão e à aquisição de “conhecimentos úteis” para o currículo escolar, mas também para uma futura (e possível) projeção social e profissional delineada (e ambicionada) a partir da aquisição do “gosto pela leitura”.

Voltado a estimular outra habilidade, o artigo intitulado os *Benefícios da Música*¹⁵¹ incentiva a aprendizagem dessa arte desde a mais tenra idade, indicando os benefícios de educar os filhos por meio *da e para a* música. Tal como

nos artigos anteriores, também nesse se estabelece uma idade preferencial para esse aprendizado - por volta dos três anos de idade -, conforme se observa no excerto a seguir.

A música é parte importante da vida. Da sonoridade do idioma aos ruídos e canções, é possível educar os filhos por meio de uma abordagem intuitiva da música. [...] **Uma criança de três anos** já pode começar a brincar com os sons, uma atividade divertida que estimulará o desenvolvimento de sua sensibilidade auditiva e visual. [grifos meus]

(Disponível em: < <http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/beneficios-da-musica/> > Acesso em: 8 jun.2014.)





É afirmado no artigo que, mesmo que a criança não siga a carreira musical, essa aprendizagem, quando procedida nos primeiros anos de vida, trará benefícios que perdurarão por toda a vida, tais como: melhora da expressão e compreensão oral, da sensibilidade auditiva e da sociabilidade, entre outros. Volto a invocar Ball (2013) quando ele discute o que denominou *Maternagem Total*, para salientar que nos dias atuais são inúmeras as atividades disponibilizadas para as crianças, notadamente para aquelas das classes médias, sendo destacadas as que envolvem o “desenvolvimento” do senso estético – música, teatro, arte e dança –, porque conjugam e proporcionam às crianças diversão e satisfação, além da possibilidade da “descoberta” de talentos e habilidades que poderão vir a ser desenvolvidos ao máximo.

No artigo os *Benefícios da Música*, são estabelecidas algumas afirmações generalizadoras, tais como: *todas as crianças gostam de música. Não importa tanto o estilo, e sim a qualidade. O importante é que a escutem com prazer.* Ou seja, nesse artigo, tal como em outros que já comentei, postula-se a ideia de que é importante estimular o prazer de aprender, que nesse caso seria desencadeado pela aquisição de conhecimentos musicais (Figura 42).


Figura 42 - Reprodução do artigo *Benefícios da Música*

Área Pais • Artigos • Séries • Festa DKids

Artigos. Benefícios da música

12



A música é parte importante da vida. Da sonoridade do idioma aos ruídos e canções, é possível educar os filhos por meio de uma abordagem intuitiva da música.

Iniciação musical

É muito comum incorrer no erro de associar a educação musical para crianças em idade pré-escolar à tentativa de reproduzir a biografia de mestres da música que começaram a tocar instrumentos muito cedo. Esta abordagem esquece que a vivência da música vai além de tocar um instrumento com virtuosismo.

Uma criança de três anos já pode começar a brincar com os sons, uma atividade divertida que estimulará o desenvolvimento de sua sensibilidade auditiva e musical.

Por meio da iniciação musical, as crianças aprendem a seguir o ritmo com o corpo e os objetos à sua volta, e a captar a música como fonte de sensações e como veículo para expressar os sentimentos.

Todas as crianças gostam de música. Não importa tanto o estilo, e sim a qualidade. O importante é que a escutem com prazer.


Novos métodos

Nos últimos anos, surgiram vários métodos destinados à aprendizagem da música com propostas inovadoras.

Um exemplo é o método do músico japonês Suzuki. A partir dos dois anos de idade, seus alunos entregam-se à apaixonante aventura de tocar piano, violoncelo, flauta ou violino.

O ponto de partida do método é a extraordinária capacidade de imitação infantil. Os alunos começam a "tocar de ouvido" com instrumentos adaptados a suas características físicas.

As aulas são muito divertidas porque se baseiam em jogos e no solfejo, até que as crianças aprendam a tocar. Nesse sentido, é fácil estabelecer uma semelhança entre a aprendizagem da escrita e a da música. Se as crianças incorporam primeiro a fala e depois a escrita, é lógico que primeiro se


Discovery Kids Brasil


Curtir 2.163.345


Discovery Kids Brasil

2 h

Na hora das refeições é muito importante comer vegetais! As

Fonte: Discovery Kids/My Kids/Artigos - *Benefícios da Música*¹⁵²

A imagem adicionada ao artigo apresenta uma menina pequena tocando piano com uma expressão que denota atenção e preocupação. O artigo também ressalta que há muitas metodologias inovadoras que possibilitam uma “rápida aprendizagem” musical, salientando, no entanto, que resultados mais efetivos

¹⁵² Disponível em:

< <http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/beneficios-da-musica/> > Acesso em: 8 jun.2014.

decorrem de a iniciação começar nos primeiros anos de vida. Está ressaltado no artigo que:

Nos últimos anos, surgiram vários métodos destinados à aprendizagem da música com propostas **inovadoras**.

Um exemplo é o método do músico japonês Suzuki. **A partir dos dois anos de idade**, seus alunos **entregam-se à apaixonante aventura de tocar piano, violoncelo, flauta ou violino**. O ponto de partida do **método** é a **extraordinária capacidade de imitação infantil**. Os alunos começam a "tocar de ouvido" com instrumentos adaptados a suas características físicas. [grifos meus]

(Disponível em : < <http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/beneficios-da-musica/> > Acesso em: 8 jun.2014.)

Sobre o excerto acima, ainda caberia comentar que os instrumentos musicais mencionados são historicamente “legitimados” para a execução em recitais e concertos. O artigo destaca que os instrumentos são adaptados à idade da criança, que começa a aprender por imitação, repetindo o que ouve. Indica também os benefícios de um método específico para a aprendizagem da música, o método *Suzuki*, qualificado no excerto como inovador.

A apresentação desse método é tema de outro artigo postado na *My Kids*, cujo título é *Cinco benefícios do método Suzuki*.¹⁵³ Nesse artigo, o próprio título salienta a importância do método apresentado, que não só possibilita aprendizagens no campo da música, como também aumenta a automotivação, melhora a autoestima e desenvolve o senso de equipe, entre muitos outros benefícios. O artigo enfatiza que os ganhos e os resultados do método se estendem para além da “fruição” que a música poderia proporcionar ao seu aprendiz, além de afirmar que todos podem aprender a tocar um instrumento de alto nível de complexidade. O ideal para obtenção de melhores resultados, ainda segundo o artigo, seria que a criança ouvisse música desde o nascimento e começasse a praticar aulas (do método Suzuki) a partir dos dois ou três anos de idade.

¹⁵³ Disponível em: <<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/cinco-beneficios-do-metodo-suzuki/> > Acesso em: 8 jun.2014.

Meus comentários objetivam indicar o grau de detalhamento em que se dão as prescrições contidas nesse artigo, que, tal como nos demais anteriormente comentados, contém um apelo para que as mães e pais não só prestem atenção nas atividades “extraclases” sugeridas e disponíveis aos seus filhos, mas, acima de tudo, que estejam atentos aos melhores e inovadores métodos de ensino disponibilizados nos dias atuais, além de compreenderem o importante papel que todas as suas iniciativas têm no desenvolvimento adequado e precoce de suas crianças. No excerto que apresento a seguir, destaco outras considerações, conselhos e alertas endereçados aos pais e mães no artigo.

Embora os benefícios da iniciação musical **precoce** sejam inquestionáveis, não se pode afirmar que garantam o interesse da criança no futuro.

Quanto mais dinâmico e divertido for o ambiente de aprendizado musical, maior a probabilidade de a criança continuar a desenvolver suas habilidades.

Os pais que costumam escutar música com prazer estimulam o interesse do filho, já que o **exemplo é fundamental** em todo processo de aprendizagem. Além disso, a música pode ser um instrumento de **comunicação** muito eficiente entre pais e filhos.

No entanto, se a criança sentir inclinação por outras atividades, nunca se pode considerar **perdidas as horas dedicadas à introdução ao mundo musical**. Sua audição e sensibilidade terão se fortalecido com a **experiência**. [grifos meus]

(Disponível em: < <http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/beneficios-da-musica/> > Acesso em: 8 jun.2014.)

Entre as palavras usadas no artigo, mais uma vez aponto a recorrência de algumas, estando entre elas as seguintes: *precoce, futuro, dinâmico, divertido, prazer, exemplo e eficiência*. No conjunto de artigos comentados nesta seção, elas figuraram inúmeras vezes para marcar e colocar em destaque as muitas responsabilidades que os pais e mães têm frente às possibilidades de desenvolvimento futuro de suas crianças. Os anos iniciais da infância estão marcados como decisivos para que tal desenvolvimento se cumpra diferenciadamente a fim de aumentar as chances de esses indivíduos terem um futuro promissor. Cabe, portanto, aos pais e mães propiciarem esse desenvolvimento no seio de suas famílias. Invoco Burman (2009) para salientar que os modelos de desenvolvimento psicológico surgiram ao lado de modelos mais amplos de “desenvolvimento”, tais como o econômico e o político, continuando esses a figurar de forma importante em diferentes culturas e a olhar

para as crianças como a encarnação do seu próprio futuro: futuros cidadãos, futura força de trabalho, futuro apoio à terceira idade, etc., sem se deterem nelas no tempo presente. Como registrou Ball (2013), a parentalidade intuitiva já não parece mais ser boa o suficiente para a educação dos filhos. Além disso, os exercícios da maternidade e da paternidade (parentalidade) vêm sendo crescentemente colonizados pela política e comercializados para pais e mães da classe média, que devem viver de acordo com os modelos produzidos por empresas que lhes ensinam “como criar seus filhos e potencializar os seus talentos”. No Brasil, esse tipo de comercialização e de pedagogização das atividades parentais está indicado em serviços disponibilizados no *site* da Sociedade Brasileira de Coaching¹⁵⁴, no qual são informados e salientados os benefícios da contratação de um *coach* (familiar) para a administração e incremento da performance de pais, mães e filhos, individualmente e/ou em seu conjunto.

Como Ball (2013) indicou, pais e mães que vivem nas sociedades ocidentais agem nos dias de hoje, cada vez mais frequentemente, a partir de uma lógica orientada pela ideia de “busca da autoconstituição” permanente, que reside no coração do individualismo neoliberal, lógica que pode ser associada à referência de Bauman (2005) a indivíduos com “identidades ainda não dadas” cuja construção identitária se constituiria ao longo do tempo, envolvendo eminentemente fazer escolhas permanentes. Como já indiquei muitas vezes ao longo desta seção, esse entendimento norteia o que está dito em muitos dos artigos comentados, que estimulam pais e mães a serem treinadores/estimuladores/coaches dos seus próprios filhos.

¹⁵⁴Entre os “inúmeros” benefícios da contratação de *coaches* para a vida pessoal estaria, por exemplo, o desenvolvimento do senso de equipe para alcançar os objetivos (domésticos) e resolução de conflitos familiares; tal contratação assegura “trazer benefícios muito maiores do que os que eles seguiam desfrutando ou que lhes faltava até o momento em que iniciaram as sessões de coaching”. Disponível em: <https://www.sbcoaching.com.br/coaching/coachingfamiliar?bl_ct=28864284754&bl_kw=inurl:sbcoaching.com.br&bl_mt=b&bl_or=S&bl_pl=&bl_rd=14305923308436590045&bl_ap=1t1&bl_cp=DSA&bl_gr=Geral&gclid=CP-ov-TX7cYCFc4WHwodvV0Akg> Acesso em: 22. Jun. 2015

5.3.4 Ensinando Crianças manhosas, sem limites e malcriadas

Ao longo das incursões pela seção *My Kids*, chamou-me a atenção a veiculação de artigos cuja abordagem se relacionava, especialmente, à indicação de práticas para a correção e regulação dos popularmente chamados “comportamentos difíceis” ou indesejáveis das crianças. Assim, os artigos comentados nesta seção focalizam temáticas e situações silenciadas nas demais seções do *site*, bem como em todo o *Complexo Kids*, pois neles predominaram representações de criança associadas ao bem-estar, à felicidade, ao gosto pela leitura, pela música e pelo conhecimento, etc. No entanto, o caráter prescritivo que apontei predominar na *My Kids* pode ser igualmente encontrado nos textos aqui analisados.

Outro aspecto a salientar é que, nos artigos focalizados nas seções anteriores, as proposições endereçadas aos pais e mães se assentavam em sua maioria em discursos da área *psi*, da área médica e da pedagogia, sendo todos eles invocados para sugerir ações com vistas ao sucesso e ao incremento da aprendizagem das crianças e, até mesmo, à busca pela felicidade familiar. Já nos artigos que comento nesta seção, há um predomínio de uma abordagem mais retrospectiva, bem como de postulados associados à cultura popular nas soluções propostas aos pais e às mães para que lidem com as manhas, a falta de limites e as “malcriações” das crianças. Nesse sentido, os castigos¹⁵⁵, ou ações similares que envolvam punições, são destacados nos artigos aqui focalizados como práticas que poderão ser aplicadas, especialmente pelos pais, no ambiente

¹⁵⁵A relação entre os pais e suas crianças teria de ser o espelho do amor divino, segundo o qual amar é castigar os erros, e dar exemplo de vida correta seria um dever. Os castigos disciplinares não apenas deveriam ser aplicados para corrigir as chamadas “malcriações” e “birras”, como também serviriam para sacudir a preguiça, que era considerada causa de muitos problemas no espírito da criança, aspetos apontados por Veiga (2007; 2009). Como relata Veiga (2009), nos anos 1800, essas práticas já não eram vistas com tão bons olhos no Brasil, pelos menos pelas instâncias de poder, pois não estariam de acordo com uma sociedade que pretendia ser civilizada e desenvolvida. Assim, em 15 de outubro de 1827, foi promulgada a Lei Imperial que, entre diversas prescrições, incidia sobre a proibição de castigos físicos nas escolas, substituindo-os pelos de cunho moral. Dessa forma, o sentimento de medo cederia espaço ao sentimento de vergonha.

familiar, como instrumentos pedagógicos histórico-culturais de correção com capacidade de regular a conduta das crianças. Essas sugestões são veiculadas, tal como sucede em relação aos aspectos que abordei anteriormente, por meio de textos e imagens associados às práticas impetradas para educar crianças desobedientes. O que os textos parecem buscar é que os pais e mães leitores do *site* identifiquem, nos casos narrados, situações aproximadas das que eles vivenciam com seus filhos, ou seja, que eles se identifiquem com o que está proposto no *site* para contornar as difíceis situações de indisciplina com seus filhos.

De acordo com Hall (1997a), regular culturalmente nossas condutas incluiria, entre outras coisas, a partir de sistemas classificatórios, indicar quem ou o que pertence a cada cultura; incluiria também estabelecer diferenças entre o sagrado e o profano, entre o que é aceitável e o inaceitável em relação a nossos comportamentos, nossas roupas ou, ainda, ao que falamos, nossos hábitos, costumes e práticas considerados normais e anormais, etc. Também é possível dizer que classificar ações e comparar condutas e práticas humanas segundo nossos sistemas de classificação é mais uma forma de regulação cultural, como igualmente afirmou o autor (Ibidem).

Teço, a seguir, considerações acerca do artigo intitulado *Sugestões para Impor Limites*¹⁵⁶ (Figura 43), no qual é dado destaque à necessidade de adotarem-se ações disciplinadoras e reguladoras em relação às crianças para que elas não excedam os limites estabelecidos pelos pais e mães. Antes de dar seguimento a meus comentários sobre esse artigo, lembro que não estarei necessariamente falando aqui em dobrar alguém por coerção física (palmadas, palmatórias ou puxões de orelhas), pois o que está em operação nesses artigos são arranjos discursivos em que se gestam relações de poder. Como Hall (1997a) apontou, todas as nossas condutas e ações são reguladas normativamente por significados culturais, que nos interpelam de diversas formas, mas muito especialmente por

¹⁵⁶ Disponível em: <<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/sugestoes-na-hora-de-impor-limites/>> Acesso em: 1º jul. 2013.

meio de diferentes mídias, sendo essa a situação a que me ateno neste estudo. A seguir, comento o artigo *Sugestões para impor limites*.

Figura 43 - Reprodução do artigo *Sugestões para impor limites*

Área Pais • Artigos • Séries • Festa DKids

Artigos. Sugestões na hora de impor limites

Uma das tarefas mais difíceis para os pais é impor limites aos filhos. Mesmo estando de acordo sobre a importância desta tarefa, muitos pais variam entre muito rigorosos e excessivamente liberais. Vamos apresentar aqui algumas propostas para estabelecer limites.

Capacidade de espera

Os limites são bons para fortalecer a capacidade de espera dos filhos. Quando nascem, os bebês querem que suas vontades sejam atendidas imediatamente, e os pais fazem de tudo para atendê-los. À medida que cresce, a criança aprende a esperar por meio da socialização, além de ter acesso a substitutos para os objetos primários de satisfação, como a chupeta, por exemplo, que substitui o seio materno. Quanto melhor a capacidade de espera, mais complexos se tornam esses substitutos. Uma criança pode se acalmar e esperar quando falamos, cantamos ou contamos uma história.

Os limites ensinam a criança a adiar seus desejos. Eles a preparam para situações parecidas que irá enfrentar ao longo da vida.

Tolerância à frustração

É imprescindível que a criança entenda que os pais às vezes dizem "não", e que não há como mudar tal decisão. A frustração que isso gera é inevitável, mas é importante aprender a lidar e conviver com esse sentimento porque são as regras, precisamente, que lhe dão segurança e ensinam a confiar em um critério sólido. Se uma criança for mais forte que os pais, não vai se sentir protegida por eles. Se fizer birra ou ficar irritada, é possível distraí-la ou acalmá-la com um abraço, mas nunca faça de conta que não está percebendo o que está acontecendo. Depois que tudo estiver tranquilo novamente, é importante conversar. Isso fará com que a criança aprenda com a experiência.

Entre a explicação e a rotina

O ponto de partida para impor um limite é explicar o porquê dessa imposição. Se o filho compreende o motivo da criação de uma regra ficará mais predisposto a obedecê-la. Isso também o ajudará a construir uma consciência própria de que valores de comportamento são importantes. Na hora de dar uma explicação é importante ser direto para não distrair a criança com rodeios desnecessários. É só dizer: "Empreste os seus brinquedos, porque assim seus amiguinhos também vão emprestar os deles para você". Depois de imposto, é imprescindível que o limite seja sempre respeitado. Cada vez que surgir uma situação que exija a regra imposta, é importante ressaltá-la. Desse jeito não sobra espaço para a resistência ou a negociação e ela se tornará um hábito. Principalmente se a regra é uma rotina familiar, como a hora de ir para a cama.

Por que insistem em desobedecer?

Fazer com que seu filho aprenda a se comportar é uma tarefa muito difícil. Se ele insiste em desobedecer é sempre bom analisar, primeiro, se está realmente entendendo as regras. Muitas vezes parece que nos expressamos claramente, mas, na verdade, nosso filho não entende exatamente o que dizemos ou como fazemos alguma coisa. Também é possível que algo esteja atrapalhando a paz

Fonte: Discovery Kids/My Kids/Artigos - Sugestões para impor limites¹⁵⁷

A imagem que acompanha o artigo apresenta um homem de perfil (supostamente o pai) que tem parte de seu corpo oculto, pois o enquadramento dá destaque ao seu dedo, apontado na direção do rosto de uma menina de mais

¹⁵⁷Disponível em: <<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/sugestoes-na-hora-de-impor-limites/>> Acesso em: 1º jul. 2013.

ou menos cinco anos de idade; de braços cruzados, ela olha para ele, demonstrando não gostar da repreensão. Evoca-se, nessa foto, a atitude historicamente tomada como representativa de atos de imposição de limites associados à repreensão - “apontar o dedo no rosto”. Entendo que, ao mesmo tempo em que a imagem ilustra essa situação de repreensão, destaca representações dominantes acerca dos papéis considerados histórica e culturalmente próprios aos pais/homens em relação ao ato de repreender. Lembro, a partir de Meyer (2001), que:

Aprendemos a ser homens e mulheres desde o momento em que nascemos até o dia em que morremos e essa aprendizagem se processa em diferentes instituições sociais a começar pela família, passando pela escola, pela mídia, pelo grupo de amigos, pelo trabalho, etc. (p. 32).

Então, se ainda são recorrentes representações que associam atributos como poder, força e inteligência ao que se passou a nomear histórica e culturalmente como sendo da arena masculina, por outro lado, grande parte das representações do feminino presentes na *My kids* envolve a articulação e a centralidade da mulher em seu tradicional papel de mãe, que envolve ser dedicada e fazer de tudo pelo bem-estar e sucesso dos filhos. Enquanto à maioria das meninas representadas nas imagens postadas na *My Kids* coube ocupar-se com a música, a leitura e as tarefas escolares, as representações de meninos foram ligadas com mais frequência à “genialidade” e, algumas vezes, a “maus comportamentos”. De certo modo, isso se assemelha ao que foi estudado por Walkerdine (1995) quando aponta em sua pesquisa, entre outras coisas, o quanto é frequente as meninas serem vistas como “esforçadas” e os meninos como mais inteligentes, espertos e racionais.

Seguindo a discussão sobre o artigo relacionado à imposição de limites, outro aspecto que chama atenção é a frequente utilização do verbo “impor” (ele é empregado sete vezes no artigo) para referir-se a modos de agir desejáveis ao disciplinamento das crianças. Essa proposta fica bem definida já no início do artigo, a partir da seguinte afirmação: *uma das tarefas mais difíceis para os pais é a*

imposição de limites aos filhos. Motivado pelas dificuldades, que o articulista identifica nos pais e mães, de um modo geral, o artigo apresenta propostas para “vencer” o desafio de estabelecer limites “exitosamente”. Pensando a partir de Hall (1997a), pode-se dizer que a expressão *tarefas difíceis para os pais*, bem como outras já explicitadas nesse artigo, tem a ver com a realização de um desejo de alterar o que ocorre no mundo ou no modo como as coisas são feitas, o que implicaria, grosso modo, lançar mão de meios para moldá-la de outras maneiras e, nesse caso específico, ensinar regras de convivência social para as crianças. Isso implica a regulação de comportamentos, propósito contido no artigo na expressão *imposição de limites*. Como o artigo destaca,

Os limites são bons para fortalecer a capacidade de espera dos filhos. Quando nascem, os bebês querem que suas vontades sejam atendidas imediatamente, e os pais fazem de tudo para atendê-los. À medida que cresce, a criança aprende a esperar por meio da socialização, **além de ter acesso a substitutos para os objetos primários de satisfação**, como a chupeta, por exemplo, que substitui o seio materno [...]. **Uma criança pode se acalmar e esperar quando falamos, cantamos ou contamos uma história.** [grifos meus].

(Disponível em: <<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/sugestoes-na-hora-de-impor-limites/>> Acesso em: 1º jul. 2013.)

Como se pode ver, a imposição de limites é destacada como um importante instrumento de socialização das crianças, que precisam aprender a lidar com o adiamento da realização de seus desejos para que possam, assim, ser preparadas para viver situações semelhantes que enfrentarão no futuro. Na mesma direção, seguem as demais recomendações feitas no artigo, muitas das quais ensinam às mães a contornar “pacificamente” adversidades surgidas nas primeiras tentativas de circunscrever limites para a atuação de bebês e de crianças bem pequenas. Isso está destacado no excerto com a afirmação: *Uma criança pode se acalmar e esperar quando falamos, cantamos ou contamos uma história*.

Além de prescrever e de consolidar essas prescrições pela exemplificação de procedimentos a serem seguidos pelos pais e mães, o artigo traz orientações que precisam ser seguidas à risca para que se tornem, efetivamente, um hábito familiar e para que não haja “espaço” para “resistências” por parte da criança.

É só dizer: "Empreste os seus brinquedos, porque assim seus amiguinhos também vão emprestar os deles para você". Depois **de imposto**, é imprescindível que o limite seja sempre respeitado. Cada vez que surgir uma situação que exija **a regra imposta, é importante ressaltá-la. Desse jeito não sobra espaço para a resistência ou a negociação e ela se tornará um hábito. Principalmente se a regra é uma rotina familiar, como a hora de ir para a cama.** [grifos meus]

(Disponível em: <<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/sugestoes-na-hora-de-impor-limites/>> Acesso em: 1º jul. 2013.)

Portanto, não pode ocorrer a flexibilização das regras familiares, especialmente quando dizem respeito ao horário de ir para a cama! É interessante apontar, ainda, como as prescrições contidas no artigo são configuradas como soluções praticamente infalíveis no que tange à *imposição de limites*. O texto adverte, por exemplo, sobre a dificuldade de se fazer um filho se comportar bem; adverte também para situações extremas em que a criança insiste em desobedecer, o que mereceria ser analisado com vistas a identificar as causas do "desvio de rumo". Veiga (2009) enfatiza que as relações entre adultos e crianças têm sido estabelecidas em termos de interdependência e que, evidentemente, nesse casos, a balança de exercício de poder se volta (quase sempre) a favor do adulto, conforme é possível observar nos excertos aqui transcritos. Mas o artigo exemplifica "lições" sobre *como* proceder frente às desobediências dos filhos, relacionando práticas, tais como a do castigo, para corrigir atitudes consideradas indesejadas por pais e mães. Reproduzo, a seguir, algumas das recomendações feitas nessa direção, as quais precisariam ser seguidas corretamente pelos adultos para se tornarem efetivas. Diz o artigo:

Os castigos **devem** ser usados para corrigir uma atitude.

Estes [os castigos] podem ser a privação de algo que tenha relação com o que a criança está fazendo. Por exemplo: "Se você tirar o tênis para brincar no parque nós vamos voltar para casa". É importante que isso seja dito logo depois que a criança **apresente o mau comportamento para que ela possa estabelecer rapidamente uma associação.** [grifos meus]

(Disponível em: <<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/sugestoes-na-hora-de-impor-limites/>> Acesso em: 1º jul. 2013.)

Um aspecto enaltecido nesse artigo é o respeito aos adultos, visto como um passo importantíssimo para a composição do processo de imposição de limites, tarefa à qual se devem dedicar, igualmente, pais e mães, desde o nascimento do bebê. No entanto, em um trecho do artigo, mais uma vez as mães são especialmente responsabilizadas pela boa ou má educação dos filhos. Vejamos o que está afirmado:

Não podemos esperar **que uma criança seja atenta e educada** com a **mãe se ela fala palavras feias, grita**, diz mentiras ou bate no filho. Lembrem-se que os **filhos aprendem com o que veem** [...]. Trata-se de uma aprendizagem que **começa no nascimento e se desenvolve por toda a infância**. [grifos meus]

(Disponível em: <<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/sugestoes-na-hora-de-impor-limites/>> Acesso em: 1º jul. 2013.)

Como está afirmado no artigo, o comportamento da mãe é um exemplo para as atitudes dos filhos. Finalmente, cabe apontar que no artigo são esboçadas regras que determinam como devem se processar as relações hierárquicas em uma família, estando essas inspiradas em estereótipos das famílias patriarcais, compostas por crianças, pai e mãe. O artigo propõe um contínuo adiamento dos desejos da criança, a imposição de uma rotina familiar e a utilização de castigos como estratégias básicas para que se desenrole, adequadamente, o processo de autorregulação das condutas infantis.

Aliás, o castigo é tema de outros artigos da *My Kids*, como o intitulado *Castigo: um método polêmico*, no qual a prática do castigo – apesar de algumas ponderações – é apontada como uma possível solução para a eliminação de comportamentos diagnosticados pelos pais e mães como indesejados. Diferentemente de todos os episódios televisivos do Discovery Kids, em que todas as cenas invariavelmente terminam em final feliz, os artigos discutidos nessa categoria dão visibilidade e status de verdade a práticas como as privações para corrigir comportamentos inadequados. Destaco, de modo particular, a imagem que acompanha o artigo que estou comentando, em que uma criança de aproximadamente dois anos de idade (talvez possa ser uma menina, pelo tipo de sandália) está sentada em um banquinho, de frente para o canto de uma parede,

e de costas para um cesto cheio de ursos de pelúcia e outros brinquedos e livros, dispostos sobre uma mesa (Figura 44).

Figura 44 - Reprodução do artigo *Castigo: um método polêmico*

UOL Assine 0800 703 3000 SAC Bate-papo E-mail Notícias Esports Entretenimento Mulher Shopping BUSCAR

Publicidade

Cante com Fico a canção "DIVERSÃO" discovery kids

Área Pais myKids® Conectado com seus filhos

DK

← Voltar ao Discovery Kids

Entrar Cadastre-se

Área Pais • Artigos • Séries • Festa DKids

Artigos. Castigo: um método polêmico

Compartilhe

Aplicar punições para corrigir o comportamento infantil é um método que divide opiniões. Veja como empregá-lo de forma adequada.

As crianças são inquietas e exploradoras por natureza. Têm a necessidade de conhecer tudo de imediato, de entrar em contato com o que se passa à sua volta e fazer o que passar por sua cabeça. Nesse processo, é muito provável que cometam erros e façam coisas que seus pais não aprovam.

Por isso, é importante acompanhar seu filho de perto para estabelecer limites e fazê-lo perceber, de forma clara, quando não está se comportando bem. Essa tarefa difícil, mas necessária, costuma envolver uma das técnicas mais usadas por pais de todas as gerações: o castigo.

Impedir a criança de fazer alguma coisa ou de ter um objeto que deseja são exemplos de punições corretivas, mas a prática ainda é controversa. Enquanto alguns especialistas desaprovam os castigos, a Academia Americana de Pediatria [os recomenda](#) como estratégia de disciplina eficaz.

Seus detentores [alegam](#) que os castigos fazem com que as crianças se vejam como pessoas ruins e se sintam desamparadas quando erram. Longe de reforçar o vínculo com os pais, as punições poderiam gerar atritos no futuro. Muitas crianças se portam mal para chamar a atenção e, nesse caso, [melhor resposta](#) seria não reagir.

Já a psicoterapeuta Amy Morin [acredita](#) na eficácia do castigo: "As punições fazem com que as crianças lidem com as emoções positivamente. Se bem aplicadas, servem para que reconheçam um erro antes de cometê-lo".

Segundo Morin, é fundamental aplicar o castigo de forma adequada para que tenha um efeito real sobre o comportamento da criança.

Em primeiro lugar, não faça ameaças que sabe que não irá cumprir. "As crianças percebem quando os pais não falam sério e acabam perdendo o respeito quando não cumprem com a palavra", explica o psicólogo e escritor Erik Fisher. Segundo o especialista, a ameaça não deve ser usada para gerar medo, mas para inspirar respeito à autoridade dos pais. Por isso, quando alertar a criança sobre as consequências de seu mau comportamento, os pais devem fazê-lo com voz firme e cumprir o que disse, não importa onde estejam.

Também não é recomendável gritar. As crianças precisam de tempo para refletir sobre o que fizeram, e pressioná-las nesse momento pode gerar o efeito contrário. O melhor é conversar com a criança para ajudá-la a entender porque sua conduta é inadequada e o que ela pode fazer para reverter o que fez. O momento ideal para isso é [antes do castigo](#), quando a [irritação inicial](#) é diminuída.

Discovery Kids Brasil

Curtir 2.105.814

Publicidade

Fonte: extraído do texto *Castigo: um método polêmico*¹⁵⁸

¹⁵⁸Disponível em: <<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/castigo-um-metodo-polêmico/>> Acesso em: 1º jul. 2013

Tal imagem parece traduzir uma das formas de se castigar uma criança - privação da brincadeira e dos objetos que lhe são caros. Embora no decorrer do texto seja afirmado que o castigo é uma prática que suscita discussões e controvérsias, a imagem adicionada ao texto está representando uma das formas de utilizá-lo. E mais, chama atenção, no parágrafo inicial, a apresentação das “melhores formas de empregá-lo”. Diz o parágrafo inicial:

Aplicar punições para corrigir o comportamento infantil é um método que divide opiniões. **Veja como empregá-lo de forma adequada. As crianças são inquietas e exploradoras por natureza. Têm a necessidade de conhecer tudo de imediato, de entrar em contato com o que se passa à sua volta e fazer o que passar por sua cabeça. Nesse processo, é muito provável que cometam erros e façam coisas que seus pais não aprovam.** [grifos meus]

(Disponível em: <<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/castigo-um-método-polêmico/>> Acesso em: 1º jul. 2013.)

O artigo prossegue recomendando aos pais e mães que acompanhem o desenvolvimento de seus filhos bem de perto, sem se esquecerem, no entanto, de delinear claramente os “limites” daquilo que é ou não aceitável, de modo que os filhos possam perceber quando não estão se comportando conforme o que foi estipulado. Além disso, segundo o texto, o castigo seria um método utilizado por gerações, sendo importante a sua aplicação para a consolidação de comportamentos desejáveis. Como frisa o artigo: *Essa tarefa difícil [impor limites], mas necessária, costuma envolver uma das técnicas mais usadas por pais de todas as gerações: o castigo.*

Em outros momentos do mesmo texto, que ressalta ser o castigo uma prática de difícil aplicação e bastante controversa, inclusive reprovada por alguns especialistas (cujos nomes não são citados), dá-se legitimidade à prática ao mencionar-se que a Academia Estadunidense de Pediatria recomenda o castigo como estratégia disciplinar eficaz. Diz o texto: *Enquanto alguns especialistas desaprovam os castigos, a Academia Americana de Pediatria os recomenda como estratégia de disciplina eficaz.*

O artigo também cita as principais práticas de punições corretivas, entre as quais, está impedir a criança de ter acesso a um objeto ou de fazer algo que realmente deseje. No excerto que apresento a seguir, no entanto, menciona-se que a atitude de ignorar os maus atos dos filhos poderia apresentar-se como uma estratégia alternativa à adoção de castigos, embora o artigo volte a afirmar as vantagens e benefícios da aplicação de punições. Diz o artigo:

Muitas crianças se portam mal para chamar a atenção e, nesse caso, melhor resposta seria não reagir. **Já a psicoterapeuta Amy Morin acredita na eficácia do castigo: "As punições fazem com que as crianças lidem com as emoções positivamente. Se bem aplicadas, servem para que reconheçam um erro antes de cometê-lo". Segundo Morin, é fundamental aplicar o castigo de forma adequada para que tenha um efeito real sobre o comportamento da criança.** [grifos meus]

(Disponível em: <<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/castigo-um-método-polêmico/>> Acesso em: 1º jul. 2013.)

Ao longo do artigo, são apresentadas objeções à aplicação de castigos, mas nele fiel da balança parece sempre correr para sua aceitação, na medida em que é nessa direção que são invocadas as recomendações feitas pela Academia Estadunidense de Pediatria e por especialistas nomeados, tal como Amy Morin, etc. As precauções incidiriam no uso do castigo na “medida certa”, pois assim se poderia ensinar as crianças a lidarem positivamente com suas emoções. Sintetizo, a seguir, algumas dicas do psicólogo e escritor Erik Fisher, presentes no texto, quando ele destaca os modos “adequados” para se efetivar a imposição de limites: a) Em primeiro lugar, pais e mães não devem fazer ameaças que não irão cumprir; b) As crianças percebem quando os adultos não falam sério e acabam perdendo o respeito por eles; c) A ameaça não deve ser usada para gerar medo, mas para inspirar respeito e autoridade; d) O alerta à criança sobre as consequências de seu mau comportamento deve ser em voz firme, não importa onde estejam. Outras prescrições e alertas são enunciados no artigo, estando entre elas a recomendação de que, para a obtenção dos resultados (positivos) esperados, não é recomendável gritar, sendo desejável também que as crianças tenham algum tempo para refletir sobre o que fizeram, pois pressioná-las poderia gerar efeitos contrários. Mas, novamente, o detalhamento e o delineamento das

melhores formas, espaços e tempos para aplicar o castigo são exploradas ao término do texto, quando lá está indicado que:

Uma técnica possível é a de "**minuto por ano**". Por exemplo, se a criança **tem dois anos, pode ficar dois minutos de castigo**; se tem três, três minutos, e assim por diante. Quanto ao espaço, é melhor escolher lugares neutros, **evitando cômodos que possam ser fonte de diversão**, como salas de jogos e televisão. Por último, sempre é **bom equilibrar castigos com recompensas**. Procure demonstrar **afeto com frequência e criar momentos positivos** com seus filhos para manter um relacionamento equilibrado. **Como você lida com o mau comportamento de seus filhos? Você acredita que os castigos são uma boa forma de educar?** [grifos meus]

(Disponível em: <<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/castigo-um-método-polêmico/>> Acesso em: 1º jul. 2013.)

Ao final do artigo, como é possível observar pelo excerto transcrito acima, as prescrições alternam-se com as perguntas: *Como você lida com o mau comportamento de seus filhos? Você acredita que os castigos são uma boa forma de educar?* Essas, presumivelmente, conduziriam à reflexão acerca do atendimento ou não das lições enunciadas no artigo, pautadas pelas regras e convenções existentes em nossa cultura, que incluem a supremacia dos desejos do adulto em relação aos da criança. É possível dizer que o artigo se vale de interessantes estratégias argumentativas para conduzir seus leitores a admitirem a importância dos castigos: nele se afirma haver posições divergentes sobre a sua utilização, mas ao mesmo tempo são feitas prescrições sobre o seu uso, postulando-se algumas formas corretas de castigar, entre as quais, está a "dosagem" na sua utilização. Além disso, alternam-se prescrições e indagações, especialmente em seus parágrafos finais, direcionando-se estas a promover nos pais e mães uma espécie de autorreflexão sobre suas condutas frente a tudo o que foi postulado no artigo.

Essa se constitui em uma interessante forma de atuar na *regulação* das condutas de pais e mães leitores do *site My Kids*, exercida por meio dessa mídia, que se endereça, especificamente, a aconselhar e a responder ao que está sendo nela configurada como necessidades de esclarecimento dos pais e mães frente às condutas de seus filhos. Como Hall (1997a) ressaltou, a cultura regula nossas

condutas, ações sociais, práticas e, assim, a maneira como devemos agir no âmbito das instituições e na sociedade mais ampla. Como ele igualmente salientou:

Todos nós queremos o melhor para nossos filhos. Mas o que é a educação senão o processo através do qual a sociedade incute normas, padrões e valores – em resumo, a cultura – na geração seguinte na esperança e expectativa de que, desta forma, guiará, canalizará, influenciará e moldará as ações e as crenças das gerações futuras conforme os valores e normas de seus pais e do sistema de valores predominante da sociedade? O que é isto senão regulação – governo da moral feito pela cultura? (p.40-41)

Antes de apresentar o próximo artigo, cabe citar que encontrei em minhas buscas na Internet outros *sites* destinados a fornecer dicas destinadas à prática da “boa maternidade”. É o caso do *site* brasileiro *Just Real Moms*, no qual suas idealizadoras, que se apresentam como mães que tiveram filhos em uma *mesma época*, esclarecem ter decidido *criar esse espaço para conversar com mães de verdade*. No *site*, o castigo também é focalizado positivamente, especialmente na postagem intitulada *10 dicas para castigar os filhos de forma correta e educativa*. Chamo atenção, de modo especial, para uma das imagens associadas a essa ideia de ensinar as “melhores formas de castigar” postas em destaque no *Just Real Moms*. À primeira vista, essa imagem assemelha-se àquela adicionada ao artigo que anteriormente comentei, *Castigo: um método polêmico*, como se pode ver na Figura 45.

Figura 45 – Os melhores modos de castigar.



*My Kids: Castigo: um método polêmico*¹⁵⁹

*Site Just Real Moms: lições para castigar*¹⁶⁰

Fonte: Reprodução dos sites do *Discovery Kids* e *Just Real Moms*

No entanto, a postagem do *Just Real Moms* acresce à cena a figura de uma “mãe”, que está conversando com uma constrangida criança, que tem seus brinquedos a seu lado, mesmo que não esteja brincando com eles. As figuras representam dois modos de aplicação de um castigo, mas parece que a fotografia postada no *Just Real Moms* foi feita no mesmo ambiente do artigo analisado anteriormente – as paredes são da mesma cor, o aparador é muito semelhante e até o banquinho parece ser o mesmo. É interessante pensar na multiplicação desse tipo de *site* nos espaços da Internet, pois tanto o *Complexo Kids* abre espaços/frentes em *sites* para focalizar a educação das crianças, quanto emergem esses, ao que parece, administrados por grupos de mães, também preocupadas em fornecer orientações/dicas às mães de “primeira viagem” sobre como educar os filhos.

O *Guia do Bebê*¹⁶¹ é outro *site* especializado em aconselhamento de (futuras) mães e recomenda uma sistemática para a aplicação do castigo às crianças. Diz a

¹⁵⁹Disponível em: <<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/castigo-um-metodo-polêmico/>> Acesso em: 1º jul. 2013.

¹⁶⁰Disponível em: <http://www.justrealmoms.com.br/10-dicas-para-castigar-os-filhos-de-forma-correta-e-educativa/> Acesso em: 10 maio 2015.

¹⁶¹ Saliento que o referido *site* é bastante enfático em suas prescrições relacionadas à aplicação do castigo ao dizer que a “coerência na hora da punição é fundamental. Quanto maior o grau da infração, maior o castigo. Castigue quando o ato mereça e não porque está cansado ou com raiva. Diminua passeios ou tire algo da rotina da criança que goste, sempre explicando o motivo da punição”. Disponível em: <http://guiadobebe.uol.com.br/castigar-ou-nao-a-crianca/> Acesso em: 10 jun. 2014

postagem: a coerência na hora da punição é fundamental. Quanto maior o grau da infração, maior o castigo. Diminua passeios ou tire algo [da rotina] que a criança goste, sempre explicando o motivo da punição. Santos (2009), ao investigar o livro *A Vida do Bebê*, talvez um dos mais conhecidos manuais de infância produzidos no Brasil e dirigidos às mães para a constituição de infâncias “saudáveis” e “normais”, escrito pelo pediatra brasileiro Rinaldo De Lamare, ressalta o quanto esse e outros manuais desempenharam e desempenham funções pedagógicas, ensinando mães e pais a agir com seus filhos em diferentes situações cotidianas. Entre os achados de pesquisa de Santos (2009) relativos ao livro por ela investigado, está a recomendação para aplicação de castigos - como isolamento, reparação do dano causado, privação dos privilégios - às crianças desde o primeiro ano de vida. É interessante também indicar que, em todos estes sites e livros em questão, a aplicação de castigos está focalizada, sendo essa prática vista como histórico-cultural, educativa e “necessária” à boa conduta das crianças.

Já em outro artigo da *My Kids*, os castigos são abordados a partir da indagação: *Como lidar com a malcriação?*¹⁶². Esse artigo foi produzido exclusivamente pelo site *Educar para Crescer*, que, durante os anos de 2014 e início de 2015, assinou e postou alguns artigos na seção *My Kids*. Diferentemente dos demais artigos postados, escritos por colunistas (jornalistas) e/ou psicopedagogos vinculados ao *Complexo Kids*, este é de autoria de colunistas do *Educar para Crescer*, pertencente ao Grupo Abril. O Grupo Abril atua em diferentes mídias e na área de serviços gráficos e logística, sendo responsável pela publicação de revistas, tais como *Recreio*, *Nova Escola* e *Superinteressante*, além de outras voltadas ao segmento educativo/informativo.¹⁶³

A imagem que acompanha esse artigo e as de todos os demais itens incluídos nos artigos assinados pelo *Educar para Crescer* são bastante diferentes das que anteriormente comentei. No que se refere às imagens, estas apresentam,

¹⁶²Disponível em: <http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/como-lidar-com-a-malcriacao/>
Acesso em: 10 jun.2014

principalmente, desenhos, nos quais predominam traços simples com características infantilizadas, parecendo terem sido feitos por ou para crianças; os desenhos substituem as fotos que reproduziam cenas onde estavam crianças e suas famílias. As imagens são, em sua maioria, coloridas, caricaturais e bem mais emblemáticas do que as encontradas nos artigos produzidos por articulistas vinculados ao *Complexo Kids* (Figura 46).

Figura 46 - Reprodução do artigo *Como lidar com a Malcriação*

The image shows a screenshot of a UOL website page. At the top, there is a navigation bar with links for 'Bata-papo', 'E-mail', 'Notícias', 'Esports', 'Entretenimento', 'Mulher', and 'Shopping'. Below this is a banner for 'EXPERIMENTE' with a green 'D' logo and a bee character. The main header area includes the 'Área Pais myKids' logo and a navigation menu with 'Área Pais', 'Artigos', 'Séries', and 'Festa DKids'. A prominent yellow banner reads 'VEJA SUAS SÉRIES FAVORITAS AQUI! O MELHOR DO DISCOVERY KIDS EM SEU COMPUTADOR, TELEFONE OU TABLET!'. The article title is 'Artigos. Como lidar com a malcriação'. Below the title is a cartoon illustration of a girl with pigtails. The text of the article discusses the concept of 'malcriação' (spoiled behavior) and provides advice for parents. A sidebar on the right contains a 'CLIQUE AQUI' section with various game icons and a 'Publicidade' section. Social media sharing buttons for Facebook, Twitter, and Google+ are located below the article title. A Facebook widget is also visible on the right side of the article content.

Fonte: Site do Complexo Kids – seção My Kids¹⁶⁴

¹⁶⁴Disponível em: <http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/como-lidar-com-a-malcriacao/> Acesso em: 10 jun.2014.

Focalizo a seguir as representações e os modos como o artigo ensina a lidar com as crianças qualificadas como malcriadas, manhosas e sem limites. Tais “comportamentos inadequados”, bem como suas possíveis causas, começam a ser anunciadas ainda no primeiro parágrafo do texto, conforme se pode ver no excerto apresentado a seguir:

Quem nunca ouviu a **expressão, "mas que menino malcriado!?"** Até mesmo dos pais da criança **malcriada**, eles próprios os responsáveis pela falta de educação dela e, portanto, **responsáveis pela má criação**. [grifos meus]

(Disponível em: <http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/como-lidar-com-a-malcriacao/>> Acesso em: 10 jun.2014.)

Como se pode ver, o artigo inicia atribuindo aos pais e mães a má educação de seus filhos. Porém, também apresenta soluções para resolver as más condutas das crianças, se os conselhos contidos no artigo forem seguidos corretamente. No parágrafo que transcrevo abaixo, estão apresentadas algumas das recomendações feitas.

A melhor forma de evitar as atitudes malcriadas dos filhos é ensinando desde cedo às crianças a ter respeito pelos outros. "Muitas vezes a falta de educação **vem da falta de limites**. As crianças precisam de parâmetros que devem ser dados pelo adulto. Elas **necessitam da ajuda do adulto para conseguir conviver socialmente**, para saber o que é ou **não é aceito pela sociedade**", diz Daniela Munerato, orientadora da Educação Infantil da Escola da Vila, de São Paulo. [grifos meus]

(Disponível em: <http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/como-lidar-com-a-malcriacao/>> Acesso em: 10 jun.2014.)

O argumento defendido pela especialista em orientação educacional Daniela Munerato de que as crianças precisariam de limites circunscritos pelos adultos para saberem viver socialmente (e não se tornarem malcriadas) está bem destacado no artigo e legitimado a partir do estatuto atribuído à sua enunciadora. No artigo, são também fornecidas, de modo pormenorizado, dicas para conduzir uma “boa criação dos filhos”, de modo que pais e mães possam aplicá-las o mais cedo possível, com vistas à incorporação – pelas crianças – dos comportamentos adequados à vida social, diz o artigo:

Veja dicas de como dar uma boa criação para o seu filho:

- *Dê o exemplo*: se você quer que o seu filho aprenda a **agradecer e ser educado**, use com frequência as palavras "obrigado" e "por favor";

- Em situações de birra, **seja firme: mostre** ao seu filho que há limites e como ele deve se comportar de forma correta sem, no entanto, ser agressivo ou desrespeitá-lo;

- **Não releve as malcriações do filho só porque ele é muito novo**: as crianças não são pequenas demais para **compreender que as boas relações** são geradas por boas ações;

- **Não ria ou ache engraçado quando o seu filho falar um palavrão**: caso contrário, ele achará que está agradando ao falar essa palavra e que a atitude é correta. É preciso mostrar a ele que esse não é um comportamento adequado. [grifos meus]

(Disponível em: <http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/como-lidar-com-a-malcriacao/>> Acesso em: 10 jun.2014.)

O artigo salienta desde a importância do uso de expressões de cordialidade, como *obrigado* e *por favor*, até a indicação da impropriedade de pais e mães relevarem ou rirem das malcriações das crianças. A recomendação feita no artigo é de que os pais e mães sejam firmes em suas reprovações e apontem a seus filhos quais são as atitudes corretas, recomendações semelhantes às indicadas em outros artigos postados na *My kids*. Ao final do texto, são apresentadas questões que, possivelmente, se direcionam a estimular os pais e as mães a refletirem sobre como lidar com a malcriação dos seus filhos. O artigo ainda convida os leitores a ampliarem a leitura - "saber mais" - do que está apresentado no artigo por meio da seguinte frase/*hiperlink*: *Para saber mais, confira a matéria do Educar para Crescer sobre como lidar com a malcriação do seu filho pequeno*. Além disso, esse acesso "extra" permite que o leitor do artigo acesse outras diferentes informações, sendo disponibilizadas opiniões de especialistas e de celebridades, jogos, indicações de leituras livros, revistas, *sites* e até propagandas de produtos direcionados às famílias.

Uma consulta ao *site* indicado revela que nele, efetivamente, os temas são ampliados; em alguns casos, são disponibilizados testes que objetivam permitir que pais e mães se auto avaliem em relação à qualidade da educação que estão oferecendo a seus filhos. Nesse *site*, os temas abordados congregam tônicas muitos semelhantes às discutidas nos artigos da *My Kids*, mas, além de

ampliarem a gama de leituras sobre a criação dos filhos, os usuários podem conhecer a opinião e relatos de celebridades, atores, escritores e políticos sobre o “papel” da educação em suas vidas; entre eles, estão: a ex-candidata à presidência da República Marina Silva, o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, a escritora Martha Medeiros, a atriz Suzana Vieira, o goleiro Rogério Ceni e muitos outros famosos e bem-sucedidos¹⁶⁵. Conforme discuti no capítulo que trata do tema da cultura da convergência, as postagens desses artigos trouxeram para os usuários da *My Kids* a “possibilidade” de ampliar a leitura dos temas abordados nos artigos, bem como de “experimentar” o acesso a outros conteúdos por meio de *hiperlinks* direcionados para o *site Educar para Crescer*, autodenominado educativo e endereçado especialmente às mães.

Ao finalizar este capítulo, no qual examinei algumas das abordagens que configurei como frequentes na *My Kids*, reafirmo que esta opera em uma dimensão pedagógica que certamente extrapola, em seus ensinamentos, aquilo que o *site* objetiva destacar. Minha consideração não vai pela direção de apontar tal característica como uma “qualidade” desse *site*, mas a faço para ressaltar o entendimento de que as pedagogias da mídia exercem efeitos de diferentes ordens sobre seus públicos, tal como salientou Ellsworth (2001) em seus estudos sobre a noção de endereçamento. Como a autora (*Ibidem*) também indicou, tal noção implica admitir que qualquer produção midiática leva em consideração o modo *como* e a partir de *onde* uma produção deve ser vista e o desejo de atrair o destinatário para uma posição particular de conhecimento em relação ao texto veiculado, conforme já venho apontando. As postagens endereçadas aos pais e mães parecem estar afinadas com as demandas de mercado, que se valem de exemplos e da fala de especialistas para chancelar e validar as práticas sugeridas para as famílias lidarem com suas crianças. Rose (1999) diz que tem surgido e se multiplicado uma imensa gama de novos grupos profissionais, afirmando seu virtuosismo no que diz respeito à sua capacidade de predizer e de diagnosticar causas de problemas diversos enfrentados pelos sujeitos contemporâneos:

¹⁶⁵ Disponível em: <http://educarparacrescer.abril.com.br/depoimentos/todos.shtml?ixc=20p>
Acesso em: 22 junho 2015

psicólogos clínicos/ocupacionais, trabalhadores do serviço social, gerenciadores pessoais, conselheiros, terapeutas diversos e, agora, os *coaches* têm reivindicado sua legitimidade para aconselhar os outros sobre o que fazer em relação à vida humana, como, por exemplo, na escolha de crenças pessoais, mas também para definir o que desejar e aspirar, como conduzir os filhos, como examinar as opções para trocar de emprego, como produzir um casamento feliz...

O *Complexo Kids* teve na seção *My Kids* um canal direcionado a veicular informações sobre problemáticas nele configuradas como atuais e importantes. O *site* focaliza questões que dizem respeito às crianças, mas endereça-se a mães e pais, configurados como atentos e interessados no desenvolvimento pleno de seus filhos, o que passa pela aceitação das recomendações e prescrições veiculadas. Organizei meus comentários em torno de quatro categorias analíticas selecionadas para dar visibilidade a algumas das muitas direções em que se dão os aconselhamentos/prescrições postulados na *My Kids* e vinculados ao *Complexo Kids*. Chamo atenção para a utilização e incorporação de discursos atribuídos às ciências – psicologia, medicina e genética, por exemplo –, para dar legitimidade a essas soluções, que implicam, em alguns casos, a recomendação de práticas como castigos para a imposição de limites aos comportamentos infantis. Por fim, argumento, neste estudo, que o *site* faz bem mais do que informar – ele ensina, porque atua na configuração de formas de ser criança, de ser mãe e de ser pai ao enumerar, ordenar, classificar e destacar procedimentos como “infalíveis” para a solução de problemas da vida das crianças e, mais amplamente, vida familiar.

6 ALGUMAS CONEXÕES FINAIS

Transcorridos quatro anos entre a composição inicial da pesquisa e a defesa da tese, apresento a consideração feita por Meyer e Soares (2005) assinalando que a emergência e o desenvolvimento de uma pesquisa usualmente se inscrevem no marco de uma (ou mais de uma) história que, de alguma forma, nos provoca, desacomoda, instiga ou nos coloca interrogações e, exatamente por isso, nos põe em movimento em busca de respostas para uma ou mais questões.

Destaco, em relação ao estudo que aqui apresento, que foi impulsionada tanto por motivos pessoais quanto acadêmicos que passei a “movimentar-me” na direção de problematizar o *site* do canal televisivo infantil Discovery Kids e, mais especificamente, os artigos postados na seção *MyKids - Conectados com seus filhos*, que integra o complexo midiático Discovery Kids. Tal problematização envolveu pensar como são colocadas em operação, nesses artigos, “pedagogias” voltadas ao gerenciamento das atitudes das crianças a cujas mães e pais está endereçada a seção *MyKids*. O estudo envolveu problematizar também as regulações procedidas nas formas de os progenitores pensarem a educação de seus filhos a partir das indicações feitas nos artigos veiculados na seção acerca de como as crianças devem comportar-se, bem como do que lhes deve ser ensinado e de que modos.

A partir das incursões que procedi pelas variadas ações que integram o *Complexo Kids*, na Internet e em outros espaços, indico o quanto seus idealizadores atentam para o estabelecimento de harmoniosas combinações entre entretenimento e informação. Além disso, percebi que todas essas produções integram uma rede, o que me levou a atentar para o fenômeno contemporâneo da convergência, como foi descrito por Jenkins (2009). Tal noção levou-me a perceber as intersecções existentes entre o *site* do *Discovery Kids*, a sua seção *MyKids* e outras instâncias que integram o *Complexo*, como o canal televisivo, as redes sociais na Internet, mas também as programações itinerantes realizadas em *shoppings* e em outros locais públicos, todas direcionadas a reunir as crianças e seus familiares “para aprender, de forma lúdica, coisas importantes para a vida”,

como promete um dos *slogans* que acompanham os frequentes convites para esses eventos divulgados no *site* do *Complexo*.

Assim, foi possível observar um transbordamento dos conteúdos do canal televisivo infantil, que é líder de audiência entre as crianças de zero a seis anos no Brasil, para o *site* que examinei, bem como para diferentes espaços da Internet e eventos associados ao *Discovery Kids* e aos muitos produtos de consumo estampados pela mascote Doki. Igualmente, as recomendações e prescrições enunciadas no *site* podem ser vislumbradas nos programas infantis e propagandas veiculadas pelo *Complexo Kids*. E é desse modo que o *Complexo* coloca em ação lógicas de convergência adotadas por muitos dos grandes conglomerados midiático-mercadológicos contemporâneos (JENKINS, 2009).

Mas, como já indiquei, foi na seção *MyKids* que os “ensinamentos” aos pais e mães ganharam destaque. Foram muitos os artigos veiculados nessa seção no período em que desenvolvi o estudo, tendo sido disponibilizados mais de 200 artigos sobre diferentes aspectos direcionados à educação das crianças. Muitos foram os temas neles abordados, destacando-se: a importância de se “poder viver em lugares coloridos, floridos e organizados”; o quanto é desejável que as crianças frequentem “escolas modelo”, onde aprenderão de modo lúdico e se prepararão para a aprendizagem de saberes mais complexos; a importância de os pais e mães realizarem sistematicamente atividades que, desde os primeiros anos de vida, propiciem o desenvolvimento cognitivo e afetivo das crianças; a importância de imporem-se limites às crianças. Além disso, os artigos representam as crianças de muitas maneiras: ora são meigas, ora geniais/*experts*, ora interessadas em ler, aprender matemática e ciências; ora são mobilizadas a aprender a tocar instrumentos musicais, ora são manhosas e mal-educadas, etc.

É interessante apontar como os artigos projetam sempre a “felicidade” das crianças para o futuro. Aliás, esse direcionamento ao futuro é um dos propósitos que orientam, geralmente, as informações/recomendações contidas nos artigos examinados, sendo nesses também explicitada a necessidade de enquadrarem-se as crianças em modelos que permitam o desenvolvimento de potencialidades

múltiplas desde cedo, para que essas potencialidades não sejam “desperdiçadas”. Assim, pais e mães devem exercer uma constante vigilância sobre seus filhos e filhas, tanto para que identifiquem essas potencialidades, que incluem a precocidade, por exemplo, quanto para que possam “podar” as arestas que venham a desviá-los do alcance de um futuro promissor, associado ao uso das tecnologias digitais, ao sucesso financeiro, etc.

Centrei as análises que desenvolvi sobre os artigos postados na seção *MyKids*, durante os anos de 2012, 2013 e 2014, em quatro direções principais, delimitadas a partir de representações de crianças que fossem recorrentes em um conjunto de artigos. Assim, estão representadas na *MyKids: Formando crianças potentes, inteligentes e Geniais; Atentando para o desenvolvimento de crianças felizes e bem-sucedidas; Bebês turbinados: musicais, leitores e com pendores para a matemática; e, por fim, Ensinando crianças manhosas, sem limites e malcriadas.*

Cabe indicar que essas representações de crianças são (re)criadas nas pedagogias acionadas nos artigos da *My Kids* (e nas outras seções do *site*), em um *mix* de lições que descrevem, exemplificam, explicam, delimitam e projetam condutas desejáveis para as crianças contemporâneas. Tal delineamento quase nada difere das proposições veiculadas em outras instâncias midiáticas ou livros e revistas que focalizam a educação das crianças. A *MyKids* coloca em pauta saberes/práticas comuns a outras instâncias que tanto podem ser encontrados em antigos manuais de pedagogia, quanto em diferentes mídias onde *experts* e, mais recentemente, os *coaches* apresentam lições e técnicas “quase infalíveis” para todos os problemas que afetam o universo infantil e familiar nos dias atuais.

Assim, nestes nesses artigos proliferam as recomendações e as prescrições, bem como a indicação de práticas direcionadas à correção dos chamados “comportamentos difíceis” ou indesejáveis das crianças, ou ao desenvolvimento de potencialidades que as tornem mais competentes para alcançar sucesso na vida. Outra tendência encontrada nos artigos diz respeito à veiculação e promoção de imagens e situações vistas como “positivas”, nas quais as crianças e suas famílias integram “quadros perfeitos”, tanto no que se refere ao

desenvolvimento físico e intelectual, quanto ao gênero, pois nos artigos estão reproduzidos estereótipos histórica e culturalmente estabelecidos como normais: as fotografias de família apresentam casais heterossexuais e seus filhos em situações de alegria/ternura, e as crianças são predominantemente de cor branca. As fotografias contidas nos artigos da *MyKids* assemelham-se a imagens de propagandas, nas quais, tal como assinalou Sampaio (2000), as crianças são representadas com roupas bonitas, brinquedos e ambientes acolhedores. Já os textos falam sobre crianças que vão à escola e vivem em famílias estruturadas que as cercam de cuidados e sobre a proteção necessária ao seu “pleno desenvolvimento”. Enfim, os textos endereçam-se e particularizam esquemas explicativos e saberes que naturalizam alguns particulares modos de ser criança, mas também de ser mãe, pai e até professora. No caso, evidenciam-se representações de uma “boa escola”, “um bom ambiente familiar”, uma “boa professora”, uma criança educada, uma criança que necessita de limites, uma criança talentosa, etc. Além disso, as práticas sugeridas/ensinadas nos textos configuram as crianças como “flexíveis” e adaptáveis a diferentes contextos, decorrendo daí a necessidade de pais, mães e professores estarem sempre atentos à estruturação desses contextos e às possibilidades de aprendizagem por estes disponibilizadas.

Como ressaltai, a partir de Veiga-Neto e Lopes (2011ab;2013) quando discutem o que inferiram ser a “cartilha da mãe tigre”, diferentes práticas culturais, distintos modos de vida e até mesmo questões comparativas (sobre esse ou aquele método para educação das crianças) têm sido trazidos às nossas vidas sem cerimônias, como se fossem legítimos e, em si mesmos, definitivos. Circulam livremente, sem qualquer preocupação com alguma análise mais acurada acerca da pertinência de seus usos – o que entendi estar também focalizado nos artigos estudados. Dessa forma, reafirmo a dimensão pedagógica da *My Kids* ao pretender ensinar mães e pais a educarem suas crianças.

Ao mesmo tempo, tenho ciência de que o estudo aqui empreendido poderia ser multiplicado em muitas outras direções, caso eu tivesse olhado para ele por meio de outros referenciais teóricos ou tivesse empreendido outras

disposições metodológicas. Considero, ao término desta jornada, que alguns aspectos abordados no estudo poderiam ter sido excluídos; por outro lado, outros poderiam ter sido focalizados, pois o direcionamento dado a um estudo invariavelmente decorre das escolhas que fazemos. Consola-me, no entanto, acreditar que esse sentimento de incompletude possa ser comum a muitos pesquisadores filiados aos Estudos Culturais, já que não é pretensão de seus praticantes tomar seus estudos como “completos” e “definitivos”.

Enfim, meu intento ao tomar o *Complexo Kids* como uma pedagogia cultural foi destacar como uma grande corporação midiática mobiliza crianças, mães e pais em torno de algumas propostas, práticas e compreensões, situadas em um amplo conjunto de questões particulares que povoam o universo infantil contemporâneo, tão marcado pela disseminação de variados dispositivos digitais, aos quais se vinculam diferentes tipos de consumo. No caso do *site* estudado, tal pedagogia efetuou-se em um recorte temporal relativamente efêmero, mas, como o *site* se atrela a um complexo midiático, esse efeito permanece potente, propaga-se e retroalimenta-se, mesmo que de outros modos, em função da cultura da convergência.

REFERÊNCIAS

ACHE, Paulo Roberto. **Os limites entre o imaginário e geográfico: estudo de caso sobre os fatores intervenientes nos processos de geração e distribuição de produtos televisivos para o público infantil** (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Mercado, Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2005.

AQUINO, M. C.; PUHL, P. Vale tudo no Twitter: a visibilidade da ficção televisiva em tempos de convergência midiática. **Alceu**, v. 12, n. 23, jul./dez. 2011 p. 34-48.

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BALL, Stephen. Aprendizagem ao longo da vida, subjetividade e a sociedade totalmente pedagogizada. **Educação: Dossiê - Biopolítica, governamentalidade e educação**. Porto Alegre, v. 36, n. 2, maio/ago. 2013. p. 144-155. Disponível <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/issue/view/697>>. Acesso em: 20 out. 2015.

BAUMAN, Zygmunt. **Capitalismo Parasitário: e outros temas contemporâneos**. 1ª ed., Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2010.

BAUMAN, Zygmunt. A Busca da Ordem. In: **Modernidade e Ambivalência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1999a.

BAUMAN, Zygmunt. **A Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1999b.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro/RJ: Jorge Zahar, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para Consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BORTOLAZZO, Sandro Faccin, **Narrativas acadêmicas e midiáticas produzindo uma geração digital**. (Tese de Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

BUCKINGHAM, David. Cultura Digital, Educação Midiática e o Lugar da Escolarização. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, Vol.35 n.3, set. /dez. 2010.

BUJES, Maria Isabel E. Para pensar pesquisa e inserção social. In: **Revista Eletrônica de Educação** (UFSCAR), v.2, 2008, p.106-124. Disponível em: <http://www.reveduc.ufscar>. Acesso em: 5 jun. 2013.

BUJES, Maria Isabel Edelweiss Resgate da infância: uma questão para a propaganda?. In.: DORNELLES, Leni Vieira; BUJES, Maria Isabel Edelweiss. **Educação e infância: na era da informação**. Porto Alegre: Mediação, p.51-78, 2012.

BUJES, Maria Isabel Edelweiss. **Crianças de Manual**. Canoas: ULBRA/PPG-Edu, 2003b (Trabalho apresentado no 1º Seminário de Pesquisa *Políticas da subjetividade e práticas de diferença em educação*, realizado pela Faculdade de Educação/UFPel, 12-14 março de 2003).

BUJES, Maria Isabel Edelweiss. **Discursos, Infância e Escolarização: caminhos que se cruzam**. In: SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. (org.) *Cultura, Poder e Educação: um debate sobre Estudos Culturais em Educação*. Canoas, Editora Ulbra. p.188. 2005.

BUJES, Maria Isabel Edelweiss. **Infância e maquinaria**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002b.

BUJES, Maria Isabel Edelweiss. Infância e risco. In: **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v.35, n.3, set./dez., 2010. p. 1-350.

BUJES, Maria Isabel Edelweiss. Outras infâncias? In: SOMMER, Luís Henrique; BUJES, Maria Isabel Edelweiss (Orgs.). **Educação e cultura contemporânea: articulações, provocações e transgressões em novas paisagens**. Canoas: ULBRA, p. 217-231. 2006.

BUJES, Maria Isabel Edelweiss. Sobre outdoors ambulantes, ou de como nos transformamos no que somos. In: Costa, Vorraber Marisa (Org). **A Educação e na Cultura da Mídia e do Consumo**. Rio de Janeiro: Lamparina. 2009.

BUJES, Maria Isabel. Descaminhos. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). **Caminhos Investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002a.

CAMOZZATO, Viviane Castro; COSTA, Marisa Vorraber. Vontade de pedagogia - pluralização das pedagogias e condução de sujeitos. **Cadernos de Educação da UFPel**, n.44, jan-ab.2013.

CAMOZZATO, Viviane. **Da Pedagogia Às Pedagogias - Formas, Ênfases e Transformações** (Tese de Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

CANNITO, Newton Guimarães. **A televisão na era digital: interatividade, convergência e novos modelos de negócio**. São Paulo: Summus, 2010.

COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Caminhos Investigativos II: Outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: DP& A, 2002b.

COSTA, Marisa Vorraber. "Sucesso, poder e dinheiro: a ilusão da potência". In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **A educação na cultura da mídia e do consumo**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009a.

COSTA, Marisa Vorraber. A escola mantém-se como uma instituição central na vida das sociedades e das pessoas. In: COSTA, Marisa Vorraber. (Org.). **A Educação na Cultura da Mídia e do Consumo**. Rio de Janeiro: Lamparina, p. 61-75. 2009b.

COSTA, Marisa Vorraber. **Caminhos Investigativos, novos olhares para a pesquisa em educação**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP& A, 2002a.

COSTA, Marisa Vorraber. Velhos temas, novos problemas: a arte de perguntar em tempos pós-modernos. In: COSTA, Marisa Vorraber e BUJES, Maria Isabel (Orgs.). **Caminhos Investigativos III: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

COSTA, Marisa Vorraber; ANDRADE, Paula Deporte. **Na produtiva confluência entre Educação e Comunicação, as pedagogias culturais contemporâneas**. In: 36ª RN ANPED, Goiânia, out. 2013. GT 16 "Educação e Comunicação". Disponível em: http://36reuniao.anped.org.br/pdfs_trabalhos_aprovados/gt16_trabalhos_pdfs/gt16_2912_texto.pdf Acesso em: 15 dez. 2014.

COSTA, Marisa Vorraber; BUJES, Maria Isabel (Orgs.). **Caminhos Investigativos III: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel; SOMMER, Luís Henrique. Estudos Culturais, Educação e Pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**, n. 23, maio/ago, 2003, p. 36-61.

COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. A Revista Nova Escola e a constituição de identidades femininas para o magistério. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org). **O Magistério na Política Cultural**. Canoas: ULBRA. p. 19-68. 2006.

COSTA, Marisa Vorraber. Cartografando a gurizada da fronteira. Novas subjetividades na escola. In: ALBUQUERQUE Jr., VEIGA-NETO, Alfredo; FILHO, Alípio de Souza (Orgs.). **Cartografias de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, p.269-294. 2008.

COSTA, Marisa Vorraber. Imagens do consumismo na escola – A produtividade da cultura visual: **Instrumento: Revista de Estudo e Pesquisa**

em Educação. Juiz de Fora, v. 14, n. 2. 2012. Disponível em: <http://instrumento.ufjf.emnuvens.com.br/revistainstrumento/article/view/1941>. Acesso em: maio de 2014.

COUTINHO, Karyne Dias. Shopping centers, videogames e infâncias atuais. In.: DORNELLES, Leni Vieira; BUJES, Maria Isabel Edelweiss (Orgs.). **Educação e infância: na era da informação.** 1 ed. Porto Alegre: Mediação, 2012. p. 103-130

DORNELLES, Leni Vieira. **Infâncias que nos escapam: da criança na rua à criança cyber.** Petrópolis: Vozes, 2005.

DORNELLES, Leni Vieira. Sobre o devir-criança ou discursos sobre as infâncias. In: V Colóquio Internacional de Filosofia da Educação, 2010, Rio de Janeiro. **Anais do V Colóquio Internacional de Filosofia da Educação,** Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2010.

DORNELLES, Leni Vieira. Artefatos Culturais: Ciberinfâncias e crianças zappiens. In.: DORNELLES, Leni Vieira; BUJES, Maria Isabel Edelweiss. **Educação e infância: na era da informação.** Porto Alegre: Mediação, p.79-102, 2012.

DU GAY, Paul; Hall, Stuart; Janes, Linda; Mackay, Hugh; NEGUS, Keith. **Doing cultural studies: the story of the Sony Walkman.** Londres: Sage/The Open University, 1997.

ELLSWORTH, Elisabeth. Modos de Endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. In: SILVA, Tomaz Tadeu da; **Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito.** Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p.7-76.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O Estatuto Pedagógico da Mídia: questões de análise. **Educação & Realidade.** V. 22(2). 1997. p. 59-80.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Mídia, estratégias de linguagem e produção de sujeitos. In: CANDAU, Vera Maria (Orgs.). **Linguagens, espaços e tempos no ensinar e aprender.** 1 ed. Rio de Janeiro (RJ), DP&A, 2000, p. 75-88.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Problematizações sobre o exercício de ver: mídia e pesquisa em educação.** Disponível em: <www.anped.org.br/rbe20/anped-20-06.pdf> Acesso em: 12 ago. 2002a.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. A paixão de trabalhar com Foucault. In: COSTA, Marisa Vorraber. (Org.). **Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação.** 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, p. 39-60. 2002b.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O Dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. **Educação e Pesquisa.** São Paulo (SP), v. 28, n. 1, p. 151-162, 2002c. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-70222002000100011&script=sci_arttext. Acesso em: 30 mar. 2012.

FLOR, Douglas. **A convocação para o consumo nas pedagogias culturais - circuitos e teias do Complexo Rebelde**. (Dissertação de Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Educação, ULBRA, 2007.

FONTANA, Luciana Sauer. **Kids na Redes (Pós) Modernas: recortes de uma pesquisa sobre website do Discovery Kids**. In: 3o. Seminário Internacional de Estudos Culturais e Educação e 6o. Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação, Anais Eletrônicos - Transgressões e Narcisismos. Bianual, ULBRA, Canoas, 2015. v. único. p. 1-12.

FONTANA, Luciana Sauer; Wortmann, Maria Lúcia C. **Facetas de uma educação corporativa: website do Discovery Kids ensina aos pais de pequenos internautas a lidar com o cotidiano**. In: Simpósio Luso-Brasileiro de Estudos da Criança: desafios éticos e metodológicos, 2014, Porto Alegre. Anais eletrônicos v. único.

FONTANA, Luciana Sauer. **Lições para toda a família no website do Discovery Kids: Sugestões para Imposição de Limites, Cuidados como bebê e Hiperatividade...** In: 19ª Cole - Leituras sem margens, 2014, Campinas. Linha Mestra. Campinas, 2014. v. VIII. p. 1-3417.

FONTANA, Luciana Sauer. **O Reality Show o Aprendiz Ensinando-nos a Ser Executivas/os de "Sucesso"**. (Dissertação de Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Luterana do Brasil. Canoas: ULBRA, 2007.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2002.

FRAGOSO, Suely. De interações e interatividade. In: **Anais do Congresso da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**, Brasília. 2001.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. 3 Ed. Porto Alegre: Sulina, 2013.

FREIRE, Joana Loureiro. **Meus favoritos: crianças, sites e metodologias de pesquisa**. Dissertação (Dissertação de Mestrado). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <http://proped.pro.br/teses/teses_pdf/2009_1-535-ME.pdf>
Acesso: 15 maio de 2015.

GARDIN, Edson. **A Produção Televisiva Infantil - Discovery Kids Brasil - Programa Lazytown**. (Dissertação de Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Paulista. São Paulo: UNIP, 2007.

GERZSON, Vera Regina. **A mídia como dispositivo da governamentalidade**

neoliberal: os discursos sobre educação nas revistas *Veja*, *Época* e *IstoÉ*. 2007. (Tese de Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

GERZSON, Vera Regina. Discursos Sobre Educação na Revista *Veja*: A Mídia Como Dispositivo Neoliberal. **Educação em Revista**, v. 77, p. 50-51, 2009.

GERZSON, Vera Regina. A educação nas revistas: entrelaçamento entre mídia, consumo e o dispositivo neoliberal. **Leitura: teoria & prática**. v. 29, n. 56, p.67-76, 2011.

GIROUX, Henry. Doing cultural studies: youth and the challenge of pedagogy. **Harvard Educational Review**, v. 64, n. 3, p. 278-308, Fall 1994. Disponível em: <http://www.henryagiroux.com/online_articles/doing_cultural.htm>. Acesso em: 28 abr. 2014.

GIROUX, Henry. Memória e pedagogia no mundo maravilhoso da Disney. In: SILVA Tómasz Tadeu da. (Org.). **Alienígenas na Sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes, p. 132-158, 2003.

GIROUX, Henry; Os Filmes da Disney são bons para os seus Filhos?. In: STEINBERG, Shirley R. & KINCHELOE, Joe L. (Orgs.). **Cultura infantil: a construção corporativa da infância**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p.87-108, 2001.

GIROUX, Henry. **How Disney Magic and the Corporate Media Shape Youth Identity in the Digital Age**. Truthout, 2011. Disponível em <http://www.truthout.org/opinion/item/2808:how-disney-magic-and-the-corporate-media-shape-youth-identity-in-the-digital-age>>. Acesso em: 20 ago. 2015.

GROSSBERG, Lawrence. **Será que os estudos culturais têm futuros? E deverão tê-los? (ou o que se passa em Nova Iorque)?** Comunicação e Cultura, n. 6, p. 17-51, 2008.

GROSSBERG, Lawrence. **Cultural Studies in the future tense**. Durham: Duke University Press, 2010.

GROSSBERG, Lawrence. Existe lugar para os intelectuais no novo radicalismo? Três paradigmas. In: SARAIVA, Karla; MARCELLO, Fabiana de Amorim (Orgs.). **Estudos Culturais e educação: desafios atuais**. Canoas: Editora da ULBRA, 2012.

HALL, Stuart. A Centralidade da Cultura: notas sobre as revoluções culturais de nosso tempo. **Educação & Realidade**. V. 22(2). p. 15-46, 1997a.

HALL, Stuart. **Representation, Cultural Representation and Signifying Practices**. 5. ed. London/Thousand Oaks/ New Delhi: Sage, 1997b.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart; MELLINO, Miguel. **La cultura y el poder: conversaciones sobre los cultural studies**. Buenos Aires: Amorrortu, 2011.

HILTY, Eleonor Blair; De Vila Sésamo a Barney e seus Amigos: a televisão como professora. In: STEINBERG, Shirley R. & KINCHELOE, Joe L. (Orgs.). **Cultura infantil: a construção corporativa da infância**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 1992.

JENKINS, Henry. **Convergence culture: where old and new media collide**. New York: New York University, 2006.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. 2 Ed. São Paulo: Aleph. 2009.

JENKINS, Henry; GREEN, Joshua; FORD, Sam. **Cultura da Conexão: criando valor e significado por meio da mídia propagável**. 1 ed. São Paulo: Aleph, 2014.

KENWAY, J.; BULLEN, E. **Consuming children: education-entertainment-advertising**. Buckingham: Open University Press, 2001.

KELBERT, Simone; SARAIVA, Karla; Club Penguin e Mundo do Sítio como Lugares de Aprendizagem. **Revista de Iniciação Científica da ULBRA** .Canoas n.12 p.151-157. 2014.

KELLNER, Douglas. **A Cultura da Mídia**. São Paulo: Edusc, 2001.

KELLNER, Douglas; SHARE, Jeff. **Educação para a leitura crítica da mídia, democracia radical e a reconstrução da educação**. Educação & Sociedade, Campinas, SP , v.29, n.104 n. esp. , p.687-715, out. 2008

KLEIN, Naomi. **Sem Logo: A Tirania das Marcas em um Planeta Vendido**. 2. ed. Trad. Ryta Vinagre. Rio de Janeiro: Record, 2002, p.153-166.

LARROSA, Jorge. **Tecnologias do eu e educação**. In: SILVA, T. T. da. O Sujeito da Educação: Estudos Foucaultianos. Petrópolis: Vozes, p. 35-86, 1995.

LARROSA, Jorge. **Estudar**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

LEMOS, André. **Cibercultura e Mobilidade: a Era da Conexão**, Razón y Palabra (Revista Eletrônica), núm. 41, 2004. Disponível em: <https://www.razonypalabra.org.mx /anteriores/n41/alemos.html>

- LEMOS, André. **Ciberspaço e Tecnologias Móveis: processos de Territorialização e Desterritorialização na Cibercultura**. COMPÓS, Baurú, SP, junho de 2006.
- LEMOS, André. **Cidade e mobilidade. Telefones celulares, funções pós-massivas e territórios informacionais**. Revista Matrizes, n. 1, out, 2007b.
- LEMOS, André. Comunicação e práticas sociais no espaço urbano: as características dos Dispositivos Híbridos Móveis de Conexão Multirredes (DHMCM). **Revista Comunicação Mídia e Consumo**, v. 4, n. 10, jul., p. 23-40, 2007a.
- LINN, Susan. **Crianças do Consumo: Infância roubada**. 1.ed. São Paulo: Instituto Alana, 2006.
- LINN, Susan. **Em defesa do faz de conta: preserve a brincadeira em um mundo dominado pela tecnologia**. Rio de Janeiro: BestSeller, 2010.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1997.
- LYOTARD, Jean-François. **A Condição Pós-Moderna**. 2. ed. Trad. José Navarro. Lisboa: Gradativa Publicações, 1989.
- MEDIN, Fernando. **Discovery Kids aposta em novos formatos - Canal pretende consolidar liderança do canal na TV paga**. PropMark (2012). Disponível em: <<http://propmark.uol.com.br/anunciantes/41565:discovery-kids-aposta-em-novos-formatos>> Acesso em: 12 dez.2012.
- MACHADO, Roberto. **Por uma genealogia do poder**. In: FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. Trad. E org. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1989, pp. VII-XXIII.
- MARCELLO, Fabiana de Amorim. **Dispositivo da maternidade: mídia e produção agonística de experiência**. (Dissertação de Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: UFRGS, 2003.
- MARÍN-DÍAZ, Dora Lilia. **Autoajuda e educação: uma genealogia das antropotécnicas contemporâneas**. (Tese de Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação, UFRGS, 2012.
- MENEZES, José Américo Santos. **A criança na cibercultura: brincar, consumir e cuidar do corpo**. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação, UFBA, 2014.
- MEYER, Dagmar Estermann. Escola, currículo e produção de diferenças e desigualdades de gênero. In: SCHOLZE, Lia (Org.). **Gênero, memória e**

docência. Porto Alegre: Prefeitura Municipal de Porto Alegre, Secretaria Municipal de Educação, p. 29-34. 2001.

MEYER; Dagmar Estermann; SOARES, Rosângela de F. Modos de ver e de se movimentar pelos “caminhos” da pesquisa pós-estruturalista em Educação: o que podemos aprender com – e a partir de – um filme. In: COSTA, Marisa Vorraber; BUJES, Maria Isabel E. (Org.). **Caminhos investigativos III: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras.** Rio de Janeiro: DP&A, p. 23-44. 2005.

MOMO, Mariângela. **Mídia e Consumo na Produção de uma Infância Pós-Moderna que vai à Escola.** (Tese de Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação, UFRGS, 2007.

MOMO, Mariângela. COSTA, Marisa Vorraber. Crianças Escolares do Século XXI: para pensar se uma infância pós-moderna. **Cadernos de pesquisa.** São Paulo. Vol. 40, n. 141, p. 965-991, 2010.

MOMO, Mariângela. Mídia, Consumo e os Desafios de Educar uma Infância Pós-Moderna. In: DORNELLES, Leni Vieira; BUJES, Maria Isabel Edelweis (Org.). **Educação e infância na era da informação.** Porto Alegre: Mediação, p. 11-28. 2012.

MOMO, Mariângela. Professora, pesquisadora, fotógrafa e consumidora enxergando crianças pós-modernas que vão à escola. **Educação.** Porto Alegre, v. 38, n. 1, p. 87-95, jan.-abr. 2015.

MORAIS, Welerson R.; GARÍGLIO, Maria Inês; AGUIAR, Carolina Guimarães. A linguagem audiovisual nos desenhos animados infantis: o caso do “Peixonauta”. In: **XV Congresso Nacional de Filologia**, v. 15, n. 5, t. 1, 2011. *Anais...* Rio de Janeiro: CiFEFiL, p. 140-155. 2011.

NARODOWSKI, Mariano. Adeus à infância: e à escola que a educava. In: SILVA, Luiz. Heron. (Org.). **A escola cidadã no contexto da globalização.** Petrópolis: Vozes, p. 172-177. 1998.

NARODOWSKI, Mariano Hacia un mundo sin adultos. Infancias híper y desrealizadas en la era de los derechos del niño. **Actualidades Pedagógicas**, n. 62 p 15-36, 2013. Disponível em:
<http://revistas.lasalle.edu.co/index.php/ap/article/viewFile/2686/2301>.
Acesso em: março de 2014.

NATANSOHN, Graciela; CUNHA, Rodrigo do Espírito Santo da. Revistas brasileiras *online* e plataformas móveis. **Revista Eco-Pós**, vol. 13, n. 1, p. 146-163, 2010.

NELSON, Cary; TREICHLER, Paula e GROSSBERG, Lawrence. Estudos Culturais: uma introdução. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.) **Alienígenas na**

Sala de Aula: uma introdução aos Estudos Culturais. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis: Vozes, 1995.

PAIVA Maria Soberana. Sousa, KARLLA Christine Araújo. Sorrir, Brincar e Consumir: Reflexões Acerca das Estratégias Utilizadas pela Marca Patati Patatá para Estimular o Consumo Infantil. **Intercom -XVII**, Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste - Natal - RN Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2015/resumos/R47-0904-1.pdf>> Acesso em: 7 Out. 2015.

PELLANDA, Eduardo Campos. Convergência de mídias potencializada pela mobilidade e um novo processo de pensamento. **Intercom - XXVI**, Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003. Disponível em: http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/294195287594183_33834670887469995119541.pdf. Acesso em: agosto de 2012.

PETERS, Michael. Governamentabilidade Neoliberal e Educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **O Sujeito da Educação: estudos foucaultianos**. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 211-224.

POOL, Ithiel de Sola. **Technologies of Freedom**. Harvard University Press, 1983.

POPKEWITZ, Thomas S. História do currículo, regulação social e poder. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **O Sujeito da Educação: estudos foucaultianos**. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 173-210.

POPKEWITZ, Thomas. Ciências da Educação, Escolarização e Abjeção: diferença e construção da desigualdade. **Educação & Realidade**, v. 35, n. 3, p. 77-98, set./dez., 2010.

PRENSKY, Mark. **Digital natives, digital immigrants, part I**. On the Horizon. Lincoln: NCB University Press, v. 9, nº 5, 2001.

PRATES, Camille Jacques. **O Complexo W.I.T.C.H. acionando a magia para formar garotinhas nas redes do consumo**. (Dissertação de Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Educação, ULBRA, 2008.

PRESTES, Liliane Madruga. **Enredadas na rede: jogos para crianças (re) produzindo relações desiguais de gênero**. (Tese de Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação, UFRGS, 2014.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**, 2 Ed. Porto Alegre, 2014.

RIPOLL, Daniela. **Não é ficção científica, é ciência: a genética e a biotecnologia em revista**. (Dissertação de Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

ROCHA, Cristiane Maria Famer. As tecnologias, as subjetividades contemporâneas e o (hiper)controle. **Revista Mal-Estar Subjetividade**. v.9, n.2 *Fortaleza jun.* 2009.

ROSE, Gillian. **Visual methodologies** – an introduction to the interpretation of visual materials. London: Sage, 2001. (Tradução de Ricardo Uebel).

ROSE, Nikolas. Governando a alma: a formação do eu privado. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Liberdades reguladas: a pedagogia construtivista e outras formas de governo**. Petrópolis: Vozes, p. 30-45. 1999.

SABAT, Ruth Ramos. Só as bem Quietinhas vão Casar. In: MEYER, Dagmas & SOARES, Rosângela (Org.) **Corpo, Gênero e Sexualidade**. Porto Alegre: Mediação, 2004.

SABAT, Ruth Ramos. **Infância e Gênero: o que se aprende nos filmes infantis?** Disponível em: <<http://www.ced.ufsc.br/~nee0a6/truthsa.pdf>>, Acesso em: 12 ago. 2006.

SAMPAIO, Inês Sílvia Vitorino. **Televisão, publicidade e infância**. São Paulo: Annablume, 2000.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter** – consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. 8ª Ed. Rio de Janeiro. Record, 2004.

SANTAELLA, Lúcia. **Linguagens Líquidas na Era da Mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

SANTAELLA, Lúcia. **Comunicação ubíqua**: repercussões na cultura e na educação. São Paulo: Paulus, 376 p. 2013.

SANTAELLA, Lúcia. O leitor ubíquo e suas consequências para a educação In: TORRES, Patrícia Lupion (Org.). **Complexidade: Redes e conexões na produção do conhecimento**. Curitiba: SENAR- PR, 2014.

SANTOS, Cláudia Amaral dos. **Toda boa mãe deve...: governo das maternidades para a constituição de infâncias saudáveis e normais**. (Tese de Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. 207 p.

SARLO, Beatriz. **Cenas da Vida Pós-Moderna: intelectuais, arte e vídeo-cultura**. 4. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

SCHOR, Juliet B. **Nascidos para comprar: uma leitura essencial para orientarmos nossas crianças na era do consumismo**. São Paulo: Editora Gente, 2009.

SIBILIA, Paula. **O show do eu - A intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira S.A, 2008.

SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira. O cientista na animação televisiva: discurso, poder e representações sociais. **Em Questão**, Porto Alegre, v.12, n.1, p. 131-148, jan./jun. 2006. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/14>>. Acesso em: 25 jan. 2012.

SILVA, Tomaz Tadeu da. O Projeto Educacional Moderno: identidade terminal? In: VEIGA-NETO, Alfredo (Org). **Crítica Pós-estruturalista e Educação**. Porto Alegre: Sulina, p.245-260, 1995.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A Produção Social da Identidade e da Diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000a.

SILVA, Tomaz Tadeu da. O Adeus às Metanarrativas Educacionais. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **O Sujeito da Educação: estudos focaultianos**. Petrópolis: Vozes, 2000b.

SILVA, Tomaz T. 2000. **Teoria cultural e educação: um vocabulário crítico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000c.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Pedagogia e Auto-ajuda: o que a auto-estima tem a haver com o poder. In: SCHMIDT, Saraí (Org). **Educação em Tempos de Globalização**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

SILVEIRA, Rosa Hessel. Leitura, literatura e currículo. In: COSTA, Marisa (org.) **O currículo nos limiares do contemporâneo**. Rio: DP&A, 2001.

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel; SANTOS, Cláudia Amaral dos. Gênero e Diferença em Textos Escolares Infantis. In: CARVALHO, Marie Jane; ROCHA, Cristianne Maria Famer (Orgs.). **Produzindo Gênero**. Porto Alegre: Sulina, 2004, p.267-278.

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. **Flagrantes de contação de história em espaços educativos gaúchos**. In: 16º. Congresso de Leitura do Brasil, 2007. **Anais do 16º. Cole**. Disponível em: <http://www.alb.com.br/anais16/sem08pdf/sm08ss07_05.pdf>. Acesso em: 20 maio 2008.

SIMONS, Maarten; MASSCHELEIN, Jan; Sociedade da Aprendizagem e Governamentalidade: uma introdução. **Currículo sem Fronteiras**, v.11, n.1, p.121-136, 2011. Disponível em <<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol11iss1articles/simons-masschelein.pdf>>. Acesso em: 4 ago. 2014.

SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira. O Cientista na Animação Televisiva: discurso, poder e representações sociais. **Em Questão**. Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 131-148, 2006.

SOARES, Erika Marina Abreu, **Descobrendo um Mundo Infantil: uma análise do canal Discovery Kids Brasil**. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Faculdade de Psicologia. Pontifícia Universidade Católica – Minas Gerais Dissertação de Mestrado. 2012.

STEINBERG, Shirley R.; KINCHELOE, Joe L. (Orgs.). **Cultura infantil: a construção corporativa da infância**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2001a.

STEINBERG, Shirley; KINCHELOE, Joe. Sem segredos: cultura infantil, saturação de informação e infância pós-moderna. In: STEINBERG, Shirley; KINCHELOE, Joe (Orgs.). **Cultura Infantil: a construção corporativa da infância**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p. 9-52, 2001b.

STEINBERG, Shirley. Kindercultura: a Construção da Infância pelas Grandes Corporações. In: SILVA, Luiz H. (Org.). **Identidade Social e a Construção do Conhecimento**. Porto Alegre: PMPA/SMED, 2002.

TIC KIDS ONLINE BRASIL (2015). Disponível em: <http://cetic.br/media/pdfs/apresentacoes/tic_kids_online_brasil_2014_hangout_imprensa.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2015.

VEIGA-NETO, Alfredo. Michel Foucault e Educação: há algo de novo sob o sol? In: VEIGA-NETO, Alfredo (Org). **Crítica Pós-estruturalista e Educação**. Porto Alegre: Sulina, 1995.

VEIGA-NETO, Alfredo. A Didática e as Experiências de Sala de Aula: uma visão pós-estruturalista. **Educação & Realidade**. Porto Alegre: UFRGS/FACED, v. 21(2), p.161-175, jul./dez. 1996.

VEIGA-NETO, Alfredo. Michael Foucault e os Estudos Culturais. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Estudos Culturais em Educação: mídia, arquitetura, brinquedo,biologia, literatura, cinema**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, p. 37-69. 2000a.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Educação e Governamentalidade Neoliberal: novos dispositivos, novas subjetividades**. In: PORTOCARRERO, Vera; BRANCO; Guilherme Castelo (Orgs.). Retratos de Foucault. Rio de Janeiro: Nau., p. 179-217. 2000b.

VEIGA-NETO, Alfredo. Olhares... In: COSTA, Marisa Vorraber (Org). **Caminhos Investigativos: novos olhares na pesquisa em educação**. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

VEIGA-NETO, Alfredo. Cultura, Culturas e Educação. **Revista Brasileira de Educação**. v 23 maio/ago. p. 5-15. 2003.

VEIGA-NETO, Alfredo; Lopes, Maura Corcini. Límites en la educación infantil: ¿rigidez o flexibilización negociada? **Revista Educación y Pedagogía**, vol. 23, núm. 60, mayo/agosto, 2011a.

VEIGA-NETO, Alfredo; Lopes, Maura Corcini. **Limites na Educação Infantil: rigidez ou flexibilização negociada?** (2011b). Disponível em: <http://www.michelfoucault.com.br/files/Limites%20na%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20Infantil%20-%20revisado%20-%2023jul12.pdf>. Acesso: 10 maio de 2015.

VEIGA-NETO, Alfredo. O neoliberalismo situa a educação no mercado da competição, da produção exacerbada. **Entrevista concedida ao site do Instituto Humanitas (IHU)**. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/502911-o-neoliberalismo-situa-a-educacao-no-mercado-da-competicao-da-producao-exacerbada-entrevista-com-alfredo-veiga-neto>> Acesso em: 20. nov.2011c.

VEIGA-NETO, Alfredo; Lopes, Maura Corcini. Educação Infantil: dois modelos em conflito. In: Looockmann, Kamila (Org.). **Infância(s), educação e governo**. Rio Grande: Universidade Federal do Rio Grande, 2013.

VEIGA, Cynthia Greive. **Historia da Educação**. São Paulo: Atica, 2007.

VEIGA, Cynthia Greive. Elaboração de hábitos civilizados na constituição das relações entre professores e alunos. **Revista Brasileira de História da Educação**, n 21, set/dez, 2009.

WALKERDINE, Valerie. O raciocínio em tempos pós-modernos. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 207-226, jul./dez. 1995.

WALKERDINE, Valerie. Uma análise foucaultiana da pedagogia construtivista. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Liberdades reguladas: a pedagogia construtivista e outras formas de governo do eu**. 1º. ed. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 143-216.

WALKERDINE, Valerie. A cultura popular e a erotização das garotinhas. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 24, n. 2, p. 75-88, jul./dez. 1999.

WALKERDINE, Valerie. Ciência, razão e a mente feminina. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 32, n.1, 7-24 Jan/Jun. 2007

VARELA, Julia; ALVAREZ-URIA, Fernando. A Maquinaria escolar. **Teoria & Educação**. São Paulo, n. 6, p.68-96, 1992.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.) **Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

WORTMANN, Maria Lúcia. Análises Culturais: um modo de lidar com as histórias que interessam à educação. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Caminhos Investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: DP& A, 2002.

WORTMANN, Maria Lúcia; RIPOLL, Daniela. **Aprendendo a Amar a Ciência na Animação “Sid, O Cientista”** Disponível em: <www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/.../908> Acesso em: 15 dez. 2012a.

WORTMANN, Maria Lúcia; RIPOLL, Daniela; POSSAMAI, Lais. Educação Ambiental corporativa para crianças: analisando a animação Peixonauta do Discovery Kids. **Perspectiva** (UFSC), v. 2, p. 371-394. 2012b . Disponível em:<<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2012v30n2p371>> Acesso em: 10 dez. 2012.

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna. Dos riscos e dos ganhos de transitar nas fronteiras dos saberes. In: Costa, Marisa Vorraber e Bujes, Maria Isabel Edelweiss (Org.). **Caminhos investigativos III: Riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

WORTMANN Maria Lúcia; COSTA, Marisa Vorraber; RIPOLL, Daniela; BONIN, Iara Tatiana. Dossiê - Estudos Culturais em Educação. **Educação**. Porto Alegre, v. 38, n. 1, p. 11-13, 2015.

WORTMANN, Maria Lúcia; COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel. Sobre a emergência e a expansão dos Estudos Culturais em Educação no Brasil. **Educação**. Porto Alegre, v. 38, n. 1, p.32-48, 2015.

SITES CONSULTADOS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LICENCIAMENTOS (ABRAL). **Discovery Kids aposta em evento itinerante com personagem-símbolo do canal**. Disponível em: <http://abral.org.br/discovery-kids-aposta-em-evento-itinerante-com-personagem-simbolo-do-canal/> Acesso em: 2 ago. 2013.

ALEGRAFESTA. Disponível em: <<http://alegrafesta.com.br/>>. Acesso em: 20 jun. 2015.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE TELEVISÃO POR ASSINATURA (ABTA).

Dados do Setor. Disponível em:

<http://www.abta.org.br/dados_do_setor.asp>. Acesso em: 2 maio 2013.

AUDIÊNCIA DA TV MIX. **Doki ganha sua própria série no Discovery Kids.**

Disponível em: <<http://audienciadatvmix.wordpress.com/category/series/>>.

Acesso em: 13 jul. 2013.

BELEZA DE MÃE. Disponível em: <<http://www.belezademaee.com.br/o-novo-programa-da-discovery-kids-doki-a-serie-e-diversao-educativa-para-a-criancada/clubinho-doki-discovery-kids/>>. Acesso em: 14 jul. 2013.

CAPES. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/servicos/banco-de-teses>>. Acesso em: 5 out. 2013.

DISCOVERY BRASIL. Disponível em:

<<http://discoverybrasil.uol.com.br/programacao-de-tv/>> Acesso em: 7 jul. 2014.

Disponível em: <<https://corporate.discovery.com/>> Acesso em: 7 jul. 2014.

DISCOVERY COMMUNICATIONS Inc. Disponível em: <<http://corporate.discovery.com/brands/international/>>. Acesso em: 2 jul. 2013.

DISCOVERY KIDS. Disponível em:

<<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/>> Acesso em: 13 jun. 2013.

DISCOVERY KIDS. Disponível em: <<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/>> Acesso em: 20 out. 2015.

DISCOVERY KIDS AMÉRICA LATINA. Disponível em:

<<http://www.dkids.com.au/findus>>. Acesso em: 20 mai. 2015.

DISCOVERY KIDS ÁSIA. Disponível em: <<http://www.dkids.asia/>>. Acesso em: 20 mai. 2015.

DISCOVERY KIDS BRASIL. **Como se desenvolve a linguagem?** Disponível (texto e imagem) em:

<<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/como-se-desenvolve-a-linguagem/>>. Acesso em: 8 jun. 2013.

DISCOVERY KIDS. Disponível: <<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/>>.

Acesso em: 2 jun. 2013.

DISCOVERY KIDS. **Relatórios.** Disponível em:

<<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/relatorios/instrucciones.shtml>>.

Acesso em: 10. jun. 2013.

DISCOVERY KIDS. **Seção Kids no Comando.** Disponível:

<<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/kids-no-comando/?cc=US>>. Acesso em: 10 jul. 2013.

DISCOVERY KIDS. **Uma criança pode aprender lógica?** Disponíveis em (texto e imagem): <<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/uma-crianca-pode-aprender-logica/>>. Acesso em: 8. Jun. 2013.

DISCOVERY KIDS ESTADOS UNIDOS. Disponível em:
<<http://www.tudiscoverykids.com/>> Acesso em: 20 mai. 2015.

DISCOVERY KIDS. **Artigos.** Disponível em:
<<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos>> Acesso em: 12 maio 2015.

DISCOVERY KIDS. **A construção de bons e maus hábitos.** Disponível em:
<<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/construcao-de-bons-e-maus-habitos>> Acesso em: 10 maio 2014.

DISCOVERY KIDS. **Aprender como prazer.** Disponível em:
<<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/aprender-com-prazer/>>. Acesso em: 1 jul. 2013.

DISCOVERY KIDS. **Seção Jogos.** Disponível em: <<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/jogos/>>. Acesso em: 1º jul. 2013.

DISCOVERY KIDS. **Área My Kids/Área Pais.** Disponível em:
<<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/>> .Acesso em: 1 jul. 2013.

DISCOVERY KIDS. **As crianças que sabem dizer "obrigado" podem ter um desenvolvimento pessoal superior.** Disponível em:
<<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/as-criancas-que-sabem-dizer-obrigado/>>Acesso em: 1 jul. 2013.

DISCOVERY KIDS. **Barney.** <Disponível em: <http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/>>. Acesso em: 20 dez. 2014.

DISCOVERY KIDS. **Benefícios da música.** Disponível em:
<<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/beneficios-da-musica/>> Acesso em: 8 jun. 2014.

DISCOVERY KIDS. **Castigo: um método polêmico.** Disponível em:
<<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/castigo-um-metodo-polêmico/>>Acesso em: 1 jul. 2013.

DISCOVERY KIDS. **Cinco benefícios do método Suzuki.** Disponível em:
<<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/cinco-beneficios-do-metodo-suzuki/>> Acesso em: 8 jun. 2014.

DISCOVERY KIDS. **Como estimular a curiosidade no seu filho.** Disponível em: <<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/como-estimular-a-curiosidade-no-seu-filho/>>. Acesso em: 30 jul. 2014.

DISCOVERY KIDS. **Como lidar com a malcriação.** Disponível em: <<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/como-lidar-com-a-malcriacao/>>. Acesso em: 10 jun. 2014.

DISCOVERY KIDS. **Como se desenvolve a linguagem.** Disponível em: <<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/como-se-desenvolve-a-linguagem/>>. Acesso em: 8 jun. 2013.

DISCOVERY KIDS. **Construção de bons e maus hábitos.** Disponível em: <<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/construcao-de-bons-e-maus-habitos>> Acesso em: 10 maio de 2014.

DISCOVERY KIDS. **Criança X estudante universitário: quem é mais inteligente?** Disponível em: <<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/crianca-x-estudante-universitario>>. Acesso em: 20 out. 2014.

DISCOVERY KIDS. **Dez dicas para ser feliz.** Disponível em: <<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/dez-dicas-simples-para-que-seu-filho-seja-feliz/>>. Acesso em: 1 jul. 2013.

DISCOVERY KIDS. **Educando crianças autoconfiantes.** Disponível em: <<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/educando-criancas-autoconfiantes/>> Acesso em: 1 jul. 2013.

DISCOVERY KIDS. **Eventos.** Disponível em: <<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/eventos/kids-em-acao/>>. Acesso em: 10 out. 2015.

DISCOVERY KIDS. **Eventos: kids em ação** Disponível em: <<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/eventos/kids-em-acao/>>. Acesso em: 10 out. 2015.

DISCOVERY KIDS. **Experimentos.** Disponível em: <<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/laboratorio/experimentos/>>. Acesso em: 1º jul. 2013.

DISCOVERY KIDS. **Genius hour estimula alunos a criar seus próprios projetos.** Disponível em: <<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/genius-hour-estimula-alunos-a-criar-seus-proprios-projetos/>> Acesso em: 20 out. 2013.

DISCOVERY KIDS. **Incorporação precoce das relações espaciais.** Disponível em: <<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/incorporacao-precoce-das-relacoes-espaciais/>> Acesso em: 8 jun. 2014.

DISCOVERY KIDS. **Inserção de conteúdos avançados no jardim da infância.** Disponível em: <<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/>>

inserção-de-conteúdos-avancados-no-Jardim-da-infância>. Acesso em: 10 maio 2014.

DISCOVERY KIDS. **Jogos**. Disponível em:
<<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/jogos/>>. Acesso em: 1 jul. 2013.

DISCOVERY KIDS. **Kids no comando**. Disponível em:
<<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/kids-no-comando/?cc=US>>. Acesso em: 10 jul. 2013.

DISCOVERY KIDS. **Livro eletrônico: seu novo aliado para Incentivar a Leitura**. Disponível em:
<<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/livro-eletronico--seu-novo-aliado-para-incentivar-a-Leitura>>. Acesso em: 20 maio 2014.

DISCOVERY KIDS. **Meu filho vai ser médico**. Disponível em:
<<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/meu-filho-vai-ser-medico/>>. Acesso em: 1 jul. 2013.

DISCOVERY KIDS. **O hábito da leitura**. Disponível em:
<<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/o-habito-da-leitura/>>. Acesso em: 8 jun. 2014.

DISCOVERY KIDS. **Página Inicial**. Disponível em:
<<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br>>. Acesso em: 13. Jun. 2013.

DISCOVERY KIDS. **Personagens**. Disponível em:
<<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/personagens/>>. Acesso em: 13. Jun. 2013.

DISCOVERY BRASIL. **Programação**. Disponível em:
<<http://discoverybrasil.uol.com.br/programacao-de-tv/>>. Acesso em: 7 jul. 2013.

DISCOVERY KIDS. **Quanto mais rápido mais inteligente?** Disponível em:
<<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/quanto-mais-rapido-mais-inteligente/>>. Acesso em: 20 maio 2014.

DISCOVERY KIDS. **Relatórios**. Disponível em: <<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/relatorios/instruccionesshtml>>. Acesso em: 2 jan.2013.

DISCOVERY KIDS. **Renda familiar pode afetar capacidade leitura**. Disponível em: <<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/renda-familiar-pode-afetar-capacidade-de-leitura>>. Acesso em: 20 out. 2014.

DISCOVERY KIDS. **Sugestões na hora de impor limites**. Disponível em:
<<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/sugestoes-na-hora-de-impor-limites/>>. Acesso em: 1 jul. 2013.

DISCOVERY KIDS: **Super Why**. Disponível em <<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/super-why/>>. Acesso em: 20 out. 2015.

DISCOVERY KIDS. **Tutores socializadores: uma tendência polêmica**. Disponível em: <<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/tutores-socializadores-uma-tendencia-polemica/>>. Acesso em: 20 maio 2014.

DISCOVERY KIDS. **Uma criança pode aprender lógica?** Disponível em: <<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/artigos/uma-crianca-pode-aprender-logica/>>. Acesso em: 8 jun. 2014.

DISCOVERY KIDS. **Velozmente**. Disponível em: <<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/pais/personagens/veloz-mente/>>. Acesso em: 5 maio 2013.

DISCOVERY KIDS. **Vídeo do Doki**. Disponível em: <<http://discoverykidsbrasil.uol.com.br/videos/doki-descobre-fases-lunares>>. Acesso em: 15 jun. 2013.

DISPOSITIVO MÓVEL DIGITAL. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Dispositivo_m%C3%B3vel>. Acesso em: 21 set. 2015.

EDUCAR PARA CRESCER. **Depoimentos**. Disponível em: <<http://educarparacrescer.abril.com.br/depoimentos/todos.shtml?ixc=20p>>. Acesso em: 22 jun. 2015.

ELO7. Disponível em: <<http://www.elo7.com.br/lista/festa-doki>>. Acesso em: 20 jun. 2015.

ÉPOCA. **Como os Criadores da Galinha Pintadinha Ficaram Milionários**. Disponível em: <<http://epoca.globo.com/vida/vida-util/carreira/noticia/2013/10/como-os-criadores-dabgalinha-pintadinhab-ficaram-milionarios.html>>. Acesso em: 2 de out. 2015.

EXAME. **A palhaçada aumentou com a marca Patati Patatá**. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/revista-exame-pme/edicoes/0047/noticias/a-palhacada-aumentou?page=1>>. Acesso em: 07 de jun. 2013.

EXAME. **Dilma sanciona lei que regulamenta TV a cabo**. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/tecnologia/noticias/dilma-sanciona-lei-que-regulamenta-tv-a-cabo-2>>. Acesso em: 7 jun. 2013.

FACEBOOK. **Discovery Kids**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/discoverykidsbrasil/>>. Acesso em: 7 out. 2015.

FOLHA ONLINE. **Todos os canais de TV a cabo terão produção nacional até 2013**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/1129349-todos->

os-canais-brasileiros-de-tv-a-cabo-terao-producao-nacional-ate-2013-diz-ancine.shtml>. Acesso em: 7 out. 2015.

FOLHA ONLINE. **Redes sociais mudam a forma de ver TV**. Disponível: <<http://www1.folha.uol.com.br/tec/2013/04/1265769-redes-sociais-mudam-a-forma-de-ver-tv.shtml>> Acesso em: 22 de abril de 2013.

GALINHA PINTADINHA. **Quem somos**. Disponível em: <<http://www.galinhapintadinha.com.br/sobre/quem-somos/>>. Acesso em: 20 mai. 2015.

GOOGLE IMAGENS. **Beto e Bin Laden**. Disponível em: <<https://www.google.com.br/#q=beto+e+bin+laden>> . Acesso em: 20 set. 2014.

GUIA DO BEBÊ. **Castigar ou não uma criança**. Disponível em: <<http://guiadobebe.uol.com.br/castigar-ou-nao-a-crianca/>>. Acesso em: 10 jun. 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE COACHING. Disponível em: <<http://www.ibccoaching.com.br/tudo-sobre-coaching/coaching/coaching-conceito-e-significado/>>Acesso em: 20 Mai. 2015.

ISTO É DINHEIRO. **A Descoberta da Discovery** - Conheça John Hendricks, o professor de história que hipotecou sua casa, investiu num novo negócio e criou o maior canal de TV do mundo. Disponível em: <http://www.istoedinheiro.com.br/noticias/9544_A+DESCOBERTA+DA+DISCOVERY>. Acesso em: 7 jul. 2013.

JOGO 360 UOL. Disponível em: <http://jogos360.uol.com.br/violentos/> Acesso em: 12 dez.2015.

JUST REAL MOMS. **10 Dicas para castigar seus filhos de forma correta e educativa**. Disponível em: <<http://www.justrealmoms.com.br/10-dicas-para-castigar-os-filhos-de-forma-correta-e-educativa/>>. Acesso em: 10 maio 2015.

WIKIPEDIA. **LazyTown**. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/LazyTown#Personagens>>. Acesso em: 8 out. 2015.

LIVRARIA SARAIVA. Disponível em: <<http://www.livrariasaraiva.com.br/produto/3092928/cante-com-doki>> . Acesso em: 10 jan. 2013.

LOJA RENNER. Disponível em: <<http://lojavirtual.lojasrenner.com.br/label/Doki/Infantil>> Acesso em: 10 jan. 2013.

LOST BRASIL. Disponível em: <<http://www.lostbrasil.com/>>. Acesso em: 20 ago. 2015.

MERCADO LIVRE. Disponível em: <<http://lista.mercadolivre.com.br/doki>>. Acesso em: 10 mar. 2015.

MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES. **Brasil tem 19,76 milhões de assinantes de TV paga.** Disponível em: <<http://www.mc.gov.br/sala-de-imprensa/todas-as-noticias/institucionais/35579-brasil-tem-19-76-milhoes-de-assinantes-de-tv-paga>>. Acesso em: 10 out. 2015.

MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES. **TV por assinatura chega a 30% dos domicílios.** Disponível em: <<http://www.comunicacoes.gov.br/sala-de-imprensa/todas-as-noticias/telecomunicacoes/35181-tv-por-assinatura-chega-a-30-dos-domicilios-brasileiros>>. Acesso em: 02 de set. 2015.

MUNDO DAS MARCAS. Disponível em: <<http://mundodasmarcas.blogspot.com.br/>> Acesso em: 9 nov. 2012.

MZDECORAÇÕES Disponível em: <<http://www.mzdecoracoes.com.br/festa-doki>>. Acesso em: 20 jun. 2015.

PESQUISA BRASILEIRA DE MÍDIA 2015 : **hábitos de consumo de mídia pela população brasileira.** – Brasília : Secom, 2014. Disponível em: <<http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2015.

PLAYGROUND DA INOVAÇÃO. **Colônias de férias inovadoras.** Disponível em: <<http://www.playground-inovacao.com.br/colonias-de-ferias-inovadoras/>> .Acesso em: 20 jun. 2015.

PROP MARK. **Discovery Kids aposta em novos formatos.** Disponível em: <<http://propmark.uol.com.br/anunciantes/41565:discovery-kids-aposta-em-novos-formatos>>. Acesso em: 7 jul. 2013.

REVISTA CRESCER. **Doki, do Discovery Kids, ganha programa exclusivo.** Disponível em: Disponível em: <<http://revistacrescer.globo.com/Revista/Crescer/0,,EMI335643-10541,00.html>>. Acesso em: 1 maio 2013.

RIHAPPY. **Organizador de carro com case para tablet.** Disponível em:<<http://www.rihappy.com.br/organizador%20tablet?qs=organizador%20tablet>> Acesso em: 20 set. 2015.

SECOM. **Pesquisa brasileira de mídia 2015: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira.** – Brasília: Secom, 2014. Disponível em: <http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf>>. Acesso em 20 ago. 2015.

SÉRIE TERAPIA. **Recordar é viver: Doogie Howser M.D. – tal pai, tal filho.** Disponível em: <<http://serieterapia.com/recordar-viver-doogie-howser-m-d-pai-filho-2/#sthash.INzcE0uA.dpuf>>. Acesso em: 20 jul. 2015.

SBC COACHING. Disponível em:
<https://www.sbcoaching.com.br/coaching/coachingfamiliar?bl_ct=28864284754&bl_kw=inurl:sbcoaching.com.br&bl_mt=b&bl_or=S&bl_pl=&bl_rd=14305923308436590045&bl_ap=1t1&bl_cp=DSA&bl_gr=Geral&gclid=CP-ov-TX7cYCFc4WHwodvV0Akg> Acesso em: 22. Jun. 2015.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE ENGENHARIA DE TELEVISÃO. **Revista da Set - N° 141 - Abril/Maio 2014.** Disponível em:
<http://www.set.org.br/artigos/ed141/ed141_pag72.asp> Acesso em: 20 ago. 2014.

SISTEMA BRASILEIRO DE TELEVISÃO (SBT). **Supernanny.** Disponível em:
<<http://www.sbt.com.br/supernanny/oprograma/>> Acesso em: 2 out. 2014

TIC KIDS ONLINE BRASIL (2015). Disponível em:
<http://cetic.br/media/pdfs/apresentacoes/tic_kids_online_brasil_2014_hangout_imprensa.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2015.

VILA SÉSAMO. Disponível em: <<http://cmais.com.br/vilasesamo>>. Acesso em: 8 out. 2015.

WALMART. Disponível em:
<<http://www.walmart.com.br/produto/Brinquedos/Pelucias/Hasbro/321839-BRINQUEDO-PLAYSKOOL-PELUCIA-DOKI-FALANTE>>. Acesso em: 10 jan. 2013.

WIKIPEDIA. **Banner.** Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Banner>> Acesso em: 2 maio 2013.

WIKIPEDIA. **Galinha Pintadinha.**
<https://pt.wikipedia.org/wiki/Galinha_Pintadinha>. Acesso em: 2 out. 2015.

YOUTUBE. **Doki en el bosque de las drogas.** Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=CaSzf1eq5_Q>. Acesso em: 10 mai. 2014.

YOUTUBE. **Galinha Chapadinha e sua turma**
Disponível em:<<https://www.youtube.com/watch?v=s-q2xl5vtt4>>. Acesso em: 2 out. 2015.

YOUTUBE. **Lavadora de ideias.** Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=K_QIcovUcYI> Acesso em: 10 jun. 2013.

YOUTUBE. Tv Gato: **Roubo de sinal de tv a cabo**. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=KNWFaqZtMjQ>>. Acesso em: 7 out.
2015.

APÊNDICE I

Títulos dos Artigos Coletados na Seção *My Kids* (em ordem alfabética)





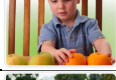




	A arte como forma de lazer em família		As viagens de carro e o interesse pela música
	A busca pelo equilíbrio entre sedentarismo e hiperatividade		Até que ponto é bom ajudar os filhos nas tarefas de casa
	A função da memória no aprendizado da matemática		Autonomia à mesa melhora alimentação das crianças
	A importância de curtir o parque com as crianças		Avós e netos uma relação especial
	A importância de escrever à mão na infância		Babá ou berçário?
	A importância das competências não-cognitivas		Benefícios da música
	A importância de errar		Biblioterapia para crianças
	A importância do jogos de tabuleiro na infância		Brigas entre irmãos: até onde é preciso intervir
	A influência das primeiras amizades no desenvolvimento infantil		Brincadeira de menina ou menino
	A manha e a predisposição genética		Brincadeiras da copa do mundo para se divertir com seu filho
	A prática da meditação nas escolas		Brincando com a matemática
	Adivinhações e jogos numéricos para aprender lógica brincando		Brincar ao ar livre fortalece conexão com a natureza
	Ajudar seu filho a lidar com a frustração		Brinquedos Seguros
	Ajude seu filho a dormir bem a noite inteira		Brinquedos sobre rodas
	Amor e cuidado aos animais		Cinco benefícios do método Suzuki
	Aprenda a perguntar como foi o dia de seu filho		Cinco livros para aprender a amar natureza
	Aprender com prazer		Combata os vilões invisíveis
	As crianças que sabem dizer "obrigado" podem ter um desenvolvimento superior		Como acabar com os piolhos
	As lições dos animais de estimação		Como ajudar crianças com problema de comportamento com aulas de artes marciais

	Como ajudar na alfabetização do seu filho?		Como evitar doenças escolares
	Como ajudar seu filho a desenvolver habilidades sociais		Como evitar manhãs caóticas
	Como ajudar seu filho a enfrentar uma mudança de casa		Como fazer seu filho dormir na própria cama
	Como ajudar seu filho a se adaptar à escola?		Como fazer seu filho gostar de história?
	Como ajudar seu filho a ser protagonista da sua própria vida		Como fazer seu filho se importar com os outros
	Como ajudar seu filho a ter estabilidade emocional		Como formar um pequeno leitor?
	Como ajudar seu filho na recuperação		Como incentivar as crianças a conviverem em grupo
	Como ajudar seus filhos a estudar?		Como lidar com a agressividade
	Como ajudar uma criança com baixa autoestima		Como lidar com a birra?
	Como ajudar uma criança a desenvolver paciência		Como lidar com a fase das gracinhas
	Como aprender em viagens?		Como lidar com a malcriação
	Como as emoções afetam o aprendizado		Como lidar com a preguiça
	Como criar um aventureiro		Como lidar com o ciúmes
	Como educar seu filho para as diferenças		Como lidar com o terror noturno
	Como ensinar os filhos a dividirem o quarto		Como lidar com timidez
	Como ensinar seu filho a ser determinado		Como lidar com uma criança que come pouco
	Como ensinar seu filho a ser protagonista da sua própria vida		Como o desenho e a pintura beneficiam o desenvolvimento infantil
	Como estimular a curiosidade no seu filho		Como perder o medo da matemática
	Como estimular crianças e bebês a desenvolver simultaneamente as emoções e a inteligência		Como preparar seu filho para trabalhar em equipe

	Como proteger nossos filhos de acidentes!		Discussões entre os pais podem afetar o cérebro das crianças
	Como se desenvolve a linguagem?		Divirta as crianças brincando com pedras
	Como torcer com seu filho na copa		Do riso ao choro
	Conheça o método Montessori		Em breve seus filhos poderão imprimir seus próprios brinquedos
	Conhecendo os costumes e tradições		Empatia: uma solução para a agressão emocional
	Conselhos práticos para ajudar a deixar as fraldas		Ensinando a negociar
	Construção de bons e maus hábitos		Ensine seu filho a andar de bicicleta
	Criança X Estudante universitário: quem é mais inteligente ?		Ensine seu filho a reciclar giz de cera
	Crianças ativas e saudáveis, crianças que integram múltiplas capacidades		Ensine seus filhos a importância de uma alimentação
	Crianças sem rótulos		Ensino ao ar livre ganha força no mundo
	Crianças também aprendem fora da sala de aula!		Entenda o boletim do seu filho
	Cuidados com as crianças na copa do mundo		Escovar os dentes pode ser divertido
	Dez dicas simples para que seu filho seja feliz		Estratégias para vencer o medo do Hospital
	Dia da terra: como incentivar seus filhos a terem hábitos sustentáveis		Estresse em bebês e crianças
	Dicas de professores para seu filho se comportar bem		Fazer exercícios ao ar livre é mais eficaz para as crianças
	Dicas para aumentar o vocabulário		Festa à fantasia
	Dicas para impor limites sem dizer não		Formas divertidas de incluir os exercícios na rotina das crianças
	Dicas para o consumo responsável de roupas infantis		Frutas e verduras que as crianças podem cultivar em casa

	Genius Hour estimula alunos a criar seus próprios projetos		Movimento, atenção, imitação
	História do Brasil pode ser muito divertida!		Muitas brincadeiras para este ano-novo
	Ideias saudáveis para um café da manhã reforçado		Música: uma ligação entre pais e filhos
	Incentive seu filho a explorar o mundo sem medo		Na hora de estudar não escorregue no discurso
	Incorporação precoce das relações especiais		O açúcar pode causar hiperatividade infantil?
	Inserção de conteúdos avançados no jardim da infância pode melhorar o desempenho escolar		O alfabeto
	Introdução ao exercício físico		O corpo Humano
	Loga para as crianças		O espaço e o tempo
	Jogo ajuda as crianças com câncer a lidar com a dor		O esporte e as crianças com necessidades especiais
	Jogos para as crianças pequenas		O fascinante mundo das formas
	Lanches saudáveis que as crianças podem preparar		O genes podem influenciar percepção musical
	Lei "cinderela": abuso psicológico poderá ser considerado crime		O hábito da leitura
	Limites aceitáveis do contato físico		O que é bullying?
	Livro eletrônico: seu novo aliado para incentivar a leitura		O que é inteligência espacial
	Mãos a obra!		O que é resiliência e como ela se manifesta nas crianças
	Meu filho vai ser médico		O que eu tenho a ver com a poluição ambiental
	Meus amigos e eu		O que fazer com seus filhos nas férias
	Meus filhos suas tarefas e eu		O que fazer diante das brincadeiras bélicas
	Monte uma pipa com seus filhos		O que fazer quando seu filho quer ser jogador de futebol
	Modroomz, móveis modulares que se adaptam a cada fase do seu filho		O que fazer quando uma criança não come direito?

	O que seu filho aprende praticando esportes		Por que é importante ler?
	O que você sabe sobre germes?		Por que é importante valorizar a diversidade racial?
	O respeito pelos seres vivos		Por que o café da manhã é tão importante para as crianças?
	O sistema solar 2		Por que valorizar o patrimônio histórico
	O tempo		Presentes feitos pelas crianças
	O xadrez		Produtos plásticos podem prejudicar a saúde das crianças
	Os benefícios das excursões educativas		Programa da horta escolar
	Os brinquedos podem influenciar o futuro das crianças		Pulseiras inteligentes no combate a obesidade infantil
	Os cinco sentidos		Quando é apropriado consultar um foniatra?
	Os esportes		Quanto mais rápido, mais inteligente?
	Os instrumentos musicais		Quatro comportamentos incômodos (e benéficos)
	Os melhores livros infantis com cães e gatos		Que livro escolher?
	Ovos e coelhos de chocolate caseiros para celebrar a Páscoa		Reciclar em família
	Perguntas difíceis respostas possíveis		Respire fundo e conte até dez
	Pergunte ao seu filho que pais vocês deveriam ser		Salvar o planeta: uma tarefa que começa em casa
	Personagens de desenho raspam o cabelo para apoiar as crianças com câncer.		Seis dúvidas sobre a educação musical
	Pesquisadores recomendam classificação indicativa restrita para fumantes		Separação dos pais e violência
	Por que é importante brincar com seu filho		Ser o filho mais velho
	Por que é importante falar de folclore		Seu filho cortou o cabelo sozinho? Calma, não é o único
	Por que é importante ler para seu filho		Sugestões na hora de impor limites

	Supervisione o tempo que seus filhos passam diante das telas
	Tabagismo passivo: novas evidências sobre danos irreversíveis
	Tutores socializadores: um método polêmico
	Um jeito criativo de enviar mensagens para seus filhos
	Uma criança pode aprender lógica
	Vamos brincar!
	Vamos colocar o corpo em movimento!
	Vamos escrever histórias!
	Vamos nos divertir enquanto viajamos!